Pissu

DA ÍNDIA À EUROPA

(IMPRESSÕES DUMA VIAGEM)

1947

REPÚBLICA PORTUGUESA
MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS

DA ÍNDIA À EUROPA

(IMPRESSÕES DUMA VIAGEM)

1947

POR

ADOLFO COSTA

DA ORDEM MILITAR DE CRISTO
DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA
DO INSTITUTO VASCO DA GAMA DE NOVA GOA

1978

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E BIBLIOTECA
AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS

LISBOA — MCMXLIX

Esta publicação foi autorizada por despacho ministerial de 19 de Julho de 1948

O autor cumprimentando o Sr. Dr. Oliveira Salazar
Ali perto, S. Ex.as o Ministro das Colónias
e o Cardeal-Arcebispo de Lourenço Marques
e o Dr. Germano Correia

À MINHA MULHER

AOS MEUS FILHOS E NETOS

ÍNDICE

PÁG.

I — De Goa a Bombaim — *Dud-Sagor* — A cidade cosmopolita — O paquete *Georgic* 13
II — No *Ballard Pier* — Adém — Suez — A história da austríaca 23
III — Port-Said — Gibraltar — A catedral de Sevilha — A travessia do Tejo 37
IV — A cidade das sete colinas — Pela Emissora — A Santa Casa — Museus — Recepção presidencial 51
V — A bordo do *Mouzinho* — Da gare marítima de Alcântara a Civitta-Vechia e a Roma ... 69
VI — A Cidade Eterna — A Praça de S. Pedro e a Basílica 83
VII — O Vaticano — Museu e Livraria — Aposentos dos Borgia — A *Loggia* de Rafael — A capela Sixtina 97
VIII — Pelo interior do Vaticano — O Castelo de Santo Ângelo 117
IX — Monumento a Garibaldi: — Roma ou Morte — As catacumbas 131
X — A cerimónia da canonização — O cortejo pontifício — Hino a S. João de Brito 147

PÁG.

XI — Recepção na Embaixada de Portugal — As audiências papais 163

XII — Assis: — *Il Poverello* e a Basílica — Florença: — A casa de Dante e os palácios — Génova: — Campo Santo e o túmulo de Mazzini — Regresso do país da arte 177

XIII — Bocage — O Parque Mayer — Os Estoris e Cascais: — Boca do Inferno — Recepção do Ministro das Colónias — Entrevista jornalística 201

XIV — O Arsenal do Alfeite — Basílica da Estrela — Igrejas e Ermidas — Escola Médica, hospitais e institutos — Mercados — Bairros escusos — O Povo de Portugal — As marchas de Lisboa 215

XV — O Cortejo histórico: — Reconstituição da História de Portugal — Leitão de Barros — As Rainhas de Lisboa 225

XVI — O Castelo de S. Jorge — A Sé Patriarcal — Nos Jerónimos: — O *Te-Deum* e o Patriarca das Índias 235

XVII — A Torre de Belém — Parque Eduardo VII: — Estufa Fria — A Feira Popular 245

PÁG.

XVIII — Da Rotunda de Lisboa a Santarém — Alcobaça e Batalha — Leiria — Fátima: — A Cova da Iria — Tomar 255

XIX — A Assembleia Nacional — A Torre do Tombo — Salazar — O Conservatório — Na Sociedade de Geografia 273

XX — Pelo Norte: — Porto e Minho — Bom Jesus do Monte e o Monte de Santa Luzia — Entrevista ao *Comércio do Porto* 281

XXI — Capas negras — Évora, Roma de Portugal — A Família David — Setúbal 295

XXII — A Agência Lusitânia: — Luís Lupi e o Dr. José Fernandes — Belém — O museu dos coches — Estátuas e monumentos 311

XXIII — «Démarches» para o regresso — As ruas da Baixa — Eirados, miradouros e jardins 321

XXIV — A Praça do Município e o Brasão da cidade — O Estádio Nacional — Aquário Vasco da Gama — A Igreja de Fátima — Queluz — Sintra, o paraíso de Byron — No Aeroporto da Portela — De avião para a Índia 329

I

DE GOA A BOMBAIM — *DUD-SAGOR* — A CIDADE COSMOPOLITA — O PAQUETE *GEORGIC*

Afastar-se da terra que lhe foi berço, embora por pouco tempo, ausentar-se dos seus, deixar as comodidades duma existência monótona e regrada, para quem não é novo, já tem 64 anos de idade e vai, pela primeira vez, do Oriente ao Ocidente, ver Portugal, o torrão sagrado onde nasceram os seus antepassados, representa, indubitàvelmente, um sacrifício e, ao mesmo tempo uma alegria — misto de prazer e de sofrimento pelos anseios que leva e pelas saudades que deixa.

Foi assim, nesse constrangimento do coração que tudo explica e nada pressupõe, que parti, da estação de Margão, numa carruagem de 1.ª, às 8.30 horas da manhã de 13 de Maio de 1947, delegado do Estado da Índia e na qualidade de jornalista, a fim de tomar parte nas cerimónias do Beato João de Brito, que se iam realizar, em Roma, no dia 22 de Junho do mesmo ano.

Convidado pelo Sr. Dr. José Ferreira Bossa, Governador Geral da Índia Portuguesa, em vista de um telegrama ministerial de 25 de Março último, aceitei o convite com prazer e muito grato lhe estou por se ter lembrado de mim, há algum tempo afastado da vida activa do jornalismo e só escrevendo por diletantismo e para me distrair.

A delegação é de perto de quarenta individualidades, das mais categorizadas da Índia Portuguesa, toda constituída por bispos, médicos, professores, advogados, sacerdotes, representantes das várias associações de classe e jornalistas e emigrantes da Índia vizinha, sendo o seu presidente S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Patriarca das Índias, D. José da Costa Nunes, que nessa ocasião se encontrava, de licença, nos Açores, sua terra natal. E não só desta província ultramarina, mas ainda de todas as outras, partiram delegações similares a reunirem-se em Lisboa, a fim de seguirem, com os elementos mais representativos de Portugal, a Roma, onde se quis dar um significado nacional e quiçá político às cerimónias da canonização de um português que, em terras da Índia (Maduré), propagou a fé católica e, abraçado à cruz, morreu degolado às mãos dos infiéis. Pagem de uma rainha, fidalgo de nascimento, ele deixou as galas da opulência e, assim como S. Francisco Xavier, abandonou a Pátria para, numa vida miserável e cheia de sacrifícios, entregar-se à propagação da Fé pela qual lutaram e morreram tantos portugueses.

Disse o actual Ministro das Colónias, Sr. Cap. Teófilo Duarte, num dos seus discursos, que a peregrinação, ou, melhor, a delegação de Portugal e do seu Império ultramarino era superior, em valores espirituais e intelectuais, à Embaixada que D. Manuel I enviou ao Papa, em 1514, faustosa e opulenta, chefiada por Tristão da

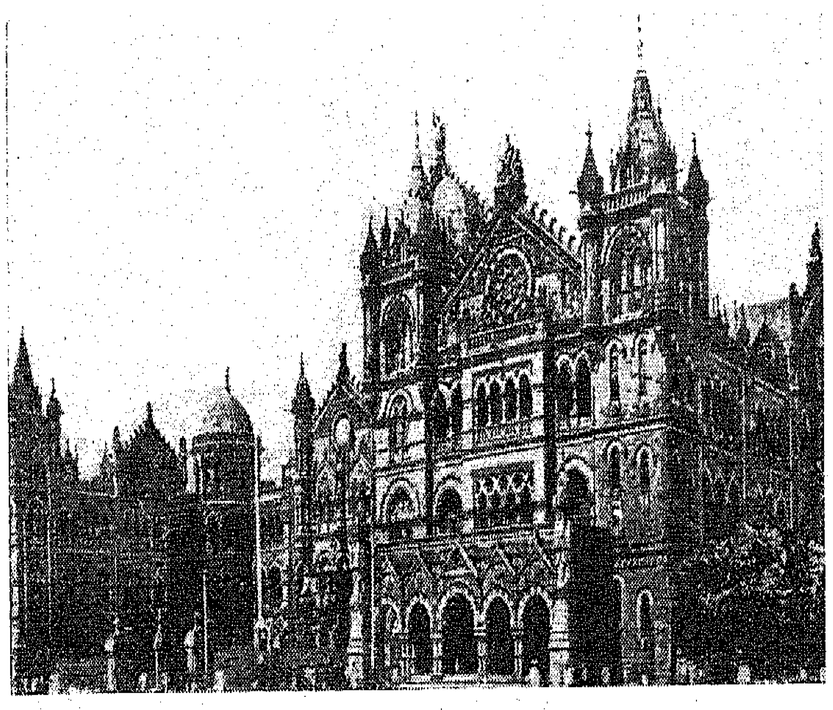
Cunha e constituída por vinte galhardos fidalgos da corte, com as suas comitivas, perfumes, sândalos, pedrarias preciosas, elefantes e outros animais de climas exóticos. E disse bem S. Ex.ª o Ministro: — a primitiva Embaixada levou a Roma as especiarias e os produtos, ricos e materiais, das descobertas e conquistas lusitanas; a hodierna ia apresentar, na Cidade Eterna, perante os olhos perspicazes do chefe supremo da Igreja Católica, os resultados das conquistas anímicas da civilização portuguesa e duma colonização tolerante e benfazeja. Pelo menos, a representação da Índia é tudo quanto há de mais intelectual e espiritual, como se vê pela escolha feita, com excepção, é claro, da minha personalidade modesta e apagada.

Atravessando as frondosas matas de Colém e Molém, luxuriantes em árvores de teca, cissó, jaqueira e outras, embora mal alinhadas e tratadas, o comboio vai, serpeando os montes, perfurando os túneis das montanhas rochosas, aqui e ali um ou outro casebre, chegar a uma altura de perto de mil metros, a fim de entrar na planície central. Por todos os lados, cobre o terreno uma grande vegetação e, num fundo esmeraldino, as bananeiras bravas põem manchas amarelecidas, da cor do topázio. A cada volta da extensa cordilheira, uma fita branca, da cor da prata, vem lá do alto, marcando a sua passagem pela brancura duma espuma arrendada: — é a célebre cascata de *Dug-Sagor* (açúcar e leite), despenhando-se por entre os grandes penedos, espraiando-se nos vales em pequenos lençóis e fazendo, na queda, um ruído ensurdecedor. Nascida no alto dos Gattes, ela é constituída pela queda do Rio Negro, de uma altura de cerca de trezentos metros, para o verdejante vale de Sonaulim.

O pequeno percurso da linha férrea portuguesa, mati-

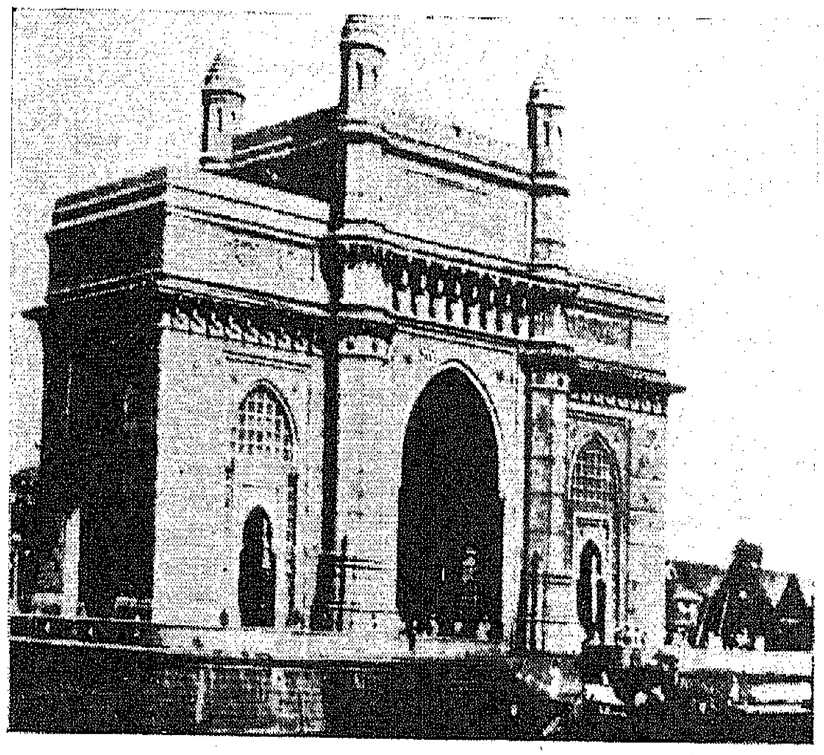
zada de pequenas e feias estações, não tem grande importância e apresenta pouco movimento. *Castle-Rock* é a primeira estação britânica, posto aduaneiro, onde chegámos às 13 horas e onde as nossas bagagens nem sequer foram registadas, graças a um documento do chefe das Alfândegas de Goa pedindo para nós todas as facilidades.

Às 16 horas a estação de Londa, onde mudámos de comboio, pois ali se faz a junção das linhas portuguesa e inglesa, e, no dia 16, após um percurso de mais de doze horas, passando pelos burgos principais de Belgão e de Miraj, às 6 da madrugada, entrávamos na de Poona, bonita estação e bastante movimentada, com um verdadeiro formigueiro cosmopolita de homens, mulheres e crianças, hindus, muçulmanos, cristãos, parses e adoradores de não sabemos quantos deuses, que falam, gritam, sobem e descem, numa algaravia difícil, senão impossível de decifrar. Nesta estação passámos para



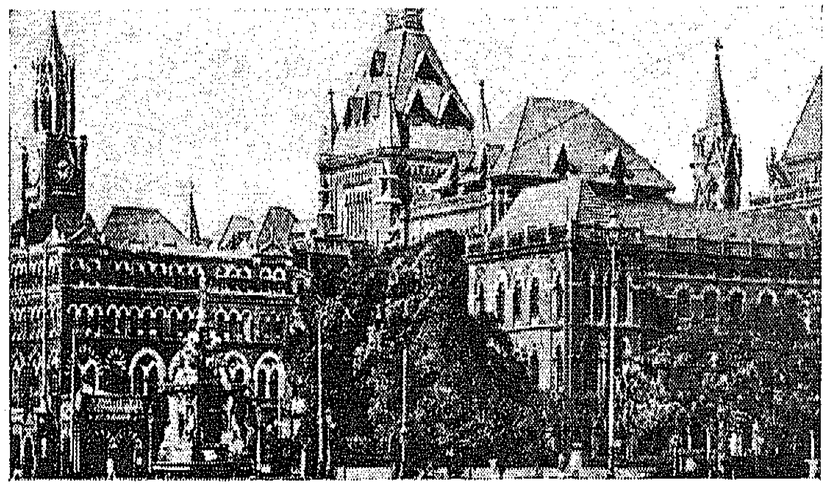
A Estação dos Caminhos de Ferro — Victoria Terminus

o *Decan Queen*, comboio electrificado que, em três horas e por entre estações na maior parte das quais não parámos, nos levou a Bombaim — *Victoria Terminus* — que alcançámos às 10.50. É uma gigantesca e soberba gare, semelhante, actualmente, à de Nova Iorque, que custou perto de 500.000 libras e pela qual passam pessoas e mercadorias de todas as raças e proveniências.



O Arco dos Vice-Reis

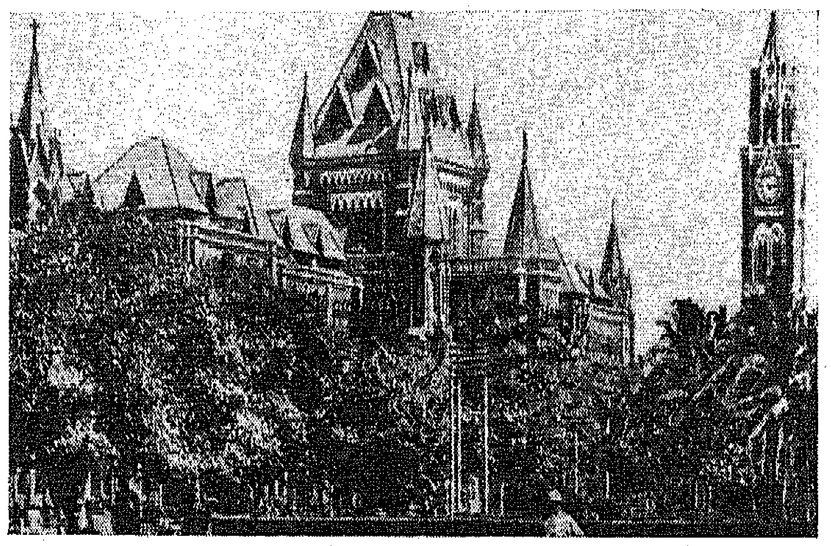
A cidade de Bombaim, chamada, pelos ingleses, em itálico : *The eye of India*, outrora uma pequena e pantanosa ilha, que o dote da princesa Catarina de Portugal, em 1661, levou ao seu esposo Carlos II de Inglaterra, é, actualmente, um burgo dos mais notáveis e cosmopolitas, com perto de dois milhões de habitantes — gentes de todas as raças, credos e cores e os seus monumentais edifícios primam pela grandeza e estilo



A Fonte de Flora com os edifícios em volta

orientais. O seu porto pode dar abrigo a centenas de navios e dessa cidade partem e estendem-se as linhas férreas que se desenvolvem por toda a Índia e formam um grande empório comercial que foi um dos pilares da prosperidade inglesa.

Entra-se na cidade por um largo portão, que é o célebre *Arco dos Vice-Reis*, por onde estes passam quando



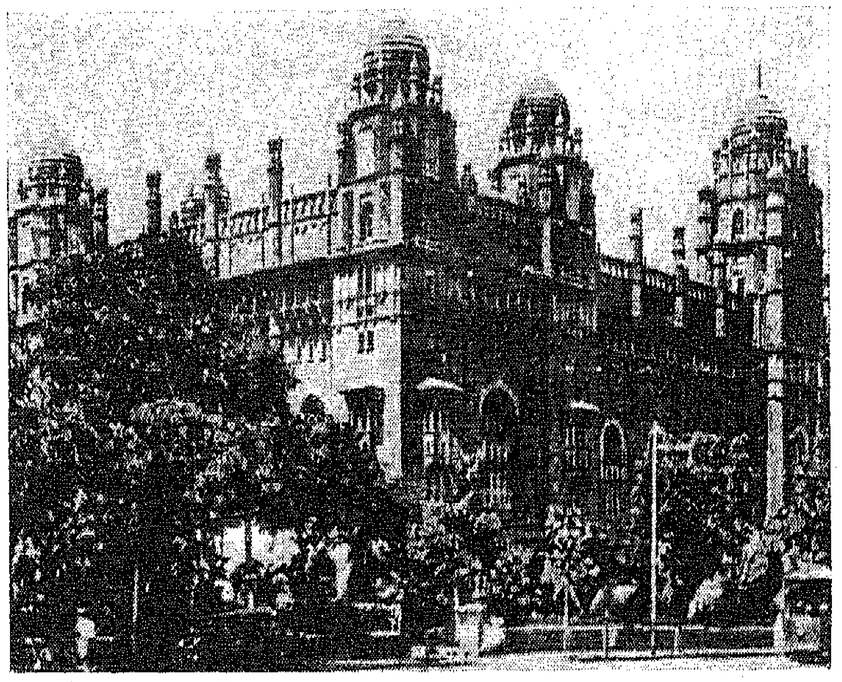
A Repartição dos Correios e Telégrafos

vêm governar a grande península e que é grandioso, de pedra preta, sóbrio e elegante.

Edificações sumptuosas surgem por todos os lados: — é a universidade, perto da estação dos comboios, construção soberba em estilo gótico; são as repartições públicas, a biblioteca, o edifício dos Correios e Telégrafos ao pé do grupo escultórico de *Flora Fountain*, os grandes Yacht Club, Cricket Club e o Radio Club entrando pelo mar, os vastos armazéns comerciais, a cidade inteira, cortada por largas avenidas e praças onde se ostentam lindas estátuas, das quais se destaca a da Imperatriz Vitória, dádiva do Rajá de Barodá e que é de mármore de Carrara e do mais fino estilo gótico. Dando a volta pela Esplanada, por todos os lados se erguem construções grandiosas e opulentas.

Após uma larga avenida, ladeada por Bancos, lojas e escritórios, desemboca-se no *Market*, que leva o nome de quem o mandou construir, Sir Arthur Crawford, e é um aglomerado formidável de estabelecimentos comerciais onde se encontra de tudo, desde os artigos mais requintados de luxo até a uma grande profusão de flores, frutas e animais domésticos, à mistura com gentes variadas que falam, gritam e gesticulam, a comprarem, a discutirem...

Há, em Bombaim, o *Malabar Hill*, tendo formosos jardins donde o olhar se espraia sobre um soberbo panorama, casario imponente e, ao fundo, o mar verde-escuro, coalhado de navios de todos os feitios. Há também, por ali, a *Torre do Silêncio*, no alto da qual os parses, adoradores do fogo, expõem, ao bico dos abutres, os seus mortos, despidos de todas as roupas, cumprindo-se assim os dois preceitos dos seus livros sagrados: — «*Nunca mancharás a terra mãe*» e «*Entraste nu no mundo e nu dele sairás*».



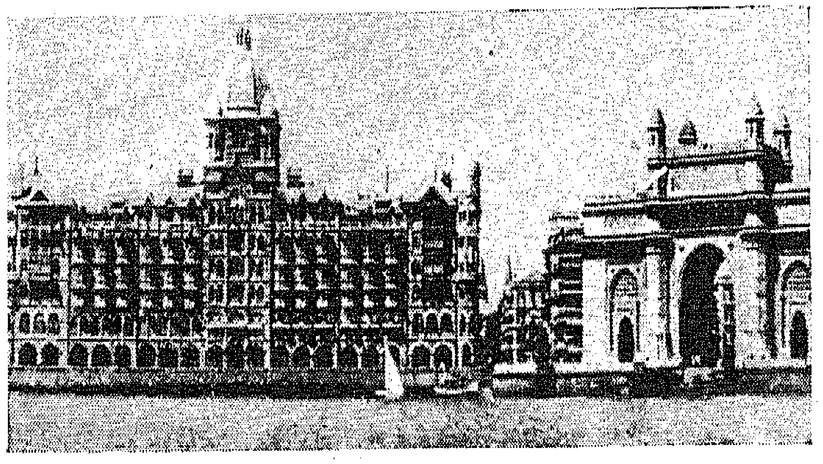
O Tribunal da Relação

Pelos arredores da grande cidade formigam os bairros nativos, onde o aglomerado da população e a porcaria se dão as mãos numa promiscuidade indefinível e abjecta, em contraste absoluto com o Fort (cidade), limpo e relativamente higiénico.

Nós morávamos, eu e o engenheiro electrotécnico, Sr. Miguel Mendonça, no Hotel Delamar, Marine Drive — um dos locais mais bonitos de Bombaim, em frente do mar, varrido por brisas iodadas numa extensão de avenida asfaltada e larga. Aqui residimos, de 14 a 18, tendo-nos, neste dia, o ilustre Cônsul de Portugal, Sr. Dr. João de Lucena, obsequiado com um lanche no Taj Mahal, o melhor hotel da cidade, edifício sumptuoso, de majestosas linhas arquitectónicas e construído conforme o modelo do palácio de igual nome que o Imperador Shah Jean mandou erigir, em Agra, em memória da sua amada e favorita Arjmand Banú, estando os restos mortais de ambos num dos mausoléus, rendilhados

em mármore, que ali se ostentam, o melhor e o mais lindo de todos. Assistiu toda a delegação, bem como o Gerente do Banco Nacional Ultramarino, Sr. Francisco Garcia da Silva, velho amigo e que foi para mim de uma gentileza cativante.

Neste mesmo dia 18, que era domingo, já confortado com a assistência a uma missa no *Wood House Church*, que é a pequena catedral de Bombaim, muito limpa e com vitrais alegóricos e coloridos, no alto, fui ao *Ballard Pier*, gare marítima, ver o barco *Georgic*, em que íamos viajar. Percorri-o todo e devo dizer que é um grande transporte, com salas de fumo e de jogo, restaurante, refeitórios, dormitórios e cabinas. É de 27.000 toneladas e serviu, durante a guerra, para o transporte de tropas que se deslocavam em serviço, tendo recebido já o seu baptismo de fogo num torpedeamento, do qual escapou depois de ter sofrido várias reparações. Pude escolher uma cama no dormitório, das melhor situadas e bem arejadas, juntamente com os outros portugueses que comigo iam viajar. Os dormitórios — verdadeiras camaratas largas e compridas — são de dezoito pessoas cada e as cabinas são de quatro, mas não quis meter-me



O Hotel Taj Mahal e, ao lado, o Arco dos Vice-Reis

em qualquer destas porque são pequenas e acanhadas, devendo ali fazer um calor infernal, tanto mais que estávamos na estação calmosa. Enfim, saímos no dia 19, pelas 11 horas da manhã, e lá vamos nós, alegres e confiados, com destino a Liverpool (Inglaterra), a não ser que o paquete receba instruções para parar em Gibraltar, ou, fazendo um pequeno desvio, nas águas de Portugal, o que só ficaremos sabendo no alto mar.

II

NO *BALLARD PIER* — ADÉM — SUEZ
A HISTÓRIA DA AUSTRÍACA

Onze horas. Entrámos no paquete *Georgic*, no dia 19 de Maio, segunda-feira, mas, antes da entrada, quantos trabalhos e quantas maçadas! Às 10 estávamos no *Ballard Pier — Alexandre Dock* — e tivemos de nos submeter a um exame médico com a apresentação obrigatória do certificado da vacina antivariólica e facultativa dos da anticolérica e da antiamarélica. Éramos, ao todo, perto de seiscentos passageiros civis, formando uma bicha extensa à porta do posto de inspecção sanitária. Tivemos de fazer a declaração do dinheiro que levávamos, bem como preencher um papel indicando as bagagens que já deixáramos na respectiva sala. Esta declaração serviu de base para a verificação das nossas malas e maletas, que, felizmente, passaram sem qualquer obstáculo.

O Cônsul de Portugal apareceu, no cais, a despedir-se de nós, bem como o Rev.^{do} Bispo Gracias, que ainda

há pouco esteve em Goa, onde lhe foi feita uma das recepções mais significativas. E lá nos metemos no paquete, que esteve atracado até ao dia seguinte, 20, pois só saiu às 10.30 horas deste dia. O barco, como já disse, é de 27.000 toneladas e faz perto de 20 milhas por hora, razoável velocidade para um paquete enorme — aldeia flutuante — que tem cinco andares além do porão e da ponte de comando. Há cabinas para uma ou duas pessoas, mas só para os oficiais e enfermeiras, além de camarotes para quatro, dez e dezoito, separados os cavalheiros das senhoras, com os *bath-rooms* e W. C. também separados.

Nós ocupámos uma camarata de dezoito pessoas e eu consegui um beliche muito bem ventilado e onde, por uma vigia circular, o vento do mar me varria a cama. Ao entrar no barco, ainda tivemos de apresentar os nossos bilhetes e passaportes e preencher uma declaração com alguns dizeres, relativos à nossa pessoa, idade, estado, profissão, procedência e o destino que levávamos. A permanência, no barco atracado, por 24 horas, foi uma verdadeira prisão que bastante nos custou a suportar : — fazia um calor infernal, suava-se por todos os poros, os *decks* estavam cheios, e os passageiros, quinhentos e setenta, além de perto de dois mil e seiscentos militares — um regimento em pé de guerra que ia à Palestina reprimir o terrorismo judaico —, acotovelam-se por todos os cinco andares, pelas diversas salas e pelo grande salão do restaurante, onde a confusão e o consequente serviço desorganizado eram dos mais lamentáveis.

Quase toda a gente andava de *shorts* e camisa, os militares com o dorso nu a rebrilhar de gotas de suor : — damas e cavalheiros das mais diversas raças e classes sociais, desde os indianos, os chineses e os árabes

aos europeus e americanos, com as suas indumentárias, sóbrias umas, garridas outras, de calças e véus, vestidos de diversos matizes e os lindos e vistosos *saris* das senhoras hindus. À noitinha, no *deck* superior, estendidos em cadeiras de repouso, víamos a cidade de Bombaim com os seus milhões de bicos eléctricos a cintilarem no espaço.

Foi ali, nesse *deck*, que travei conhecimento com uma senhora trazendo um filhinho nos braços : — ela, branca, formosa, elegante, olhos negros e lábios rosados, um ar de profunda tristeza a sombrear-lhe o rosto, e o pequenino, escuro, quase preto, rabugento e aos guinchos. Fiz uma carícia ao miúdo e perguntei à senhora se essa criança era alguém na vida dela. Ao responder, olhou-me bem de frente, rosto ainda mais triste, e disse-me que era o seu filho e, como visse no meu olhar uns longes de surpresa, acrescentou : — «Sou uma vítima da guerra, tenho vinte e oito anos, estive nos campos de batalha como enfermeira e deles trouxe esta criança, filho dum indiano a quem amei loucamente e que morreu ao meu lado, combatendo heròicamente pela Inglaterra. Tarap-Singh era claro, olhos expressivos e negros, um autêntico herói, mas o atavismo não perdoa e o filho teve, provàvelmente, a cor dos antepassados do pai, que este me dizia serem retintamente pretos.»

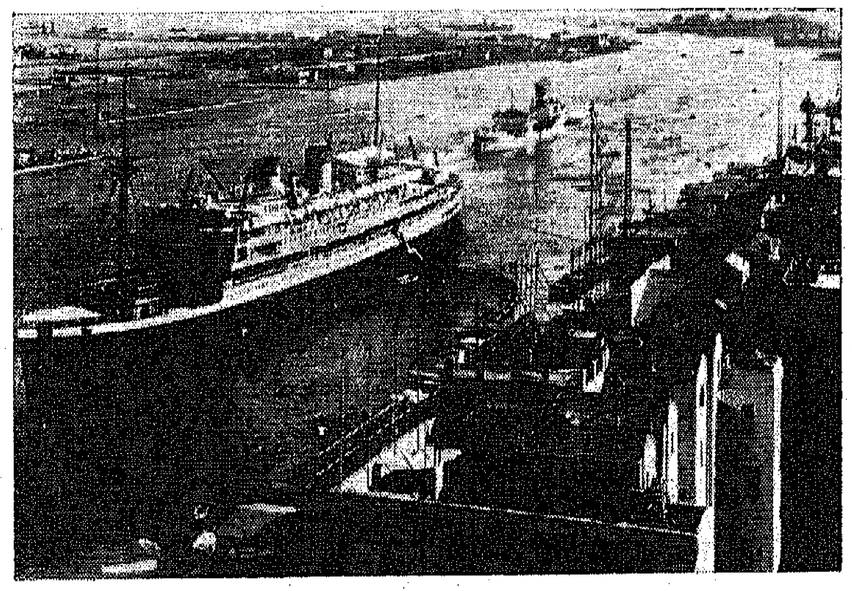
Não sei como lhe veio esta confissão aos lábios. Seria a influência do meu olhar ou a carícia que eu fizera ao filhinho, ou ainda qualquer auto-sugestão a obrigá-la nessa primeira noite do nosso embarque, em que ficámos a conversar até às vinte e três horas? Não o sei. O certo é que confiou em mim e disse-me que era austríaca, de Viena, pertencera às forças de resistência contra os alemães, tinha ido a Bengala entregar à famí-

lia do seu bem-amado umas relíquias que ele lhe dera e regressava, agora, para a Áustria, via Londres.

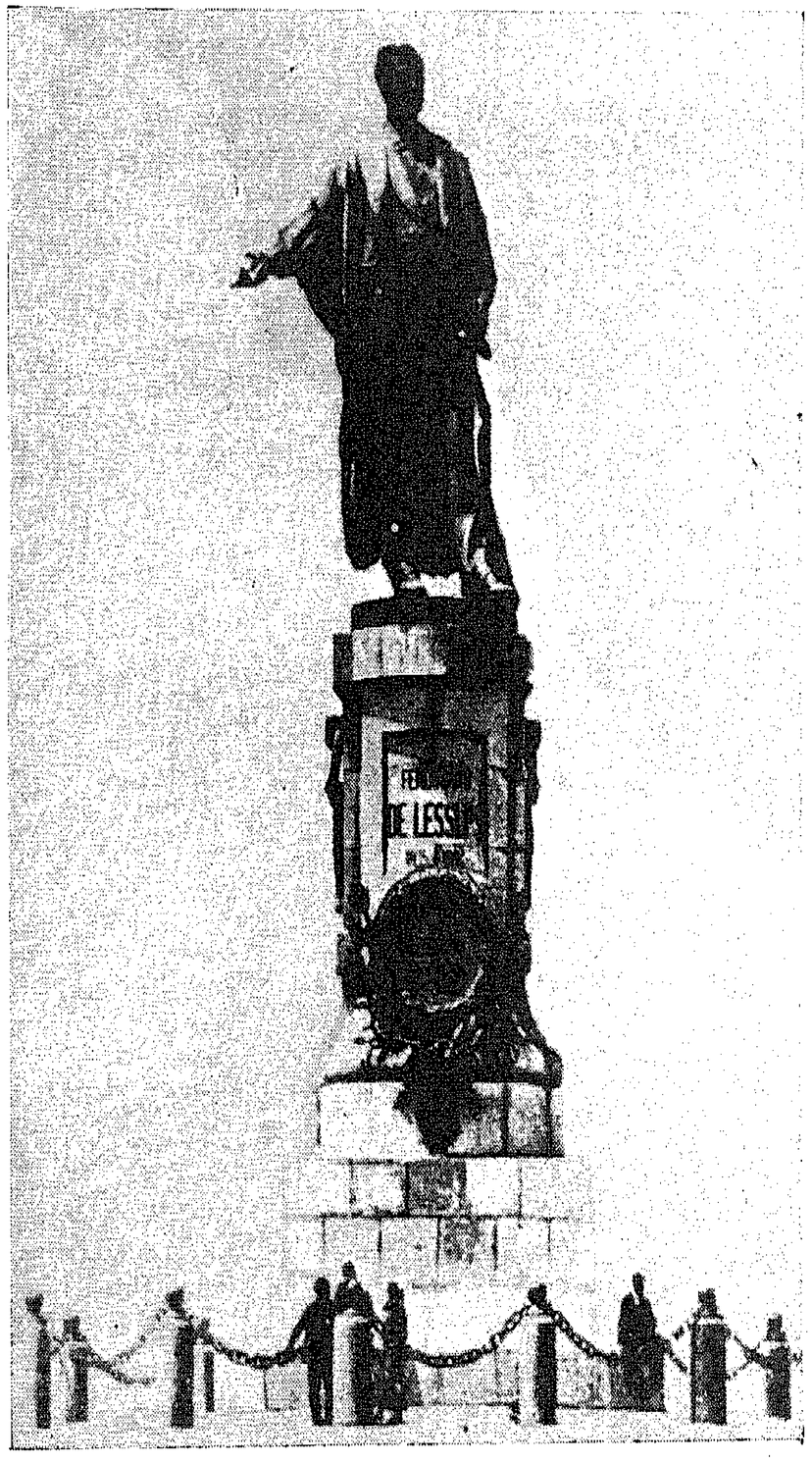
Seria verídica a sua história ou uma *blague* como outra qualquer para me pregar, mais tarde, um *conto de vigário?* Não o sei, também. O futuro o dirá.

O certo é que a sua linda e triste fisionomia infundia simpatia, o seu olhar era incisivo e leal e via-se bem que o seu maior anseio era encontrar alguém a quem pudesse confiar as suas mágoas. Além disso, eu tive ocasião de apreciar nessa noite, a conversar, a sua elevada cultura, o seu bom-senso e o conhecimento que tinha de algumas línguas europeias, exprimindo-se muito bem em inglês e, o que era de notar, em italiano e espanhol.

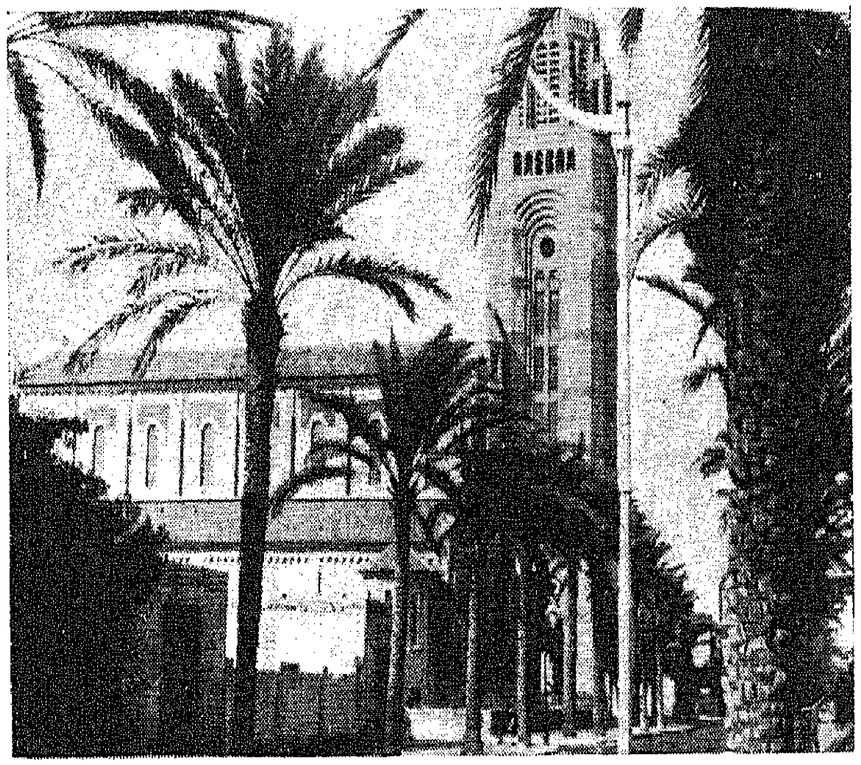
Às vinte e três horas tivemos de sair do *deck* e recolhemos às camaratas, eu à minha e ela para uma outra, mais distante. Deitei-me e, apesar dos pensamentos que se me revolviam no cérebro, derivados da conversa com a austríaca, dormi bem e só despertei às



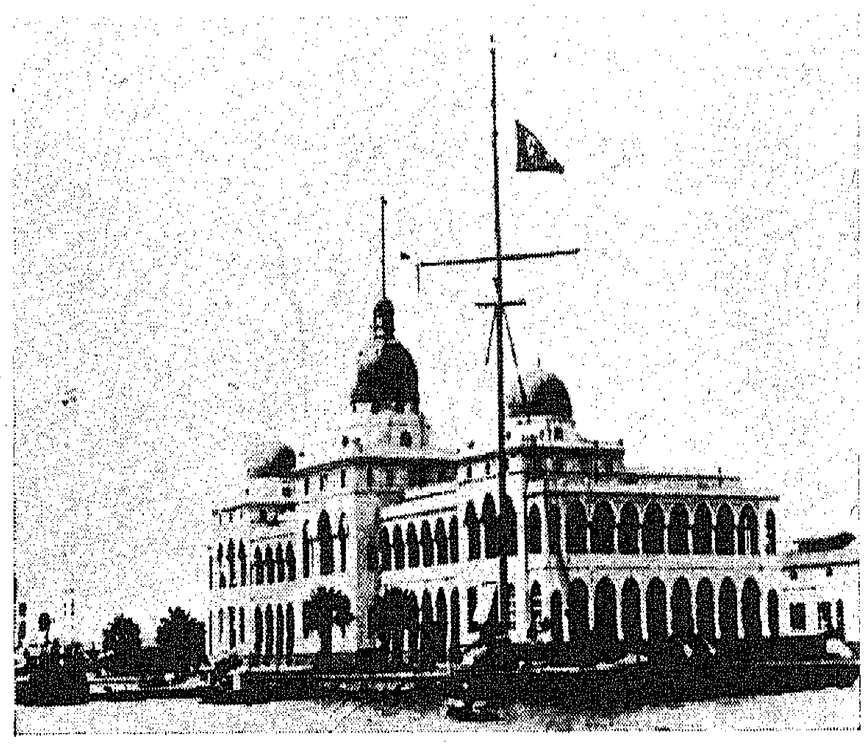
A entrada do Canal de Suez, pelo norte



A estátua de Lesseps



A Igreja Católica de Port-Said



A Repartição do Canal de Suez

7 horas, muito bem disposto e humorado. No paquete não dão o *morning tea* e a água é racionada. Às 7.30 é a primeira mesa do almoço, havendo, no refeitório, 22 mesas, e, às 8.30, é servido o almoço para aqueles que não se serviram antes. Tudo metòdicamente regulado e ficando sem a refeição quem chegar meia hora depois de principiado o serviço.

Acabada a refeição, vim para o *promenade deck*, onde o espectáculo foi para mim dos mais surpreendentes: — estava em presença duma colónia de seminudistas em férias, os homens de *shorts* e com as camisolas desabotoadas e as mulheres, a maior parte, de calçotes muito curtos e uns *soutiens* muito abertos e estreitos com as fitas em cruz por trás das costas.

Procurei Mrs. Hamra Gottzyusko, a austríaca, por toda a parte, e lá a fui encontrar no mesmo *deck* da noite anterior, envolvida num roupão de lã branca a modelar-lhe o corpo esbelto e em luta com o pretinho que parece impossível aquele ventre ter gerado. Sentei-me um tanto distante e, do barco atracado, ainda se via a cidade de Bombaim e ouvia-se o ruído característico das suas fábricas e estabelecimentos comerciais.

Um pouco antes das 10 horas, uma banda de músicos militares, pertencentes ao regimento que viajava connosco, subiu ao *deck* superior onde nós estávamos e começou a tocar selecções harmónicas que muito nos deliciaram. Eram escoceses e os seus trechos musicais quase todos austríacos e espanhóis: — não havia senão instrumentos de sopro, flautas, cornetins e cornetas, além de umas castanholas muito bem matraqueadas. Até tocaram a valsa portuguesa — *Sobre o Tejo* — e eu senti, na minha alma, a saudade intensa dos grandes momentos da minha vida de família. A música acompanhava

a marcha lenta e cadenciada do barco que saía do porto e nos levava, pelo Oceano Índico, *mares nunca dantes navegados* por mim, a terras da Europa que eu só vira fantasiando ou em sonhos. Os músicos também usavam calças curtas, o tronco nu e um barrete escocês na cabeça.

O *Georgic* já singrava veloz, víamos ainda, ao longe, o *Taj*, como um lençol sujo, a acenar-nos em ar de despedida; dezenas de barcos e, entre estes, um cruzador americano coalhavam o porto, e nós afastávamo-nos, cada vez mais, da Índia, milenária e maravilhosa, para os lados do Ocidente, para a Europa decadente, embora civilizada. Foi a Grécia que transformou o escravo em homem livre, criando uma civilização democrática das mais poderosas que, depois, por evolução e pelas conquistas, passou de Atenas a Roma, estendendo-se por toda a Europa, mas havendo agora tendências, num post-guerra seguro e inevitável, de caminhar para o grande continente americano que, certamente, deterá — até quando? — o timão de todos os negócios económicos, sociais e políticos do universo. A América, capitalista e democrática ao mesmo tempo — até parece um paradoxo —, que quer ter o exclusivo da bomba atómica, não nos parece fadada a conservar por muito tempo a civilização ocidental, tendo esta, mais cedo ou mais tarde, de voltar para a Europa ou passar para o Oriente, para a Índia, que foi a fonte e será o término de todas as aspirações universais e socialistas, com os seus quatrocentos milhões de habitantes, profundas filosofias e diversas religiões. Enganar-me-ei? Não me parece. A vida dos indivíduos, como das nações, é um círculo vicioso e o mundo caminha para o ponto de partida: tudo nos leva a crer que este ponto é a Índia, onde,

através dos Himalaias, floresceram os grandes ideais, que parecem voltar à sua pristina grandeza.

Deixemos, porém, de filosofar e vamos à descrição dos factos. Esqueceu-me dizer que antes de o barco sair do porto de Bombaim tivemos um exercício, ou, antes, recebemos umas instruções, todos alinhados nos *decks* e vestindo os cintos de salvação, sobre a forma de usá-los e a maneira de proceder quando em perigo de naufrágio ou de incêndio. Boa perspectiva para os tímidos de espírito ou para os nervosos e deprimidos de coração!

As instruções, no *Georgic*, tanto aos passageiros civis como militares, são dadas por um microfone e vários alto-falantes colocados nos *decks*. De vez em quando ouve-se o *attention* do locutor e lá temos as várias ordens do dia, como se estivéssemos todos militarizados. O paquete é de transporte de tropas e, portanto, só temos de aceitar os factos como eles são. A tripulação é de quase trezentos homens, havendo dois capelães (um católico e outro protestante), um médico, quatro enfermeiras, muitos criados e criadas e perto de sessenta marinheiros, além de oficiais, comissário naval, comandante, etc., todos ingleses, irlandeses ou escoceses.

Os serventes fazem, cuidadosamente, a limpeza das cabinas e camaratas, bem como de todas as dependências do paquete. As tropas têm alojamentos completamente separados, mas misturam-se com os passageiros civis nos *decks*, onde o passeio, o cavaco e o idílio são livres para todos. A alimentação é boa e substancial, mas não há o *morning tea* nem o chá da tarde. Apesar de haver tanta tropa, há o máximo respeito e a melhor ordem, porque o soldado inglês é muito correcto e tem o culto da disciplina. *The right man...*

O que aqui falta — e não sei como — é uma lavandaria e tivemos de arranjar um criado que, a peso de bons xelins, nos lava a roupa e não muito bem.

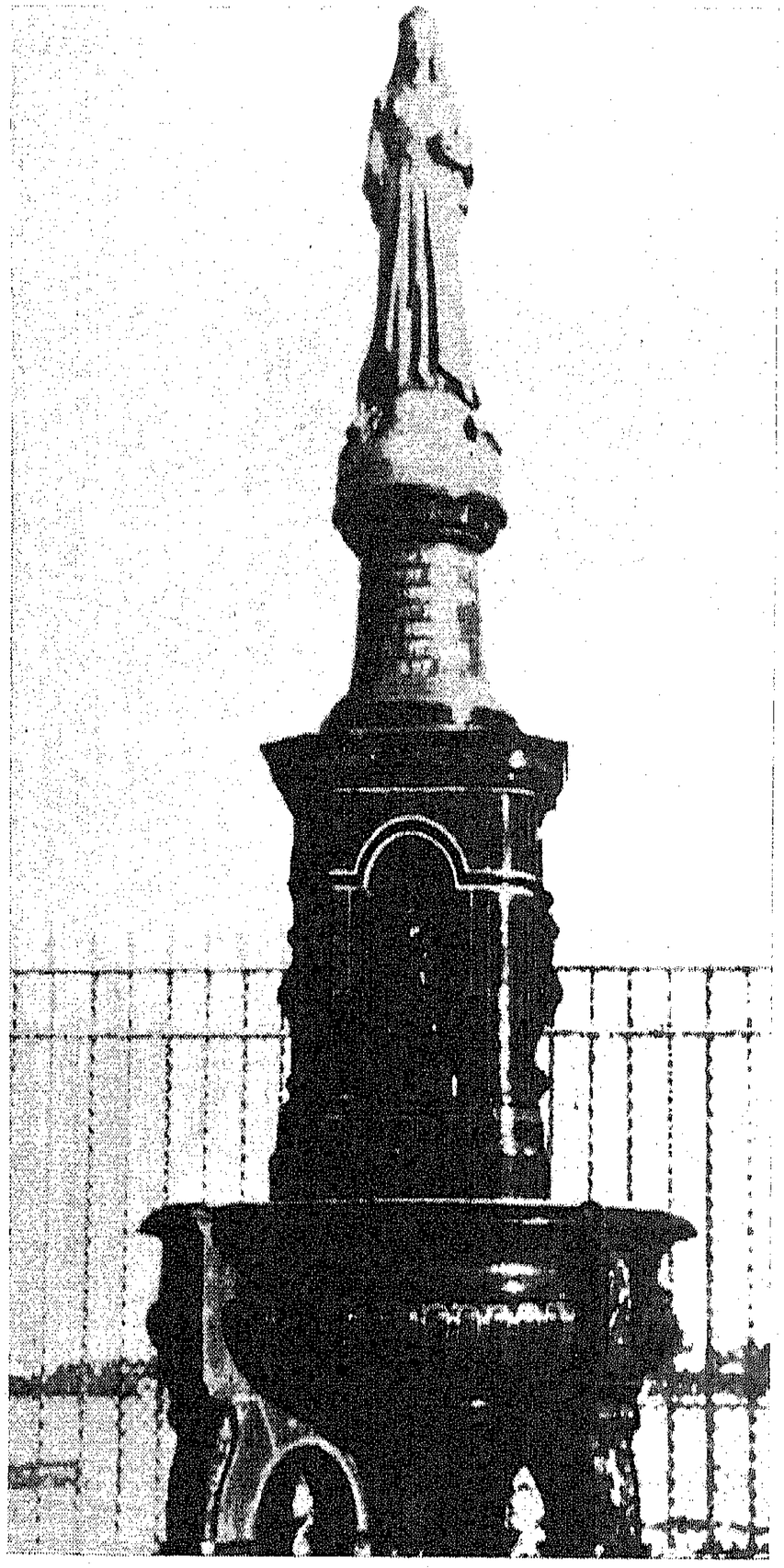
Desde 21 de Maio, só vemos céu e mar: — na linha do horizonte nem um barco sequer, e o sol, ao crepúsculo, acende a fogueira da tarde e apaga os seus raios na branca espuma que a proa do *Georgic* faz nas águas azuis-marinhas a distinguirem-se, nìtidamente, do azul-claro do firmamento, essa tampa do infinito com que Deus nos cobre a todos, igualmente.

No sábado, 24, chegámos a Adém, tendo, na sexta, à noite, passado o barco ao longo das costas da Arábia, que divisámos bem longe. O *Georgic* não faz escala em Adém, porto fortificado à entrada do Mar Vermelho, só parando, por momentos, ao largo, a fim de desembarcar alguns passageiros que se dirigem a várias localidades da Arábia.

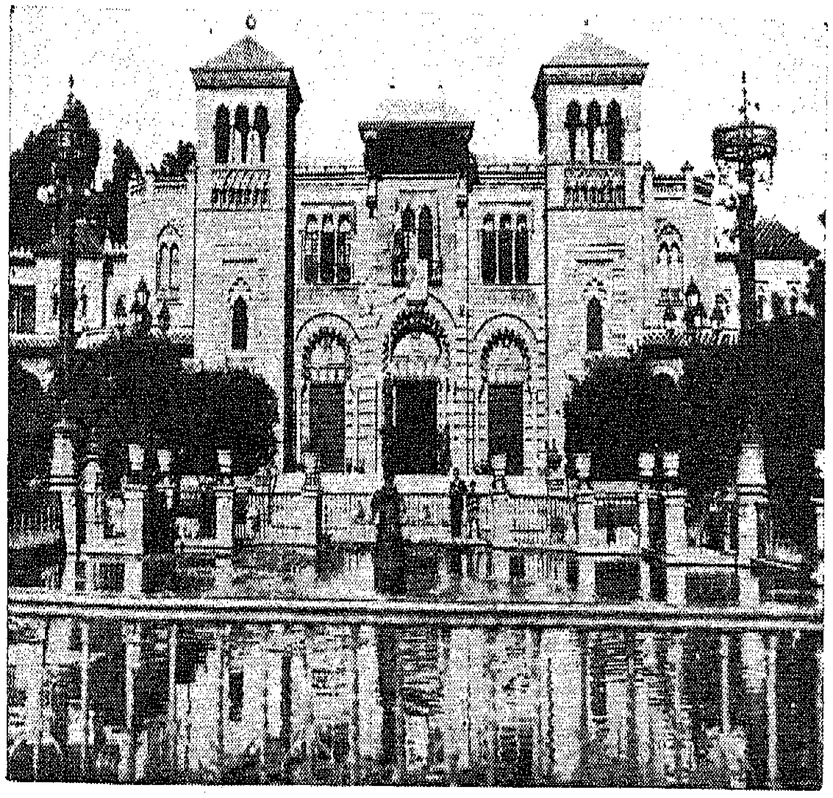
Adém, onde fundeámos às 9 horas, tem pouco de interessante: — uma cordilheira sinuosa e, pela encosta, uma quantidade de edifícios que são a morada do Residente inglês, as repartições públicas e alguns prédios particulares. O golfo está coalhado de barcos e barcaças, lanchas a vapor e pequenas pirogas, nas quais os indígenas trazem à venda cigarros, charutos e frutas, que passam, por meio dum cabaz preso a uma corda, para o mais alto andar do paquete, recebendo o dinheiro da mesma forma. Ao meio-dia deixámos Adém e, passado o Estreito de Bab-el-Mandeb, entrámos no Mar Vermelho, onde se vêem as margens dos dois lados e o calor é fortíssimo, com o vento quente dos desertos a abrasar-nos. Depois Suez, o canal que se deve ao génio de Ferdinand Lesseps, o célebre engenheiro francês, que o delineou e abriu, encurtando assim, imenso, o caminho que Vasco

da Gama, pelo Cabo das Tormentas, levou meses a percorrer.

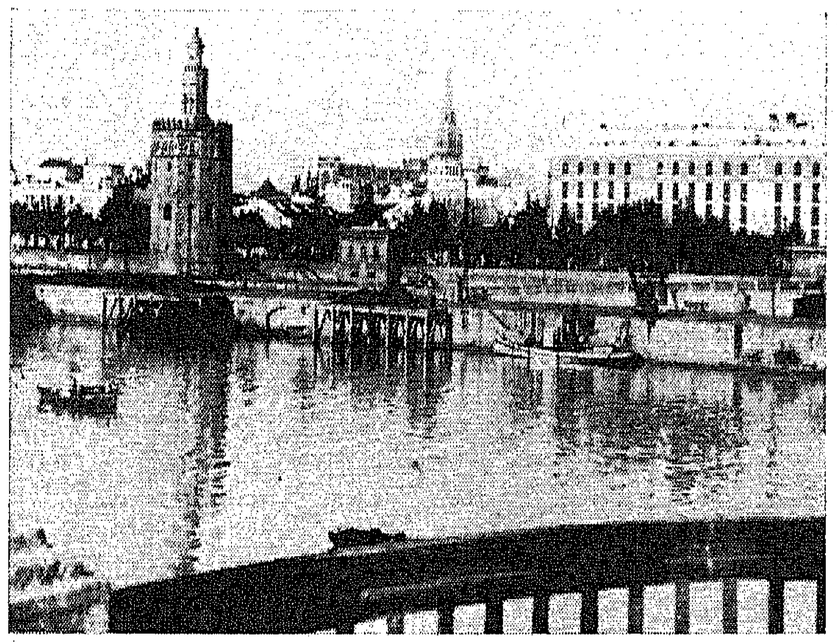
Enfim, Port-Said, a cidade egípcia, internacionalizada por completo e tendo, no seu extremo norte, a estátua de Lesseps, sobre um grande pedestal e com a mão direita apontada para o Oriente, como se quisesse indicar à posteridade que já estava aberta, para o comércio e para a civilização, uma das linhas mais vitais do Universo.



Monumento à Rainha Vitória, em Port-Said



Praça da América e Palácio das Belas Artes (Sevilha)



Torre do Ouro, sobre o Guadalquivir (Sevilha)

Monumento aos mortos da Austrália e Nova-Zelândia na Grande Guerra (Port-Said)

III

PORT-SAID — GIBRALTAR — A CATEDRAL DE SEVILHA — A TRAVESSIA DO TEJO

Port Said, 10 horas da manhã de 28, dia em que a espada belicosa do Marechal Gomes da Costa talhou uma nova era para os destinos de Portugal. Atravessamos, de noite, o Canal de Suez, de uns escassos cem metros de largura. Lâmpadas eléctricas, vermelhas dum lado e azuis do outro, marcam o trajecto do *Georgic*, que deve navegar ao meio dessas luzes.

A baía de Port-Said não é grande e coalham-na lanchas, barcaças e pirogas, que se aproximam do paquete a rodeá-lo, a oferecer as suas mercadorias, a vendê-las pelo mesmo sistema que em Adém. Não é permitido o desembarque dos passageiros, só saindo uns oitocentos militares que seguem para a Palestina e que são substituídos por outros que daí regressam. Ao longo da margem, à esquerda, alinham-se areais do Egipto, com o casario de Port-Said, a Igreja Católica, a Alfândega — as outras repartições públicas. De distância em dis-

tância alinham-se os tanques de água, de gasolina e de óleos pesados. Há vários cais acostáveis donde partem os barcos para o *Georgic* e, no golfo, alguns, bem poucos, navios de guerra. Do lado direito estende-se o deserto africano com as suas dunas e areias esbraseantes. De ambos os lados trotam os simbólicos camelos levando, na corcova, os beduínos com os seus trajes característicos. Aparecem, a bordo, os agentes das diversas firmas inglesas e egípcias, da casa *Tomas Cook's* e da *Cox & Kings*, sob a égide da qual viajamos. Este oferece-nos os seus serviços em Liverpool e dá-nos uns rótulos novos para os colocarmos nas malas logo que aí cheguemos. Aceitamo-los, mas sempre na esperança de que ali não chegaríamos, pois que certamente dariam resultado os esforços do nosso Governador Geral, Sr. Dr. José Bossa, perante o Ministro das Colónias para que o paquete entrasse nas águas de Lisboa ou, pelo menos, parasse em Gibraltar.

Em Port-Said vêem-se alguns monumentos como o consagrado à Rainha Vitória, um obelisco simbólico da Grande Guerra (1914-1918), o da Austrália e Nova Zelândia aos soldados que nessas areias ficaram combatendo pela Inglaterra.

Foi pena que não nos deixassem desembarcar para podermos admirar as belezas das cidades do Cairo e da Alexandria, servidas por um comboio que corre ao longo da costa egípcia.

Alguns comerciantes obtiveram licença para entrarem no paquete e poderem vender os seus artigos em lojas improvisadas ao longo dos *decks*. Havia muitas maletas, carteiras e várias bugigangas que se iam esgotando ràpidamente, embora caras e não muito prestáveis.

Esqueceu-me dizer que o *Georgic* tem uma orquestra privativa que dá concertos todas as tardes, havendo

dança em certas noites; tem uma barbearia e uma máquina cinematográfica que funciona diàriamente, das 20 às 22 horas, com filmes variados, umas autênticas americanices.

Como já disse na minha crónica anterior, no extremo norte de Port-Said ergue-se a estátua do célebre engenheiro Ferdinand Lesseps, que delineou e abriu o Canal de Suez.

Às 18 horas do mesmo dia 28 deixámos Port-Said e entrámos no Mediterrâneo, o suposto *mare nostrum* dos italianos, que disso se gabavam e ao que os ingleses, fleumàticamente, respondiam: — *Yes, the bottom of the sea.* E, realmente, lá foram aprisionados ou para o fundo do mar os poderosos — diziam eles — navios de guerra da aparatosa esquadra de Mussolini.

No dia 29, logo de manhã, tivemos uma notícia bastante agradável: — foi-nos comunicado que o paquete aportaria a Gibraltar, pois o Comandante do *Georgic* recebera um radiograma de Londres a determinar isso. A alegria foi geral entre os que iam a Lisboa, pois o trajecto ficava bastante encurtado. Deu-se, imediatamente, uma melhor disposição às malas que estavam no porão — as minhas vinham todas na camarata — e preparámo-nos para o desembarque, que se devia realizar, segundo todas as probabilidades, no dia 2 de Junho, segunda-feira, pela manhã. Se fôssemos a Liverpool, só chegaríamos no dia 7, e a viagem desta cidade a Londres pelo comboio e daí a Lisboa de avião trazer-nos-ia demora, maçadas — quem sabe? — quantas contrariedades!

Todos os passageiros ficaram surpreendidos com a paragem em Gibraltar, pois não é fácil alterar o rumo de um transporte de tropas, sendo precisa autorização do Almirantado Britânico e do Comandante em chefe

do Exército, que só a deram depois de se saber o fim que tinha a delegação e devido, provàvelmente, à influência do nosso embaixador em Londres e às relações amistosas de Portugal com a Inglaterra. Indubitàvelmente, o Santo João de Brito estava connosco.

Desde que saímos de Port-Said não divisamos senão o mar azul-esverdeado e o céu dum azul-claro e matizado de flocos brancos ou amarelados. O *Georgic* não faz porto algum mais, a não ser os de Gibraltar e Liverpool, correndo com uma velocidade de 425 milhas por dia.

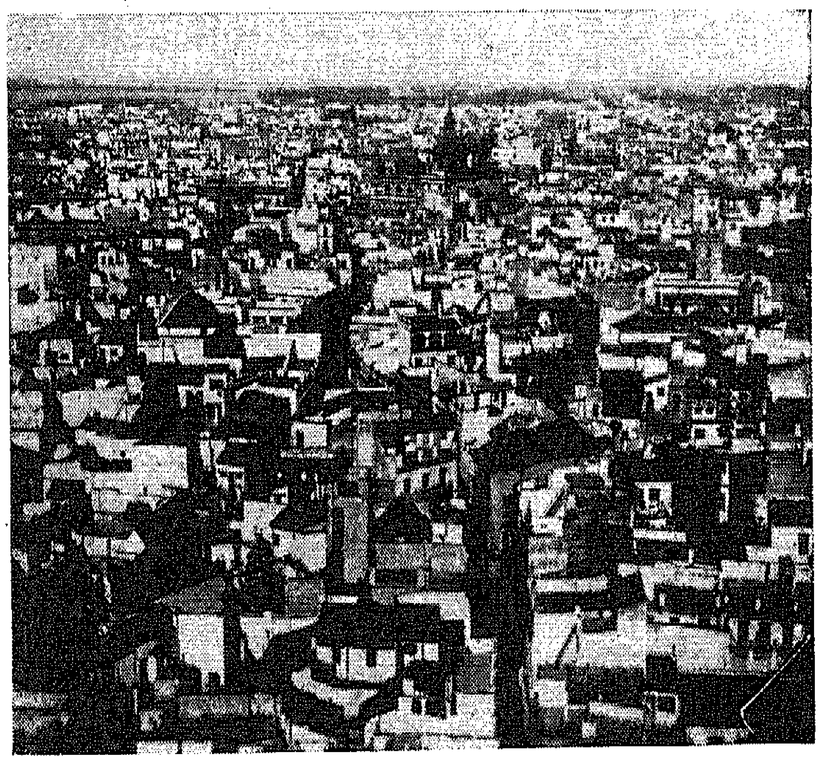
A temperatura, no Mediterrâneo, mudou bruscamente. Faz frio, o calor desapareceu, e os trajes ligeiros são substituídos por outros mais pesados, de flanela ou de lã. À meia-noite de 30 atravessamos o canal de Malta e passamos por essa ilha heróica que, bombardeada e em ruínas, se defendeu braviamente, na última guerra, merecendo ser condecorada com a *Victoria Cross*.

Às 10 horas seguíamos ao longo da ilha italiana de Pantelária, cordilheira acidentada e semeada, pela extensa encosta, de uma infinidade de pequenas casas, entre as quais avultam o bonito farol e o templo católico. É sempre a cruz de Cristo, através dos tempos, a erguer-se por toda a parte, em todas as latitudes, a atestar a verdade eterna da sublime religião do Crucificado. Estas ilhas terminam em ponta que entra pelo mar e nesse sítio é que as casas são maiores e de melhor aspecto.

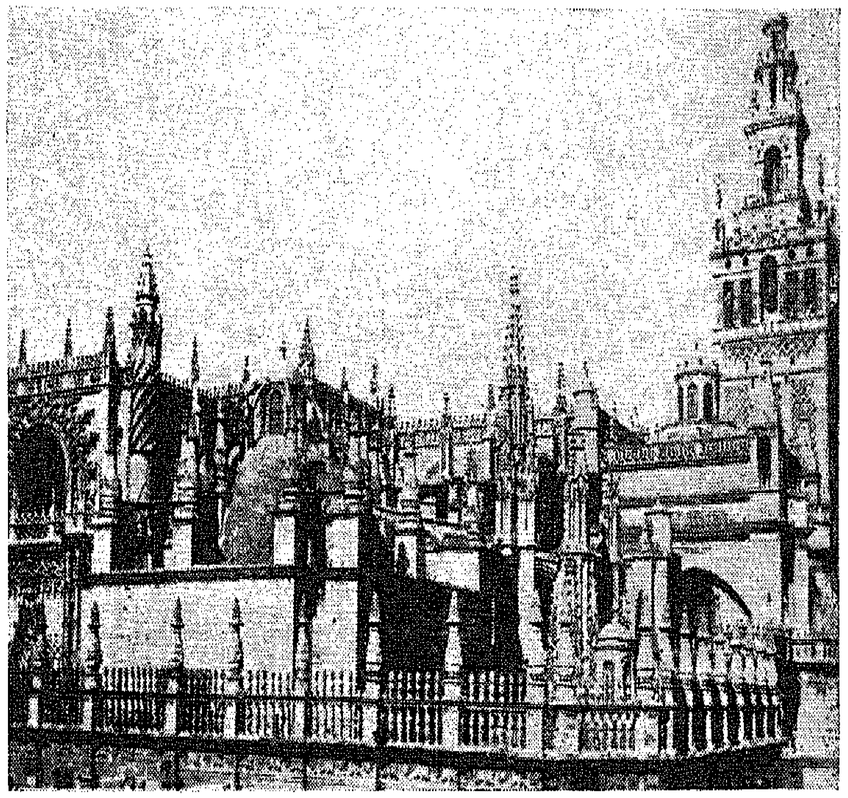
Às 11 horas do dia 2 de Junho, segunda-feira, parámos em frente de Gibraltar, rochedo fortificado, ainda se vendo os orifícios por onde passam as bocas dos canhões ingleses. Pela encosta, o casario é todo de estilo mourisco e ainda se vê, no alto do morro, o castelo

do rei muçulmano, em ruínas e algum tanto desmantelado.

Às 11 horas e 15 minutos atracava ao paquete a lancha que nos levou ao cais, depois de sermos cumprimentados pelo Cônsul português, que é um velhote bem posto e simpático. No largo da Alfândega esperavam-nos dois caminhões, sendo um para nós e outro para as bagagens. E lá fomos, depois de um opíparo almoço que saboreámos no Hotel Bristol. O Cônsul acompanhou-nos até à estação alfandegária de La Linea, mandando, depois, connosco, um empregado do consulado, que veio até Lisboa. Atravessámos o sul da Espanha, desde o posto fronteiriço até Sevilha, onde pernoitámos, depois de jantarmos em Gerês, no Hotel *Los Cisnes*. Para chegar a Sevilha, passámos por S. Roque, Algeciras, Tarifa, Vejer, Chiclana, à direita de Cadiz, Puerto Real e Gerês,



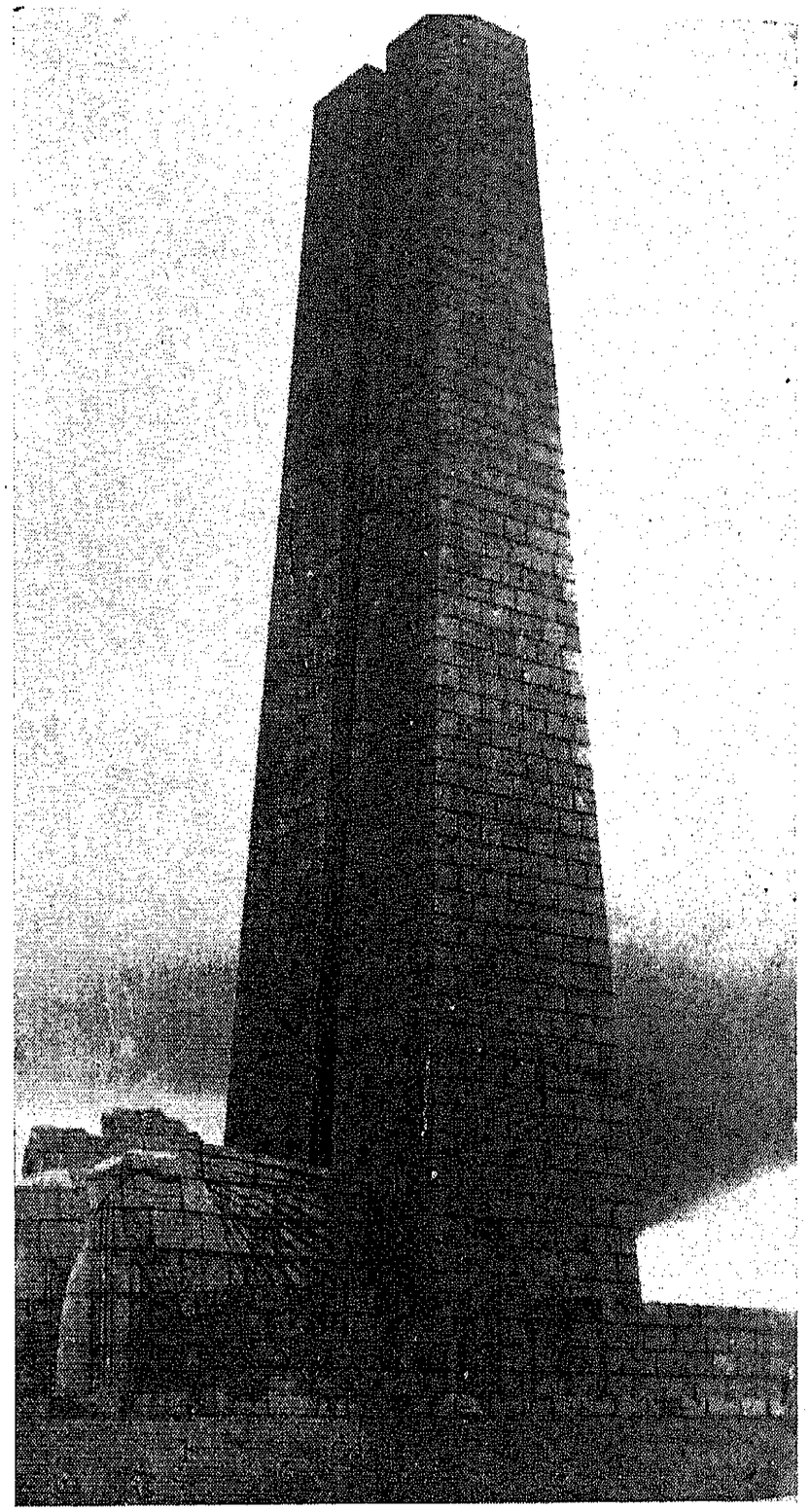
Uma vista de Sevilha



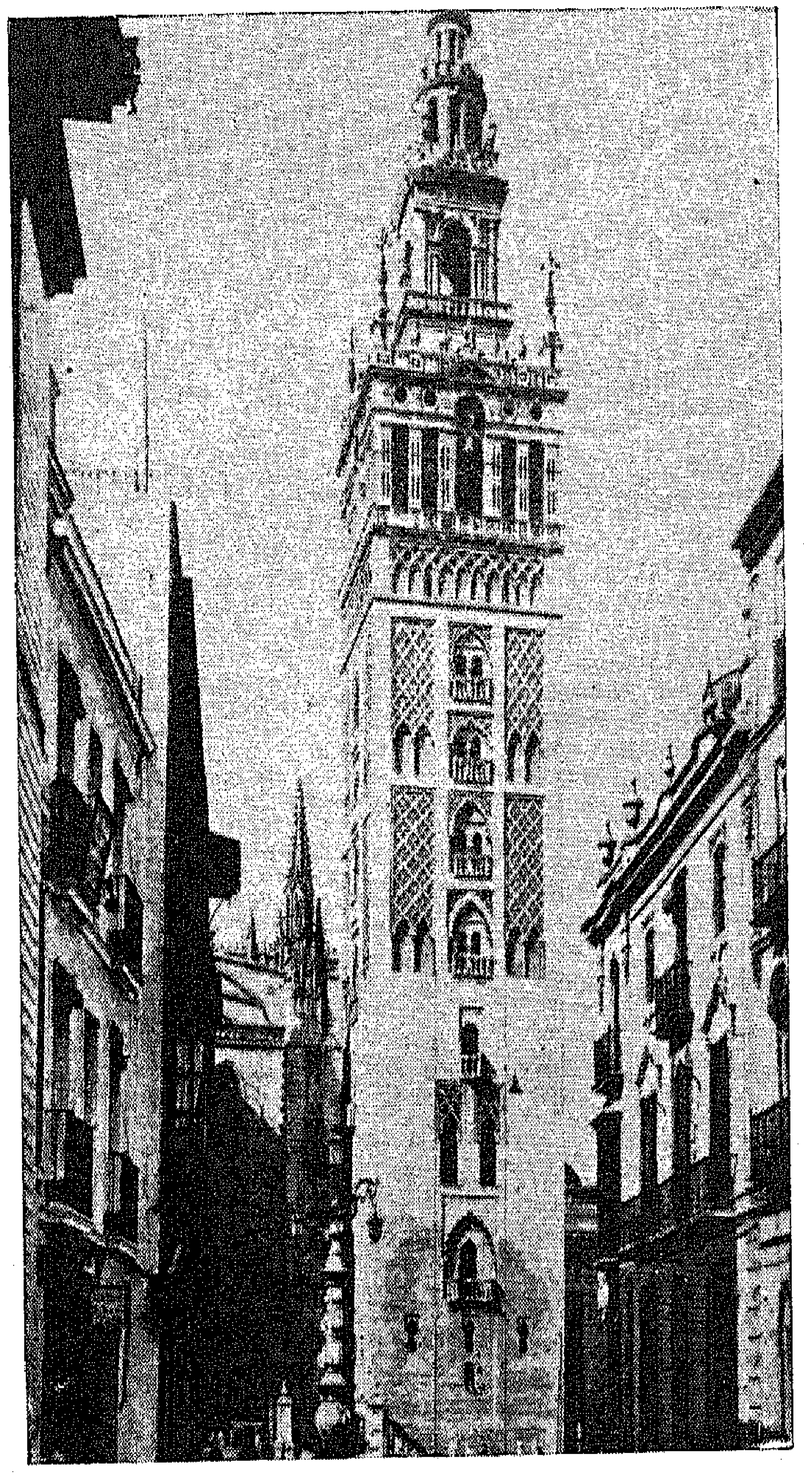
Catedral de Sevilha

onde não deixámos de beber o belo vinho da região. Saímos de Sevilha às 9 horas, não sem termos visitado o parque, o palácio real e alguns outros edifícios importantes dessa linda cidade, sem excluirmos a Catedral, soberbo e majestoso templo, todo de pedra rendilhada, um enorme órgão e vitrais coloridos de grande beleza. É bem a maior catedral do Mundo e ninguém a descreveu com mais brilho e propriedade do que o escritor ateu Brito Camacho. É nesse monumento formidável, de linhas artísticas e severas, que se sente bem a grandeza e a omnipotência de Deus.

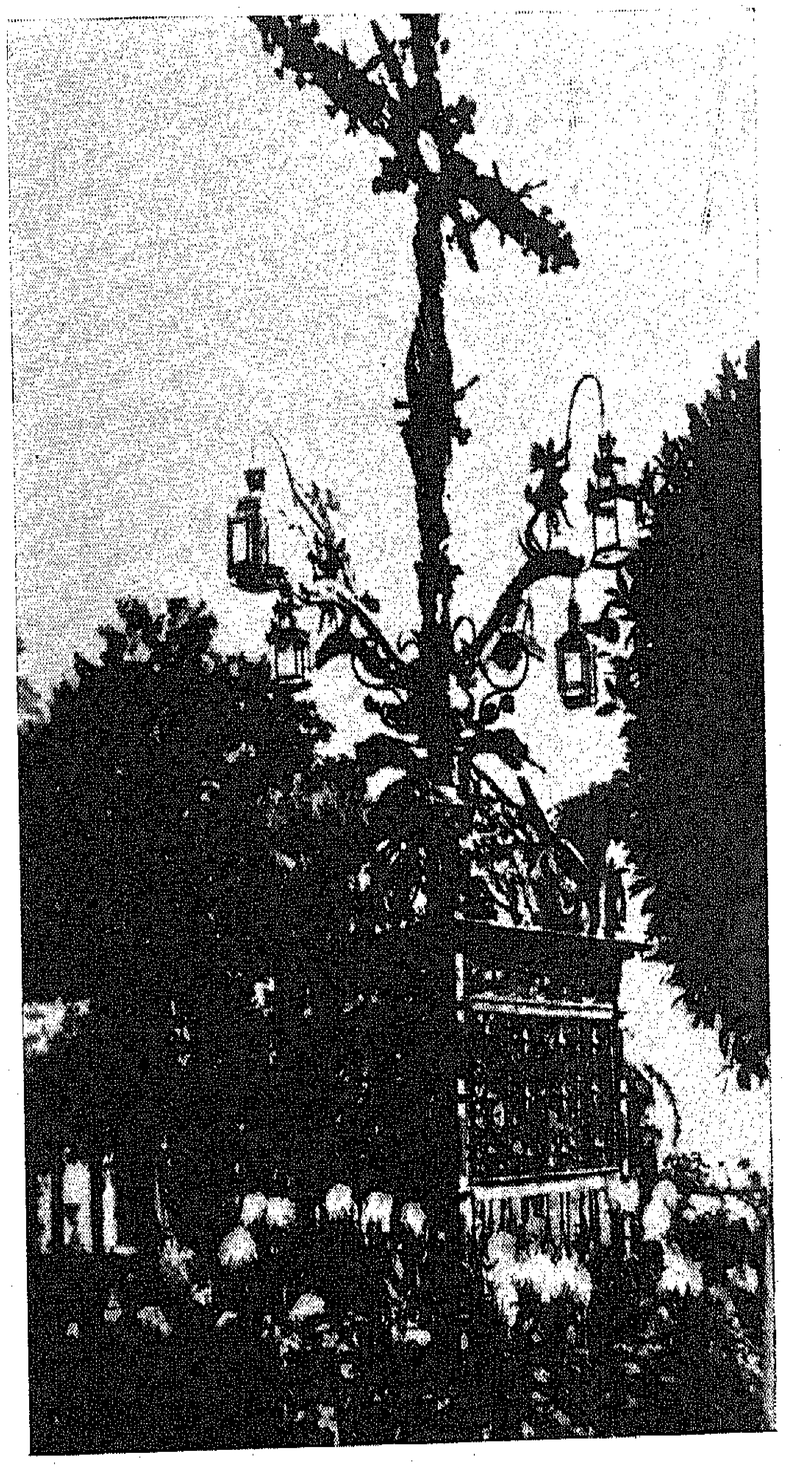
Em Sevilha dormimos no Hotel de Inglaterra, que fica na Praça de S. Fernando, onde se ergue a estátua do rei santo, e é esse dos melhores hotéis da cidade. Daí a Los Santos, vários outros *pueblos* mais ou menos pinturescos



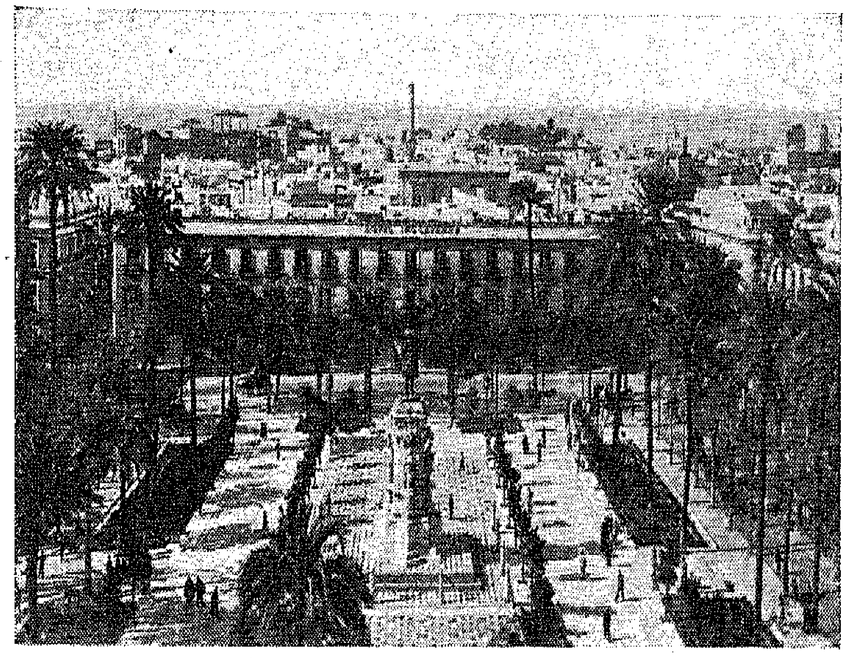
Obelisco à Grande Guerra — 1914-18 (Port-Said)



A Giralda (Sevilha)



Praça de Santa Cruz (Sevilha)

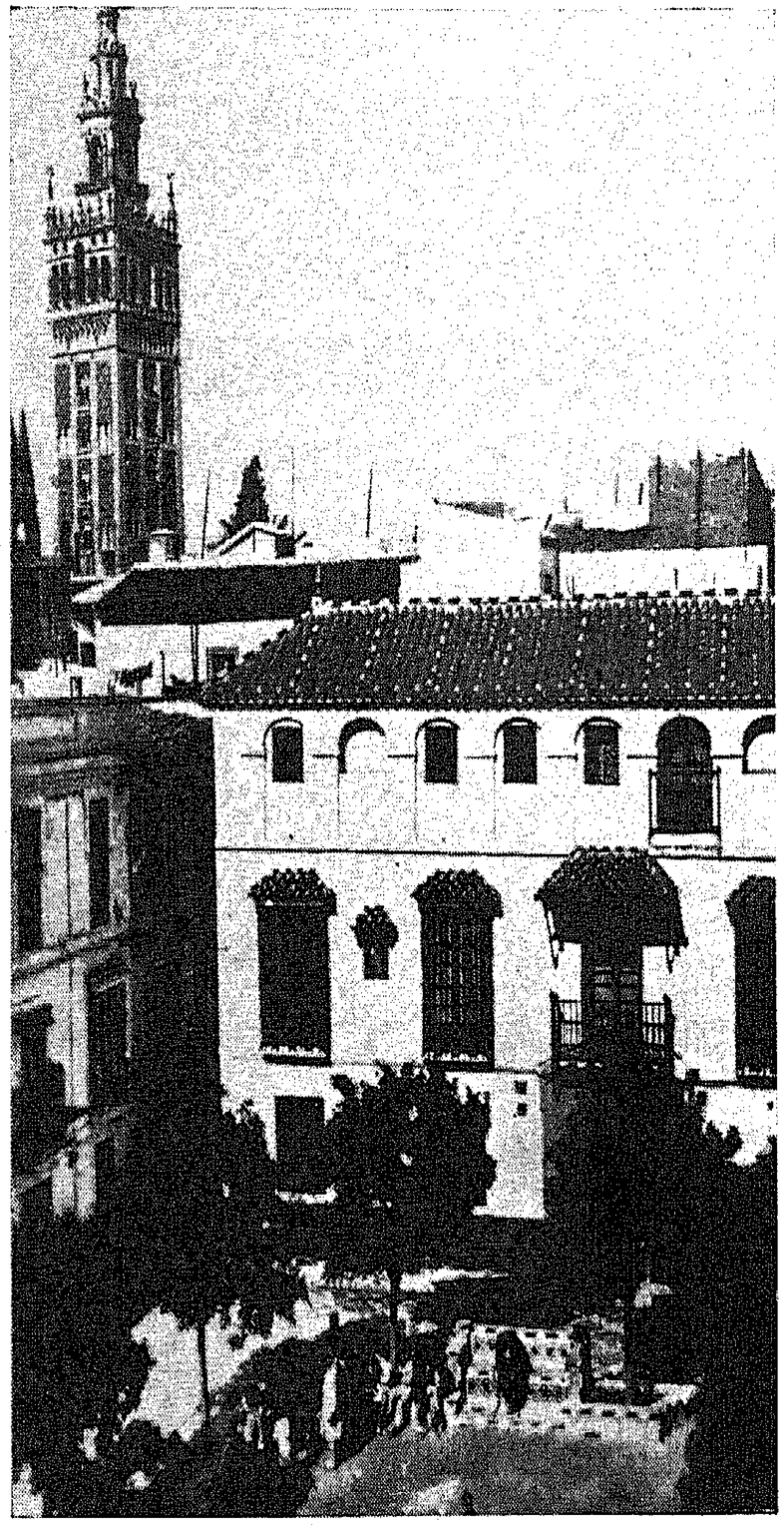


Praça de S. Fernando — Hotel de Inglaterra (Sevilha)

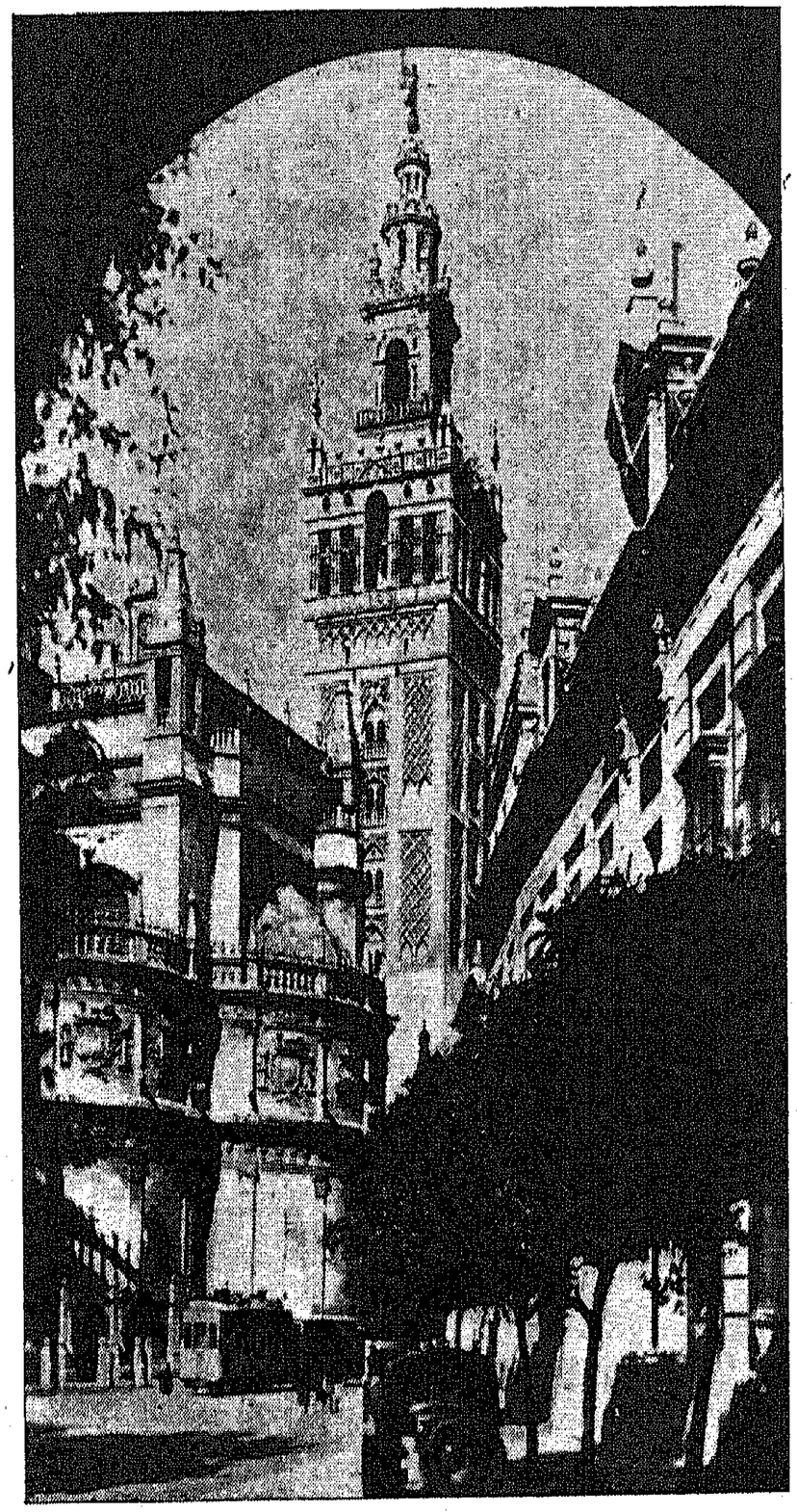
e finalmente Badajoz, onde almoçámos às 14 horas. Depois, o posto fronteiriço e português de Caia, onde havia ordens para nos deixar passar sem verificação, nem formalidade alguma.

Entrando em território nacional, depois de atravessar a região montanhosa e acidentada do sul da Espanha, passámos por Elvas, Portalegre, Borba, Estremoz, Vimieiro, Vendas Novas, Setúbal e, finalmente, Cacilhas às duas horas da madrugada de 14 de Junho. Aqui éramos aguardados pelo Secretário Geral do Ministério das Colónias, Dr. Braga Paixão, que nos apresentou os seus cumprimentos em nome do Sr. Cap. Teófilo Duarte, Ministro.

Atravessando o Tejo, em barco especial a vapor, chegámos, finalmente, logo depois, a Lisboa, e ficámos hospedados, quase toda a delegação, no Lys Hotel — Avenida da Liberdade —, onde nos sentimos muito bem instalados.

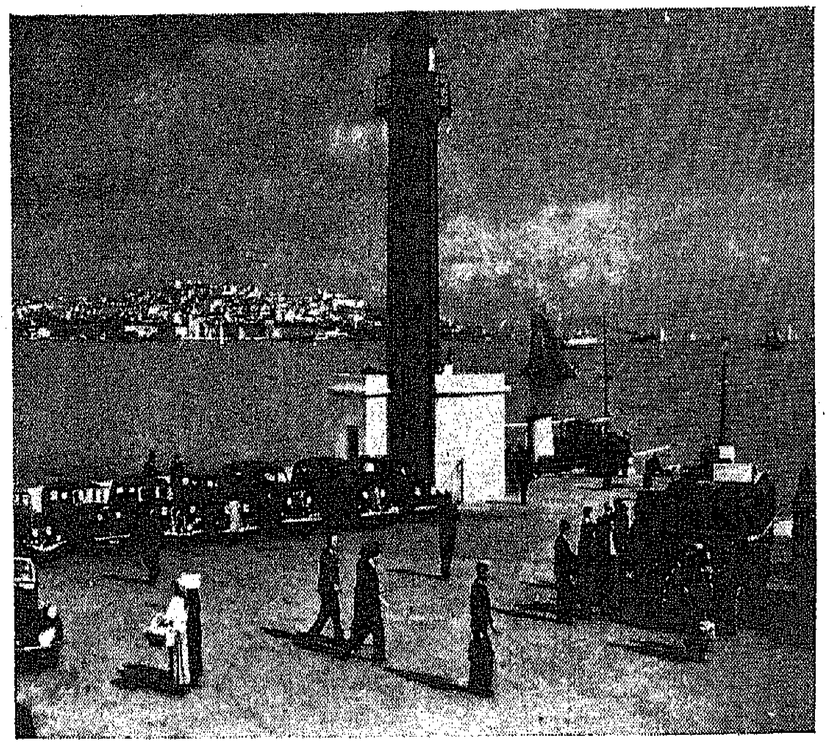


Praça D. Elvira (Sevilha)



Catedral, desde a Praça do Triunfo (Sevilha)

O Parque de Sevilha



Cacilhas, em frente de Lisboa

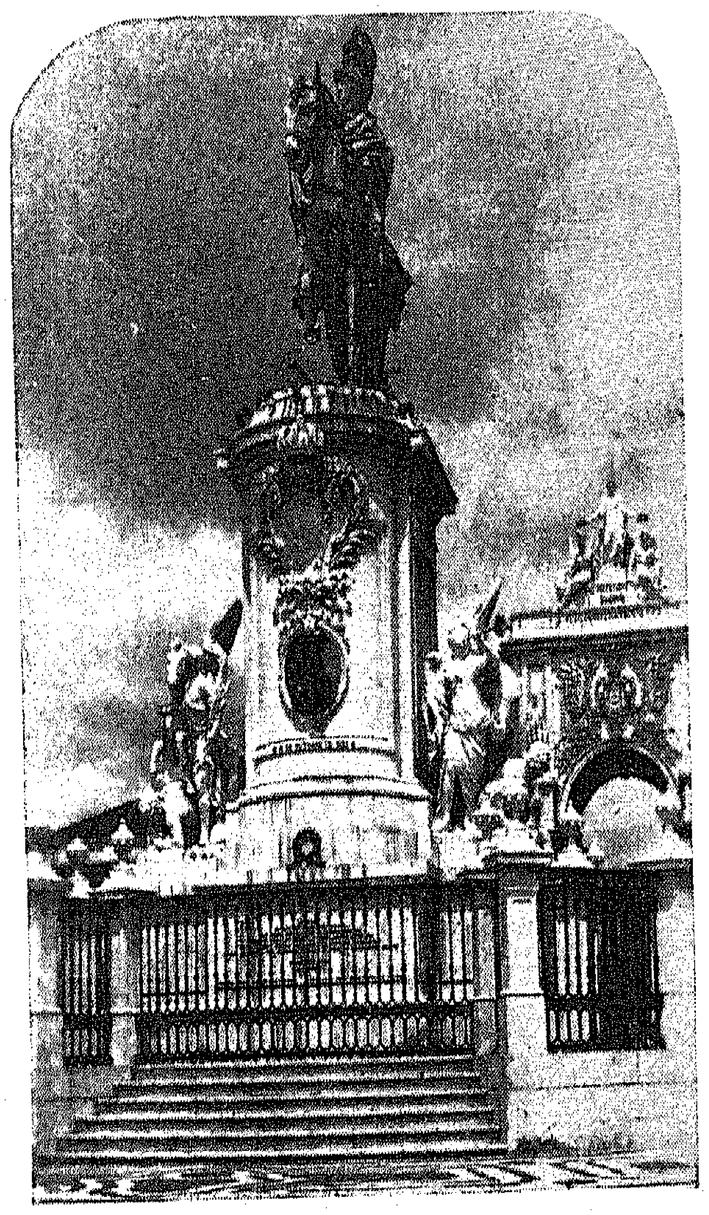
Panorama nocturno de Lisboa

IV

A CIDADE DAS SETE COLINAS PELA EMISSORA — A SANTA CASA MUSEUS — RECEPÇÃO PRESIDENCIAL

Lisboa — a cidade das sete colinas, *o jardim à beira-mar plantado*, o meu sonho de sempre hoje realizado. Tal foi o entusiasmo que não pude conciliar o sono e, logo de manhã, lá pelas 10 horas, o ilustre engenheiro, Sr. Silva Dias, recebia-me na Emissora Nacional, aprovava e mandava, imediatamente, gravar a seguinte mensagem que eu escrevera para a Índia na primeira madrugada de Lisboa e ainda fatigado duma viagem maçadora, mensagem que foi enviada na mesma noite e, no dia seguinte, publicada em vários jornais e, entre estes, o *Diário da Manhã* de 5 de Junho:

> «Vim, aos 64 anos, pela primeira vez, à terra dos meus antepassados, a Portugal, e devo confessar que fiquei maravilhado. Já diziam Lord Byron e vários outros escritores estrangeiros que Lisboa era a mais linda cidade do mundo, depois de Constantinopla e de Nápoles. Esta opinião, que agora



Terreiro do Paço — Estátua de D. José I

reconheço ser verdadeira, exprime-se no velho ditado : — «Quem não viu Lisboa não viu coisa boa».

E não é exagero. A natureza e a arte deram-se as mãos para produzirem uma das belas criações do globo terrestre. A cidade não tem montanhas pela parte de trás, nem edifícios monumentais, mas o anfiteatro pinturesco dos seus terrenos, a vegetação luxuriante dos seus jardins e o Tejo, que faz

um porto dos melhores, formam um quadro maravilhoso, duma beleza característica. A cidade estende-se, na maior parte, em altos contrafortes, de quase cem metros, que se perdem no planalto da Estremadura, e, pelo ar, por mar ou por terra, é sempre o mesmo panorama de colinas sinuosas e de jardins encantadores. Bem a chamou o mavioso poeta do «*D. Jaime*», Tomás Ribeiro, que ocupou um alto cargo na nossa Índia — «*Jardim da Europa à beira-mar plantado.*»

Quero referir-me, também, à forma hospitaleira como este povo recebe os portugueses do Ultramar que para aqui vêm. É sempre o mesmo gesto de franca cordialidade e de amistosa fraternidade, sem a menor distinção, sem o menor desagrado. Os rapazes da Índia que para aqui vêm estudar são recebidos de braços abertos, sejam eles brancos ou escuros, cristãos, hindus ou mouros. Muitos dos meus conterrâneos que albergam sentimentos separatistas, inoculados pelos miasmas deletérios da vizinha Índia, se para aqui viessem mudariam de propósitos e seriam os mais fiéis amigos de Portugal, que bem o merece pela sua elevada acção colonizadora e civilizadora por excelência, comprovada através de séculos e em todas as conjunturas.

Se Goa ingressasse na grande Índia — o que Deus não queira —, a absorção do nosso pequeno povo seria imediata e a preponderância enormemente numérica dos hindus e mouros far-se-ia sentir duma maneira destruidora para os cristãos, que veriam aniquilados todos os seus ideais.

Não, meus conterrâneos, isto não nos pode convir. Antes permanecerdes dentro de Portugal, que

nunca estabeleceu, duma forma geral, quaisquer distinções étnicas ou diferenças odiosas. No presente momento político, quando o Oriente se agita, convulsionado e em sangue, mantenhamo-nos portugueses, em paz e vivendo à sombra da grande Nação que é a nossa — o Portugal do Infante de Sagres e de Camões, o Portugal de Francisco Luís Gomes e de Elvino de Brito.

O que se precisa é de atitudes definidas e gestos firmes — nada de hipocrisias nem de máscaras.

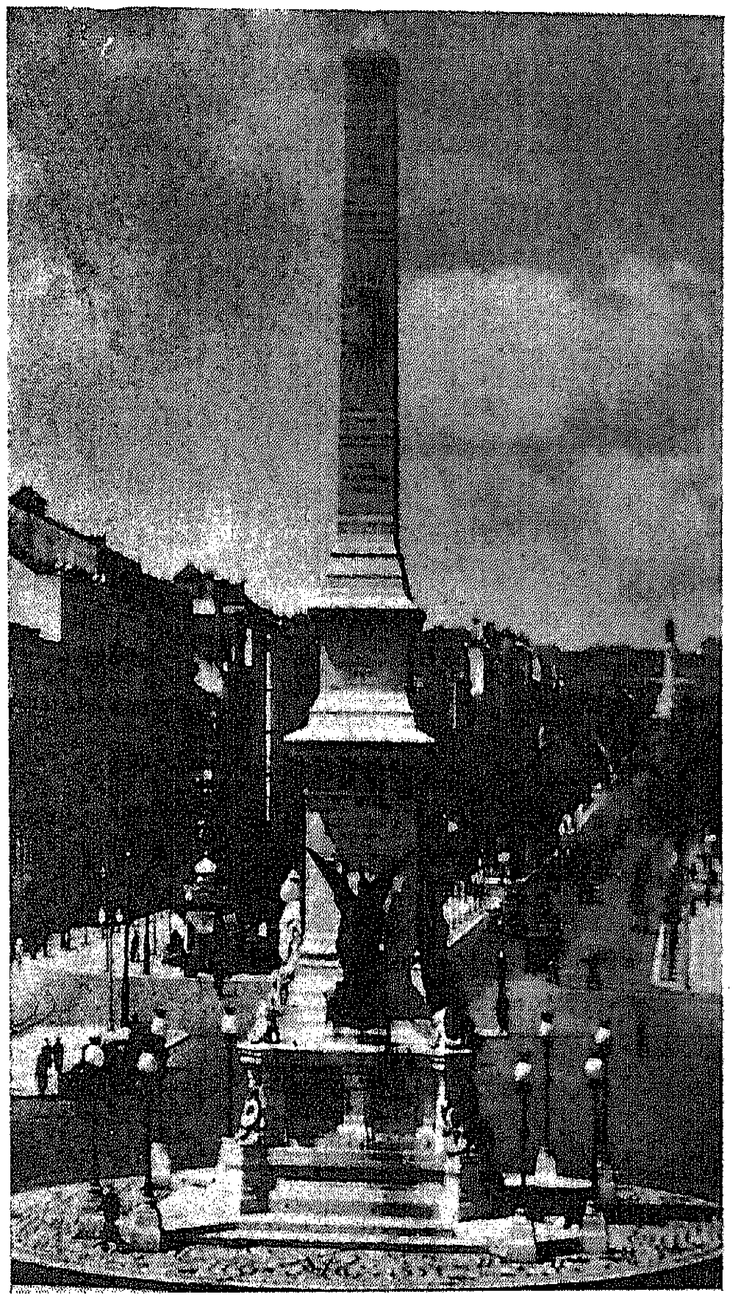
Para a frente — por Portugal é que é o caminho.

É esta a mensagem que eu, de Lisboa, tenho a honra de vos enviar com as minhas mais sinceras saudações.»

Cumprido este dever e feitas as afirmações patrióticas que eu entendi dever mandar para a Índia, vou tentar expor, em poucas palavras, o que vi e admirei, nestes escassos onze dias que fiquei em Lisboa, no Lys Hotel, pois devo seguir para Roma no dia 15 e voltar em 4 de Julho, podendo, depois, com mais vagar, dizer o resto das minhas impressões.

Indubitàvelmente, Lisboa é uma cidade bonita e não vale a pena descrevê-la pormenorizadamente, porque a conhecem bem os que aqui estiveram. Para os outros, para aqueles que cá não vieram, é que direi, resumidamente, o que vale a pena ver, se cá vierem.

Temos, em primeiro lugar, a Avenida da Liberdade, larga, com ajardinados laterais e tendo, pelo centro, em linha, o Monumento aos Restauradores (1640), o Monumento aos Mortos da Grande Guerra (1914-18) e a estátua do Marquês de Pombal afagando um leão, na respectiva Praça, que é onde a Avenida acaba, tendo

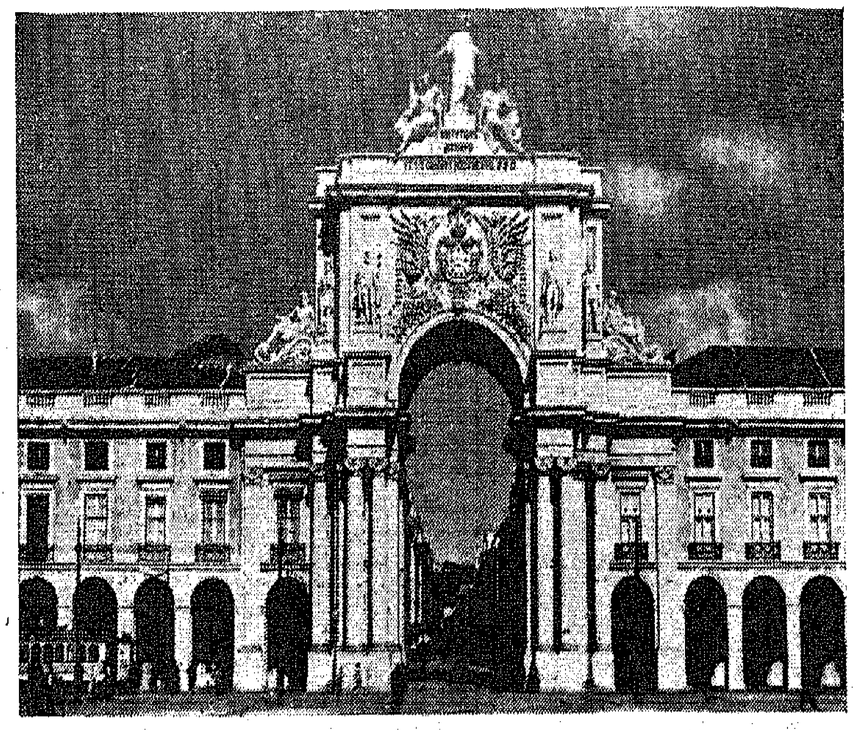


Monumento dos Restauradores — 1640

começado nos Restauradores. Para se chegar a este ponto, do Terreiro do Paço ou Praça do Comércio, onde se alteia a estátua equestre a D. José I, entra-se na Rua Augusta, pelo seu arco triunfal, encimado por um relógio e com estátuas de alguns grandes lusitanos, e vai-se ao

Rossio, ou Praça D. Pedro IV, com a respectiva estátua, ao supedâneo da qual o Brasil depôs, ùltimamente, uma coroa de louros. Daqui, pela Rua 1.º de Dezembro, chega-se aos Restauradores, que, como já disse, é o princípio da Avenida.

Além das estátuas e monumentos que nesta existem, há fontes-chafarizes de pedra preta e várias estatuetas,



Arco Triunfal da Rua Augusta

bem como um pequeno lago, nos arrelvados laterais. Ficam nessa Avenida e, em geral, em toda a cidade baixa (Lisboa divide-se em parte oriental, ocidental e central, que é a Baixa) os principais teatros, cinemas, cafés, clubes e restaurantes. O melhor café, no meu entender, é o Nacional, na Rua 1.º de Dezembro. Os cinemas Tivoli, ao lado do Lys Hotel, onde resido, e Éden são interessantes (embora deva dizer com fran-

Rotunda — Estátua do Marquês de Pombal

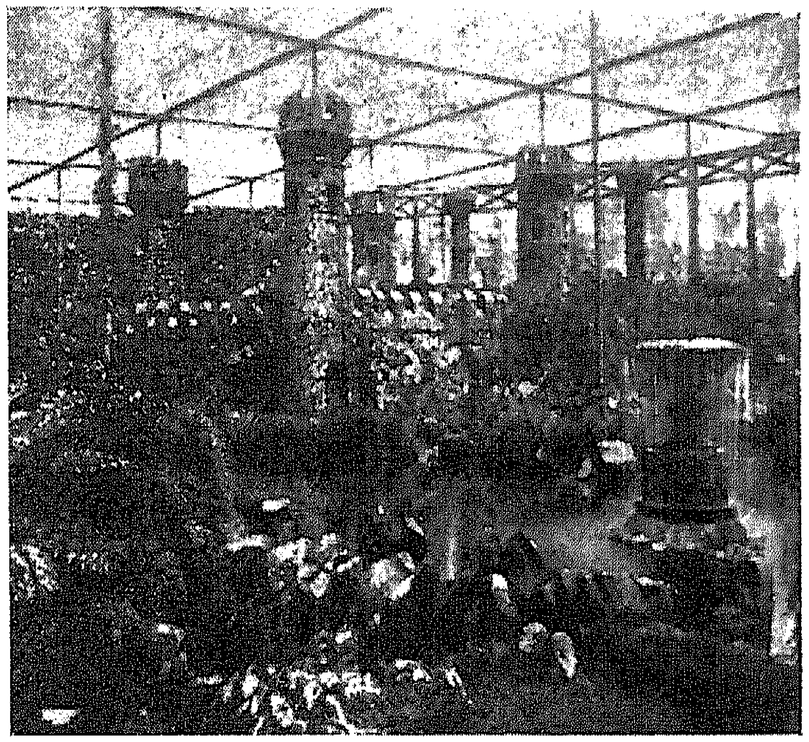
queza que o *Metro* de Bombaim é mais luxuoso), e destaca-se, pelas variedades que ali se executam, o Parque Mayer, onde assisti a uma representação: — «*Se aquilo que a gente sente...*» genuinamente portuguesa e de um efeito indescritível. Na Avenida há a sucursal da Fábrica de Sacavém, com loiças e porcelanas de produção nacional, muito bonitas e vistosas.

A Praça do Marquês de Pombal, onde termina a Ave-

Rossio — Estátua de D. Pedro IV

nida da Liberdade, é a célebre Rotunda, onde Machado Santos, pela sua tenacidade e firmeza, implantou a República. Mais além é o Parque Eduardo VII com a sua maravilhosa Estufa Fria, única no mundo e que foi delineada e executada por engenheiros distintos, um dos quais dirige actualmene e com proficiência as Obras Públicas do Estado Português da Índia.

Por trás do Parque fica a Penitenciária de Lisboa.



Parque Eduardo VII — Estufa fria

No Largo do Barão de Quintela, ostenta-se a linda estátua do grande escritor Eça de Queirós, tendo ao fundo um docel de palmeiras e bambus, estátua que há poucos dias alguns vândalos noctívagos cobriram de serapilheira e está, agora, a ser limpa e restaurada.

No Campo de Santana fica a Escola Médica, tendo à frente a estátua do eminente médico Sousa Martins, bem como o Hospital de S. José. O edifício da Assembleia Nacional fica na Rua de S. Bento e, por trás, é a residência solitária de Oliveira Salazar. Vai-se ao edifício da Assembleia por uma escadaria ladeada de arrelvados e tendo, na fachada, quatro estátuas de mármore branco, símbolos da Justiça, do Comércio, etc. Lá perto, é a Grande Basílica do Sagrado Coração de Jesus, semelhante à Igreja de S. Paulo, em Roma, com o seu enorme órgão, as suas bastas capelas, o seu lindo

Estátua de Eça de Queirós

mosaico, o sumptuoso coro e, a sobressair, o rendilhado das colunas a limitarem as suas extensas naves. O Jardim da Estrela, muito perto, é interessante, com as suas áleas bordadas de flores e matizadas de arbustos de variegada cor.

No Largo de S. Roque está a estátua celebrando o casamento de D. Luís I com D. Maria Pia de Sabóia.

A linda Capela da Igreja de S. Roque

Depois, o edifício da União Nacional, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa com o seu Hospital, que, hoje, só trata de crianças, e a Igreja anexa de S. Roque, onde há um museu sacro, verdadeira maravilha e repositório de uma grande variedade de paramentos, cibórios, estolas, sacrários e outros artigos de grande valor, havendo, num dos altares, lindíssimos painéis e tapetes feitos com a junção de pequeninos azulejos num mosaico ale-

górico e interessante. A Santa Casa e o seu Hospital foram-me apresentados por uma ilustre médica, que estava de serviço nessa ocasião: — a Sr.ª Dr.ª Berta Manso Preto, que levou a sua amabilidade a ponto de se deixar fotografar comigo à porta da Misericórdia. Ao lado desta casa de caridade fica o Hospício dos velhos e enjeitados de Lisboa.

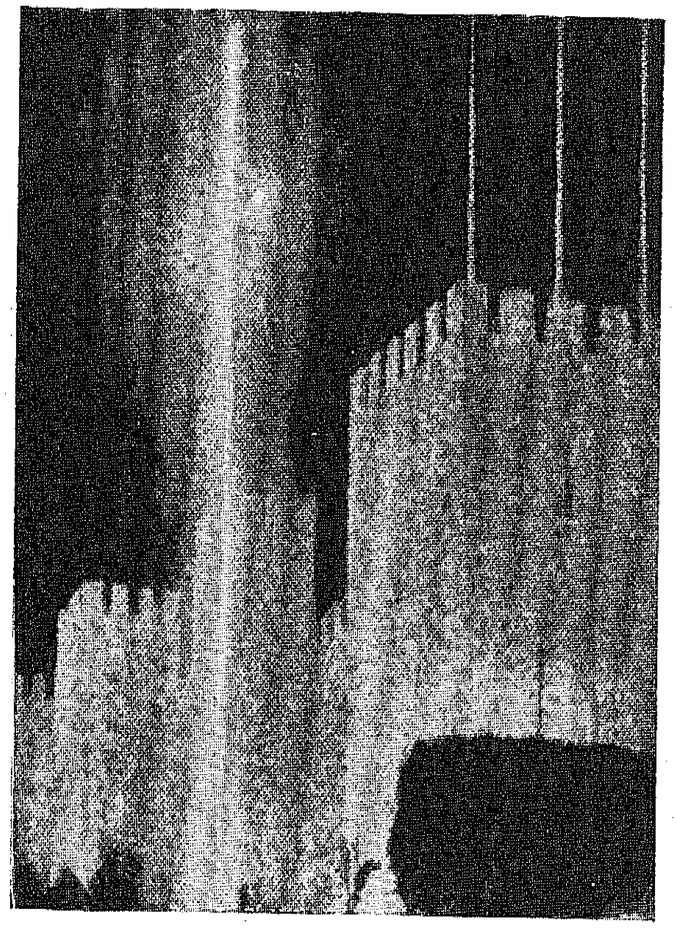
A Rua da Misericórdia leva-nos, em seguida, à Alameda de S. Pedro de Alcântara, donde se desfruta uma linda vista de Lisboa. Nos jardins do passeio, os bustos dos portugueses célebres. Em cima, o monumento ao jornalista Eduardo Coelho. Há, ali, o elevador da Glória, oblíquo, pois, em Lisboa, há mais dois elevadores, o do Lavra, também oblíquo, e o de Santa Justa, vertical, e do cimo do qual se vê uma grande parte da cidade.

Na Rua da Escola Politécnica fica a Faculdade de Ciências, que visitei, e essa rua termina na Praça do Brasil.

No átrio do edifício da Assembleia Nacional vê-se a estátua do grande orador José Estêvão. No mesmo edifício está instalado o Arquivo da Torre do Tombo, onde se guardam tantas preciosidades bibliográficas da nossa Índia. E ali, perto, na Rua do Arco, a Jesus, a Academia das Ciências.

O Cemitério Ocidental ou dos Prazeres, que é mais antigo e melhor do que o Oriental, fica por cima de Alcântara e oferece uma esplêndida vista sobre o Tejo, descortinando-se, de noite, o Castelo de S. Jorge, com as suas torres e ameias e todo iluminado, tendo uma grande cruz à frente, provàvelmente só nestes dias em que Portugal celebra o oitavo centenário da tomada de Lisboa aos mouros.

Pelas Avenidas Novas vai-se à Igreja de Nossa Senhora de Fátima, que é rica e de grande interesse, sendo



A cruz luminosa do Castelo de S. Jorge

o seu Prior o reverendo padre António Abranches, bastante simpático e muito culto.

Há o Museu de Arte Antiga, que tem uma fachada bonita e do seu átrio podemos ver as docas e estaleiros de Lisboa. Este Museu fica ao ocidente, às Janelas Verdes, e compreende dois edifícios, o antigo — Palácio Alvor ou Pombal — e o moderno, imponente e de uma bela concepção. É das melhores galerias de arte europeias, pelo menos em qualidade. Recebe uma bela lição quem o visita: — quadros que são obras-primas da arte universal, como a célebre *Fons vitae* de Holbein-o-Velho, Alberto Durer, Rubens, Van Der Weiden, Rafael, Tintoreto, Murillo e outros pintores de variadas escolas.

Fons-vitae, *de Holbein-o-Velho*

A escola portuguesa está representada por todas as épocas e mestres, desde Nuno Gonçalves até Domingos Sequeira. Na secção de ourivesaria, entre centenas de peças de alto valor artístico, brilham os famosos *Saint-Germains* (arte francesa) e a inigualável *Custódia de Belém*. As secções de cerâmica, tapeçaria, mobiliário e escultura são duma beleza incomparável.

Domingos Sequeira — Alegoria à Constituição de 1820

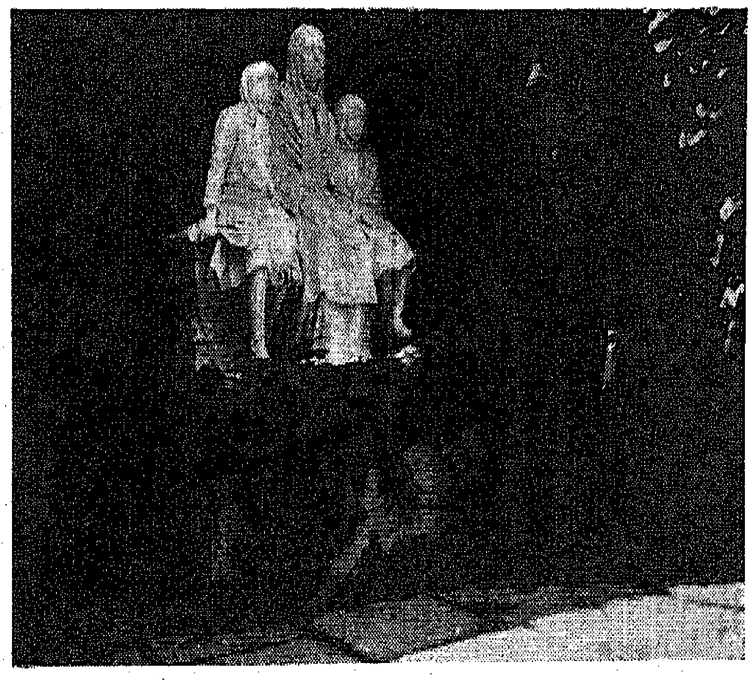
No centro da cidade, perto do Chiado, no edifício da Escola de Belas Artes, admira-se o Museu Nacional de Arte Contemporânea, que visitei enlevado. É certo que este Museu não atinge o grau de importância do de Arte Antiga. A sua entrada é por um corredor, ladeado de estátuas de bronze e tendo ao fundo, aos lados da escada, duas estátuas de mármore, uma representando uma velha a amparar duas crianças, e foi perto desta que eu me fotografei. Dentro do edifício admiram-se verdadeiras obras-primas, tanto do século passado como do actual. Perpassam pelos nossos olhos, extasiados, as telas da Anunciação, Lupi, Silva Porto, Visconde de Meneses, que fez o seu auto-retrato e o da viscondessa, sua esposa, Malhoa, Silva Pinto, Salgado, Gameiro, Carlos Reis e outros, sendo a maior atracção do Museu a sala privativa onde se ostentam as maravilhosas obras de Columbano. A galeria de escultura é digna de atenção : — mestres contemporâneos como Soares dos Reis,

1978

Teixeira Lopes, Simões Almeida, Costa Mota, Francisco Santos têm ali o seu lugar de destaque e de apreço.

Não visitei ainda o Museu dos Coches, que fica em Belém, na Praça Afonso de Albuquerque, nem o Militar ou de Artilharia, que se situa quase na margem do rio, diante de Alfama. Ambos são dignos de se ver e, segundo me informaram, conservam-se, no último, as peças enormes de Pondá e de Dio.

A Sociedade de Geografia de Lisboa fica na Rua Eugénio dos Santos. O edifício, pela fachada, não é dos melhores, mas tem um museu, e a sala *Portugal*, a das conferências, é digna de ser vista. Tem duas ordens de galerias, mede 49 metros por 16 e ostenta verdadeiras preciosidades, entre as quais os *padrões das descobertas* de Angra, do Cabo de Santa Maria, de S. Jorge do Congo e do Cabo Negro. As salas *Algarve, Índia,*



O grupo escultórico à entrada do Museu da Arte Contemporânea — A minha fotografia

Sagres, Restelo, Douro, Lisboa e outras são, igualmente, de certo valor. A sua biblioteca é das mais valiosas.

Há outros museus e arquivos dignos de ser vistos, aos quais não me refiro por ora, porque ainda não os pude visitar.

Na Baixa há teatros como o de S. Carlos, Politeama e Nacional, cinemas como o Tivoli, Éden, Central, Trindade, Apolo, Gil Vicente e alguns mais, cafés e restaurantes como o Lisboa, Portugal, Martinho, Brasileira, Suíço, Gelo, Restauração, Nicola, Leão de Ouro, casa de chá Aliança, restaurante Tavares, Leitaria Bijou, etc.

Género *cabaret*, o Olímpia e o Arcádia e, como especialidade de canções portuguesas e fados, o Luso, que é em arcaria e tendo ao longo da parede, por dentro, uns painéis com motivos de fados.

O ilustre Presidente da União Nacional e ex-Ministro das Colónias, Sr. Dr. Marcelo Caetano, com quem já me correspondia da Índia, deu-me a honra da sua visita e, no dia 14 de Junho, fui recebido por S. Ex.ª o Ministro das Colónias, com quem tive uma conferência, às 22 horas, de pelo menos uma hora e foi quando lhe expus o problema político e social da Índia, focando vários pontos de alta importância para Goa, Damão e Dio e ressaltando, com justiça, a obra social e governativa do Dr. José Ferreira Bossa.

No dia 15, às 14 horas, recepção a todas as delegações ultramarinas, no Paço de Belém, pelo venerando Presidente da República, que nos acolheu com a sua habitual gentileza. Tive, então, ocasião de oferecer a S. Ex.ª um opúsculo da minha autoria. Falou, antes da apresentação, o Sr. Cap. Teófilo Duarte, que, num discurso conciso e impressivo, fez a síntese de todas as delegações e o alto significado político e patriótico da presente embaixada a Roma.

E, dali, seguimos à Gare Marítima de Alcântara, onde embarcámos no *Mouzinho*, da Companhia Nacional de Navegação, destino a Roma, donde procurarei enviar a quinta crónica respeitante a tudo quanto eu veja e as cerimónias da canonização do grande Apóstolo e Missionário do Maduré, aquele excelso varão português a quem João Ameal, no seu interessante livro sobre o mártir, chama — e com muita propriedade e razão — *Herói da Fé e do Império.*

V

A BORDO DO *MOUZINHO* — DA GARE MARÍTIMA DE ALCÂNTARA A CIVITTA-VECHIA E A ROMA

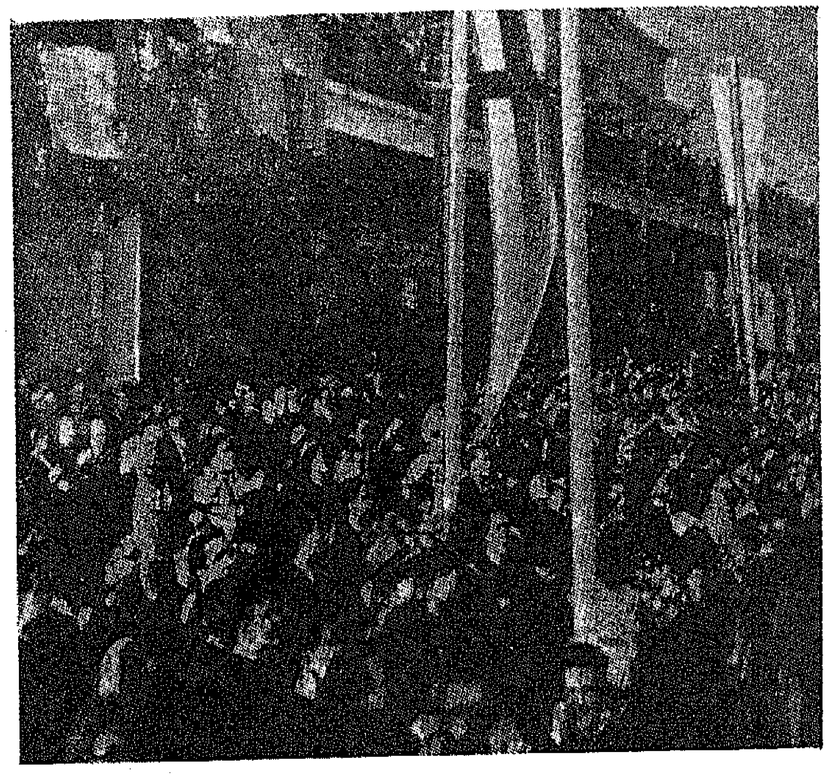
Ainda nesta crónica não tratarei das cerimónias da canonização do Beato João de Brito. Antes disso, vi e admirei tanta coisa, tantas belezas artísticas passaram por meus olhos assombrados que não posso resistir a descrevê-los, tão sumàriamente quanto me for possível.

Ao nosso embarque, em Lisboa, assistiram milhares de pessoas que se aglomeravam na Gare Marítima de Alcântara, umas que vinham despedir-se dos seus parentes e amigos, outras que queriam presenciar a saída duma embaixada tão luzida, formada por seiscentas e quarenta e sete pessoas (afora os que seguiram de automóvel, de comboio ou por avião) da metrópole e de todas as províncias ultramarinas, enviadas pelo Governo a formar a guarda de honra, no Vaticano, em volta de um português, missionário e mártir, que ia subir aos altares no dia 22 de Junho.

Às 18.30 horas do dia 15, Sua Eminência o Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa recebeu, mesmo numa das salas

da gare, todos os que lhe queriam apresentar os seus cumprimentos, depois do que embarcou no *Mouzinho*, acompanhado de todas as delegações, pois que era o chefe da peregrinação.

E o paquete da Companhia Nacional de Navegação afastou-se de Lisboa, às 20 horas, saindo desta entre os fortes do Bugio e de S. Julião da Barra, ao longo da



Na Gare Marítima de Alcântara — Partida da Embaixada portuguesa a Roma

costa com seu casario branco e vermelho, as suas colinas em anfiteatro, o Tejo calmo e murmurante, as ondas verdes como as esperanças que levávamos de cumprir bem a nossa missão: — levar à Cidade Eterna o nome de Portugal, sempre e sempre aureolado, e agora honrado com a canonização dum dos seus filhos.

A vida a bordo do *Mouzinho* decorreu plácida e algum

tanto alegre. Cada passageiro tem o seu lugar marcado, e se é certo que alguns, por uma previsão um tanto errada e pelo número avultado de pessoas, não puderam ter boa acomodação, era necessário pensar que se tratava duma peregrinação e era impossível, com um barco de perto de nove mil toneladas, satisfazer todos. No entanto é de notar que, embora houvesse três ou quatro classes, era só no papel, pois a classe era única, andando os passageiros, livremente, por todo o paquete e servindo-se duma alimentação perfeitamente igual.

Havia muitas missas todos os dias, conferências interessantes sobre João de Brito, sermões explicando os textos do Evangelho, feitos por vários sacerdotes, e houve, três vezes, procissão eucarística no *deck* superior, numa ordem admirável, clero à frente (perto de duzentos sacerdotes), depois os bispos, arcebispos e os dois cardeais (o de Lisboa e o de Lourenço Marques) e, finalmente, os seculares, senhoras e cavalheiros. Sua Eminência o Sr. Cardeal Patriarca convidava, diàrimente, à sua mesa, a fim de almoçar ou jantar, alguns passageiros sem distinção de categoria ou do lugar onde estivessem. Tinha dois oficiais às ordens, que, feita por ele a escolha, transmitiam os convites.

Após costear o sul de Portugal e passado o Cabo de Sagres, o barco foi ao longo da extensa costa de Espanha, tendo nós visto as casas alcandoradas pela encosta da Casabranca e Gibraltar. Entrámos, em seguida, no Mediterrâneo, depois de costearmos as Baleares, e, após três dias de viagem passámos entre Córsega e Sardenha, e o Estreito de Bonifácio, e fundeámos em frente de Civitta-Vechia, o porto italiano dos mais maltratados pelo bombardeamento aéreo durante a última guerra. Os aliados atacaram-no primeiro e, depois, os alemães, durante a retirada, bombardearam-no, causan-

do-lhe estragos que ainda se vêem por todos os lados: — paredes desmoronadas, colunas partidas, casas sem tecto, ferros torcidos e o cais destruído por completo.

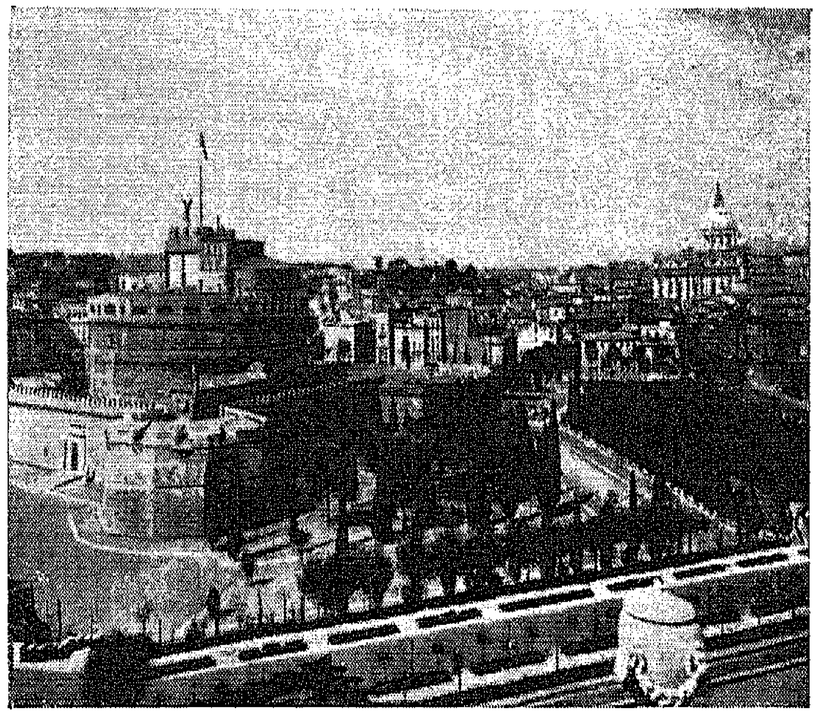
Por isso o desembarque fez-se na praia, coalhada de destroços, às 15 horas do dia 20, durando até às 18, por causa de alguma confusão que houve nesse momento, devido a não se terem preparado as coisas com antecedência. Os passageiros não sabiam de que lado desembarcariam, não havia pessoa alguma que trouxesse as bagagens dos camarotes para os *decks* e todos andavam de um lado para o outro sem alguém que os dirigisse. Afinal desembarcámos.

Na praia esperavam-nos vinte e quatro camionetas de passageiros e seis de bagagens, todas elas com os dísticos dos hotéis que nos tinham sido reservados em Roma e um número a indicá-los. A nós coube-nos o n.º 10, *Hotel Diana*, ou, melhor, *Albergo Diana*, como se diz em italiano.

E, partindo às 18 horas, lá fomos, de abalada pela estrada fora, toda asfaltada, em direcção ao nosso destino. Por toda a parte, até um certo ponto, destroços e ruínas, além de esqueletos de aviões, muros desmoronados e tectos por terra. Fábricas inteiras mostravam ao céu as suas faces escancaradas e o chão via-se coalhado de pedras e destroços: — um horror que a guerra, esse monstro — na frase do nosso Padre Vieira —, produzira e semeara por toda a parte. Atravessámos as aldeias ou vilas de Santa Marinela, Santa Aurélia e Santa Cecília, de casario branco e lavado, uma ou outra estátua e alguns arcos de pedra, e, finalmente, lá pelas 21 horas, mais ou menos, entrávamos em Roma.

Não se pode fazer ideia do que a gente sente quando se aproxima da *Cidade Eterna*, sobretudo quando se saiba da história e se tenha uma cultura mediana: —

sente-se na atmosfera um certo espírito de grandeza que comove e confrange, quase que a alma se eleva a um novo mundo pelo qual perpassam recordações do mais subido valor. É ali que dormem, envoltos em pó



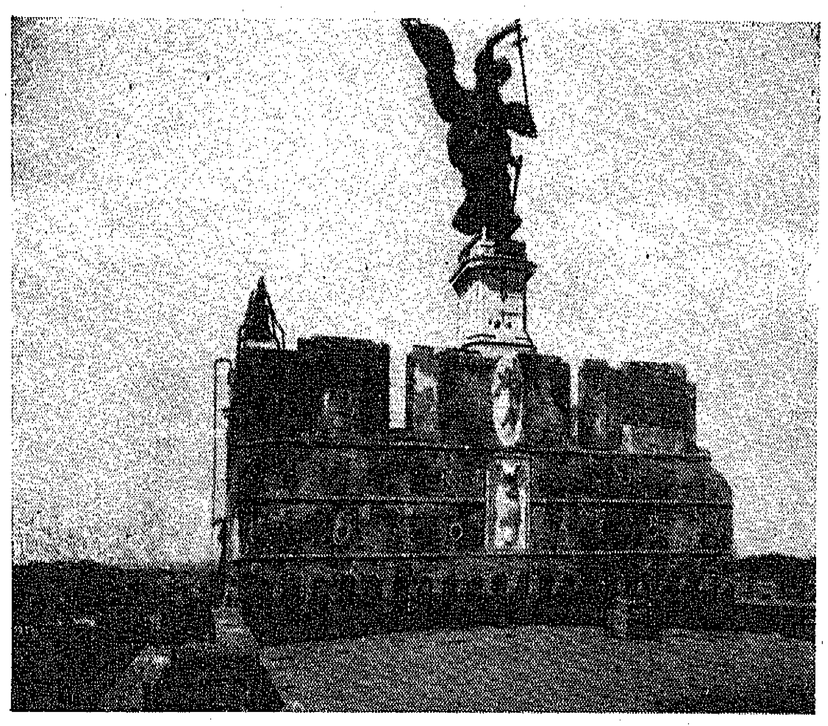
Panorama de Roma

dos séculos, Bruto e Mário, Agripina e a torpe Messalina. Foi ali que Horácio, Ovídio e Virgílio desferiram os seus carmes imortais, compondo e recitando versos de beleza sem par.

Roma é eterna pela sua formosura arquitectónica, pelas várias civilizações que ali tiveram o seu cetro, pelos quinze séculos de poderio e de declinação e, finalmente, por ser, agora, o centro da realeza religiosa, a morada dos Papas e o fulcro de toda a luz espiritual que se irradia pelo mundo em raios de fé e de amor.

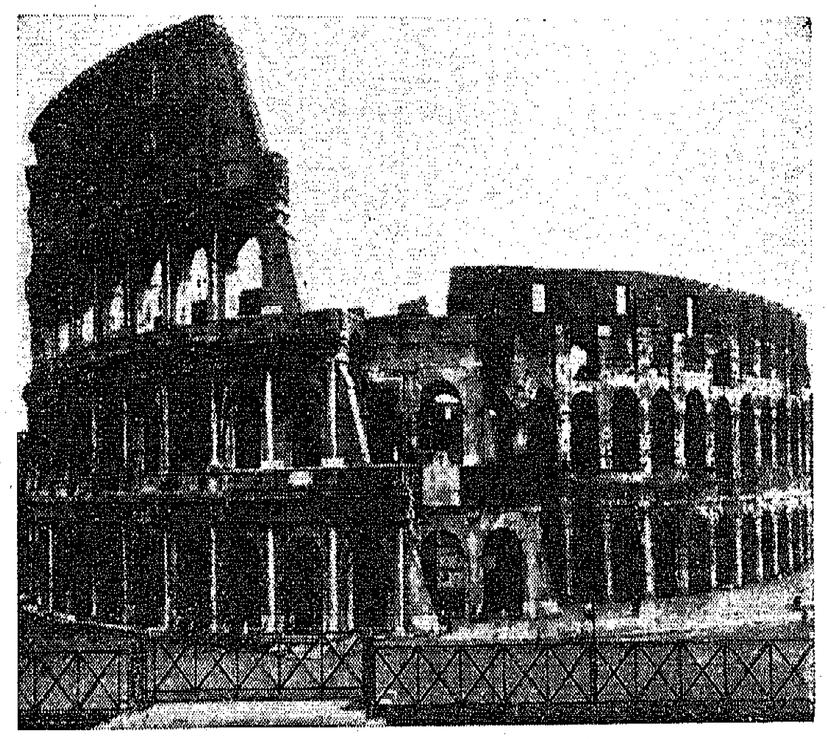
Foi, indubitàvelmente, empório da arte e foi ali que

surgiram Miguel Ângelo, Bernini, Rafael e outros artistas geniais, restaurando as belezas clássicas e as formas harmónicas do velho mundo. Passaram por ela as legiões armadas do universo inteiro, foi derrubada e erguida algumas vezes, os seus palácios foram postos a saque, os seus mármores despedaçados, os templos incendiados, e, no entanto, uma coisa sublime ela conservou através de todas as vicissitudes e de todas as idades: — a realeza espiritual, o domínio anímico do cristianismo, ou, melhor, do catolicismo sobre quase todo o mundo. Existe, ali, a mole avermelhada e quase bruta do Castelo de Santo Ângelo, túmulo grandioso do Imperador Adriano, o Panteão austero e sombrio, o Forum em ruínas, o palácio dos Césares no alto de um monte, o Coliseu formidável e imenso e tantas e tantas antiguidades artísticas, monumentos soberbos que bordam a Via Appia da velha Roma.

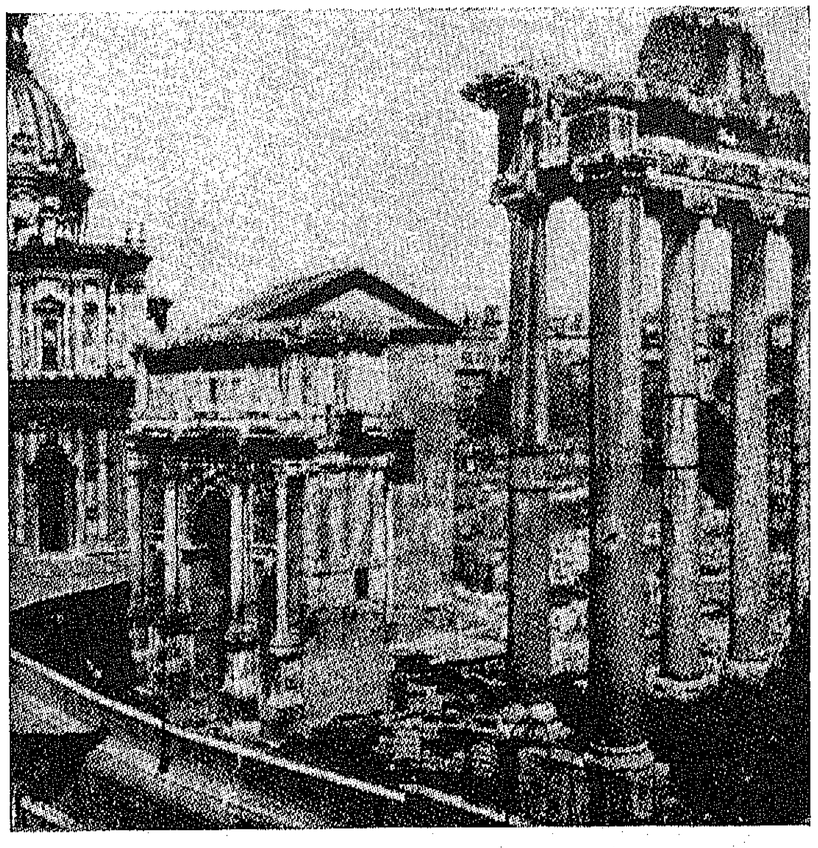


Castelo de Santo Ângelo

O Panteão



O Coliseu



O Forum Romano

A capital do mundo católico é a única cidade que reune dentro das suas muralhas milenárias os testemunhos inolvidáveis duma civilização que imperou por longos séculos. Sede imortal do Vigário de Cristo e centro duma nação que progrediu e caiu lamentàvelmente, para tornar a progredir e cair, é para ela que se volta o olhar de todos os povos e o anseio de toda a humanidade, quando em desgraça ou em guerra.

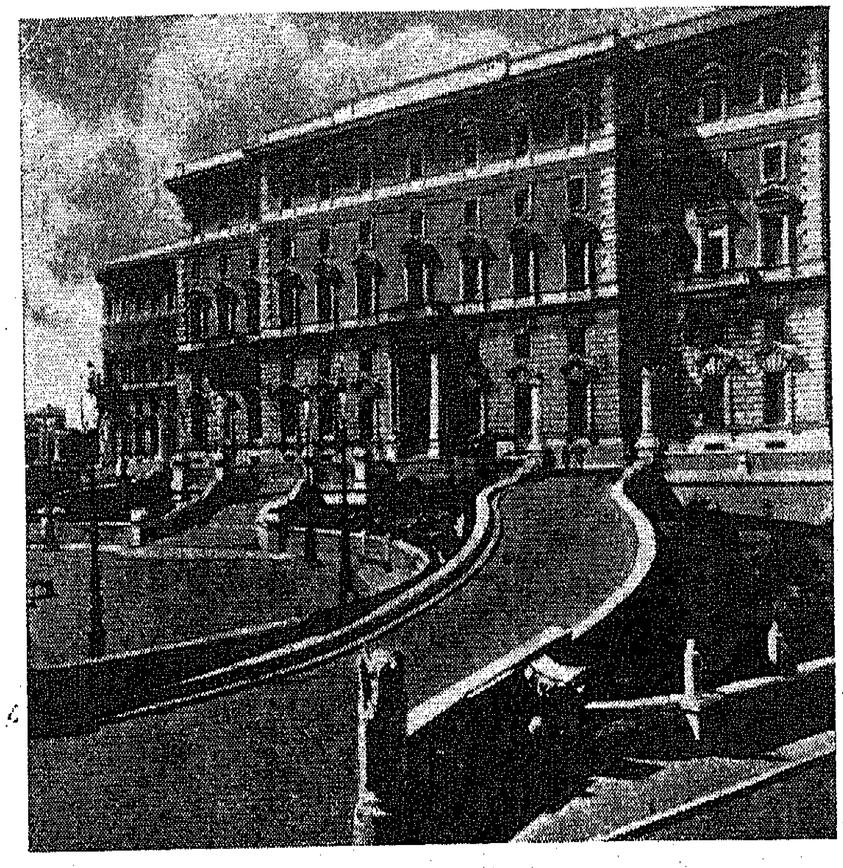
Há, ali, antiguidades romanas que atestam a prodigiosa civilização de um povo que realizou o sonho de um império universal, esplendores soberbos da Igreja católica Romana, que se tornou no domínio espiritual a sucessora da universidade de Roma : — são estas as razões que fazem afluir a essa Urbe imensa gente de todas as línguas e de todas as raças.

Praça de Veneza — Palácio Venezia

Passear por essa cidade é sonhar beleza e arte, é recordar, com a mente orvalhada e o espírito em oração, todo um passado de luz e de esplendor, todo um presente de harmonia e de encanto. Roma é, realmente, a Cidade Eterna : — num só passeio, de automóvel, podem-se percorrer as ruinas do Palatino, do Forum, das Termas de Caracola, dos tamplos do Panteão, dos Mausoléus e das Catacumbas, passando ràpidamente para as esplendorosas praças de Veneza, de Espanha e de Viminal, a primeira dominada pelo grandioso Monumento a Vítor Manuel II, símbolo da unificação italiana, realizada por Garibaldi, a sua valente companheira Anita e os seus bravos camaradas. Há uma residência histórica, nessa Praça — Palácio Venezia —, de um dos balcões da qual Mussolini falava, procurando criar, num

povo de artistas, o sentimento bélico de uma raça de guerreiros, no que falhou ruidosamente.

Encontra-se em Roma a imensa Praça de S. Pedro com a colunata quádrupla de Bernini, em frente do

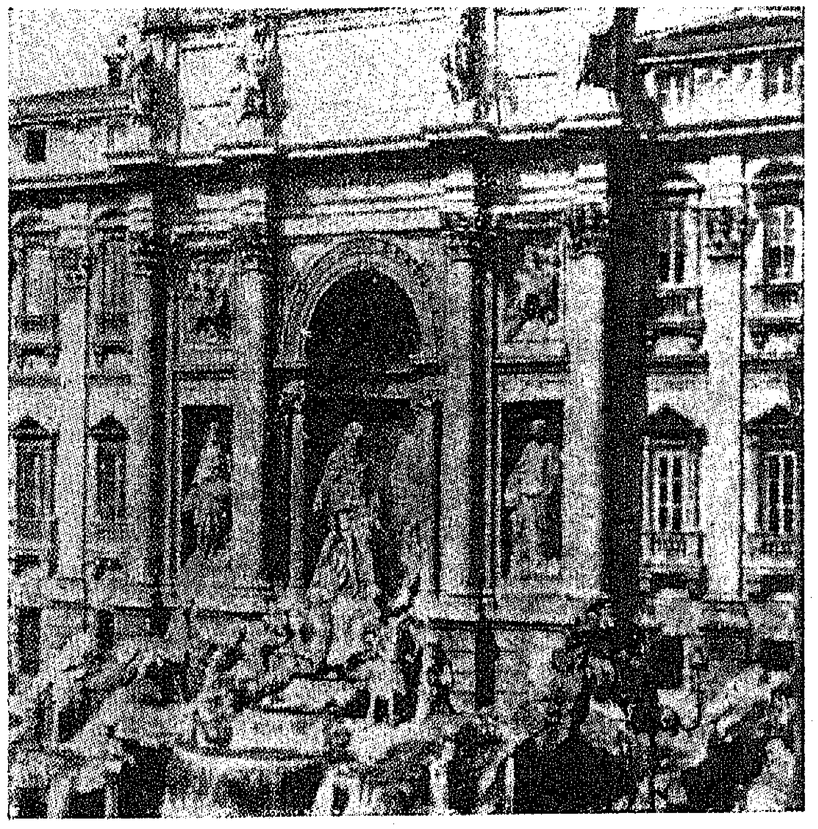


Palácio de Viminal

maior monumento da cristandade, e, pouco depois, passamos pelas velhas ruas da Cidade dos Papas, entre palácios e torres medievais, pelas sumptuosas residências cardinalícias, que conservam, nas fachadas, o selo prodigioso da Renascença, pelas esplêndidas construções de pesada arquitectura, pelas fontes-chafarizes que datam de todas as épocas, desde as mais modestas à grandiosa e deslumbrante *fontana* de Trevi.

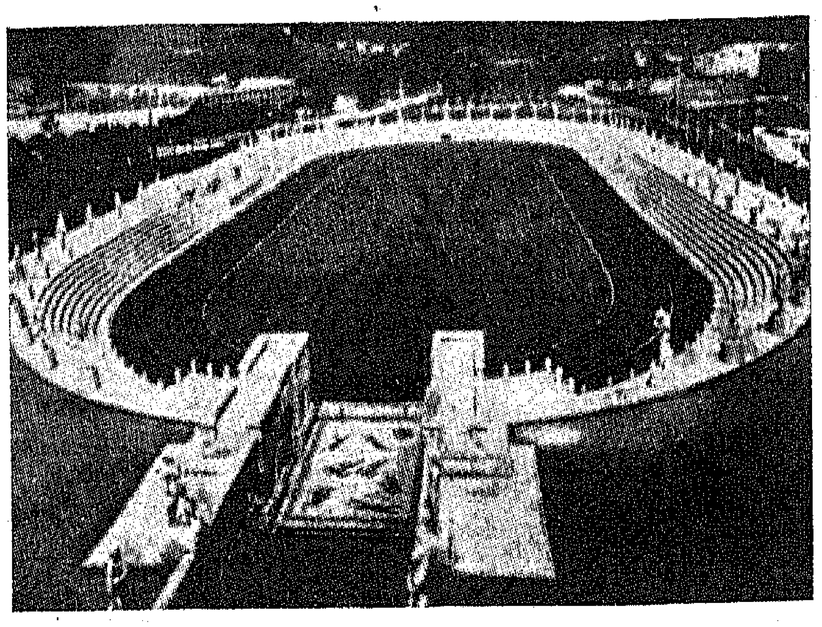
Mas não são sòmente as antiguidades clássicas e a

Praca de S. Pedro — Basílica



A fonte de Trevi

Roma dos Papas que nos atraem. É forçoso confessar que Mussolini criou, na cidade, bairros moderníssimos, e prolongou-a para além das suas velhas muralhas, em zonas ocupadas antigamente por campinas e hortas e que, hoje, ostentam novos bairros com formosas avenidas, amplos passeios e grandiosos edifícios públicos, entre os quais o mais imponente e majestoso é o *Estádio* que tem o nome do grande italiano e que pode albergar o mínimo de cem mil pessoas.



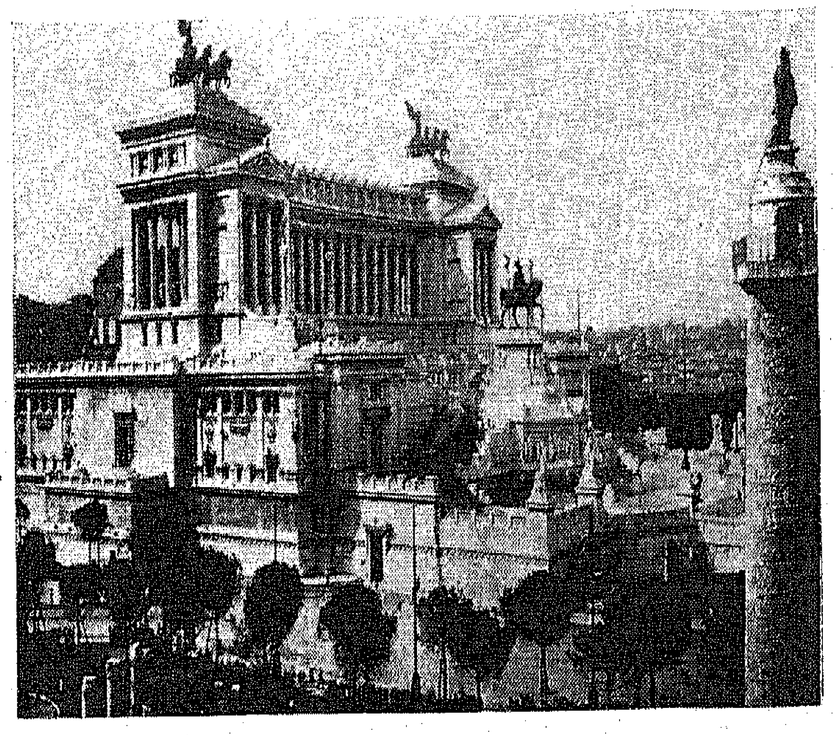
O Estádio de Mussolini

Disseram-nos que os arredores de Roma são verdadeiramente dignos da beleza e da majestade da capital. Em pouco tempo, subindo-se a um dos altos que dominam a cidade, vêem-se, de um cimo de quase mil metros, os *Castilhos Romanos* com as suas célebres vilas, suas paisagens e seus panoramas, que gozam de universal renome. E se formos um pouco mais longe encontraremos, ao norte, uma das mais sugestivas vilas medievais, Viterbo, e, ao sul, uma formidável obra de saneamento agrícola: — o *Agro Pontino.*

Tudo isto iluminado pelo esplendoroso luar mediterrâneo que, nessa noite de 20 de Julho, pairava sobre a cidade enchendo duma luz sombria e fascinante todos os seus encantos.

E assim, vendo e sonhando, observando e recordando a história, através de ruas largas, praças bonitas e fontes com estátuas de maravilha, passámos pelo esplendoroso *Monumento a Vítor Manuel II*, pelo edifício da *Real Ópera Italiana*, pelo *Grande Palácio de Viminal*, onde está actualmene instalado o Ministério do Interior, e entrámos na *Rua do Príncipe Amadeu — Albergo Diana*, no qual nos instalámos e que é um dos melhores hotéis de Roma.

Para outra vez procuraremos descrever mais detalhadamente os diversos monumentos, palácios, edifícios e ruínas, bem como o Vaticano com os seus museus, a Igreja de S. Pedro, o Castelo de St.º Ângelo, a Capela Sixtina e outras preciosidades que embelezam a Cidade Eterna, pois que, hoje, só nos limitamos a dizer o que vimos ao entrar em Roma e aquilo que a recordação nos trouxe à mente extasiada e contemplativa.



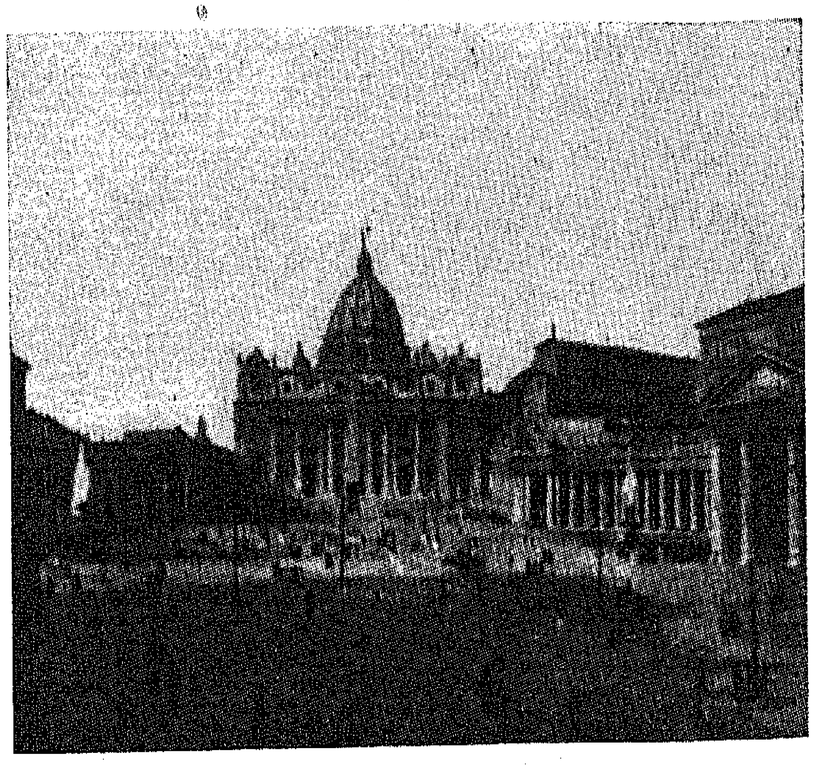
Monumento a Vítor Manuel II

VI

A CIDADE ETERNA — A PRAÇA DE S. PEDRO E A BASÍLICA

Comecemos pela Praça de S. Pedro, que é o primeiro local para onde nos dirigimos na manhã de 21 de Junho. Esta Praça é semi-circular, bem como a de Rusticneci, que está em frente, e as duas cercadas por umas colunatas grandes que o génio de Bernini criou, de forma que, sendo elas quatro a quatro numa linha meio curva, só parece ser uma dum certo ponto da Praça, sendo a ilusão das mais perfeitas. As colunatas são cobertas e, na balaustrada em volta, acham-se cento e dez grandes estátuas de santos e fundadores de várias ordens religiosas.

No centro da Praça ergue-se um obelisco, de mármore branco, tendo no topo uma cruz fina que se recorta nos ares, obelisco que o Imperador Calígula trouxe do Egipto e colocou no Circo de Nero, então existindo por trás do Vaticano. Mais tarde este obelisco foi colocado na Praça de S. Pedro sobre um grande pedestal e tendo uma cercadura de ferro. Foi o Papa Sixto V quem orde-

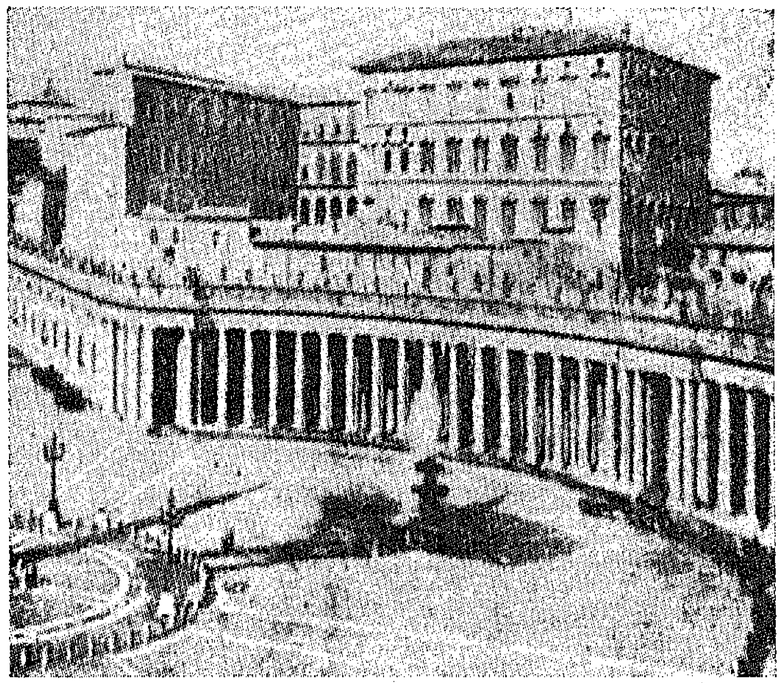


Basílica de S. Pedro, com a colunata de Bernini

nou o transporte, que foi difícil, porque o obelisco era constituído por uma só peça e havia receio de o partir. É o sinal do triunfo da Fé sobre a Razão, e a cruz contém, segundo se diz, um pedaço do verdadeiro lenho em que Cristo foi crucificado. No pedestal há inscrições logrificando o Senhor. Para além das colunatas, à direita, está a residência do Santo Padre — o Palácio do Vaticano, onde ele dá audiências e tem a livraria no segundo andar, vivendo no terceiro.

Entra-se pela *Porta de Bronze* e uma guarda suíça ali se acha postada. De cada lado do obelisco, duas fontes-chafarizes de bronze que repuxam água sem cessar. Ao fundo, a larga escadaria que vai ter à *Basílica de S. Pedro* e, de cada lado desta, grandes estátuas de S. Pedro e de S. Paulo. A Basílica tem uma fachada das mais lindas e, no alto, Jesus, em mármore, abençoa

a cidade de Roma, com a cruz nos braços e tendo ao lado as estátuas dos Apóstolos (excepto S. Pedro, a quem a Igreja é dedicada) e de S. João Baptista.

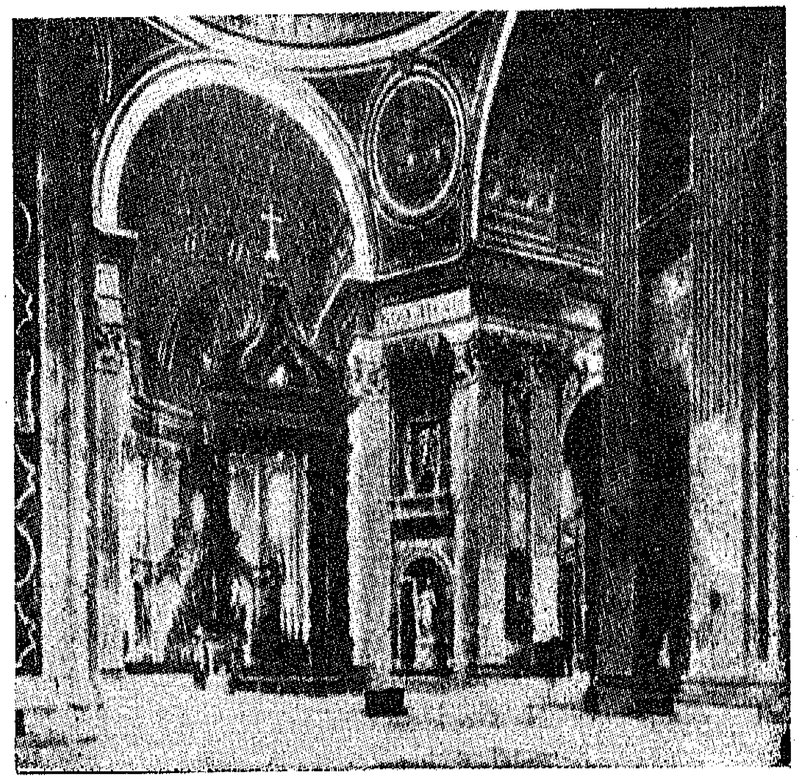


Palácio do Vaticano — Residência dos Papas

Mais tarde foram colocados, nos extremos da fachada, dois grandes relógios e, à esquerda, sobre um deles, vê-se o enorme sino, que tem um diâmetro de perto de 25 metros. Na fachada há um balcão onde, às vezes, aparece à multidão, reunida na Praça, o Santo Padre, que a abençoa e lhe fala, tendo Pio XII feito isto com frequência. Entra-se na Basílica e fica-se assombrado. As três naves, uma muito larga, no centro, e duas estreitas vão até ao fundo com muitos nichos — tendo cada nicho uma estátua —, muitas capelas, qual delas mais linda, colunatas bem rendilhadas e tecto todo cheio de frescos e de altos-relevos de Rafael e de Miguel Ângelo.

É um deslumbramento completo e o espírito fica em êxtase perante esta maravilha de cores e de formas harmónicas. No centro, lá ao fundo, o túmulo do primeiro Papa, Pedro, numa cave ou cripta com escadas e uma balaustrada com lampadários de ouro em volta e, em cada um destes, uma lamparina de óleo, acesa permanentemente.

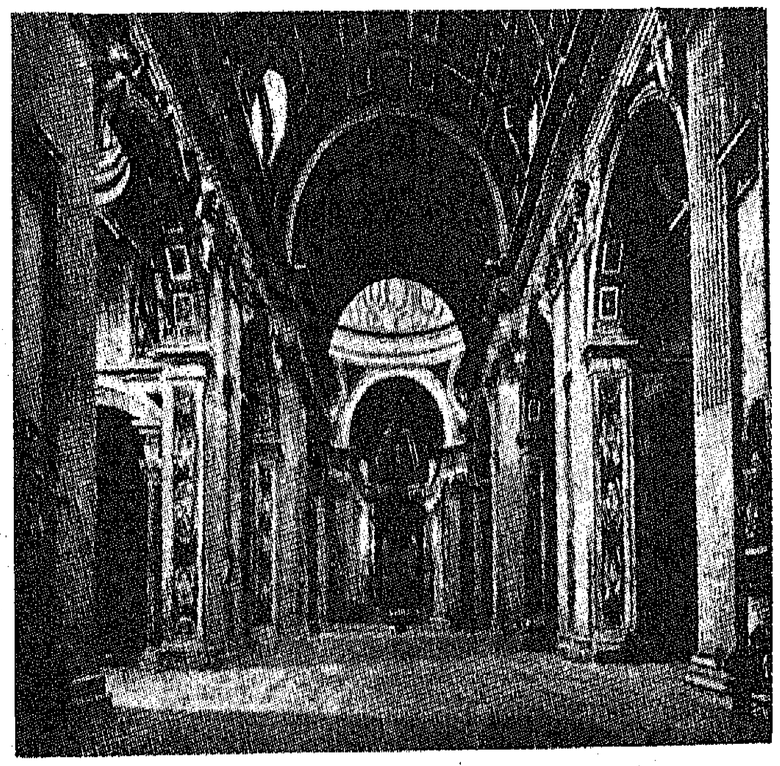
A Basílica tem cinco portas de entrada e podem lá caber cem mil pessoas. Todas as naves, todos os nichos, todas as paredes contêm altos-relevos e mosaicos duma contextura perfeita que se devem ao génio dos maiores artistas da Renascença, como Miguel Ângelo, Bernini, Pietro de Cortona e o admirável Giotto com o seu formoso mosaico representando S. Pedro a caminhar para o Divino Mestre sobre as ondas encapeladas. Em toda a Basílica, por dentro, só há uma pintura de Cortona



Nova catedral com o altar papal

na capela lateral do Santíssimo Sacramento. O resto tudo é mosaico, feito com a junção de pequeninos pedaços de mármore, pedrinhas coloridas e vidro opaco, fazendo um efeito dos mais deslumbrantes e constituindo a factura desse mosaico uma arte das mais difíceis.

A cúpula da Basílica foi delineada e executada por Miguel Ângelo, embora mais tarde lamentàvelmente modificada, e ainda, por cima da cúpula, Bernini construiu um lanternim, obra-prima de ourivesaria, tendo ao alto uma cruz linda e esguia. Em volta, sobre cada capela, há também uma cúpula menor e do mesmo feitio. O túmulo de S. Pedro chama-se *Confissão* e cre-

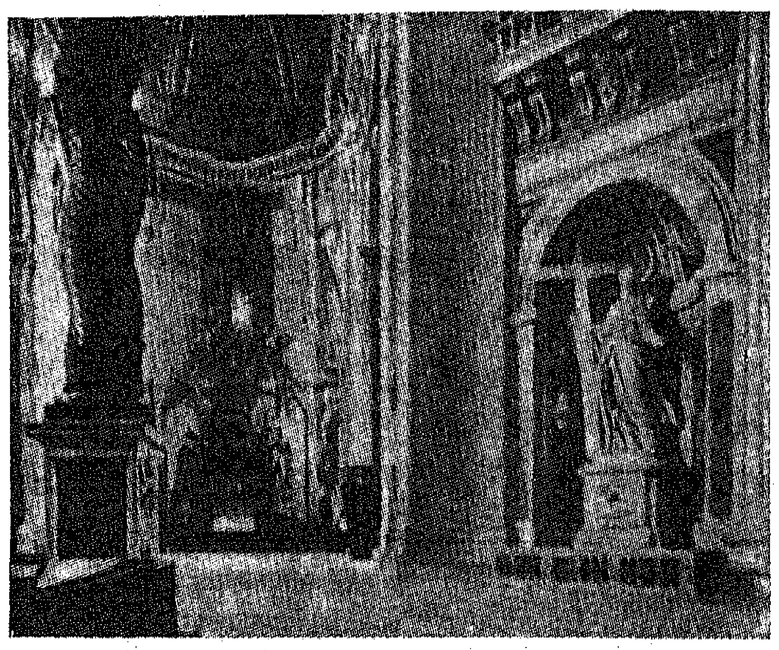


Interior da Basílica de S. Pedro

mos que dão beleza superior a esse sepulcro, onde lâmpadas votivas em pilares de ouro ardem dia e noite.

Na cave, a estátua de Pio VI reza, de joelhos, em

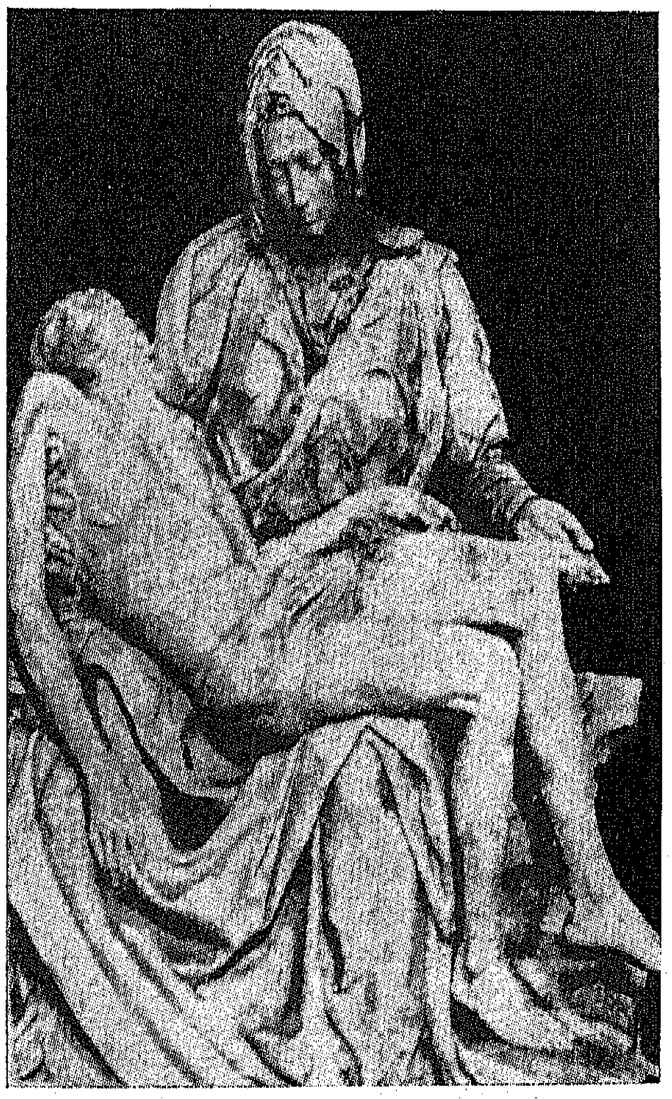
frente do túmulo. Há ali duas pequenas imagens de S. Pedro e S. Paulo, feitas dum alabastro muito transparente e que constituem verdadeiros sonhos de arte e de beleza. Sobre o túmulo, um nicho de mármore contendo um cofre de ouro maciço com as insígnias do Papado. Ainda sobre o úmulo de S. Pedro vê-se o altar do Papa, que é um único bloco de mármore onde só ele, ou alguém indicado por ele, pode celebrar a sagrada missa. Depois aparece-nos o baldaquino — obra do escultor-arquitecto Bernini e que é um prodígio de arte, com as suas colunas de bronze retorcido e dourado, o seu capitel e o seu pálio de brocado e damasco.



Altar papal, com o Baldaquino de Bernini

Num dos lados está a grande estátua de S. Pedro, de bronze, vestido de brocado e com a tiara, e, logo ali, o génio de Miguel Ângelo idealizou e esculpiu o soberbo e célebre grupo «*Piedade*», em que a Virgem tem ao colo o seu Jesus agonizante e que fica numa capela

lateral, também chamada da Piedade. É o único grupo que traz o nome de *Miguel Ângelo Buonarroti Florentino, autor*, gravado no manto de Nossa Senhora. Além desta capela da Piedade há a das Relíquias com os altares de S. José e S. Nicolau e, em frente, o Monumento à Cristina da Suécia, filha de Gustavo Adolfo; a capela de S. Sebastião, com um mosaico de Dominichino e, em frente, o Monumento a Inocêncio XII, de Pignatelli; e assim, várias capelas mais, como a do Santíssimo Sacramento, Capela de S. Gregório, Capela de S. Venceslau e muitos



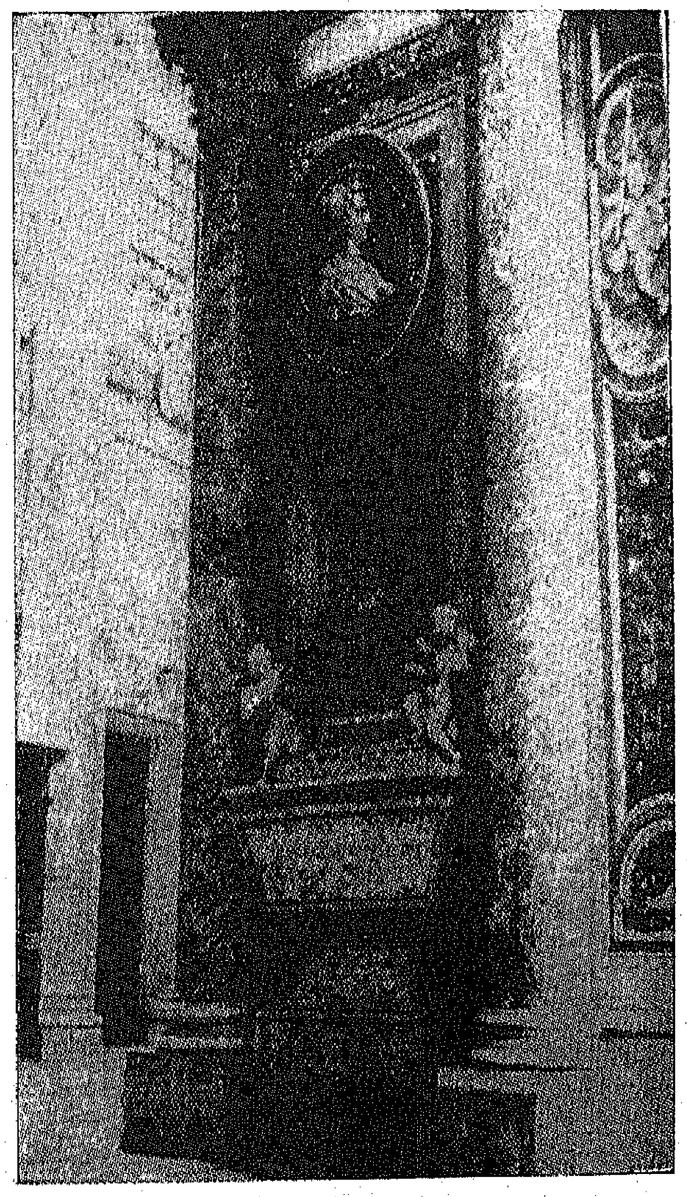
A Piedade, de Miguel Ângelo

Moisés, de Miguel Ângelo

monumentos como o de Benedito XV, o de Gregório XIII, enfim, de quase todos os Papas da cristandade, entre os quais a imaginação se perde e a cabeça fica estonteada.

Para descrever a preceito esta sumptuosidade religiosa e histórica, toda feita de arte e de encanto, seria preciso longo tempo de estudo e de observação. Há, também, um coro com uma capela lindíssima e um órgão que é dos maiores do mundo.

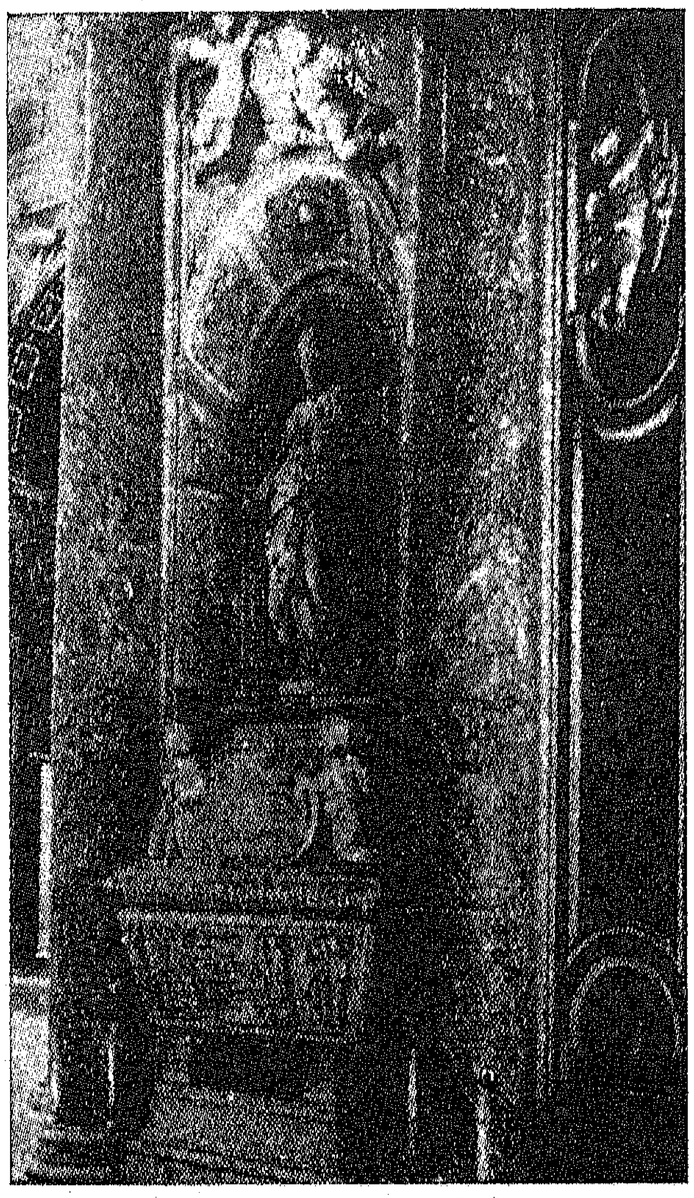
Dando a volta à Basílica chega-se ao *Baptistério*, que é uma larga bacia de pórfiro e que dizem ter sido a cobertura côncava da sepultura dum imperador romano e que, mais tarde, cobriu o nicho onde estava o Papa Adriano no Castelo de St.º Ângelo. Neste baptistério há o privilégio de serem baptizadas todas as crianças romanas e o mosaico, em cima, representa o baptismo de Cristo no Jordão e o Espírito Santo descendo n'Ele



Monumento a Cristina, da Suécia

em forma de pomba. Na cúpula do baptistério vêem-se as figuras, em mármore, da Europa, Ásia, África e América, cujos habitantes a Igreja espera trazê-los à fé cristã e à salvação pelo baptismo.

Já ao sair, ainda vemos a gigantesca *Pia de Água Benta* com dois enormes anjos a segurá-la e esqueceu-nos dizer que, ao fundo, perto do altar-mor, está, em toda a sua grandeza, a cadeira imortal de S. Pedro,



Monumento a Matilde, da Toscana

tendo por cima um Espírito Santo luminoso, e onde os Papas se sentam nas grandes cerimónias.

Num pilar de mármore corado está o grande *Monumento aos Stuarts,* a que o génio artístico de Canova emprestou o maior realce : anjos em volta são as figuras de James III e os seus dois filhos, Carlos Eduardo e Henrique, todos sepultados numa das criptas do Vaticano ao pé do túmulo de Pio X.

Vamos, agora, à sacristia e à Sala do Tesouro, ambas bem dignas de se verem. Mesmo à entrada da sacristia fica o Monumento a Pio VIII e no corredor em frente uma grande estátua de Santo André, além de outros inúmeros bustos e estátuas de cardeais e papas, vendo-se até os dois mais recentes e célebres Rampolla e Merry Del Val. À esquerda, o corredor leva-nos à Sala do Tesouro, por trás dumas portas de cristal duma beleza inaudita, contendo uma enorme arca de bronze, 8 colunas trazidas da Vila Adriana, em Tivoli (que eu visitei), e representando o mosaico do altar o enterro de Cristo, por Caravaggio. Ainda à esquerda fica a *Sacristia dos Cânones* com um busto de S. Pedro, bronze, numa coluna lindíssima de alabastro egípcio. Na capela anexa vê-se «*S. Pedro liberto da prisão*», por Cavalluci, e, no altar, um crucifixo de cristal-rocha e dois frescos de Nossa Senhora do Socorro e dos Santos Pedro e Paulo, de um dos melhores discípulos de Rafael, Francisco Penni.

Por toda a parte, frescos, mosaicos, estátuas e bustos, numa orgia de mármore e de esplendor. À direita vai-se à *Sacristia dos beneficiados,* com um busto de S. Paulo numa coluna de alabastro. Na capela, por cima da porta, o *Domine quo vadis?* de Cavalluci, e, sobre o altar, Maziano pintou o famoso quadro *Cristo dando as chaves a S. Pedro,* tendo, mesmo em frente, o não menos famoso *Tabernáculo,* de Doniatello, e uma estátua

maravilhosa de Nossa Senhora, a *Madona das febres*, que se atribui ao cinzel de Lippo Memmi, o discípulo amado de Miguel Ângelo.

No tesouro de S. Pedro guardam-se preciosos crucifixos e cruzes, amostras soberbas de platina, âmbar, ónix e cristal, o ouro japonês engastado de pedras preciosas, candelabros, de ouro e esmalte, feitos por Miguel Ângelo, a tiara de S. Pedro, o códice de S. Jorge com lindas iluminuras de Giotto e valiosos missais do século XVII, além de outras relíquias que seria impossível enumerar.

À entrada desta sala admira-se o busto do Duque de Iorque, por Canova, e existe ali um lindo cálice de ouro trabalhado e oferta da rainha ao seu filho Henrique, quando da sua ordenação, além de uma imagem sérvia de S. Pedro e S. Paulo, trazida a Roma no século XVIII. As relíquias sagradas e preciosas são conservadas numa urna de ouro com portas de cristal: — dois espinhos da Coroa do Senhor e fragmentos da Cruz do Mártir de Gólgota. Muitas perderam-se durante as guerras napoleónicas e quando do saque a Roma, em 1527.

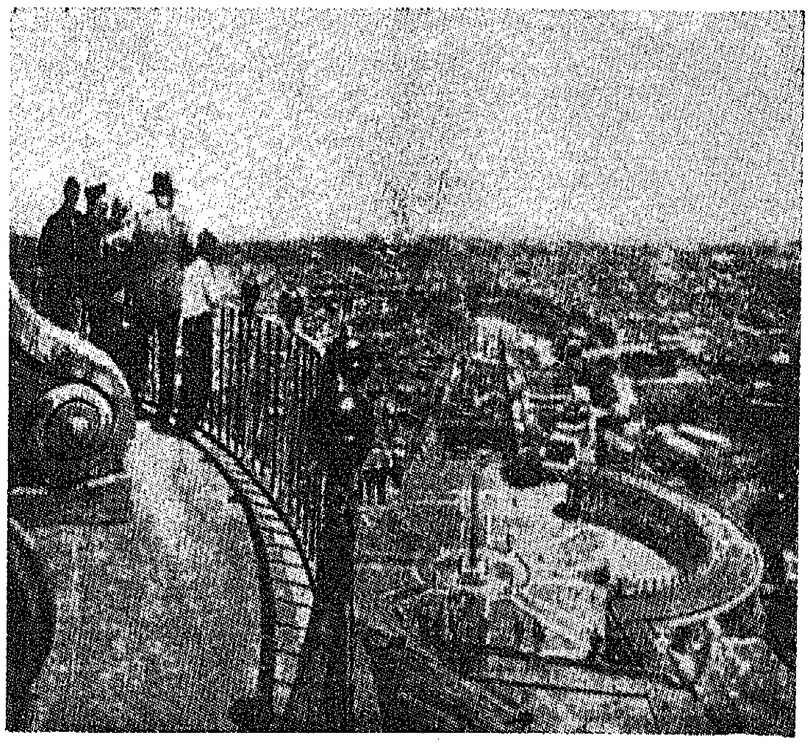
Além de tudo o que acabei de descrever muito sumàriamente, existem ali preciosos documentos históricos e de altíssimo valor: — o Códice de Santo Hilário (século VI), a Bula original do Concílio de Florença durante a união da Igreja Oriental a Roma, assinada pelo Papa Eugénio IV e por um imperador de Constantinopla, bem como a *Profissão de Fé* da Rainha Cristina, da Suécia, e outros não menos importantes e de alta valia.

Não pude entrar e percorrer a cripta de S. Pedro, que contém preciosidades raríssimas, por ser vedado fazê-lo a não ser com uma licença especial e raras vezes concedida, mas subi, por uma estreita escada em espiral e passando por três galerias cheias de maravilhosas obras

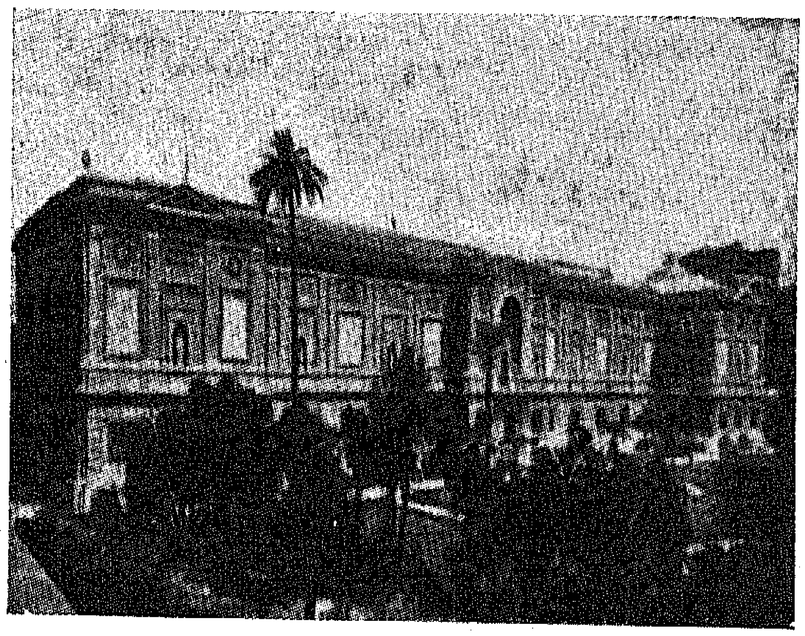
de arte, ao alto da cúpula de Miguel Ângelo, donde se contempla em panorama inesquecível: — embaixo, a Praça de S. Pedro e o Palácio do Vaticano, à esquerda o Castelo de St.º Ângelo, o majestoso Palácio da Justiça, o *Pincio*, a *Vila Borghese*, em frente o *Panteon*, o *Quirinal*, o Monumento a Vítor Manuel II, e, à direita, o Coliseu, as enormes estátuas da fachada da Igreja de S. João, o Colégio da Propaganda e o Monumento a Garibaldi, etc.

Dos outros lados da cúpula, a vista estende-se, também, por palácios e edifícios grandiosos que se torna impossível citar. Ainda, mais em frente, a larga *Estrada da Conciliação* leva-nos ao Tibre, que divide Roma em duas partes e é atravessada por pontes, entre as quais se destacam a Ponte de St.º Ângelo, que vai ao castelo deste nome, e a Ponte de Vítor Manuel, que nos conduz ao Vaticano, ambas ladeadas por um gradeamento sobre o qual se ostentam grandes estátuas de pedra branca.

E, do alto da cúpula, com o rio Tibre a murmurar muito abaixo dos nossos pés, abrangemos, num golpe de vista, a linda cidade dos palácios, das igrejas, das estátuas em ruínas históricas e das fontes maravilhosas — Roma, a Eterna, a Imortal!



Roma, do alto da cúpula de S. Pedro



O edifício das galerias de pintura

VII

O VATICANO — MUSEU E LIVRARIA
APOSENTOS DOS BORGIAS
A *LOGGIA* DE RAFAEL — A CAPELA SIXTINA

Continuando a nossa digressão artística, vamos admirar o Museu do Vaticano com as suas esplendorosas galerias, os aposentos dos Borgias, a estância de Rafael e a Capela Sixtina, onde os Papas vão rezar antes de iniciarem qualquer cerimónia na Basílica de S. Pedro, como se fez antes do acto da canonização de João de Brito, o que foi anunciado pelo microfone.

Para ali chegar temos de ir primeiro à Praça de S. Pedro, atravessar as colunatas de Bernini e caminhar ao longo da muralha do Vaticano pelo menos por um quilómetro. Estamos em frente da porta do Museu, para onde entramos pagando quarenta liras, como, de resto, se paga para entrar em todos os sítios históricos de Roma. Esta porta não deixa de ser estreita, mas tem no alto as armas do Papado seguras pelas estátuas de S. Pedro e de S. Paulo. Lá dentro existem muitas colec-

ções riquíssimas que o tornam um dos maiores e melhores museus do Mundo, pelos *frescos* dos Mestres da Renascença que adornam as suas paredes, pelas esculturas primorosas que guarnecem as suas galerias, pelas famosas obras de arte que o enchem, dádivas dos maiores soberanos do Universo ao Papado.

Temos, em primeiro lugar, a *Pinacoteca* (em grego *Pinaco* é pintura e *teca* colecção) ou galeria de pinturas, constituída por quinze salas e que contêm os quadros dos mestres de todas as épocas.

Na primeira sala estão os quadros da escola bisantina dos séculos XVII e XVIII: — a *Madonna e o seu Jesús*, por Vitale de Bolagna; *Francisco de Assis*, por Pizano; painéis russos e gregos e muitos outros de inestimável valor. Na segunda, um grande *triptico* de Giotto, pintado por ambos os lados, sendo o *Cristo entronizado* de um lado, além do *Martírio de S. Paulo* e o *Sofrimento de S. Pedro*, e, do outro, *S. Pedro* sentado, *S. James*, *S. Paulo*, *S. Marcos* e *S. João*. Além deste, há a *Paixão de Cristo*, a *Madonna* e mais alguns. Na terceira sala temos o *Coração de Maria*, por Filipo Lippi, e os *Milagres de S. Nicolau*, de Bari, entre os mais importantes. Na quarta estão os *frescos* de Melozzo da Forli mostrando anjos a tocar e cabeças de apóstolos que parecem estar a ver-nos: *Jesus suportando o peso da Cruz*, a *Anunciação*, a *Sacra Família*, por Marco Palmezzano, e, na parede ostenta-se uma tapeçaria representando o *Credo*, que foi oferecida ao Papa Leão XIII pela rainha Cristina da Espanha. Na quinta sala admiram-se as pinturas de Bellini e de Van Der Weiden e, na sexta, o lindíssimo quadro *Pietá*, de Crivelli. A sétima sala é, quase toda, de Perugino, que foi mestre de Rafael.

Na mesma sala domina o inconfundível Leonardo da Vinci, com a *Ceia de Cristo* e o seu *S. Jerónimo*, cheio

de tristeza e de amargura. A décima sala é de Ticiano com vários quadros e, entre estes, a *Madonna com o seu filho e alguns santos*, obra-prima do grande Mestre. Na

Madonna de Foligno

undécima sala pinturas esplêndidas de Vasari, Muziano e Barocci. A duodécima é octogonal e contém obras maravilhosas de Caravaggio e Domeniquino e, no lugar

de honra, a sua tela famosa, *Comunhão de S. Jerónimo.* Na décima terceira, outros quadros de espiritual beleza e, na décima quarta, ostentam-se os mestres holandeses

Transfiguração de Cristo

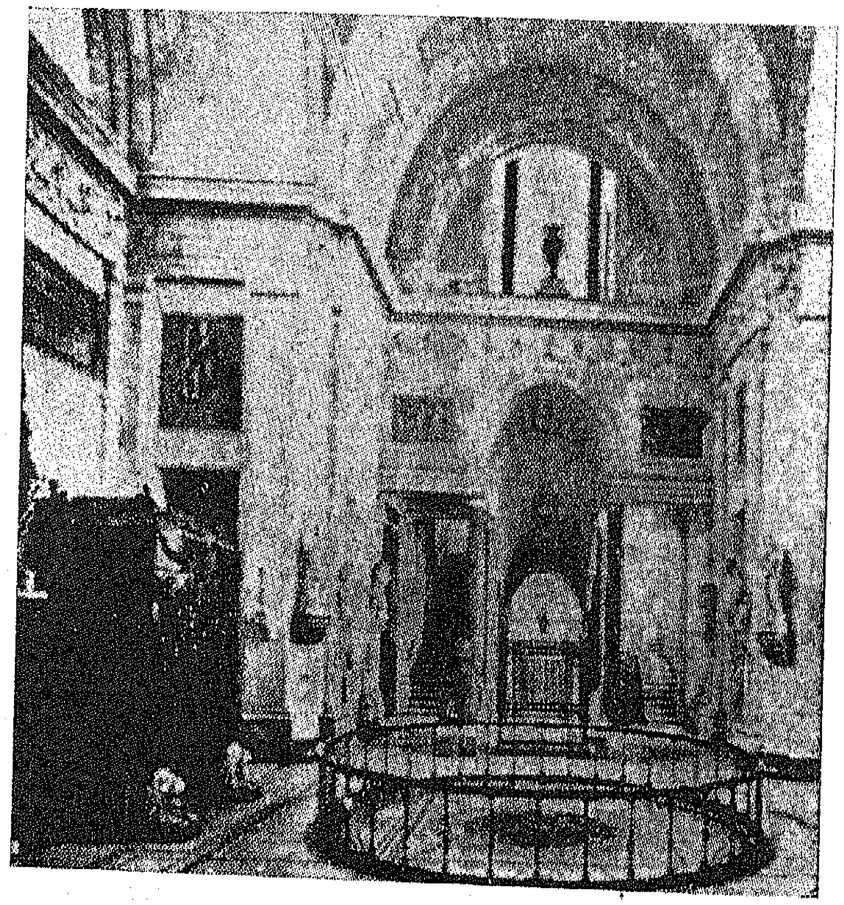
com as suas lindas pinturas de flores e de motivos de caça.

No fim da grande galeria está a oitava sala, que é

A última Comunhão de S. Jerónimo, por Domeniquino

grande e toda dedicada a Rafael Sanzio com o seu *S. Paulo na prisão*, a *Conversão de S. Paulo*, o *Apedrejamento de St.º Estêvão*, o *Primeiro Milagre de S. Pedro*, a *Morte de Ananias* e outras pinturas de inigualável beleza e perfeição técnica. Há que admirar a *Coroação da Virgem*, a *Madonna de Foligno* e a *Transfiguração*, que é a obra-prima de Rafael e que representa duas cenas do Novo Testamento: — a *Transfiguração do Redentor no Monte Tabor* e, em baixo, a *Profundidade da Miséria Humana*, enquanto que, ao longe, os apóstolos apontam Cristo como o único capaz de minorar a dor e o sofrimento.

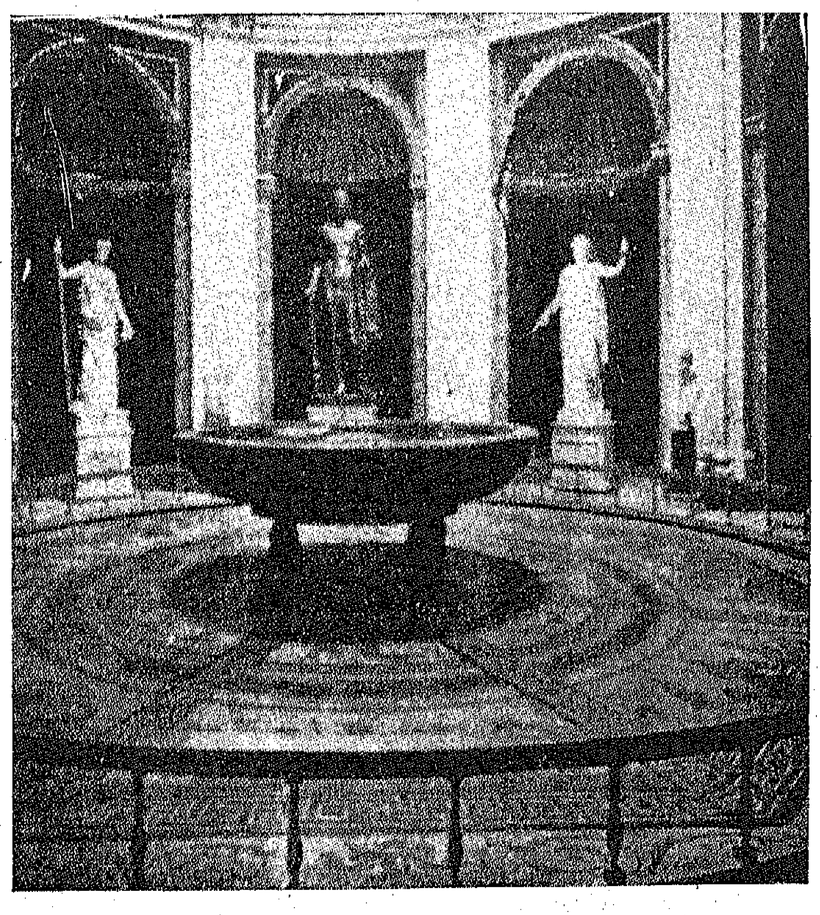
A última sala é a décima quinta com alguns retratos de alto interesse histórico: — *Jorge IV*, por Tomas Lawrence, *Clemente VIII*, *Benedito XIV* e outras individualidades célebres e de renome mundial.



Sala em Cruz Grega

À esquerda temos a *Sala em Cruz Grega*, que tem mesmo esta forma. Estão, aqui, dois sarcófagos de pórfiro e, logo depois, a *Sala Redonda*, onde se encontra o *Pai dos deuses* numa pintura riquíssima. Entra-se, em seguida, na *Sala das Musas*, que contém as estátuas das nove musas do Parnaso: — *Melpomene*, da tragédia; *Talia*, da comédia; *Caliope*, da poesia épica; *Urania*, da astronomia; *Polimnia*, da poesia lírica; *Eroto*, da poesia erótica; *Terpsicore*, da dança; *Clio*, da História, e *Euterpe*, da música, além das lindas estátuas de gregos famosos, como Sócrates, Platão, Alcibíades e outros.

Vamos, em seguida, à *Sala dos Animais*, contendo



Sala Redonda

animais de toda a espécie em mármore branco e colorido. Ali se admira o formoso grupo escultural: — *Mitras matando um boi.* À esquerda entra-se na galeria das estátuas, onde se fica assombrado perante a escultura em todos os seus detalhes e linhas primorosas: — o *Apolo de Belvedere, Saaconte em luta com as serpentes, Perseu e os dois boxeurs, Hermes,* etc.

Entremos agora nas galerias onde se ostenta o *Museu Egípcio,* que nos dá uma boa ideia do que seria a civilização da terra dos Faraós, com os seus papiros, manuscritos dos séculos VII e VIII, em caracteres hieroglíficos e demóticos, imagens pequenas, amuletos, múmias e sagrados animais.

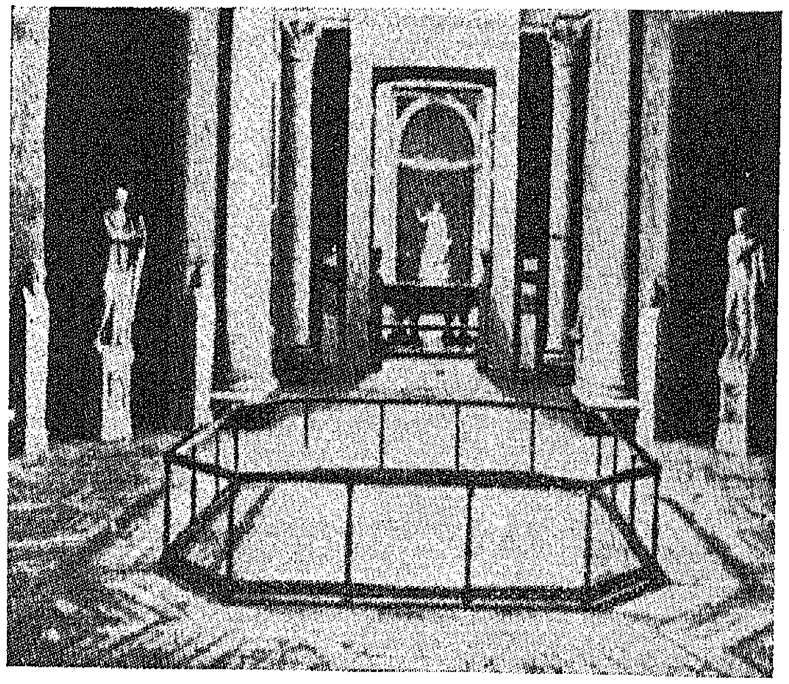
Subindo algumas escadas, estamos no *Museu Etrusco Gregoriano.* Como se sabe, os etruscos floresceram na Itália Central muito antes dos romanos e são a sua estatuária, os seus vasos, as suas pinturas e os seus ornamentos de ouro que ali se encontram em profusão, provenientes das escavações feitas e das colecções encontradas. São interessantes as urnas de barro onde se guardavam as cinzas dos mortos e eram pintadas por fora ou ostentavam altos-relevos de algum valor.

Descendo, ainda encontramos mais galerias de grande interesse. Logo à direita, a estátua do Imperador Augusto, armado de ponto em branco e comandando as suas legiões, o *Nilo,* representado por um deus cercado por dezasseis crianças, que são os poderes fertilizantes, e, num canto, *Demóstenes* chorando a perda da liberdade da sua Pátria.

Chegamos assim ao *Corredor da Livraria* do Vaticano, a mais rica do Mundo: — perto de 60.000 manuscritos e quase um milhão de livros alinham-se em preciosas estantes, mandadas arranjar por Sixto V. Estão ali as riquíssimas dádivas que o Papado recebeu, os

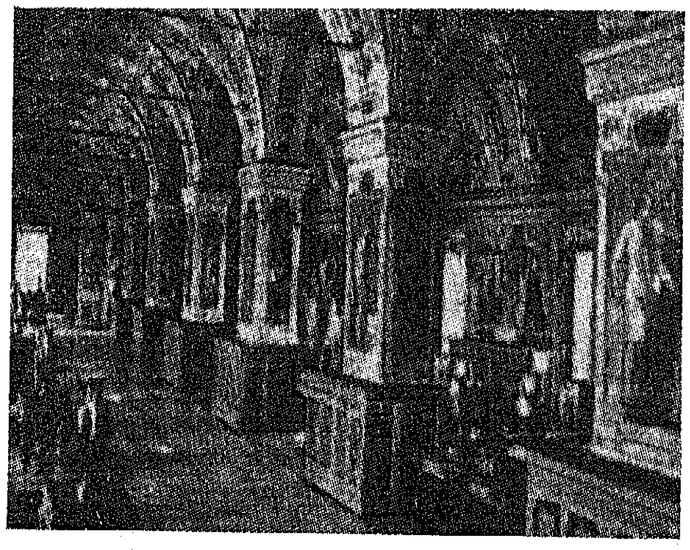
A entrada do Museu do Vaticano

bem conhecidos manuscritos que constituem o *Codex Vaticanus,* uma *Bíblia* grega do século IV, um manuscrito virgiliano do século V, um autógrafo de Lutero e mais papéis, todos numa urna de vidro. Seguindo o *Corredor,* entramos no *Museu Sacro,* que — diga-se a verdade — não é mais rico que o da Igreja de S. Roque, em Lisboa, mas contém valiosos exemplares da arte cristã: — esmaltes de Limoges, uma cruz de ouro do século V, lindos marfins, imagens de apóstolos, etc.



Sala das Musas

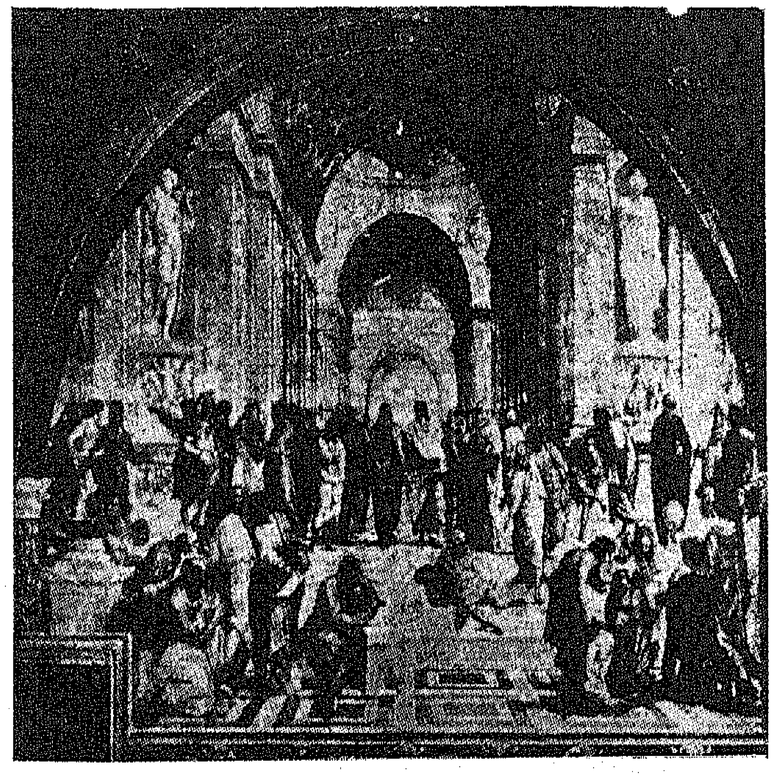
Não deixemos de entrar agora nos aposentos dos Borgias, que foram construídos por Alexandre VI e restaurados por Ludwig Seitz sob as ordens de Leão XIII. Os *frescos* são de Pinturichio e seus discípulos e os melhores estão nas 4.ª e 5.ª salas : — *A Visitação, Santa*



A livraria do Vaticano

Catarina de Alexandria discutindo com os filósofos na presença do Imperador Maximiliano, a *História de Santa Bárbara e de Santa Susana*, o *Martírio de S. Sebastião*, a *Anunciação*, o *Natal de Jesus*, a *Adoração dos Pastores* e outros, qual deles de maior beleza.

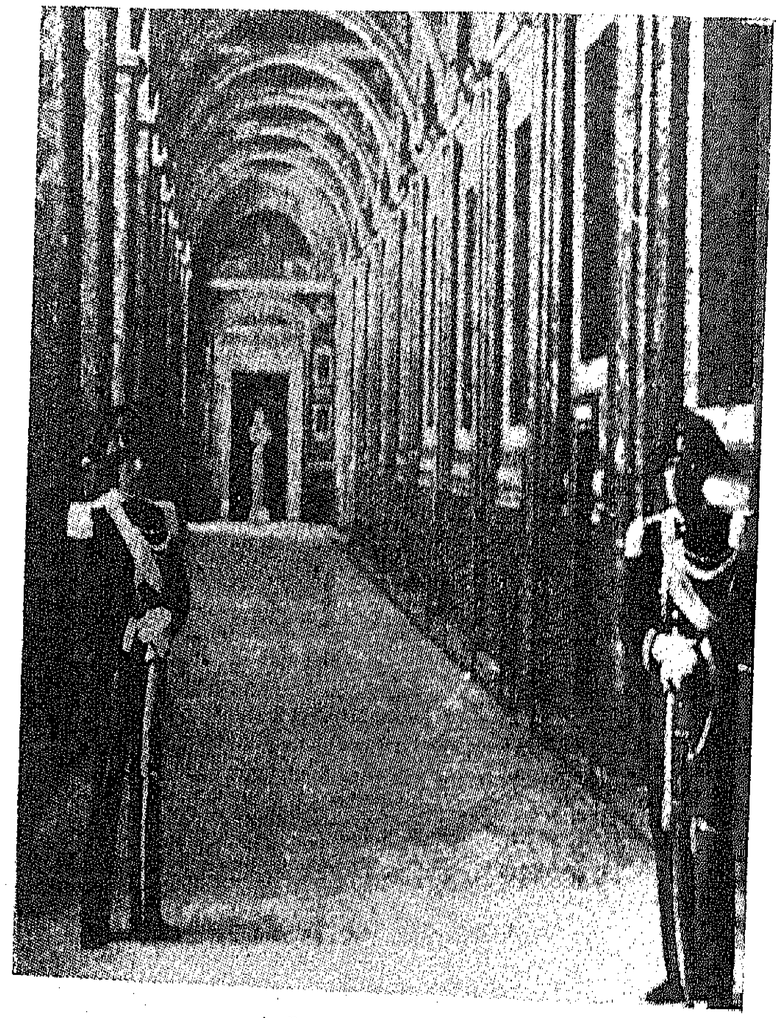
Voltando à entrada dos aposentos, umas escadas levam-nos à *Estância de Rafael*, que tem quatro salas, uma *loggia* e uma galeria, qual delas mais interessante.



Estância de Rafael — Escola de Atenas

A *Sala do Incêndio* é toda cheia de *frescos* dos discípulos de Rafael : — a *Justificação de Leão III perante Carlos Magno*, a *Vitória de Leão IV sobre os sarracenos*, o *Fogo no burgo*, a *Bênção do Papa*, etc. A *Sala da Assinatura*, que contém os melhores *frescos* de Rafael : — o *Triunfo da Fé Católica*, o *Sagrado Sacramento*, a *Escola de Atenas*, *Parnaso*, representado pelo deus Apolo

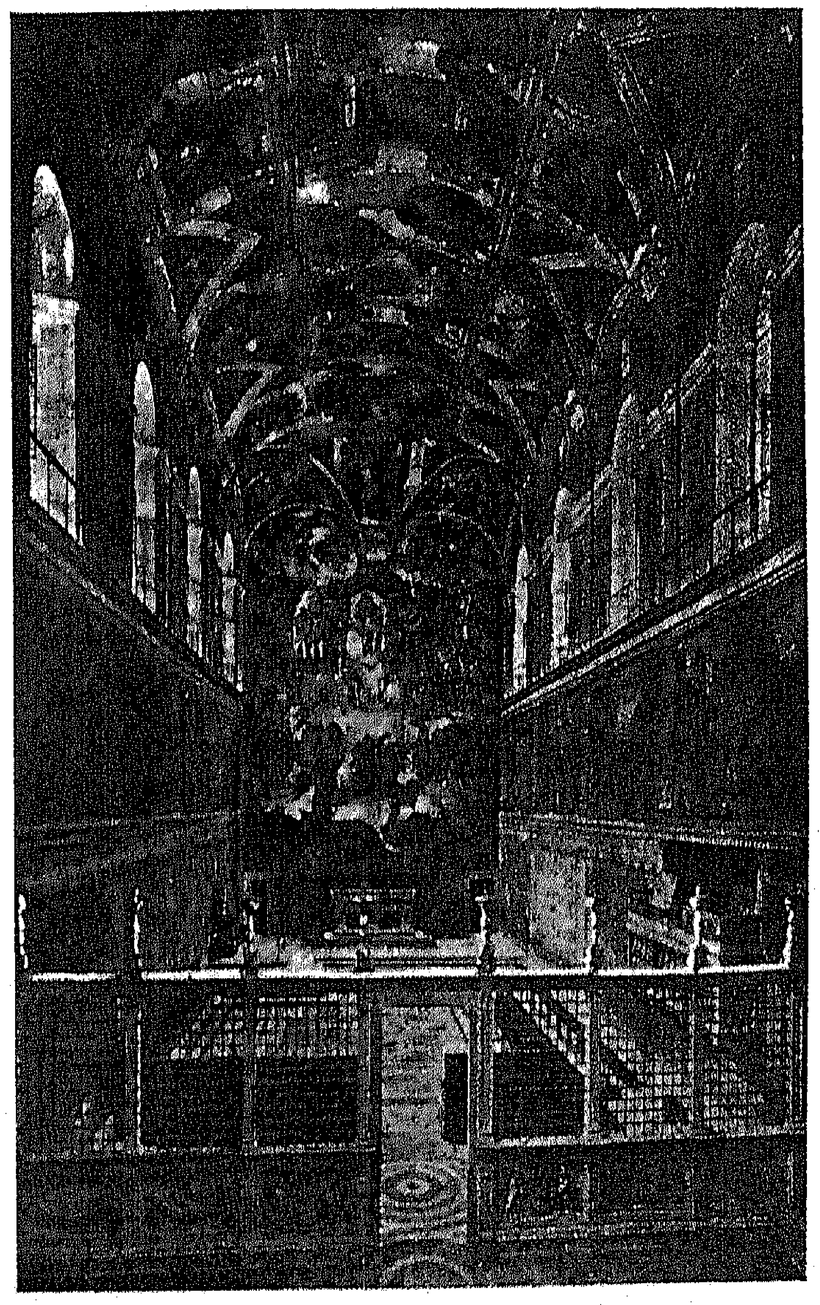
cercado pelas musas. A *Sala de Heliodoro*, onde os frescos celebram o triunfo do Papa Júlio II, e a *Sala de Constantino*, decorada por Giulio Romano, discípulo de Rafael, depois da morte do Mestre, e onde se vêem o *Baptismo de Constantino*, a *Batalha da Ponte Milviana*, a *Visão da Cruz* que teve Constantino e as ofertas deste ao Santo Padre.



A Loggia de Rafael

A *Loggia* de Rafael é toda feita pelo Mestre e continuada pelos seus alunos : — são *frescos* contendo a história bíblica (Bíblia de Rafael) e com decorações das mais lindas. Voltando para trás, através da *Estância*,

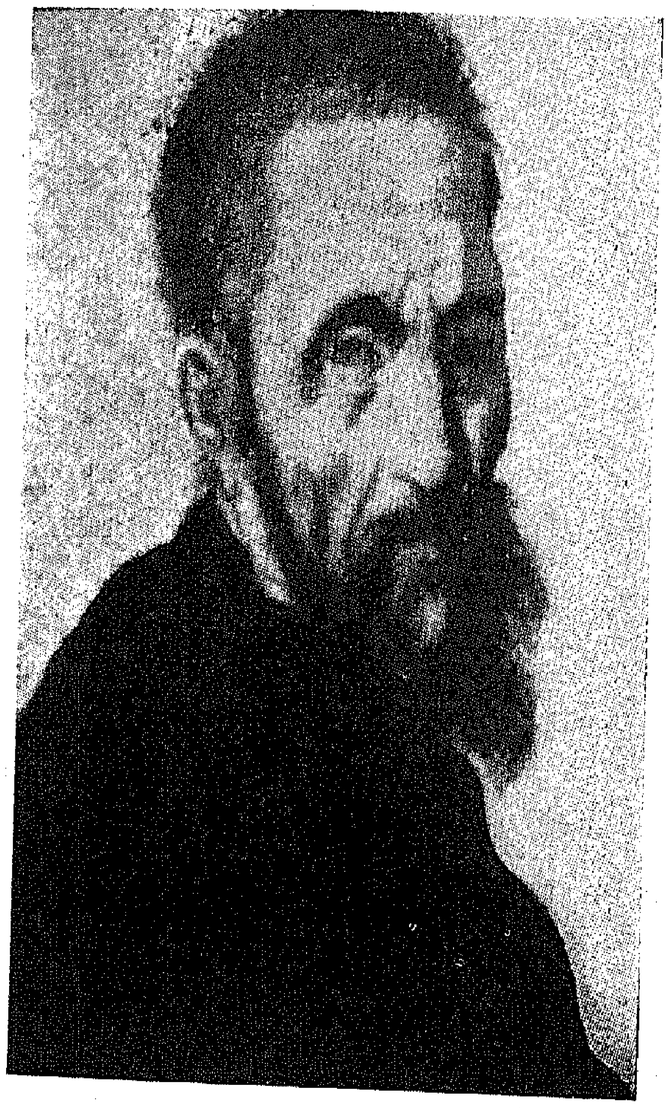
chegamos à *Galeria da Arte Moderna*, que contém alguns trabalhos de somenos importância, oferecidos ùltimamente aos Papas. O extremo desta galeria é adornado com as recordações do *Concílio* que definiu o Dogma da Imaculada Conceição e vê-se ali um *fresco* muito grande com a *Libertação de Viena por Sobiesky* e os *Mártires de Gorceun*.



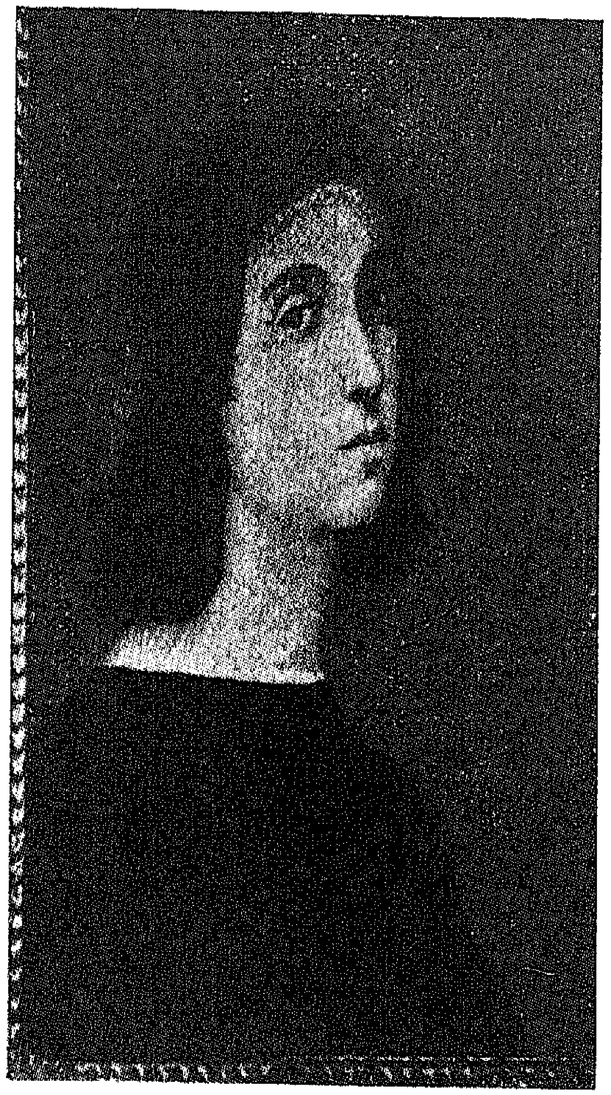
A Capela Sixtina, construída pelo Papa Sixto IV

Seguimos, depois, por um corredor e, descendo algumas escadas, entramos na célebre e memorável *Capela Sixtina*, onde o Santo Padre exerce, às vezes, as suas funções e reza a Sagrada Missa no dia do aniversário da sua coroação, faz as cerimónias da Semana Santa e efectua os conclaves. A capela está um tanto deteriorada pelo fumo do incenso e das velas, mas as suas decorações são ainda as mais preciosas no mundo da arte.

Ostentam-se ali: — os *frescos* da parte superior das paredes, pintados entre 1476 e 1482 pelos mestres das



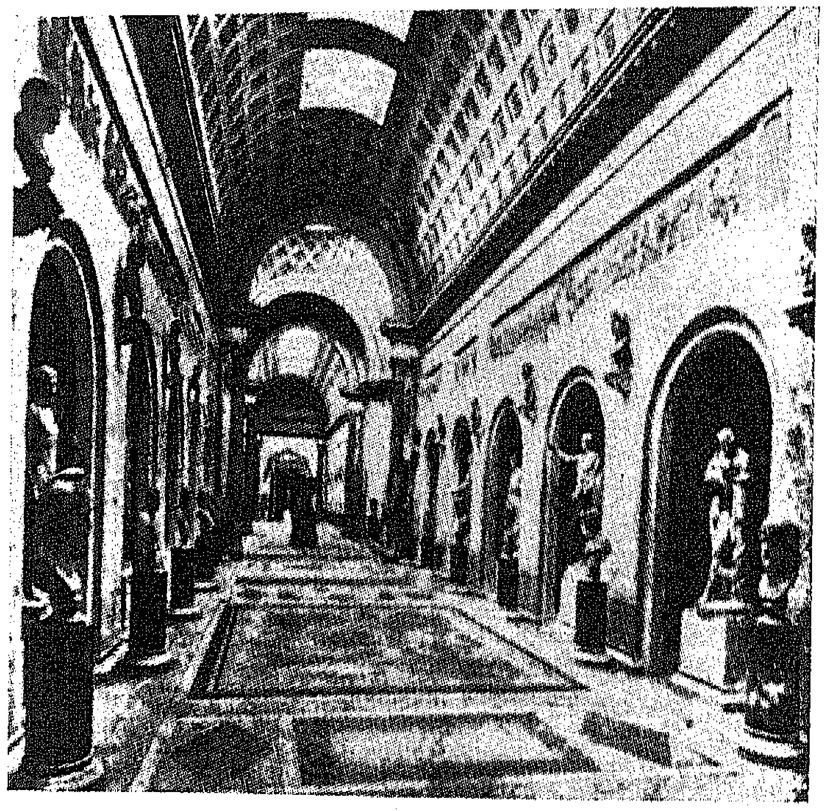
Miguel Ângelo Buonarroti — 1475 - 1564



Auto-retrato de Rafael — 1483 - 1520

escolas da Umbria e da Toscana, que foram Perugino, Ghirlandaio, Botticelli e Roselli; o tecto em arcada, pintado por Miguel Ângelo, de 1509 a 1512, com os seus admiráveis *frescos* da *Criação*, da *Queda do Homem*, do *Dilúvio*, etc. Na parte inferior há tapeçarias representando cenas bíblicas, pintadas por Rafael. Ao fundo admira-se o *Juízo Final*, de Miguel Ângelo, que é uma giantesca pintura de muitas figuras e um verdadeiro monumento do seu génio artístico, com vários detalhes anatómicos combinados a uma alta concepção de reli-

giosidade profunda. Pelas paredes laterais ainda se vêem, dum lado, cenas do Velho e Novo Testamento, como a *Fuga de Moisés e de sua mulher para o Egipto*, a *Circuncisão de seu filho*, por Pinturichio, *Moisés matando o egípcio*, por Boticelli, e a *Morte de Moisés*, por Signorelli. Doutro lado, o *Baptismo de Cristo*, por Pinturichio, a *Tentação de Jesus* e a *Oferta do Leproso*, por

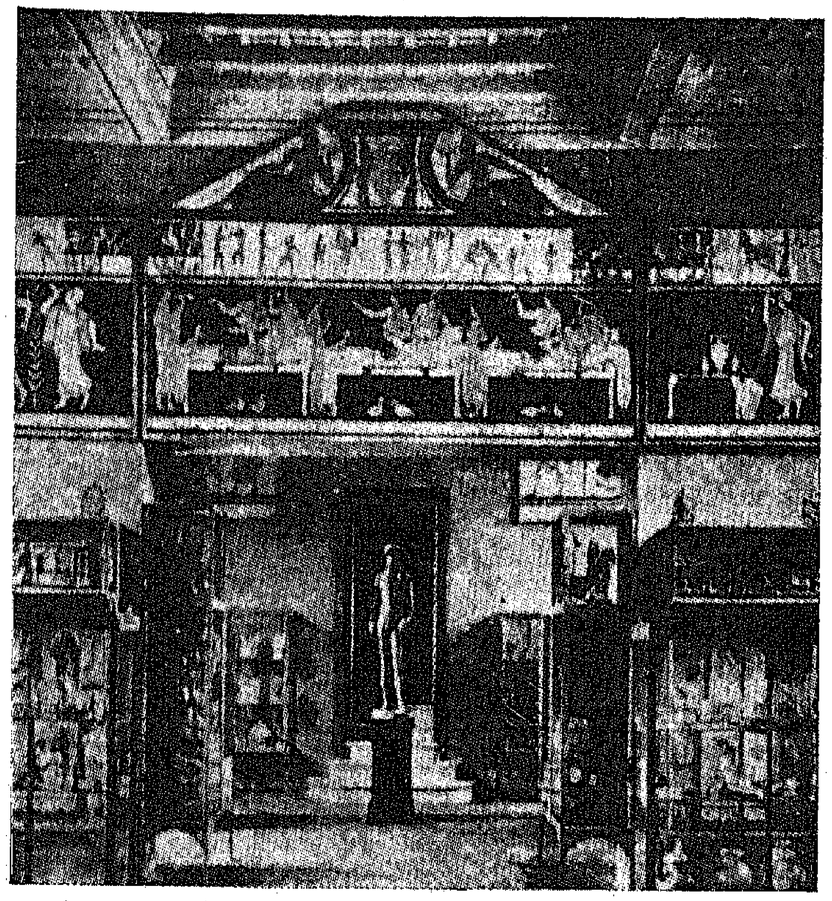


Museu de Escultura

Botticelli, o *Sermão da Montanha* e a *Última Ceia*, por Roselli. Todos estes *frescos* são duma beleza inaudita e é impossível descrevê-los com minuciosidade, tal a grandeza das suas linhas harmónicas, tal a beleza das formas perfeitas das figuras e tal o encanto que delas se emana.

Deixando a *Capela Sixtina*, temos de regressar pela porta por onde entrámos e de sair atravessando uma galeria toda cheia de tapeçarias e de estatuetas romanas, qual delas mais bonita e de um mármore mais precioso.

Ao fim desta galeria, ainda mais um grupo escultural e, depois, uma saleta que se chama a *Sala da Charrua*, tendo, ao centro, uma charrua puxada por

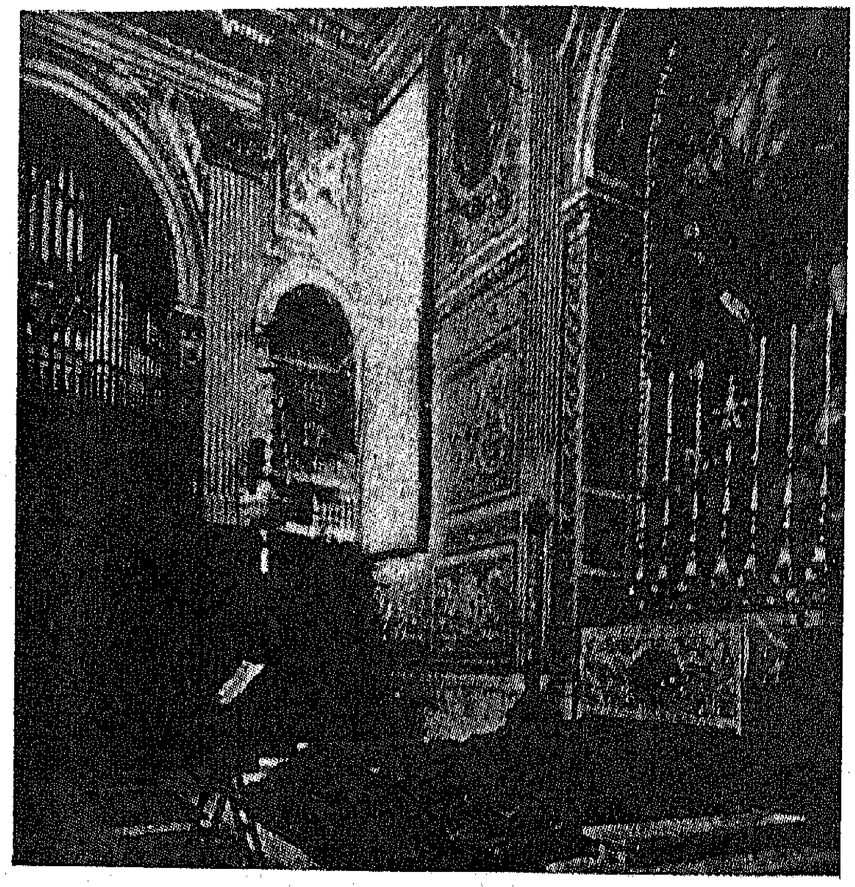


Museu Etrusco

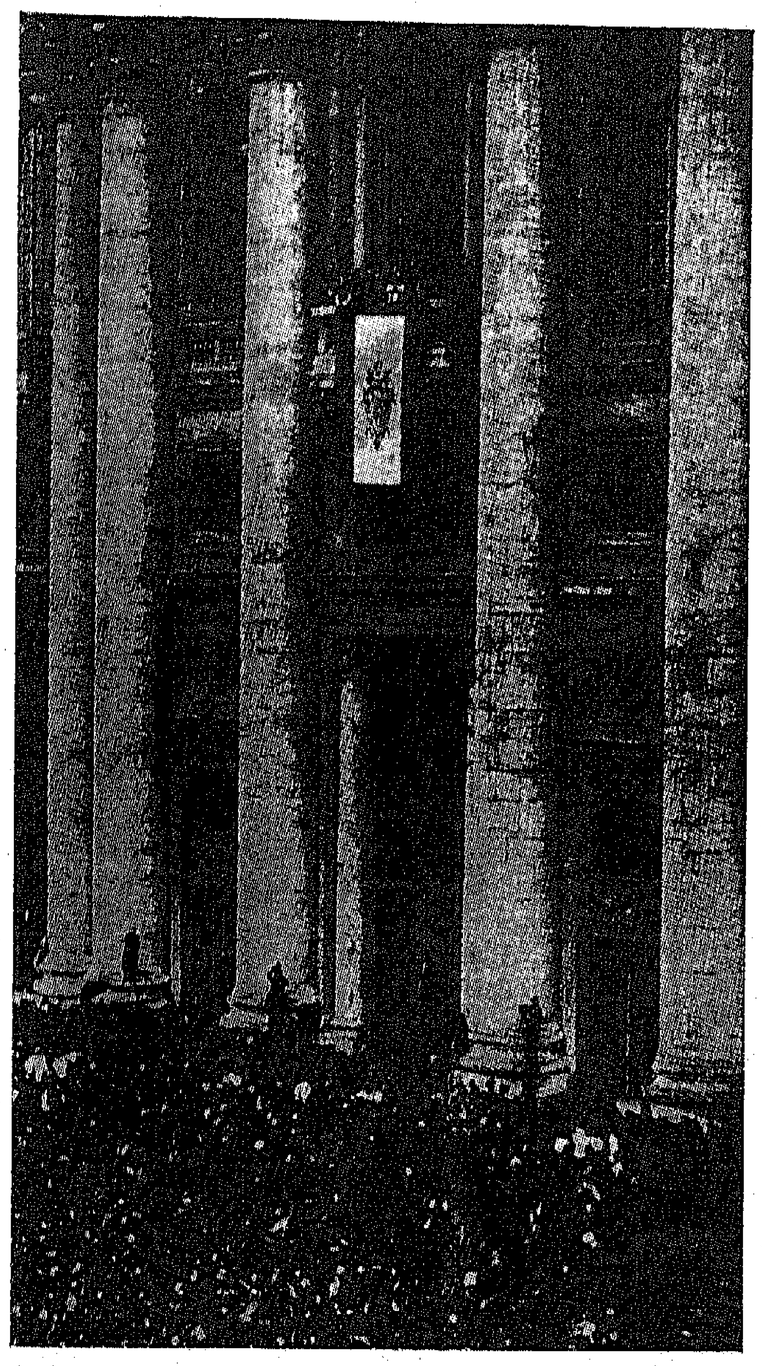
quatro fogosos cavalos com linhas anatómicas de uma beleza única.

Afinal, descendo uma pequena escadaria, estamos fora do Museu e, ainda maravilhados, fechamos os olhos, procurando, *in mente*, recordar o que vimos depois de

passarmos ao papel a descrição dessas obras-primas da arte universal, transmitidas à tela pelo pincel e ao mármore ou ao bronze pelo cinzel, numa visão genial do belo e do sublime.



A capela do Coro de S. Pedro



O Papa dando a bênção «Urbi et Orbi»

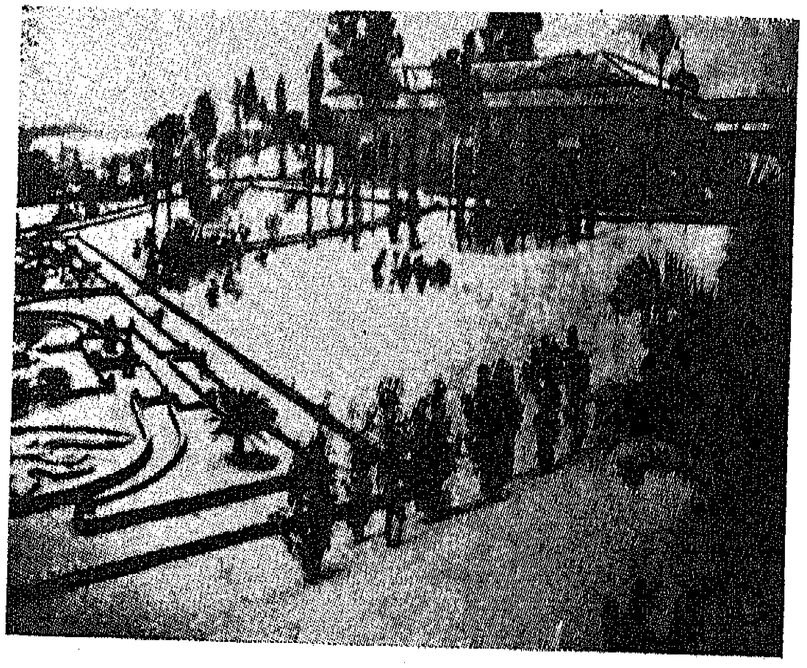
VIII

PELO INTERIOR DO VATICANO
O CASTELO DE SANTO ÂNGELO

A cidade do Vaticano não é sòmente a Igreja de S. Pedro, nem ùnicamente o seu Museu e outras dependências que acabamos de descrever. Há ainda a residência de Sua Santidade com os seus vastos jardins, os palácios cardinalícios, *Santa Marta*, que é uma casa para peregrinos, o cemitério, que é o *Campo Santo Teutónico*, e as moradas das guardas papais e dos servidores do Vaticano, além duma repartição para o serviço postal e outros privativos. Em todos estes edifícios flutua, nos dias festivos, a bandeira papal; branca e amarela, com a tiara e as chaves num fundo branco.

Entra-se, na cidade do Vaticano, pela *Porta da Campana*, que fica mesmo sob o relógio da Igreja de S. Pedro, à esquerda. Esta é guardada, dia e noite, pela guarda suíça, com o seu traje característico, às listas brancas, azuis e amarelas. Passada esta porta chega-se à *Praça do Circo de Nero* que é o lugar onde deram a sua vida por Jesus os primeiros mártires, incluindo

o próprio S. Pedro. Com uma licença especial pode-se passar para além desta Praça e chegar à de Santa Marta, onde se vê uma plantação de árvores tendo ao meio uma fonte encantadora. À esquerda fica o Palácio de S. Carlos, onde vive o administrador da Basílica com os outros dignitários, morando, separadamente, o Cardeal Arcipreste. Em frente estão os tribunais da Corte



Jardins do Vaticano

e, por trás, a antiga *Igreja de Santo Estêvão dos Abissínios.*

Um edifício grande, à direita, é o *Palácio do Governador,* onde ficam muitos dignitários, e no segundo andar estão as salas de recepção e aposentos para os Reis e Príncipes que queiram visitar o Santo Padre.

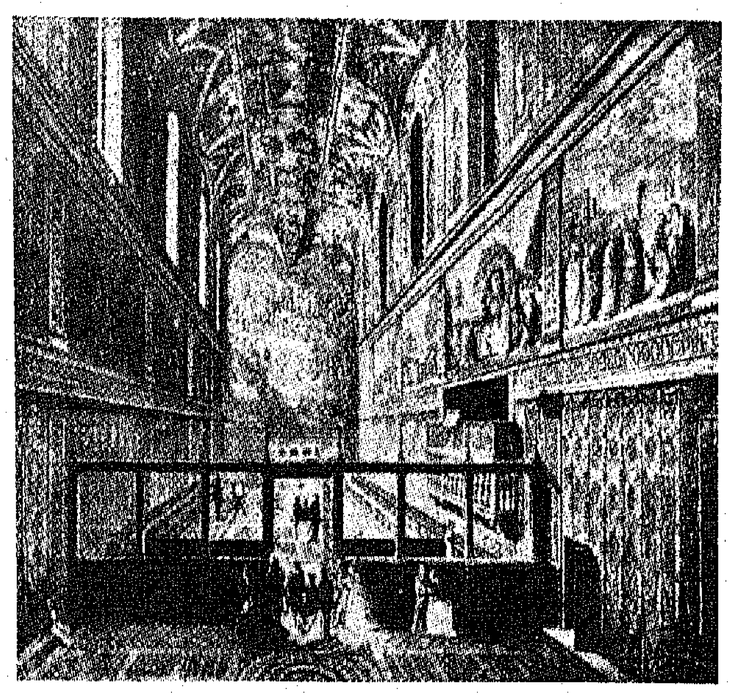
À esquerda é a *Praça da Estação,* que a Itália mandou construir para os comboios do Vaticano e que se liga, por um túnel, aos caminhos de ferro italianos,

Palácio do governador da cidade do Vaticano

na Estação de S. Pedro, que fica perto. Desta vai-se ao *Seminário da Etiópia,* que foi o único colégio que teve licença para permanecer na cidade papal. A estrada Marconi leva-nos à Estação de Telegrafia sem fios e a estrada *del Spelcola,* à direita, ao pavilhão de Leão XIII. Aqui fica o *Observatório do Vaticano,* que perdeu um pouco a sua importância desde que foi aberto um outro em Castel-Gandolfo. Do Pavilhão de Leão XIII vai-se, à esquerda, para a *Gruta de Lourdes* e, à direita, para os esplendorosos jardins que servem de passeio a Sua Santidade. Há ali, também, o elegante *Casino,* onde a *Academia Pontifícia das Ciências* tem as suas sessões e proclama, mesmo em frente do Papa, ao Mundo o resultado dos seus trabalhos e pesquisas. Há quatro estradas que formam uma encruzilhada na *Praça do Forno,* uma que vai ter à Igreja de S. Pedro, a segunda ao Palácio do

Governo, a terceira à Central Eléctrica e a última à entrada interna do Museu que já descrevemos.

Da *Praça do Forno* pode-se ir, directamente, ao Palácio do Vaticano pelo *Pátio da Sentinela*, onde a Guarda Suíça fica de serviço. Vai-se, depois, ao *Pátio dos Borgias*, ao *Palácio dos Papagaios*, com as paredes ornadas de pássaros, e, finalmente, ao *Pátio de S. Dâmaso*, onde o Santo Padre dá as audiências públicas. Se se cortar à esquerda, vai-se ao espaçoso *Pátio de Belvedere*, que nos leva à biblioteca e aos arquivos do Vaticano e que se liga ao *Pátio da Pinha*, onde se vê uma enorme estátua de bronze que tinha estado, antigamente, sobre o túmulo do Imperador Adriano e foi admirada por Dante, que a cantou numa das suas poesias imortais. Deste pátio, a *Estrada de Belvedere* leva-nos à *Porta de Santana*, a segunda entrada da Cidade do Vaticano. Há ali a *Igreja de Santana* e um pequeno e lindo cemitério para os habitantes do Vaticano, há edifícios para os funcionários dessa cidade, para os Correios e Telégrafos, uma livraria, algumas lojas e a tipografia do *Observatore Romano* e do *Ecclesia*, gazetas oficiais do Papado.



A ornamentação da Capela Sixtina

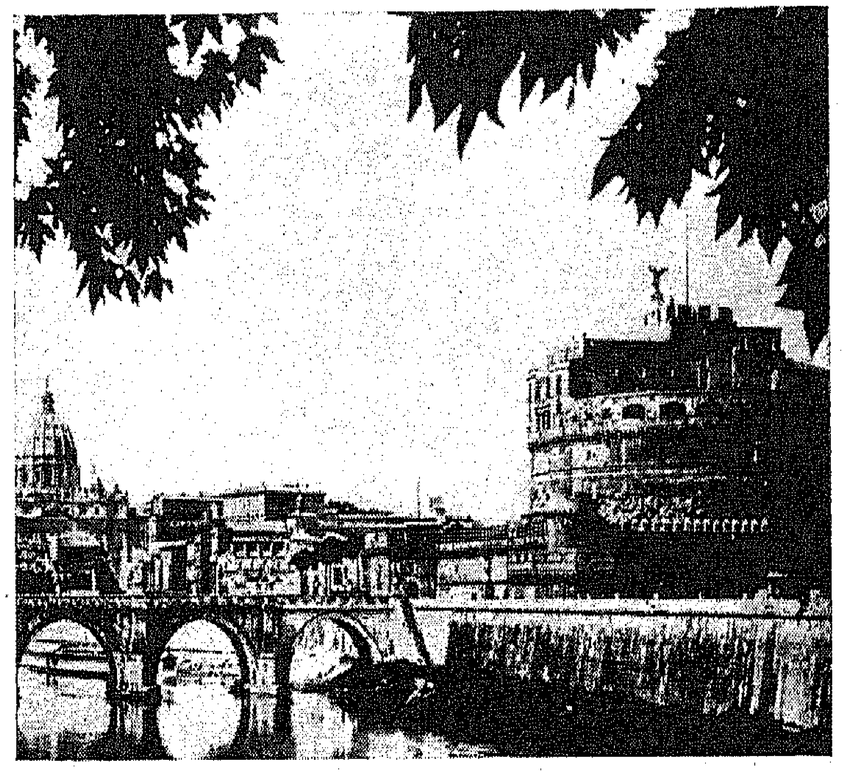
À direita estão os quartéis da Guarda Suíça e um bonito monumento de mármore, dedicado àqueles que caíram em defesa do Papa. Como se vê, o Estado Pontifício é, geogràficamente, bem pequeno, mas a influência e jurisdição da sua soberania espiritual estende-se, indubitàvelmente, até aos confins do Mundo, o que prova, no meu entender, a existência de Deus e a verdade da Igreja Católica.

Saiamos agora do Vaticano e entremos no *Castelo de Santo Ângelo*, que fica logo ao lado. Tem duas entradas este castelo histórico, uma, directa, do Vaticano, por um corredor de pedra murada, e que é reservada para as pessoas residindo na cidade papal, e outra, por fora, pela *Ponte de Santo Ângelo*, sobre o Tibre, ladeada por grupos esculturais de rara beleza.

O *Castelo de Santo Ângelo* era, primitivamente, um mausoléu que o Imperador Adriano mandara construir para si e para a sua família. Tinha a forma cilíndrica e era adornado, em volta, com estátuas de mármore e altos relevos de algum valor. No alto o túmulo. Mais tarde, com as construções que se lhe fizeram, perdeu o carácter de mausoléu, para se transformar numa fortaleza destinada a defender Roma pelos lados do Tibre e numa prisão para os criminosos políticos. O mesmo foi restaurado por completo e erguido até ter uma cúpula sobre a qual se vê a imagem, de bronze, de Santo Ângelo, tendo na mão a espada nua. Actualmente, o Castelo tornou-se num museu de armas, onde existem todas as peças de guerra, desde os tempos antigos até aos modernos.

No vestíbulo vê-se, numa das paredes, o nicho onde

esteve a estátua de Adriano e, à direita, começa a longa escadaria em espiral que nos leva, primeiro à Sala Central, onde estão as urnas contendo as cinzas dos imperadores romanos, e depois ao alto da cúpula, atravessando aposentos que constituem o Museu. Há ali armas da idade da pedra, do bronze e do ferro, arcabuzes variados, alfanges, balas, obuses e toda a espécie de



O Castelo de Santo Ângelo com a ponte sobre o Tibre

instrumentos destruidores de que se fazia uso nos tempos antigos. Em grandes vitrinas encontram-se os capacetes etruscos, gregos e romanos, armas dos Merovíngios, duas grandes espadas do século XV e outras da Idade-Média. Em outras salas estão toda a espécie de capacetes, couraças, lanças, botas de montar, pistolas, espingardas antiquíssimas, armas de ataque e de de-

fesa, fundas judaicas e egípcias, partazanas, enfim um arsenal completo que transformou o Castelo num autêntico Museu Militar.

Em quase todas as salas vêem-se uns orifícios pelos quais os prisioneiros eram atirados para os subterrâneos do Castelo, para onde não se pode, hoje, descer. Sobem-se mais umas escadas, penetramos noutras salas, onde existem bustos de Imperadores e Papas, vitrinas cheias de espadas e punhais de todas as épocas, cotas de armas dos Farnésios e dos Médicis, colecções de pistolas, metralhadoras, granadas, etc. Na sala, à direita, é o Tribunal de Justiça, onde se fazia o julgamento dos acusados e que terminava sempre pela pena de morte. Há ali um *fresco* de Pierin del Vaga, representando a Justiça, com os olhos vendados, a espada nua numa mão e a balança na outra. Nas paredes colecções de armas e mais armas. À esquerda, um grupo escultural de Giovanni Primi, representando o Papa Eugénio IV e o Imperador Segismundo, homenageados em frente do Castelo por um dos senhores feudais dessas épocas.

Encontra-se, também, logo a seguir, a *Sala de Apolo* com as suas decorações grotescas e pinturas mitológicas e, em frente, a *Capela de Leão X* com um altar onde se ostenta a *Madonna* de Rafael de Montelupo e, pelas paredes, uns *frescos* de S. Filipe Nery no acto da adoração, e outros motivos religiosos. Ao fundo, uma vitrina com vestes sacerdotais, antigas e de fino damasco.

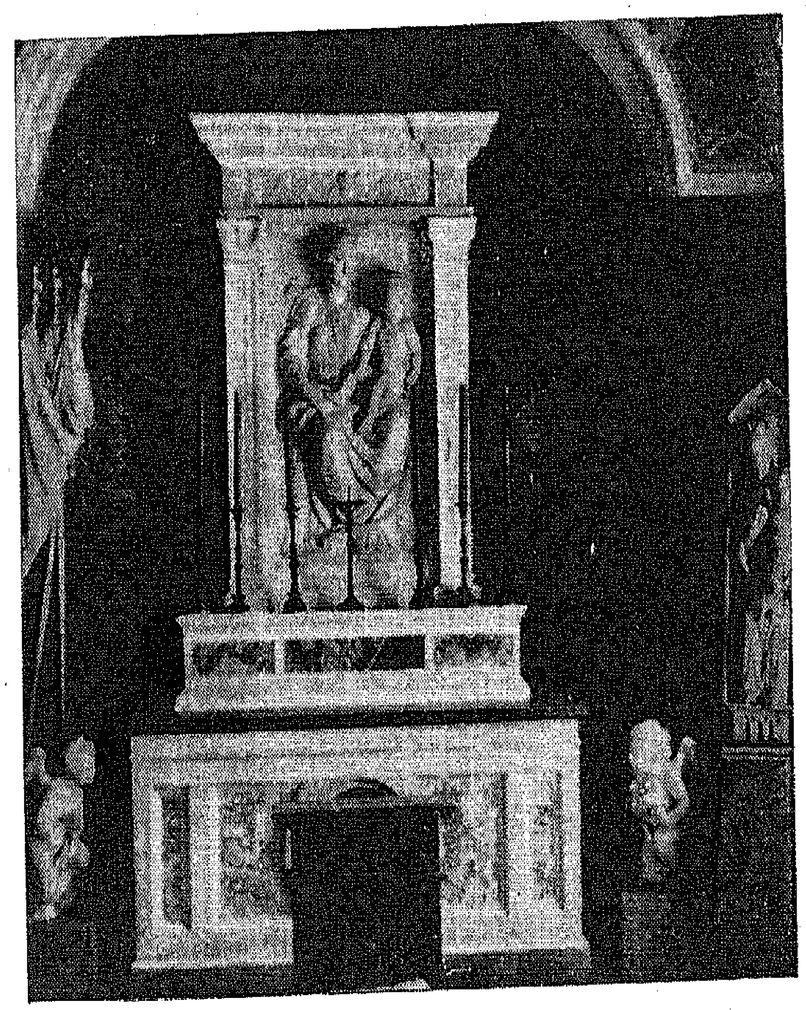
Vai-se, em seguida, às salas de Clemente VII, todas muito bem decoradas, e ao grande Pátio de Alexandre VI, onde se faziam as representações teatrais e onde o mármore se vê em profusão, bustos e animais de variada espécie. Há celas que serviam de prisão às pessoas de alta categoria e, depois, no século XIX, de prisões mili-

Sala de Apolo, do Castelo de Santo Ângelo

Pátio de Alexandre VI

tares, pois o castelo tinha uma guarnição que estava sujeita à disciplina do exército.

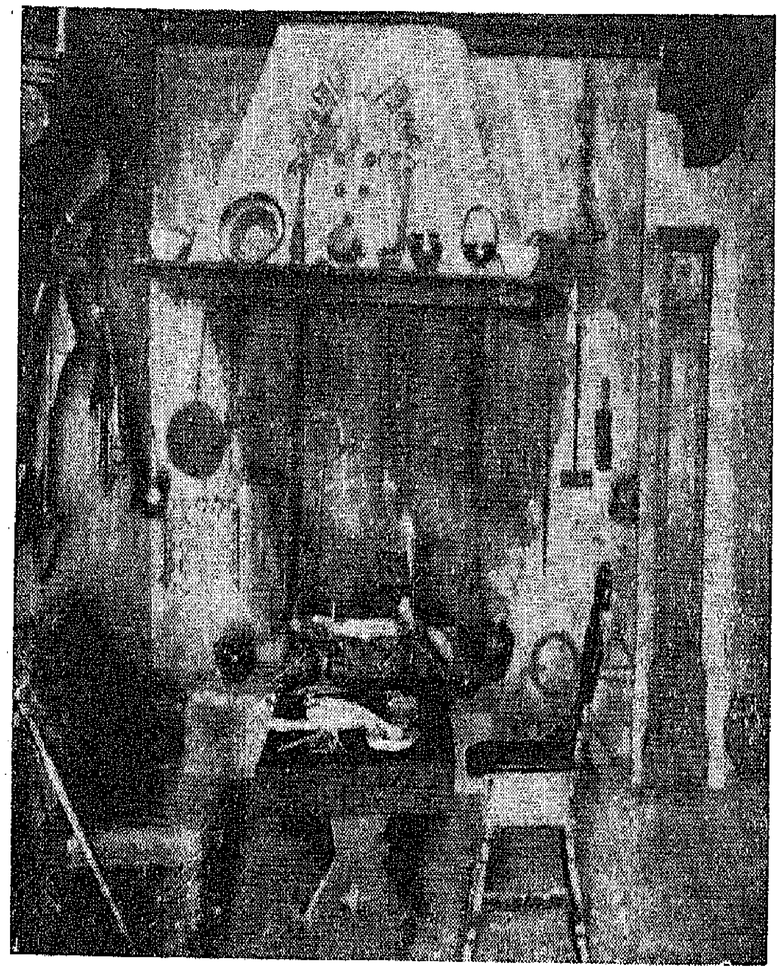
Ainda se vêem, em outras dependências, várias relíquias militares e figuras com uniformes piemonteses



Capela de Leão X

e italianos, bem como as colecções de armas orientais de todos os feitios e épocas

Mostraram-nos ali a cela onde esteve aprisionado o grande artista Benevenuto Cellini, que tantas obras de arte deu a Roma. Desta cela vai-se ao Pátio de Leão X, no qual há uma casamata (Corpo de guarda) com três



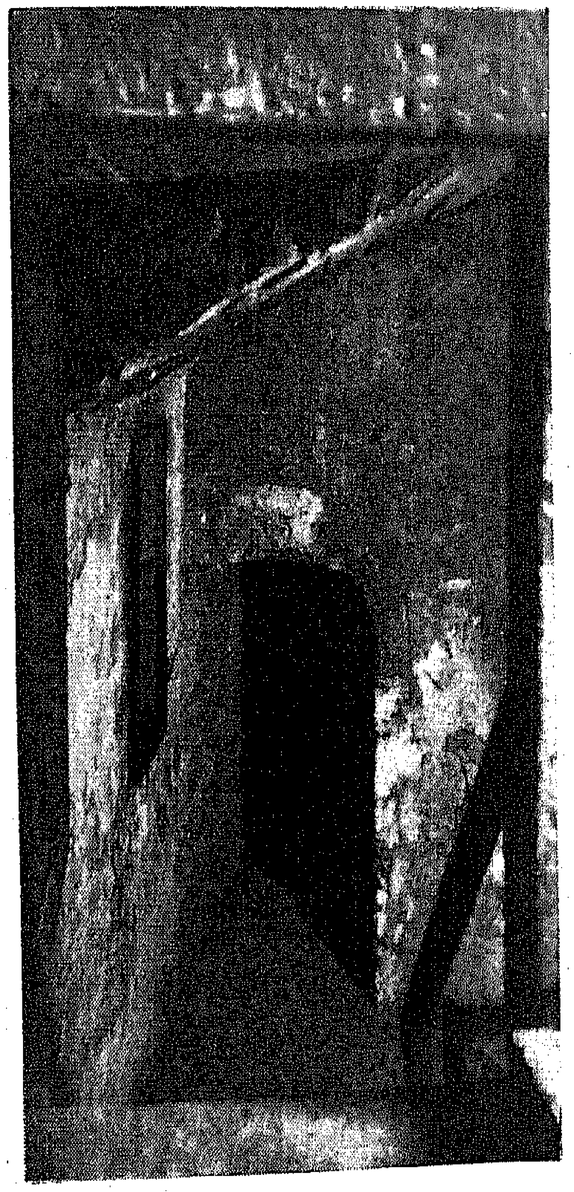
Corpo de Guarda

compartimentos para os soldados que ali se instalaram no século XV. Uma pequena escadaria leva-nos à casa de banho de Clemente VII, onde existem elegantes decorações e *frescos* de Giulio Romano. A mesma escada leva-nos, também, aos aposentos onde os Papas se refugiavam quando o Vaticano era assaltado pelas tropas estrangeiras ou mesmo italianas.

Vamos agora às históricas prisões do Castelo, celas pequenas cheias de frestas, onde centenas de seres humanos agonizaram por longos anos e onde Cellini passou os últimos meses do seu cativeiro, pintando, numa das paredes, a carvão, a *Ressurreição de Cristo*, que

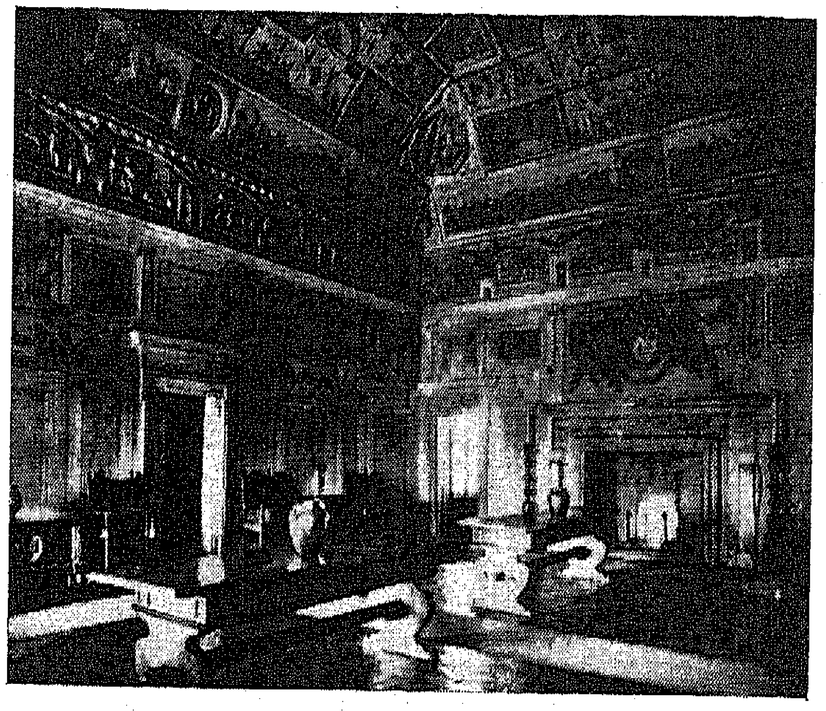
ainda ali se vê revelando a mão genial do grande Mestre da Renascença.

Há ainda, neste Castelo, mais salas, mais galerias, mais estátuas e bustos que se torna impossível descrever

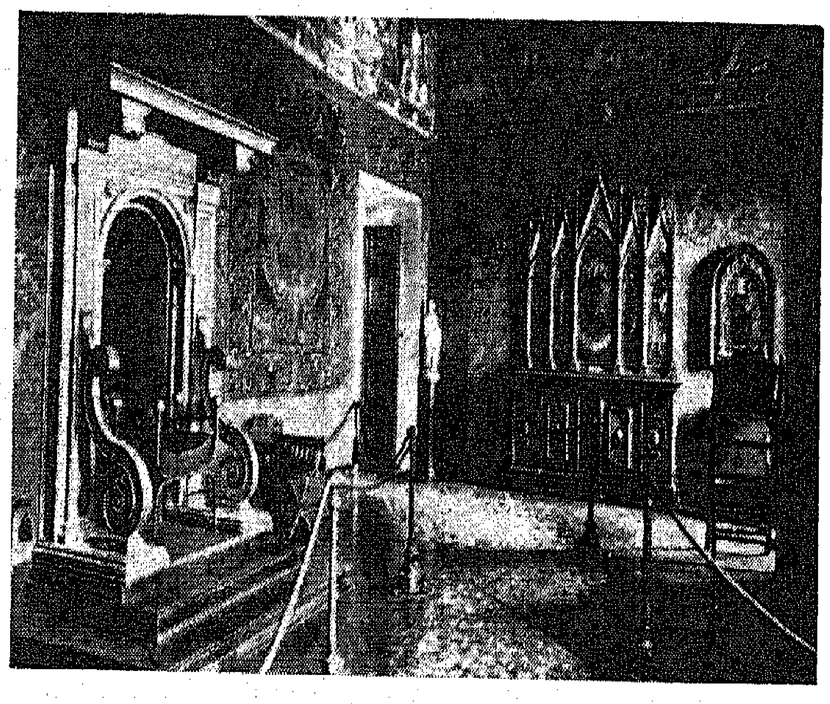


Caverna de Benevenuto Cellini

depois de uma tão curta visita, como a Sala do Conselho, a de Perseu, a do Amor e Psiché, a da Biblioteca, a de Adriano, a dos Festões, a de Cagliostro, a Sala Re-



Sala da Biblioteca

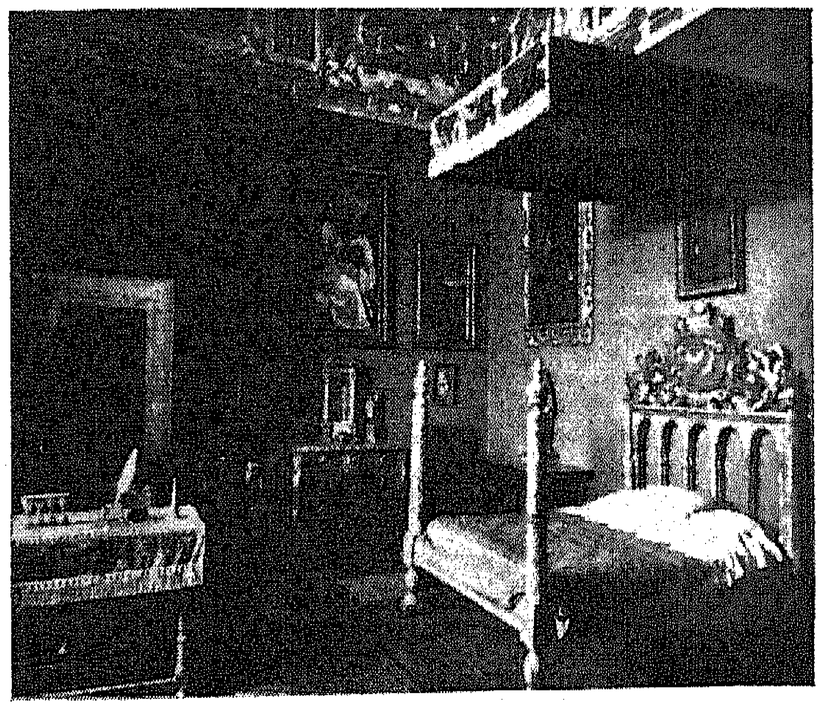


Sala de Perseu

donda, a das Colunas, etc., todas com as paredes ornadas de *frescos* maravilhosos, cornijas de mármore, estátuas lindíssimas e obras de arte perante as quais o olhar se queda extasiado.

À direita, ao sairmos, ainda se encontra a Sala de S. Mateus com os arquivos dos castelos italianos e onde existem impressos, manuscritos e publicações de alto valor histórico, todos guardados em altas vitrinas e tendo, ao centro, a secretária do Marechal da Itália, Armando Dias, Duque da Vitória.

Muita coisa teríamos ainda de dizer quanto às preciosidades do Castelo de Santo Ângelo se tempo tivéssemos para um passeio mais longo por essas galerias, salas e dependências lindamente ornamentadas e com rendilhados duma beleza única, além dos testemunhos inesquecíveis de épocas que passaram e de factos que constituem verdadeiras e autênticas glórias.



Sala do Amor e de Psiché

IX

MONUMENTO A GARIBALDI: ROMA OU MORTE! AS CATACUMBAS

O turista que passeia pelas avenidas e largas estradas de Roma, se, porventura, subir ao alto do janículo — como eu me dei ao grato trabalho de fazer, verá ali, na mais alta das colinas da cidade, o imponente e enorme *Monumento a Garibaldi*, o audaz e temerário unificador da Itália. Chega-se a essa colina por uma avenida ladeada pelos bustos dos seus heróicos oficiais, camaradas de não sabemos quantas lutas e batalhas em prol da liberdade, alteando-se, logo no início, a estátua equestre de Anita, a companheira indomável do belicoso soldado. O pedestal da grande estátua de Garibaldi parece uma vivenda adornada de magníficos grupos de bronze em que se vê a legião Garibaldina, de baioneta calada e em atitudes de assalto, e, sobre esse pedestal, ergue-se o caudilho da unificação italiana, montado num cavalo de batalha, um barrete redondo na cabeça e um gabão cobrindo a sua inconfundível camisa vermelha. E, defronte, a Igreja de S. Pedro, o Vaticano,

O Forum Romano e a Basílica Júlia

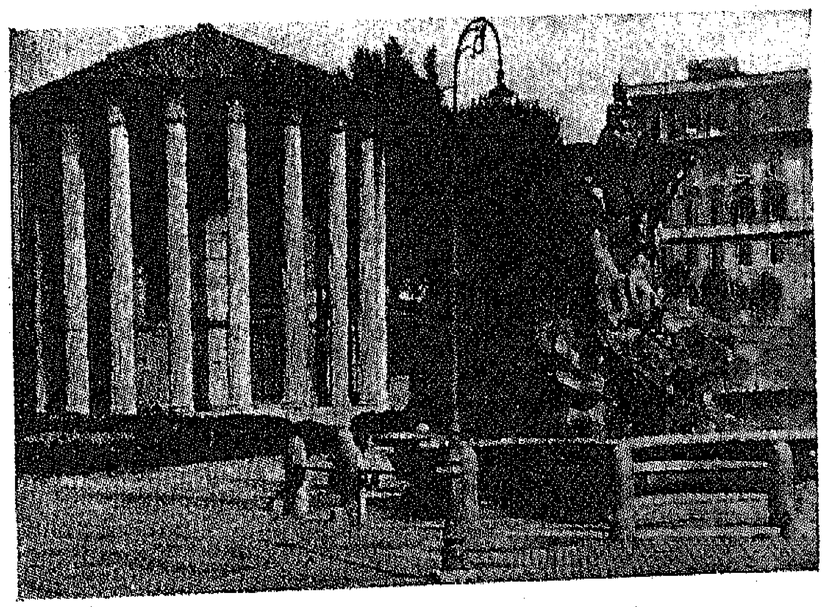
a ver, a todo o momento, o audaz revolucionário em cujo sucedâneo cintila, em letras de oiro, o grito temeroso da sua alma de patriota indómito e liberal e pelo qual se condena o poder temporal do Papado : — *Roma ou Morte !*

A estátua olha, mesmo ao lado, embora a distância, o lindo monumento a Vítor Manuel, como se o quisesse convidar a novas lutas, a novas batalhas, e, bem longe, muito ao longe, ergue-se o *Panteon*, onde se sente a antiguidade clássica em todo o seu esplendor e onde dorme o sono eterno, no seu túmulo de mármore e ónix, o grande rei que aceitou das mãos de Garibaldi a unificação da Itália, o que foi motivo de desgosto para o intransigente republicano Mazini, que voluntàriamente se exilou, renegando, em holocausto aos seus princípios, todas as honrarias e benesses com que o queriam glorificar!

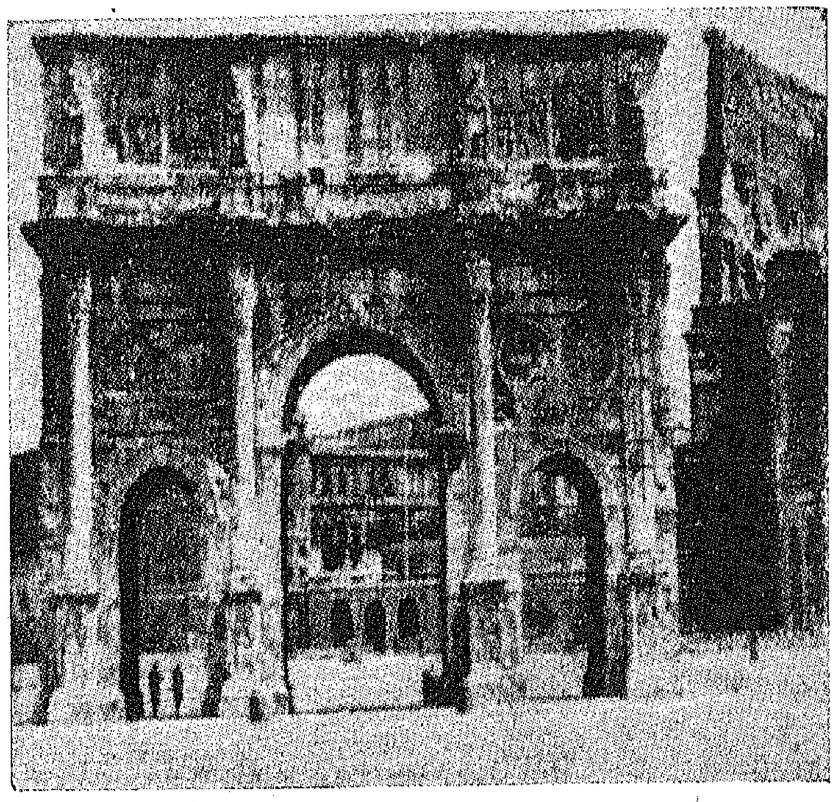
Garibaldi, do alto do janículo, contempla, também, o *Forum Romano* e o *Coliseu*, ambos em ruínas, restando deste sòmente o *Templo de Carlos Magno*, e ambos majestosos e sombrios, encerrando neles, através da poeira dos séculos, toda a glória de Roma e todo o poderio dos Césares. Foi o *Coliseu* a arena dos gladiadores e o local onde se despedaçavam os primeiros mártires cristãos nos dentes acerados das feras africanas, leões da Numídia e panteras da Líbia. Foi o *Forum Romano* o índice do apogeu desses gigantes da eloquência e da filosofia que foram Catão, Cícero e Bruto, foi ali que se travaram as grandes discussões em prol da pátria romana e contra Cartago.

E logo, ao lado, o *Templo das Vestais* ainda conserva as suas colunatas como se, através delas, as virgens quisessem espreitar e chorar sobre as ruínas das glórias antigas, que os *Arcos de Constantino* e de *Tito* viram passar sob cúpulas de bronze e de mármore!

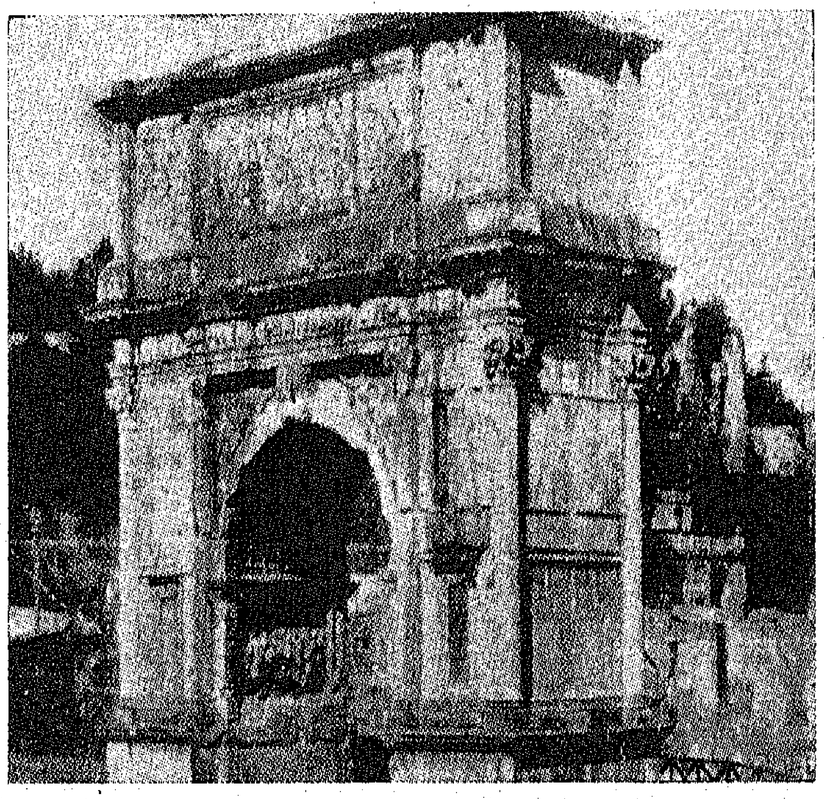
Deixemos agora as avenidas e ruas de Roma, os seus palácios, as suas igrejas, os seus monumentos, está-



O Templo das Vestais (Roma)

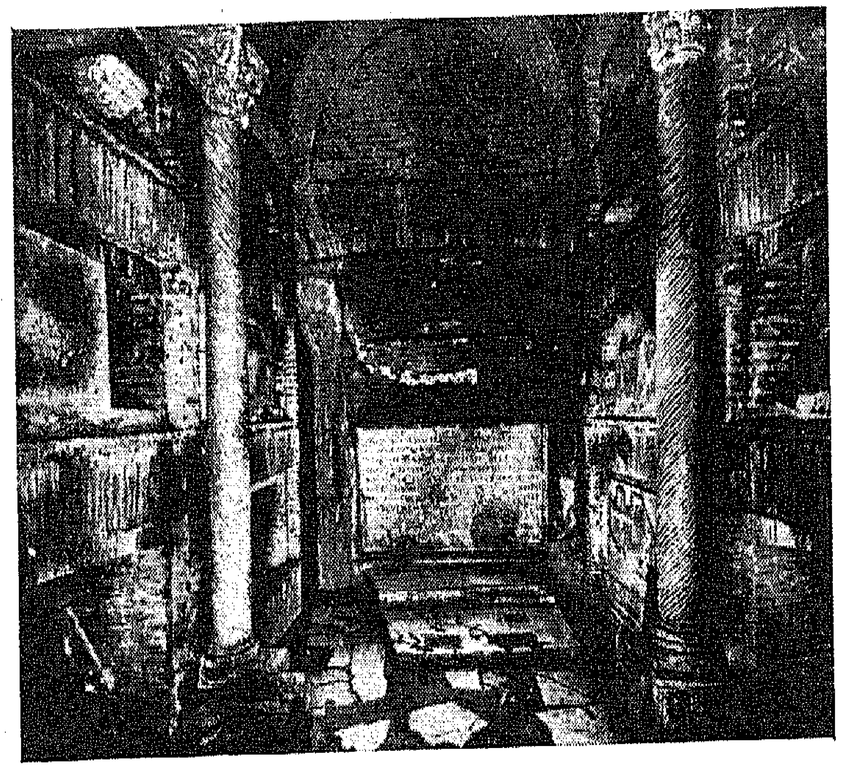


Arco de Constantino (Roma)



Arco de Tito (Roma)

tuas, bustos e fontes que à superfície se ostentam cheias de beleza e de arte, atravessemos a *Via Appia* em toda a sua extensão, cortemos à direita e desçamos as galerias e criptas das *Catacumbas*, cavadas pelos primitivos cristãos a fim de fugirem à perseguição de certos imperadores romanos e onde aqueles celebravam o culto católico no mais absoluto silêncio e cheios de pânico, mas resignados e firmes, vindo a morte muitas vezes



A cripta dos Papas

ceifá-los prenhes de miséria, de sofrimentos e de fome, mas serenos e confiantes na estrela esplendorosa da sua fé no Divino Redentor.

As Catacumbas! Não podíamos deixar de ir ver essas galerias sombrias, onde viveram e morreram milhares de cristãos, onde o sofrimento da fé religiosa teve o seu apogeu, onde cada túmulo e cada ossada nos lembra

o martirológio duma grande multidão de iluminados e de crentes!

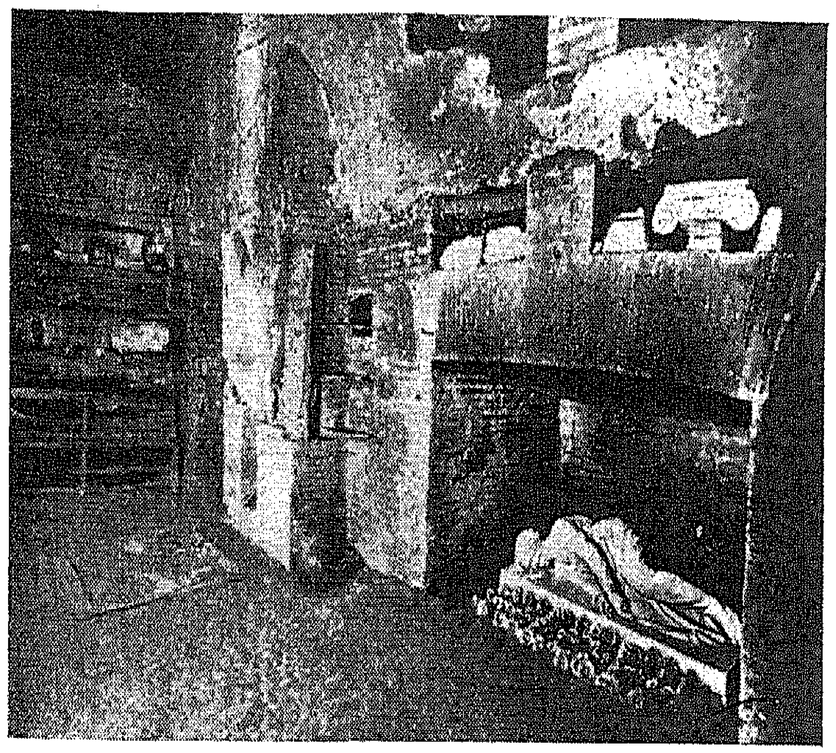
Há várias catacumbas, as de Domitila, de S. Sebastião, de Santa Inês, de Santa Cecília, mas a mais antiga e a mais importante é a de S. Calisto, que tem quarenta quilómetros de extensão e é toda cavada em galerias, caves, nichos e capelas, qual delas de aspecto mais soturno e que foram formadas em etapas graduais, durante quase três séculos. Os primitivos cristãos vinham ali celebrar e orar, faziam ali as suas assembleias, e foi numa destas que o Papa Sixto II foi preso, enquanto pregava, arrastado pelas pedras das galerias e decapitado com os seus fâmulos.

Durante dois séculos, as Catacumbas muito sofreram com as invasões dos bárbaros que caíram sobre a Itália Central, mas nem por isso elas deixaram de ser visitadas pelos peregrinos de todas as nações que iam ajoelhar ao pé do túmulo de Santa Cecília, a Virgem heróica, e dos Papas do século III. Durante algum tempo, as Catacumbas quase que foram abandonadas e ninguém dava pela sua existência, até que, nos meados do século XIV, João Baptista de Rossi, procedendo a escavações, identificou essa necrópole imensa e revelou ao mundo os seus tesouros. As explorações continuaram e actualmente, em face do que se vê e do que se tem descoberto, fica-se plenamente convencido de que a Igreja de Roma é bem a Igreja de Cristo.

Temos, em primeiro lugar, depois de descer uma comprida escadaria, a *Cripta Papal*, que se prova ter sido construída no século III, quer pelas inscrições, quer pela *grafite* ali encontrada. Esta cripta conteve os corpos dos Papas e dos mártires do século III — Ponciano, Antero, Fabiano, Lúcio I, Estêvão, Sixto II, Félix I e Eutíquio. O Papa Dâmaso cobriu de mármore

os nichos onde eles estavam, havendo ali um altar e um trono onde os Papas oficiavam. Depois da remoção dos cadáveres para o Vaticano, ficaram os nichos vazios, e foi assim que os vimos na nossa visita. Há uma inscrição indicando que ali tinham sido inumados os companheiros de Sixto, alguns príncipes, os confessores gregos e muitas virgens cristãs.

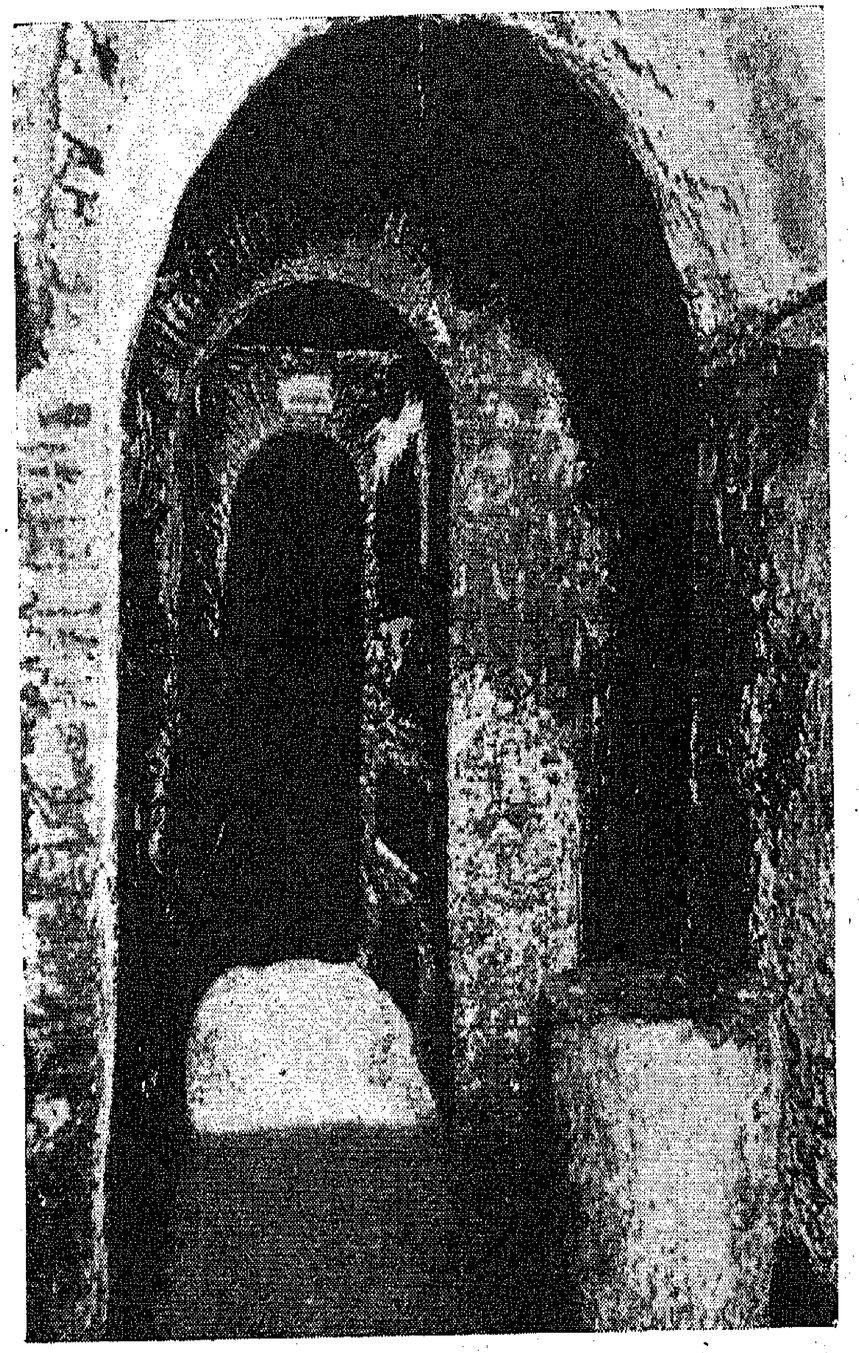
A seguir vem a *Cripta de Santa Cecília*, mais espa-



A cripta de Santa Cecília

çosa do que a anterior. Num recanto da cripta está o nicho onde esteve o sarcófago da Santa, pois aquele foi removido para uma igreja de Roma pelo Papa Pascoal I, e, em seu lugar, vê-se a estátua da Santa, em mármore branco, na posição em que foi encontrada no seu caixão: — deitada de lado, as mãos ao alto e seguras uma na outra, a cabeça caída. Foi uma dádiva de um devoto americano.

O sacerdote, ao celebrar a Santa Missa, nesse nicho, enfrenta uma pintura do século IX, de Santa Cecília com as mãos em adoração, com a cabeça cercada de um nimbo de luz e ornada de pérolas e braceletes. Abaixo do nicho vê-se o busto do Salvador com o Livro

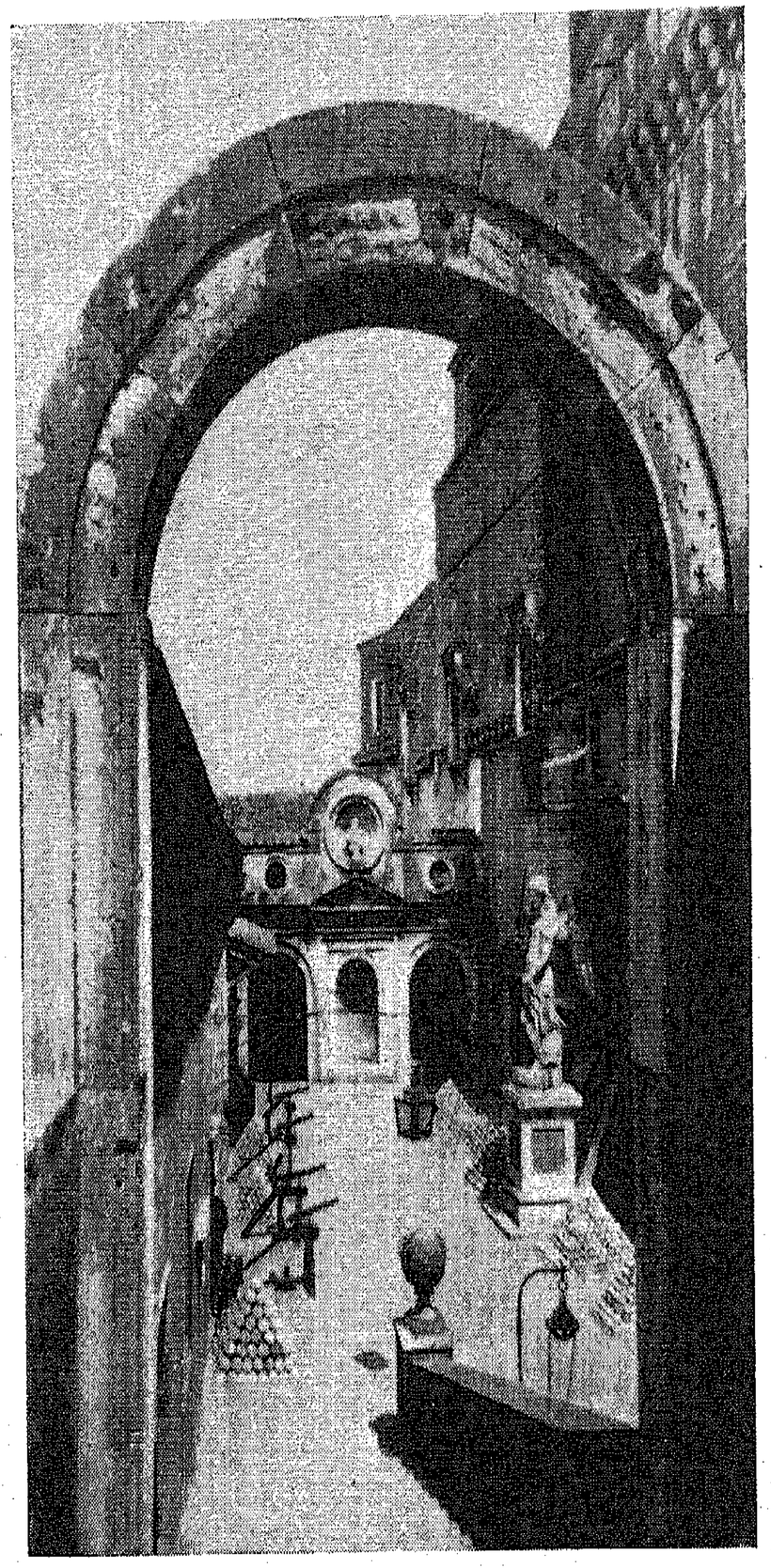


A cripta de S. Cornélio

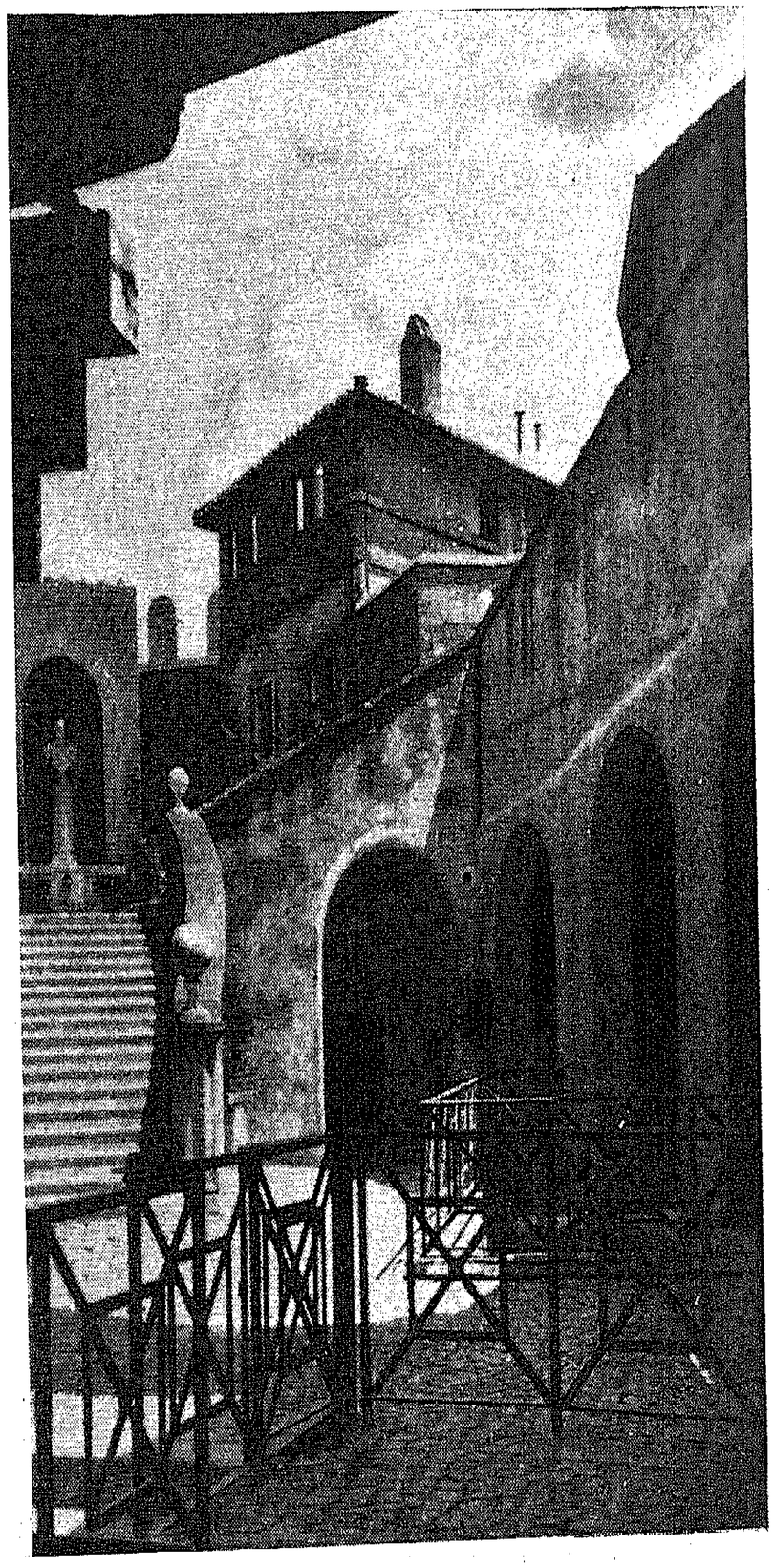
A cripta de S. Eusébio

dos Evangelhos na mão direita e, ali perto, a estátua do Papa Urbano.

A seguir, na mesma cripta, aparecem uns pequenos *cubículos dos Sacramentos* representando cenas do Velho Testamento, como a *Ressurreição de Lázaro*, o *Bom*



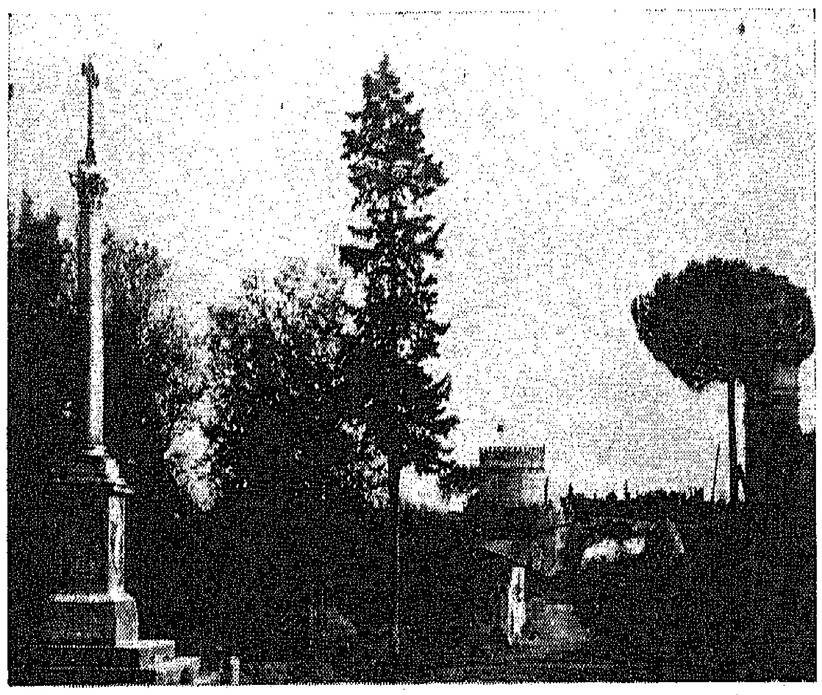
Castelo de Santo Ângelo — Pátio de Ângelo



Castelo de Santo Ângelo — Torre do Bastião

Pastor, Jonas, Isac, etc. Os cubículos são do *Baptismo,* que é figurado por Moisés fazendo brotar a água do rochedo, da *Penitência,* que é representada pelo paralítico no seu leito pedindo o perdão dos seus pecados, e do *Banquete Eucarístico* com a multiplicação dos pães e o peixe, em frente duma mulher em oração, simbolizando a fé.

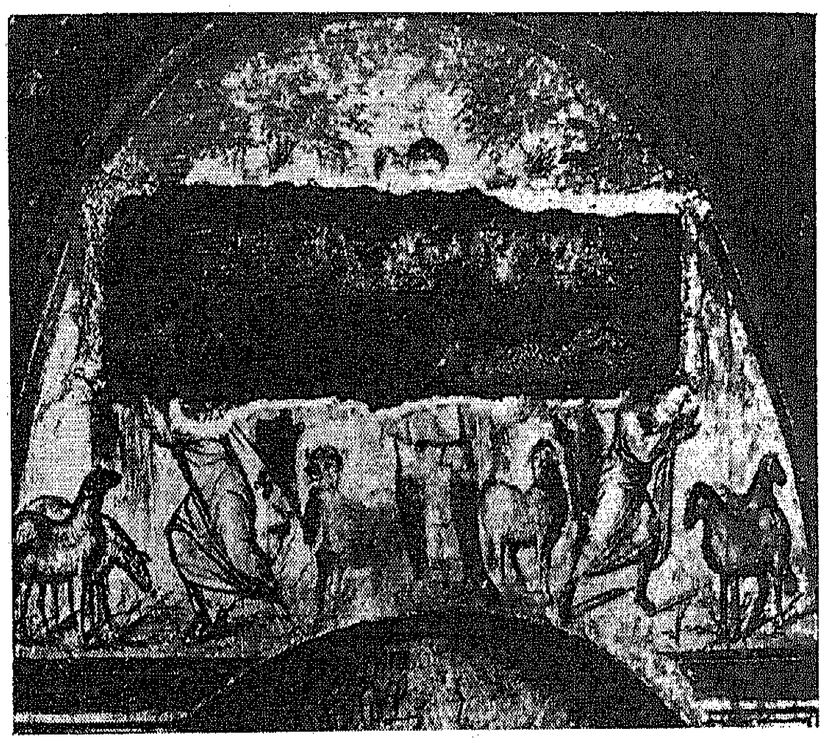
Em seguida chega-se, por uma galeria longa e som-



A Via Appia e o túmulo de Cecília Metello

bria, a humidade ressaltando das paredes, à *cripta de Lucina* com os símbolos cristãos pelas paredes, pombas, ramos de oliveira, âncoras e cruzes, e a Secção do Papa Militíades apresenta muitas inscrições e desenhos alegóricos dos séculos passados. Esta cripta tem decorações murais e fica mesmo por baixo de um templo pagão, demonstrando as pinturas que os seus proprietários foram cristãos do século II. De Rossi encontrou ali

muitos destroços de sarcófagos que traziam estampados nomes de ilustres patrícios da velha Roma dos Césares. Está ali o túmulo do Papa Cornélio, que morreu no exílio em 253 da era cristã, tendo o seu corpo sido trazido para esta catacumba, onde ainda se lê a inscrição latina: — *Nelius Martyr.* Nas paredes há desenhos do século VII com os nomes dos mártires que ali ficaram para sempre. O tecto da cripta ostenta uma



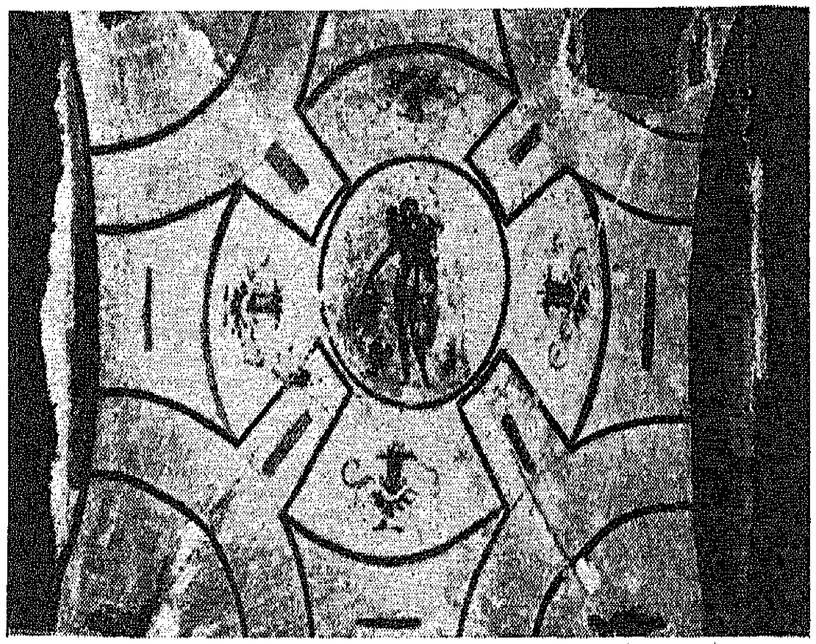
A cripta do Bom Pastor

pintura em que no centro se vê a figura do *Bom Pastor* trazendo aos ombros uma ovelha e, na mão, um púcaro de leite, representando este a Eucaristia e a figura o Salvador que dá a vida pelas suas ovelhas. É esta a mais antiga pintura que se conhece do símbolo eucarístico.

Outra escadaria extensa, mais húmida ainda, e temos a *Cripta do Papa Eusébio,* que é larga e algum tanto ventilada por uma fresta que, não sabemos como, ali

existe e a ilumina. As paredes são cobertas de mármore e mosaicos. Há uma inscrição que é a cópia de uma dedicatória ao Imperador Caracalla, e lê-se, bem nítido, o nome de Dionysius Philocalus, que trabalhou nas esculturas ali existentes.

Há ainda outras criptas, cada vez mais profundas, soturnas e húmidas, como a de S. Cornélio com o sepul-

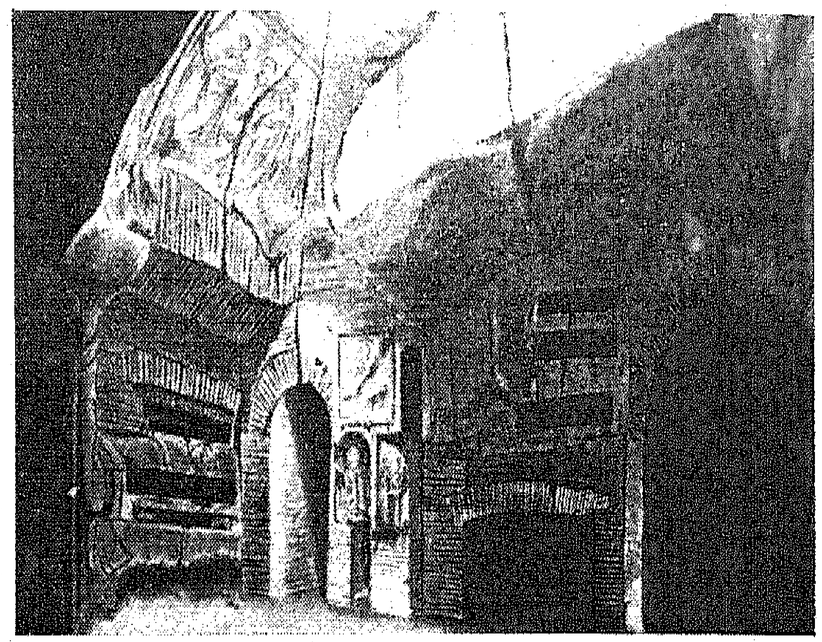


A cripta de Lucina

cro do Santo Pontífice, a dos *Cinco Santos* e do *diácono Severo* e a do *Santo Soter*, onde a pintura representa Moisés, de grandes barbas, e muitos soldados correndo a beber as águas que brotam, límpidas, do rochedo milagroso, simbolismo ousado da conversão do Centurião Cornélio e das suas tropas.

Não fomos mais adiante porque o ar sufocava nem vimos as outras catacumbas, que, em última análise, se assemelham a esta, que é, de todas, a que melhor reflecte

o espírito cristão das épocas pretéricas e a religiosidade firme de convicções que animava e exaltava as almas dos primitivos mártires da cristandade, prontos a sofrer e a morrer pela sua divina ideologia.



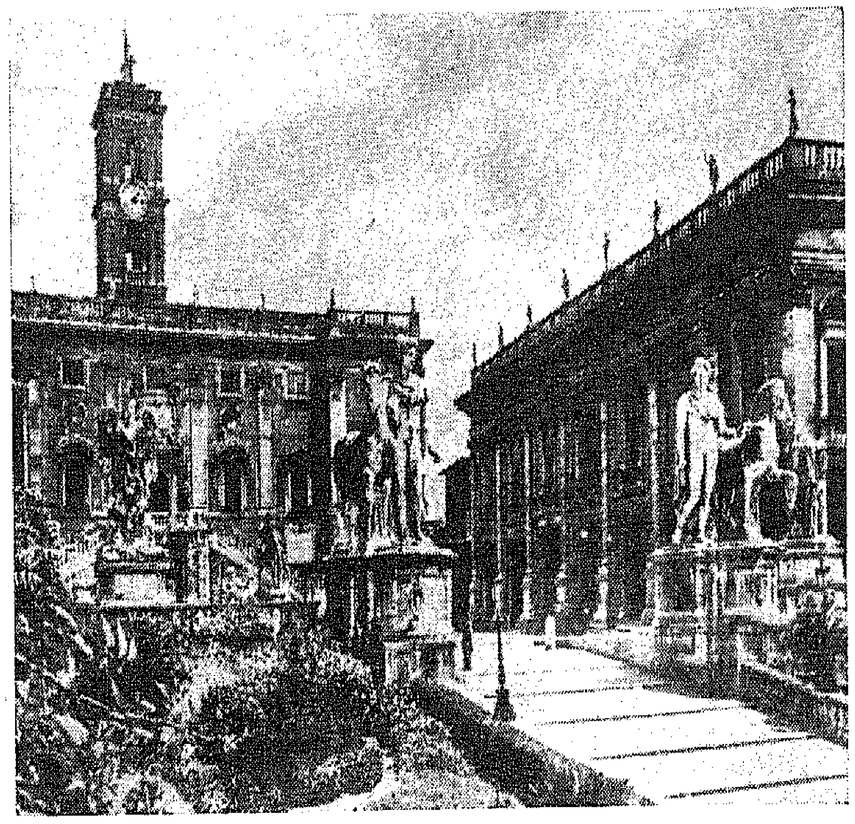
A Catacumba de S. Calisto — Cripta de Santa Cecília

X

A CERIMÓNIA DA CANONIZAÇÃO — O CORTEJO PONTIFÍCIO — HINO A S. JOÃO DE BRITO

Foi-me impossível dar uma descrição mais pormenorizada de Roma e dos seus arredores, quer porque estivemos ali uns escassos seis dias, insuficientes para um estudo mais detido, quer porque a Cidade Eterna é enorme, com as suas avenidas e alamedas, palácios e monumentos, igrejas e ruínas, sendo dificultoso abranger tudo quanto ali existe de belo e de sumptuoso. Limitei-me, por isso, ao essencial, àquilo que pude ver e admirar nesses dias, àquilo que os meus olhos extasiados contemplaram e admiraram durante esse bem curto período de tempo. E se mais não vi, foi porque mais não pude, embora vontade não me faltasse : — é que a peregrinação tinha o seu programa já delineado e nós tínhamos de sair de Roma, ao certo, no dia 27 de Junho, pela madrugada.

Vamos agora tentar descrever, nos seus detalhes, a cerimónia da canonização do Beato João de Brito, à qual assisti, na Basílica de S. Pedro, em cadeira reservada



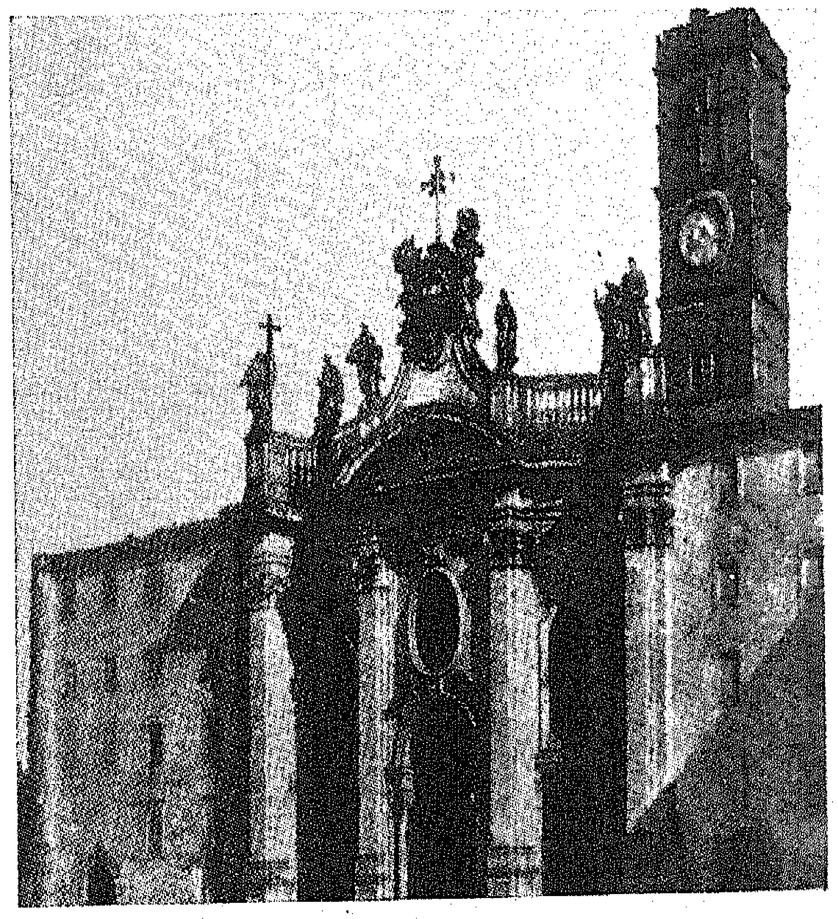
Roma — O Capitólio

e para a qual fora da Índia Portuguesa, de perto de duas mil léguas de distância, em viagem incómoda, sobretudo para quem a idade já pesa e está no limiar da velhice.

A Basílica tem, há séculos, o privilégio de ser destinada para as solenes canonizações, o que foi confirmado por Benedito XIV, na sua bula *Ad Sepulcro Apostolorum* de 23 de Novembro de 1741. Em tais ocasiões festivas, a Basílica vê-se adornada com o maior esplendor : — tapeçarias de Flandres, grandes bandeiras penduradas dos pilares, iluminação feérica nas cornijas, nos capitéis, nos ângulos e pelas paredes, tudo por electricidade, e, ao fundo das naves, central e laterais, as estampas decorativas dos novos santos, pois eram três os que iam ser canonizados nesse dia — João de Brito, jesuíta

português, José Cafasso, sacerdote secular e italiano, e Bernardino Realino, filho da Itália e da Ordem de Jesus.

Em frente do altar da cadeira de S. Pedro ergue-se o trono do Papa, cercado por poltronas para cardeais, bispos, prelados e dignitários.



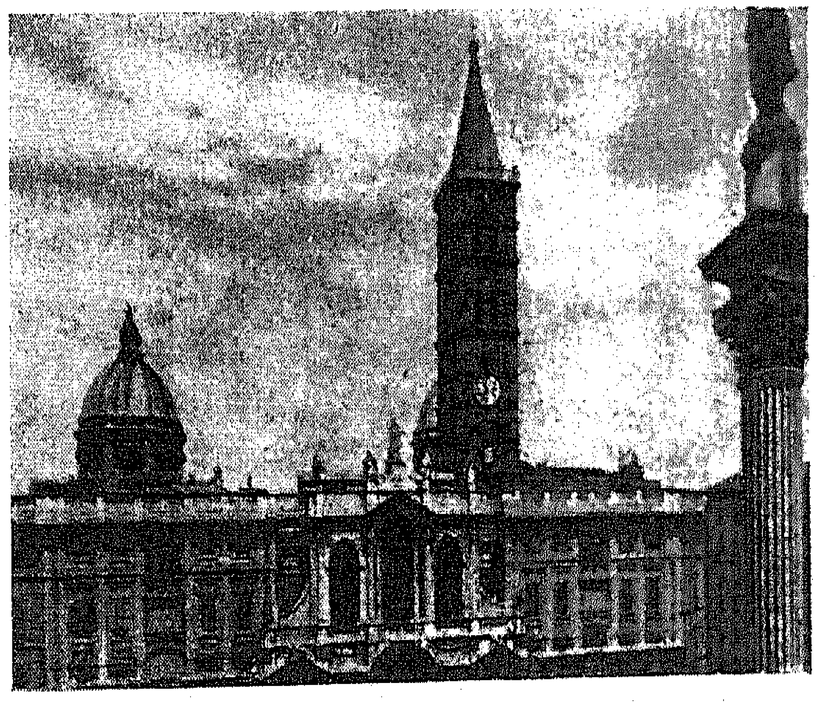
Ao lado vêem-se as tribunas para as pessoas reais, corpo diplomático, ordens religiosas, os parentes de Sua Santidade, a aristocracia de Roma. Também se vêem reservados os lugares do clero, da Congregação dos Ritos e dos Cabidos de S. Pedro, de S. Paulo, de S. João

de Latrão e de Santa Maria Maior. Na fachada da Basílica ostentam-se três grandes painéis com os retratos dos novos santos em nuvens de glória. A assistência, composta de quase setecentos portugueses e, além destes, quase dez a doze mil italianos e indivíduos de várias nações, espalha-se num mar agitado, de cabeças, por todos

os lados do templo, excepto na nave central, que duas alas de guardas suíços reservam para a passagem da grande procissão.

Todos os cardeais, arcebispos, bispos, prelados, o clero regular e secular, os dignitários, de gala e com as mais

Basílica de S. Paulo, extra-muros (Roma)



Basílica de Santa Maria Maior (Roma)

ricas vestes, reúnem-se pouco antes da cerimónia, no *Pátio de S. Dâmaso* e perto da *Capela Sixtina*, segurando, cada um, uma vela acesa que varia de altura conforme o grau das suas dignidades. Grandes tochas são entregues aos portadores das bandeiras. A todos é distribuído, no momento, um livrinho contendo a *Ave Maris Stella* e vários outros hinos e psalmos.

A um sinal dado começa a procissão, que se forma

Escada Santa ou Rédia — Roma

no Pátio, perto da *Capela Sixtina*, e, neste momento, o Papa, acompanhado dos seus altos dignatários, vem à sacristia da Capela e reveste-se dos mais ricos paramentos, usando a túnica de seda branca das grandes cerimónias e a tiara cravejada de pedras preciosas. Entra, depois, na Capela e entoa a *Ave Maris Stella*, que os outros continuam, enquanto ele permanece de joelhos. Após curta oração, Sua Santidade sai da Capela, desce a *Scala Regia* e sobe na sua cadeira — *Sedia gestatoria* — sob um pálio de damasco que os nobres sustentam.

Organiza-se o cortejo pontifício, que se estende, em

Monumento a S. Francisco de Assis (Roma)

longa bicha, pela Praça de S. Pedro e prepara-se para a entrada soleníssima na Basílica.

Caminham, à frente, os frades, os cónegos salvatorianos de S. João de Latrão e, logo depois, o clero diocesano de Roma, os párocos das centenas de igrejas da Cidade Eterna, os sacerdotes das colegiadas e das basílicas menores, os cabidos, o Prelado vice-gerente de Roma

e, logo atrás, a Sagrada Congregação dos Ritos, apresentando um espectáculo inaudito essa fileira extensa de padres com as suas vestes características e das mais variadas. À proporção que passam, o microfone vai anunciando, por alto-falantes, o desenrolar da procissão e a qualidade dos sacerdotes.

A segunda parte do cortejo traz à frente a guarda nobre em uniforme de gala : rapazes pertencentes à melhor aristocracia da Itália. A seguir, três grandes painéis com os retratos dos novos santos e episódios das suas acções. Ladeando o painel de João de Brito quatro deputados da Nação Portuguesa e, entre estes, o nosso conterrâneo Sr. Dr. Froilano de Melo. Depois a Guarda Suíça com o uniforme de gala que Miguel Ângelo desenhou, seguida por estandartes e pessoas das famílias e das ordens religiosas a que pertenciam os novos santos, a corte pontifícia, constituída por camaristas de honra, camaristas de capa e espada, maceiros, capelães, advogados, referendários da assinatura apostólica, auditores do Tribunal da Rota, prelados domésticos, uma infinidade de outras dignidades eclesiásticas e, finalmente, o grão-mestre do Santo Hospício.

O cortejo ainda tem uma terceira parte que é aberta pelo Decano do Tribunal da Assinatura Apostólica com o turíbulo a incensar, seguido pelos votantes do dito Tribunal, os mestres da Vara Rubra, guardas da Cruz Papal — os Abades gerais e episcopais, comendador da ordem do Espírito Santo, e cerca de cento e vinte cardeais, arcebispos e bispos, bem como o Príncipe Assistente ao Solo Pontifício. Entre estes caminhavam os prelados de Portugal, cônscios da sua missão, e o Bispo auxiliar do Rio de Janeiro.

Enfim, sobre a *Sedia gestatoria*, conduzida aos ombros dos nobres sediários, com a vigilância do furriel-mor e do guarda-mor, sob um pálio de damasco vermelho, a cujas varas de ouro pegam altas personalidades das Ordens religiosas, ladeado por dois camaristas empunhando grandes ventarolas — *flabelli* —, trazendo altas velas de cera e cantando as orações do ritual — entra Sua Santidade o Papa, segurando um círio aceso na mão esquerda e abençoando, com a direita, a multidão, que, prostrada, o aclama entusiàsticamente.

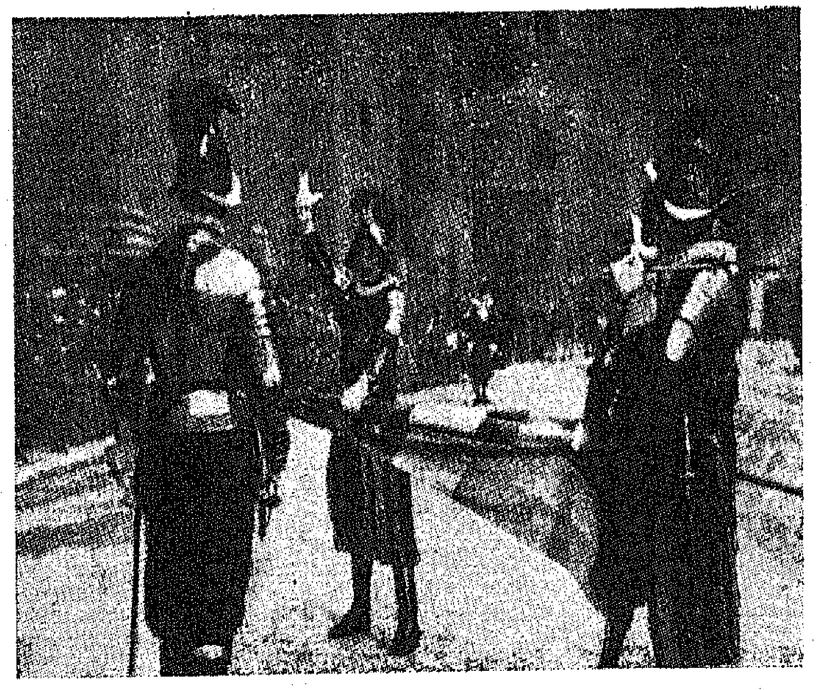
O Santo Padre é rodeado pelos comandantes e oficiais das guardas Nobre, Suíça e Palatina, seguindo-se-lhe, na cauda, um piquete de homens de armas, maceiros, médicos, mordomos pontifícios e, no extremo, os Gerais das Ordens religiosas.

O Papa entrando na Basílica e abençoando a multidão

A peregrinação portuguesa entrou na Basílica duma forma invulgar e notável : — à frente os alunos do Colé-

A Guarda Palatina

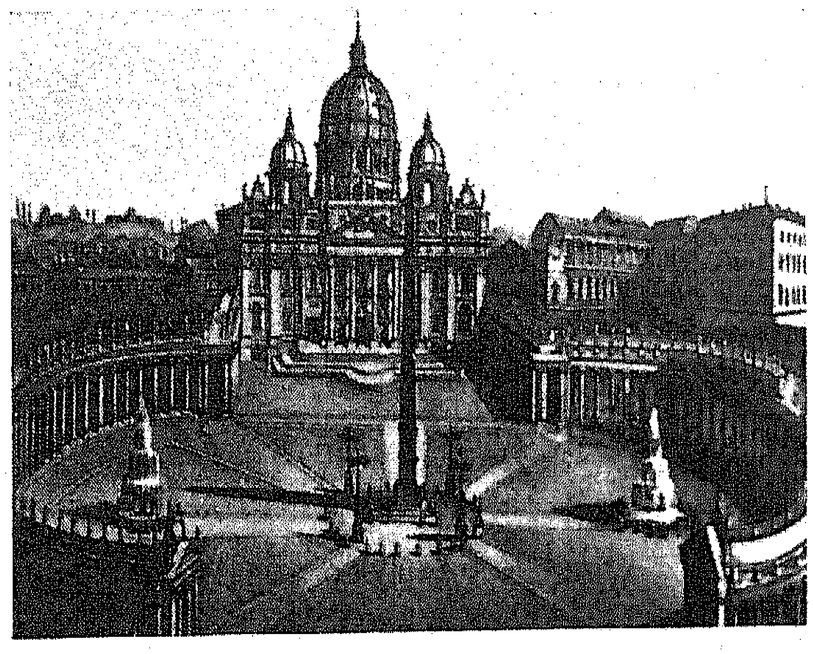
gio Português de Roma, seguidos da oficialidade do *Mouzinho* com os seus uniformes de gala, e todos os peregrinos, perto de setecentos, cantando *Ave, Rainha*



A Guarda Suíça

celestial, Ave, Mãe de Portugal e Proteja Cristo o nosso Portugal, que reboam sob a cúpula de S. Pedro e pelas suas grandes naves, comovendo todos os corações.

Mal entra o Cortejo Pontifício, as canções cessam para darem lugar a uma tempestade de vibrantes aplausos que recrudescem quando se vê o Papa e aumentam de intensidade num coro de trovejantes aclamações, como é de uso nas igrejas da Itália e da Espanha, embora seja de estranhar nos templos dos outros países. Trombeteiros pontifícios, ocultos, faziam retinir, nas suas trombetas de prata, a Marcha Papal de Longhi. Um verdadeiro delírio e glorificação de tal ordem que nunca assim a vi nem suponho a verei igual em dias da minha vida.



Um aspecto da Basílica de S. Pedro

Ao longo da nave central da Basílica, o Cortejo seguiu vagarosa e triunfalmente até ao sólio pontifício. Chegado ao *altar papal*, todos se sentam nos lugares designados, o Papa desce, ajoelha-se, ora por momentos, levanta-se

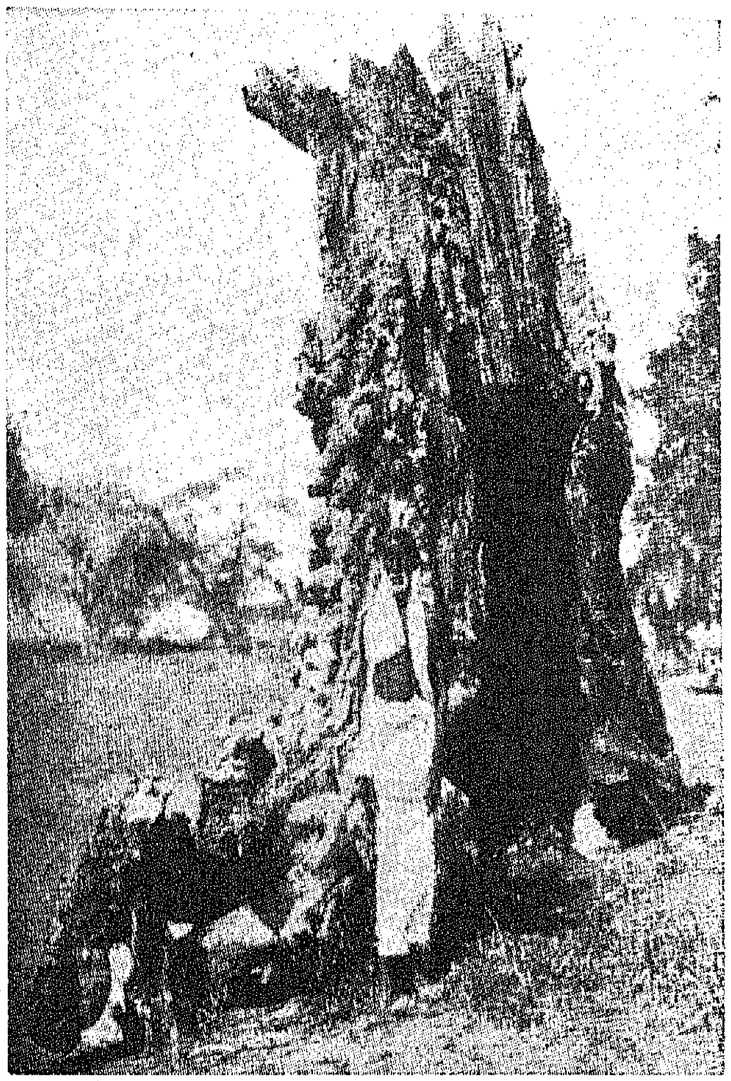
e vai, depois, ocupar o seu lugar no trono. Imediatamente começa a *cerimónia da obediência* ou do beija-mão a todos os cardeais, bispos e outros prelados.

Terminado este acto, começa, pròpriamente, a canonização. Acercam-se do trono os três Cardeais procuradores dos processos da Canonização, acompanhados dos advogados consistoriais, e pedem, num breve discurso em latim, ao Santo Padre se digne inscrever os três Beatos no Catálogo dos Santos : *In Catalogo Sanctorum Dominis Nostri Jesu Cristi.* O Prelado-Secretário dos Breves, também em latim, responde que Sua Santidade tem pleno conhecimento das virtudes e boas acções dos três beatos, mas que, antes de tomar a irrevogável decisão, deseja invocar Deus, por intercessão da Virgem Maria, dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo e de toda a corte celestial.

Em seguida, Pio XII ajoelha-se e um dos Cardeais diz-lhe : *Orati.* Alguns momentos de oração e, logo depois, o mesmo purpurado : *Levate.* Erguendo-se, Sua Santidade canta, acompanhado de todos os assistentes, o *Veni Creator Spiritus* e, depois, vai sentar-se no trono. O Prelado-Secretário anuncia, em voz alta e vibrante, que o Papa, convicto de que seriam agradáveis a Deus as três canonizações, vai proclamar os novos santos. Comoção indescritível : — o Papa ergue-se e, de pé, com a mitra na cabeça, no meio do mais profundo silêncio, declara Santos os Beatos João de Brito, José Cafasso e Bernardino Realino.

Deposta a mitra, o Papa entoa, solene, o *Te Deum,* que é cantado pelo coro e pelos assistentes, enquanto o sino grande da Basílica dá o sinal e todos os trezentos campanários das igrejas de Roma repicam festivamente, dando ao mundo a boa nova das canonizações.

Findo o *Te Deum,* o Cardeal-Diácono anuncia que

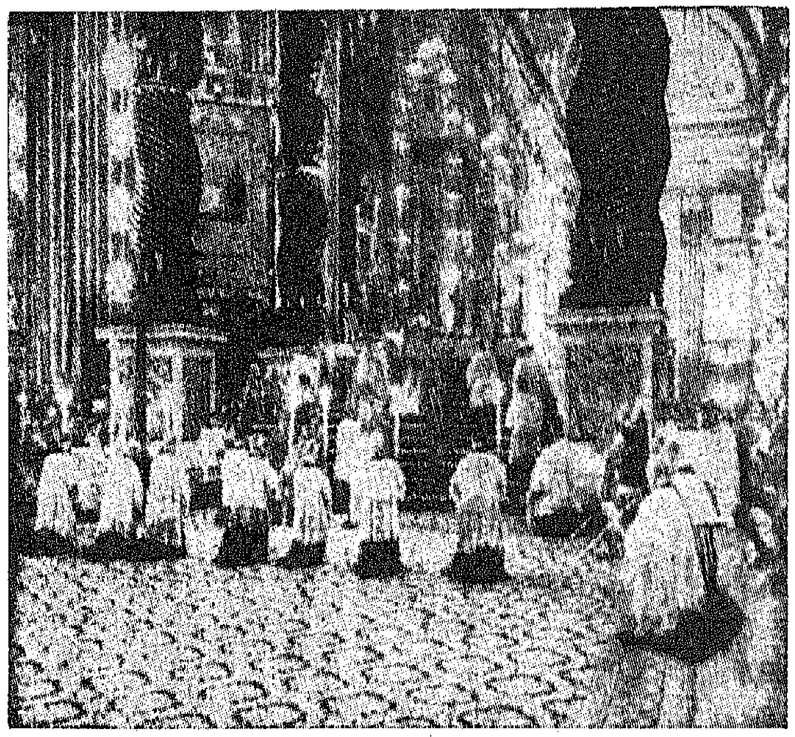


A árvore, na colina do Urgur (Maduré) ao pé da qual foi degolado S. João de Brito

Sua Santidade concede indulgência plenária a Portugal e a toda a peregrinação por causa das canonizações, enquanto o Papa vai ao troneto paramentar-se para o Santo Sacrifício. Sobe, depois, ao Altar das Confissões — privativo do Papa —, onde celebra a Sagrada Missa em honra dos novos Santos, sobre o túmulo majestoso de S. Pedro e entre as colunas espiraladas, maravilhoso e artístico baldaquino de Bernini.

A missa pontifical nada tem de especial a não ser

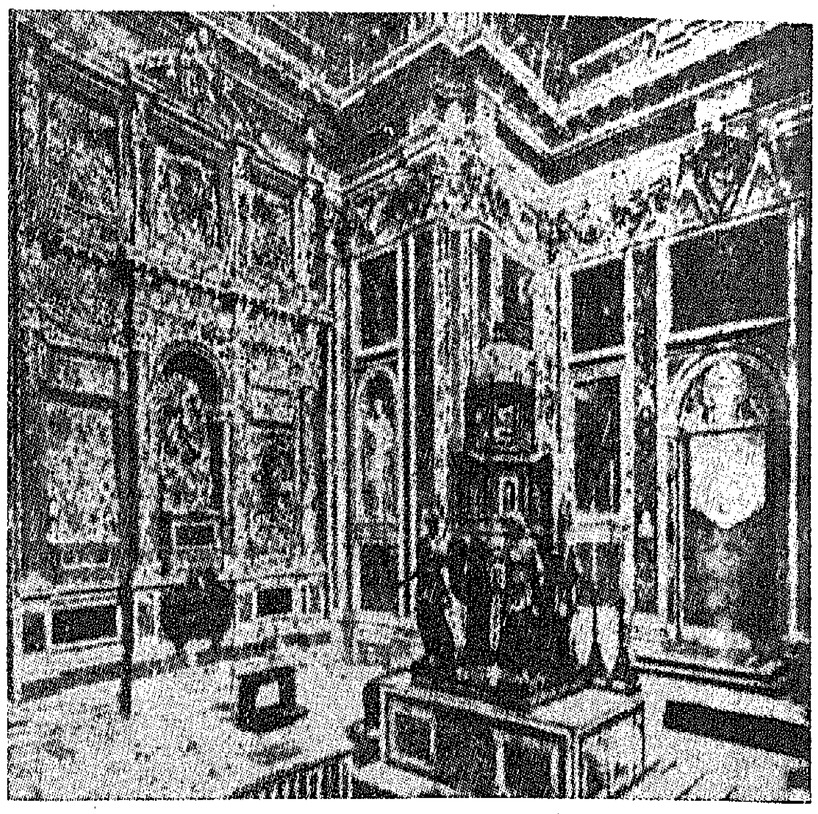
que é rezada com a frente para o povo, e, na ocasião do *ofertório*, há a apresentação das prendas simbólicas, como pães, flores, gaiolas com pombas brancas, pássaros exóticos e pequenas jarras com água e vinho. Recordam-se, assim, os velhos tempos em que a Fé cristã trazia essas ofertas à Igreja para o sustento dos seus mártires, e as pombas e passarinhos constituem símbolos da pureza e da natureza divinal do sacrifício, estando neles figuradas as virtudes dos novos santos.



A missa pontifical da canonização

Quando da Elevação, as trombetas de prata soam de novo, enquanto que os Guardas Nobres montam a guarda de honra ao altar, ajoelham-se e, de espada desembainhada, fazem a continência.

No fim da Missa, o Cardeal Arcipreste da Basílica entrega a Sua Santidade, como retribuição simbólica da cerimónia, uma bolsa de seda branca com duas antigas



Capela do Santíssimo Sacramento

moedas de ouro — dois *paoli* —, dizendo-lhe : — *Accepias pro Missa bem cantata.*

Estavam findas as cerimónias. Sua Santidade desparamenta-se na *Capela da Piedade* e sai da Basílica com o seu cortejo na mesma ordem, retirando-se, pela *Capela do Santíssimo Sacramento*, para os seus aposentos.

Pelas naves da Basílica ressoam novas aclamações e a multidão dos filhos de Portugal e do seu Império enche a Praça de S. Pedro entoando, a plenos pulmões, o seguinte hino de glória e de amor :

I

Rejubilai, portugueses,
Cantai bem alto ao Senhor
Que temos por sua graça
Mais um Santo protector.

CORO

S. João de Brito
Teu sangue bendito
Será o penhor
De todo o amor;
Toda a devoção
Que queremos pôr
Na propagação
Do Verbo infinito
De nosso Senhor.

II

Já pelo Verbo de António
O mar se impera de amor...
E a terra bebeu o mar
E brotou então uma flor.

CORO

S. João de Brito, etc.

E assim dessa maneira inolvidável terminaram as cerimónias da canonização do português João de Brito, do *Herói da Fé e do Império* que morrera, por Jesus, às mãos dos infiéis, na mais alta colina de Urgur, ali no Maduré (Índia), cujas florestas e matos Ele sempre preferira às alcatifas e reposteiros adamascados dos palácios realengos!...

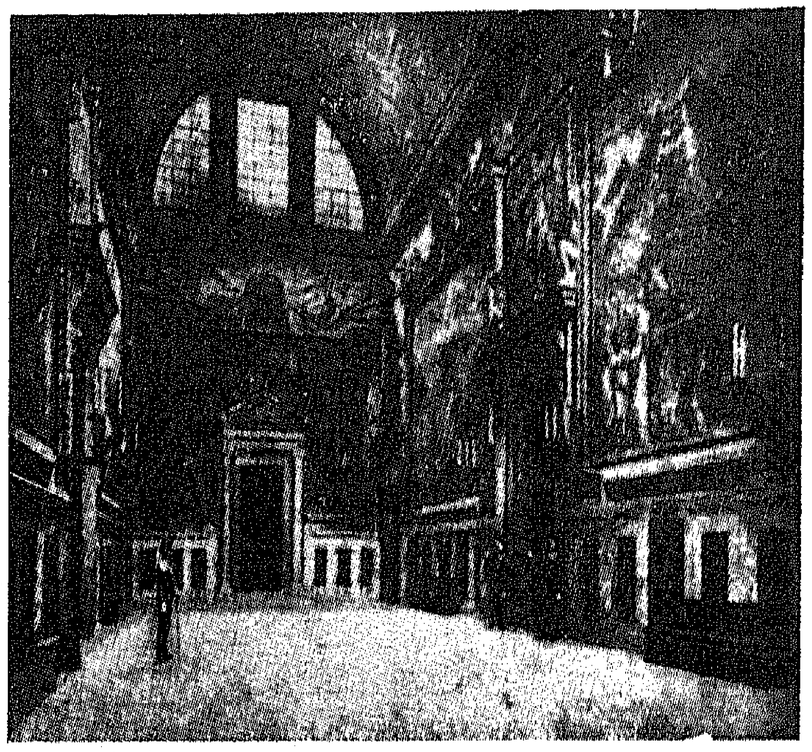
Antigas moedas de ouro do Vaticano (Paoli)

XI

RECEPÇÃO NA EMBAIXADA DE PORTUGAL AS AUDIÊNCIAS PAPAIS

Uma festa que, indubitàvelmente, marcou, em Roma, como um grande acontecimento, foi a recepção dada, na Embaixada de Portugal junto da Santa Sé, à peregrinação portuguesa, na tarde de 21 de Junho, e à qual assistiram todos os peregrinos, bem como o Corpo Diplomático acreditado junto do Solio Pontifício, cardeais e as figuras da mais alta categoria social na Cidade Eterna. Os deslumbrantes salões e jardins da Vila Lusa, sede da Embaixada, abriram-se, num deslumbramento de luz e de riqueza, para todos os convidados, que eram perto de mil e quinhentos, com trajes de gala e o luzir das mais altas condecorações de todas as nações ali representadas. Assistiram os embaixadores da Inglaterra, China, Brasil, Holanda, Argentina, França, além de Gowen, o representante pessoal do presidente Truman junto do Vaticano, e o corpo cardinalício, com Mons. Jardini, que é o Secretário extraordinário para os negócios estrangeiros da Santa Sé. Entre as pessoas de distinção viam-se o

Procurador Geral da Ordem dos Beneditinos, o Comendador Nagara, director-geral dos Museus pontifícios, o Conde Thun, que representava o príncipe Chigi, Grão-Mestre da Ordem de Malta, o Barão Alshoffen, comandante da Guarda Suíça, e o célebre escritor francês



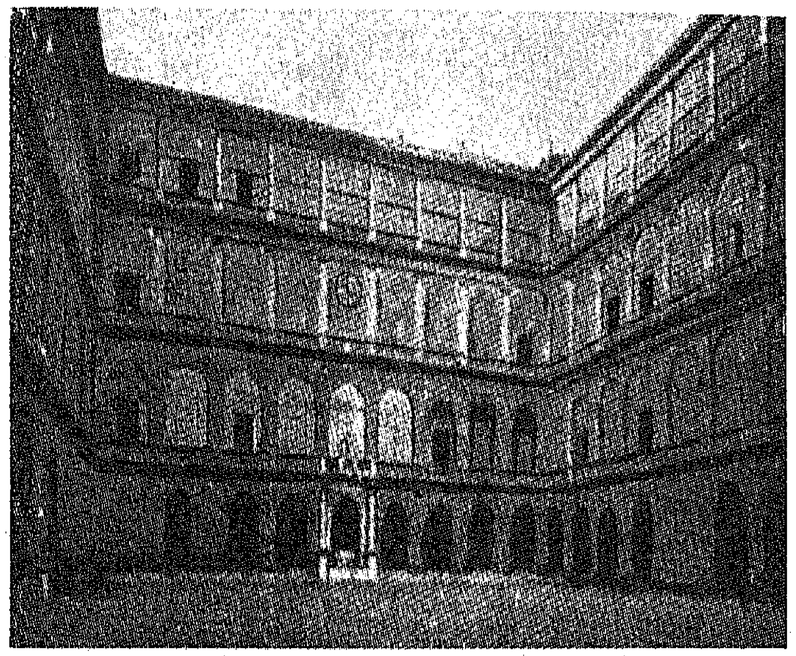
A Sala Régia

Jacques Maritain com a poetisa e sua esposa Raissa Maritain, que procuravam tomar informações sobre as nossas províncias ultramarinas, conversando com os seus delegados e inquirindo-os sobre a vida e costumes — motivo de um próximo livro a ser por eles publicado.

O ilustre Conde de Tovar — Embaixador de Portugal — e sua esposa foram incansáveis em obsequiar os seus convidados com serviços profusos e variados e a sua fidalga afabilidade, a que davam realce duas orquestras bem afinadas e uma ornamentação das mais sóbrias e de bom gosto.

Esta esplendorosa recepção deu lugar a que se reafirmasse o elevado conceito em que é tido, na Santa Sé, hoje, o nome da nossa Pátria, apontada, em todo o Mundo, como exemplo de ordem e de magnífica paz social.

Voltemos, agora, ao Vaticano, que é, certamente, o maior palácio do Mundo: — tem mais de mil salas e vinte pátios, todos decorados com estátuas, bustos, grupos esculturais, tapeçarias, mosaicos e pinturas, constituindo, todo ele, não só a residência papal, da sua corte e dos seus guardas, mas ainda o Museu, a Biblioteca, os arquivos, as repartições, etc. Os maiores pintores, escultores e arquitectos da Renascença empregaram ali o seu génio, desperdiçando-o em obras-primas e imortais que ficarão para a eternidade como testemunhos inesquecíveis da grandeza do Papado.



O pátio de S. Dâmaso

Às 16 horas do dia 23 de Junho enviaram-me, ao Hotel, um cartão pelo qual se via que o Santíssimo Padre concedia uma audiência geral a todos os portugueses e italianos, às 18 horas do mesmo dia. Foi só o tempo de nos trajarmos de gala e irmos à *Porta de Bronze*, por onde se entra para a residência papal, depois de passar pela Guarda Suíça, subir uma longa escadaria, atravessar algumas salas e chegar, finalmente, ao *Cortile de S. Damaso* — Pátio de S. Dâmaso, onde, devido ao elevado número da assistência, se realizaria, ao ar livre, a recepção pontifícia.

Ao fundo do pátio, uma alta tribuna com a cadeira papal sob um pálio de damasco e várias poltronas para os cardeais, bispos e pessoas de alta categoria, havendo, em baixo, fileiras de cadeiras e bancos, onde os convidados se sentam. Aos lados do estrado onde se erguia a tribuna, duas escadas. A assistência está *au grand complet* e os portugueses entoam hinos a Nossa Senhora de Fátima e o seguinte de *glória a Portugal:*

I

Salvé, nobre Padroeira
Do povo, teu protegido,
Entre todos escolhido
Para povo do Senhor.

Coro

Ó glória da nossa terra,
Que tens salvado mil vezes,
Enquanto houver portugueses
Tu serás o seu amor.

II

És a obra mais sublime
Que saíu das mãos de Deus,
Nem na terra nem nos céus
Há criatura maior.

Coro

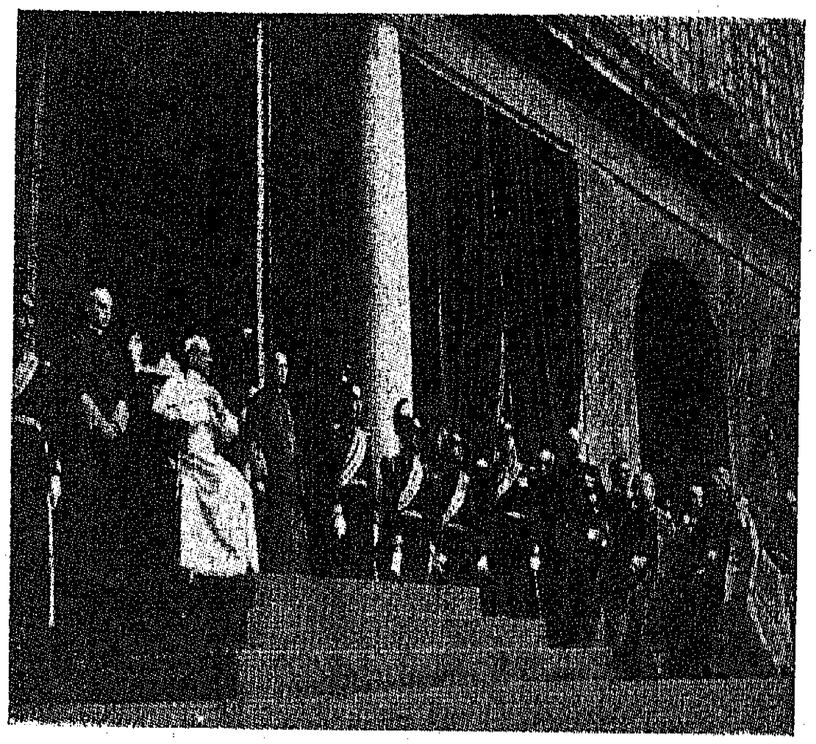
Ó glória da nossa terra, etc.

E o hino subia espiralando nos ares, enquanto se aguardava pela vinda do Santíssimo Padre. Em frente do estrado, mesmo à cabeceira do outro lado, uma linda imagem de Jesus Crucificado, tendo, no supedâneo, um anjo de asas abertas; pelas paredes tapeçarias das mais ricas e o chão de mármore desenhando grandes flores.

Abre-se, ao fundo, uma portinha: — é o Papa que entra, vestido de batina branca, a cruz de S. Pedro ao peito. A alva seda de Sua Santidade fazia um contraste admirável com a púrpura dos cardeais, o vermelho dos bispos, o negro dos sacerdotes e o luzir das variadas condecorações. Silêncio. Calam-se os hinos, mas estrugem os vivas, ressoam as palmas. O Papa senta-se e, a um gesto seu, tudo se cala. E Pio XII, serenamente, pausadamente, sem repetir uma palavra, fala em italiano, durante quase uma hora, exaltando as virtudes dos três novos santos, e quando chega a S. João de Brito, que propositadamente reserva para o fim, a sua voz, em linguagem portuguesa, com intonações carinhosas e afectivas, refere-se a Poreugal como se se dirigisse a um filho bem-amado, louvando a sua acção missionária, a fé que sempre o animou e tendo palavras de alta exaltação à cruz das caravelas, à gesta lusíada, às delegações do Império Colonial e à luzida embaixada que o Governo

português mandou a Roma, intelectual e espiritualmente superior à de Tristão da Cunha a Leão X em 1514. E o olhar de Sua Santidade irradiava fulgores, enquanto os seus lábios, finos e macerados, diziam:

«Quando, há quatro séculos, uma célebre embaixada depôs no trono de Pedro as ricas primícias das terras recentemente descobertas pelos aventu-



A audiência do Papa às delegações do Império

rosos argunautas lusitanos, havia naquele gesto do Rei Ventoroso a promessa decidida de trabalhar por levar a Fé a todas aquelas imensas regiões e trazê-las, um dia, à obediência do Vigário de Cristo. Hoje, esta vossa Embaixada, para mais luzida com a refulgência de duas púrpuras cardinalícias e de quase todo o Episcopado, mais pre-

ciosa se apresenta porque é portadora de tesouros imortais de almas regeneradas no sangue de Cristo, recrutadas em todo o território que se estende das plagas africanas do Congo, Angola e Moçambique,

S. João de Brito

através do Continente Índico e Chinês, aos arquipélagos do Pacífico — hoje, esta vossa Embaixada de Almas está mostrando, concretamente, os esfor-

ços feitos durante séculos e os frutos colhidos na realização daquele cristianíssimo propósito e faz reviver aos nossos olhos tantas legiões de intrépidos missionários que guiados pelos heróicos Francisco Xavier e João de Brito por lá escreveram com os suores apostólicos e tanta vez rubricaram com o sangue uma das mais gloriosas e indeléveis páginas da História da Igreja».

Mais algumas palavras e Pio XII encerra o seu brilhante discurso. Momento indescritível, delírio apoteótico :— os portugueses, de pé, aclamam-no entusiàsticamente, e então, num coro espontâneo e vibrante, ouve-se a *Portuguesa* entoada por centenas de vozes. A seguir, terminado o hino nacional, o Papa ergue-se, desce, avança no estrado e lança, imponentemente, a sua bênção à assistência inteira, que a recebe prostrada e comovida.

Depois da bênção, o Papa sentou-se de novo e recebeu as dádivas de muitos cristãos, dando-lhes a mão a beijar :— ao Cardeal-Arcebispo de Lourenço Marques, que, em nome dos indígenas de Moçambique, deu um crucifixo de ouro e um par de castiçais de marfim; ao Rei do Congo, que, acompanhado da Rainha, lhe fez entrega de dois dentes de elefante; aos régulos e bispo de Timor; aos macaístas e indígenas de S. Tomé e Príncipe com os seus trajos característicos, a duas ilustres damas indianas, vestidas de *sari*, e a alguns filhos de Portugal. Os de Timor ofereceram uma preciosa cruz de ouro encerrada em cofre de sândalo e os de Macau uma miniatura representando, em ouro, a primeira caravela que aportou ao Oriente.

Terminado o desfile, o Papa levantou-se e retirou-se. Soaram palmas a coroar a sua retirada e, ainda novamente, se fez ouvir a *Portuguesa*, que ecoava pelas escadas, pelos pátios, pelas colunatas de Bernini...

O Papa dando a bênção

No dia 26 de Junho, a *Porta de Bronze* deixou-nos entrar, mais uma vez, ao meio-dia, a fim de ver o Papa, pois tinha sido concedida, sòmente às delegações do Ultramar, uma audiência de natureza particular ou especial.

Ao limiar, os suíços perfilavam-se e deixavam-nos entrar, desde que mostrássemos o cartão que tinha sido dado prèviamente, e, acima da porta, um lindo mosaico da Virgem Maria com S. Pedro e S. Paulo aos seus pés. Entra-se, corta-se à direita, sobe-se a longa escadaria de Pio IX, que nos conduz à Sala do Mestre da Câmara, no 1.º andar. Continua-se a subir e vai-se ao Pátio de S. Dâmaso, onde já tínhamos estado no dia da audiência geral, pátio guardado pelos gendarmes papais, que poli-

ciam todo o Vaticano. Ainda umas escadas mais e vai-se ao segundo andar, onde se entra na Sala Clementina, guardada pelos suíços e decorada por ordem do Papa Clemente VIII, que a embelezou duma forma extraordinária.

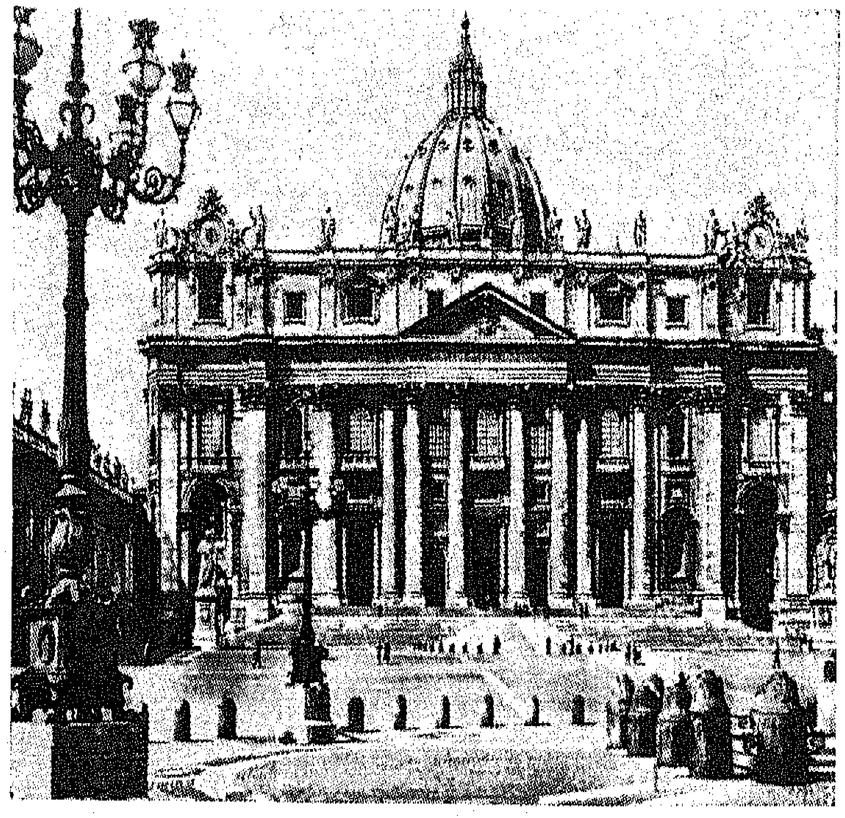
O ouro e o colorido da abóbada reflectem-se suavemente no mármore raiado do pavimento e *frescos* duma beleza rara quebram a monotomia das paredes. Atrás fica a Sala do Consistório, onde os cardeais e bispos se reunem e são lidos os decretos da beatificação e da canonização. Atravessamos depois algumas salas, a dos gendarmes, onde estes se conservam em grande uniforme; a Sala do Cantão, com a guarda de honra feita pelos palatinos; a Sala dos Arezzi, cheia de ricas tapeçarias e onde encontramos os oficiais da guarda palatina e da suíça; a Sala da Guarda Nobre, recrutada entre a mais antiga nobreza italiana, chamada também, a Sala da Capela por estar próximo de uma capela onde o Papa, às vezes, celebra a Santa Missa e dá a sagrada comunhão a certas pessoas de alta categoria; e, finalmente, à Grande Sala do Trono, onde Sua Santidade aparece, em certas ocasiões, a dirigir-se a qualquer peregrinação.

Os peregrinos não podem ir para além desta sala, a não ser os que vão ser recebidos em audiência particular. A estes leva-os o Camareiro privado, acompanhado de alguns guardas nobres, através da antecâmara secreta e da Sala dos Papas, com os retratos, em ponto grande, de alguns pontífices, à Sala de S. João, onde se alteia a Imagem do Percursor, de mármore branco. Nem um móvel, só bancos em volta das paredes e, ao fundo, um pequeno estrado com uma cadeira dourada e de braços, onde o Papa se deve sentar. Pelas paredes, tapeçarias ricas e, no tecto, um lindo mosaico onde a luz

se reflecte, dando cor e quase que movimento às figuras bíblicas que ali se vêem.

Os peregrinos das delegações do ultramar português alinham-se na extensa sala, por províncias, a um de fundo, e os camareiros afadigam-se em conservá-los numa certa ordem, até que entra o Santo Padre, entre ovações entusiásticas e palmas ruidosas.

Lá perto, numa outra sala — a Régia, apinham-se

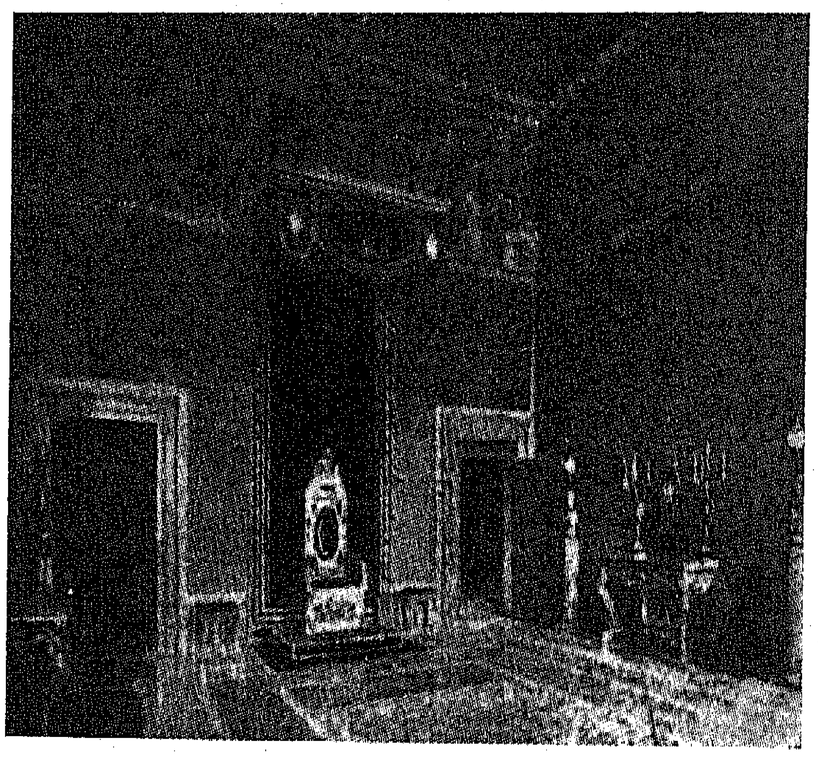


A fachada da Igreja de S. Pedro

todos os convidados do Governo, nascidos em Portugal, bem como os que estavam em Roma ou para ali tinham ido a suas expensas e que conseguiram penetrar pela *Porta de Bronze.*

Como se vê, na Sala de S. João estão os filhos do Ul-

tramar e na Régia os do continente. O Papa, entrando na de S. João, senta-se, ladeado pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, pelo Cardeal-Arcebispo de Lourenço Marques e pelo Patriarca das Índias Orientais. E começa o desfile, por províncias ultramarinas, chamadas pelo camareiro de serviço. Cada peregrino beija a mão de Sua Santidade, recebendo a sua bênção e uma pequena medalha. Quando chegou a nossa vez, foi o Sr. Patriarca das Índias quem teve a gentileza de nos apresentar a Sua San-



A Sala do Trono

tidade, com quem ainda chegámos a trocar algumas palavras beijando-lhe, comovidamente, a fina e macerada mão, num dos dedos da qual brilhava o inconfundível anel de S. Pedro.

Foi uma cerimónia deveras impressionante, um momento que nunca se pode esquecer e não há palavras que o possam descrever.

Sua Santidade retira-se em companhia dos seus dignitários e as delegações dispersam-se e descem a longa escadaria, uns entoando hinos à Virgem e outros a *Portuguesa*, o vibrante hino nacional, que nos fala à alma e nos relembra a Pátria, a família, todos os nossos amores.

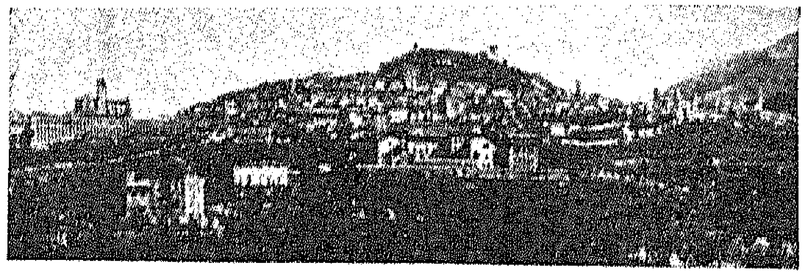
Terminada a audiência, lá pelas 16 horas, Sua Santidade, sabendo que na sala Régia se encontravam os portugueses do continente, para ali se dirigiu, percorreu as filas todas e deu, a cada um, a sua mão a beijar e uma pequena medalha. A assistência, extasiada, cantava hinos à Virgem e ao Senhor, dando graças por essa extrema bondade que o Papa revelava, indo ao encontro dos portugueses e dizendo-lhes palavras de simpatia e de incitamento.

Sua Santidade era acompanhado do Mestre da Câmara, dos guardas nobres e suíços no seu esplêndido uniforme de gala, do secretário e dos seus camareiros. Depois de percorrer todas as filas, demorando-se momentos perto de cada peregrino, o Papa sobe ao estrado, e, de pé, invoca Deus de braços abertos e dá solenemente a sua sagrada bênção...

E, saindo, lá fomos ao *Albergo* almoçar e arrumar as malas para a excursão a Assis e a Florença, o que se realizaria na manhã seguinte, pelo comboio especial das oito horas.

XII

ASSIS: *IL POVERELLO* E A BASÍLICA — FLORENÇA: A CASA DE DANTE E OS PALÁCIOS — GÉNOVA: CAMPO SANTO E O TÚMULO DE MAZZINI — REGRESSO AO PAÍS DA ARTE

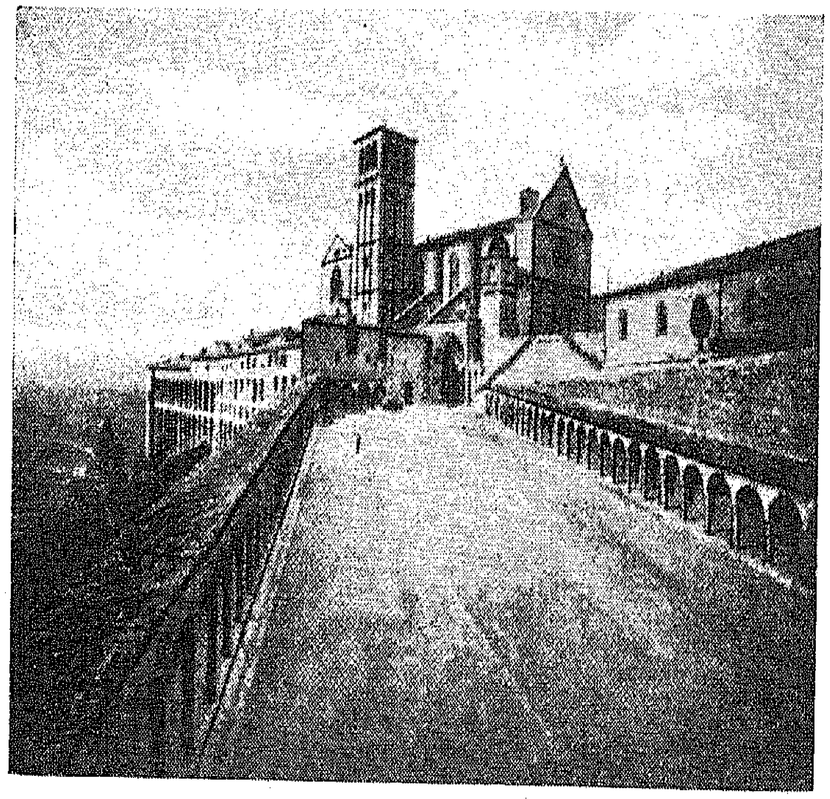


Panorama de Assis

Logo de manhã, 27 de Junho, estávamos no comboio eléctrico, de caminho para Assis, e por todo o percurso vimos os grandes estragos causados pelos bombardeamentos, durante a última guerra: — casas derruídas por completo e reduzidas a escombros rasando com o chão, pontes retorcidas e, por terra, esqueletos de aviões com as asas enterradas, palácios e fábricas num estado lastimável. À hora do almoço estávamos na humilde vila do *Poverello*, de S. Francisco, que, numa vida inteira

de pobreza e de sacrifício, votou-se, abnegadamente, a Deus; erguendo-lhe templos, esmolando pelos casais e andando, ao sol e à chuva, de túnica esfarrapada, sandálias nos pés e bordão na mão, a pedir, a pedir sempre para o seu ideal — ponto luminoso que, no firmamento, o chamava e o acolhia, cercando-o numa auréola de amor e de bem.

Entrar em Assis é penetrar nos umbrais da Idade-Média. Primeiro, a planície da Úmbria, com os seus bosquedos de oliveiras, e, em seguida, palácios antigos



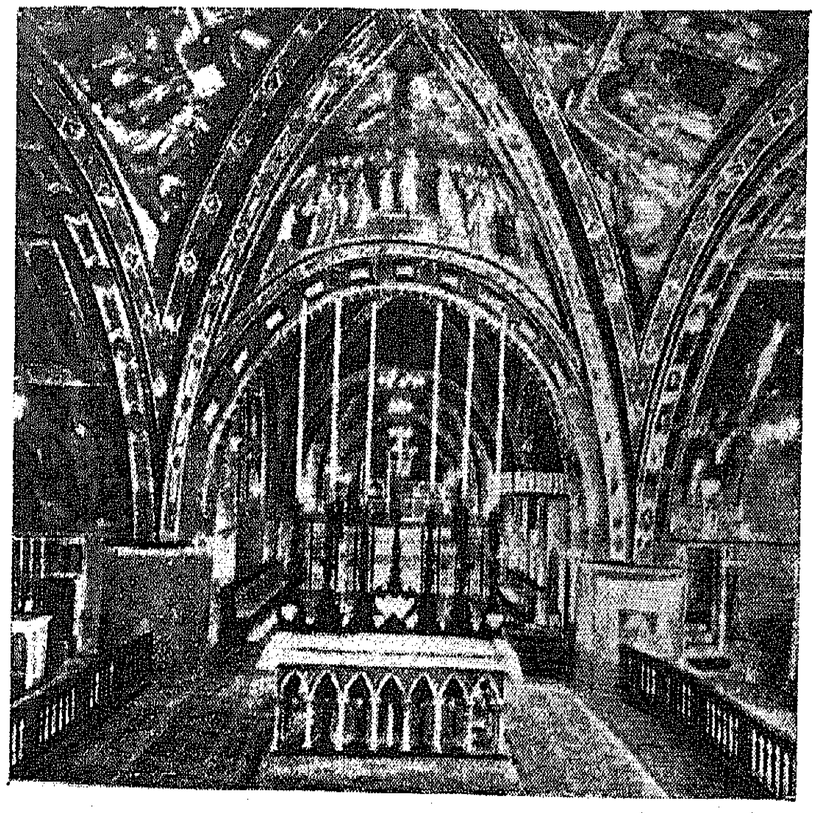
Basílica de S. Francisco

e residências modernas. Foi nessa terra, de ruas estreitas, que nasceu Propércio, o poeta latino das Elegias, foi nessa região sombria que viveu Metastásio, o célebre libretista que compôs os versos para as óperas de Mozart, e foi, finalmente, ali que teve o seu berço místico Fran-

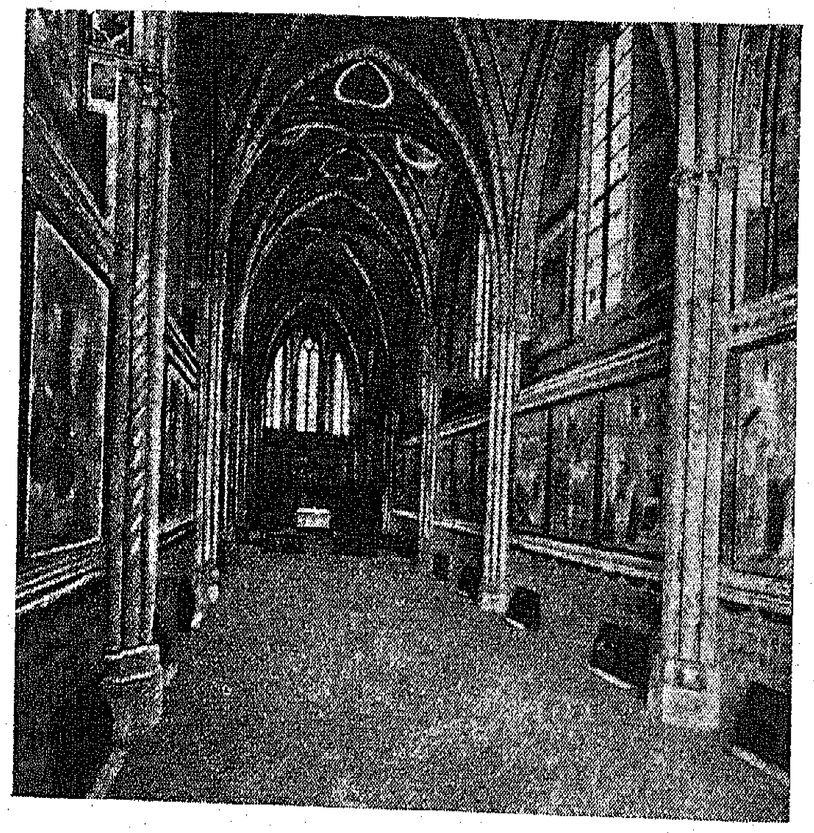
cisco de Assis, o vate excelso dos humildes e dos pobres, o Santo que tanta glória deu à Igreja Católica e, sobretudo, ao sentimento da caridade. Foi ele que, com o dinheiro das esmolas, construiu a *Basílica de Assis*, enorme convento com duas igrejas sobrepostas e onde, num túmulo riquíssimo, o seu corpo repousa, cercado por uma legião de frades. Fomos visitá-la: — é, realmente, das mais lindas, e majestosas da Itália, com as suas arcadas bonitas, abóbadas baixas, pilastras redondas como as dos templos do antigo Egipto, vitrais altos e coloridos, cornijas rendilhadas e painéis de alto valor representando motivos da vida do grande Santo. Há ali *frescos* de Giotto que são duma rara beleza e que descrevem, duma forma simbólica, a castidade, a pobreza, todas as virtudes de S. Francisco. Quem deu ao célebre pintor a ideia desses *frescos* foi o poeta Dante Alighieri, e, em prova de gratidão, Giotto traçou, no quadro da castidade, a figura taciturna do cantor da *Divina Comédia* ajoelhado aos pés do Santo de Assis. Este, sem ser sacerdote e só possuindo a arte de fazer lindos versos, consegue autorização para pregar na Catedral e a sua palavra, vibrante e misteriosa, é toda para engrandecer a dor e o sofrimento, é toda em favor da fé e do amor, numa pureza única que fascina e encanta, num êxtase poético e bem próprio da Idade-Média.

As duas igrejas sobrepostas — constituindo a Basílica — representam, a de baixo, o túmulo de S. Francisco e o sombrio dos seus sofrimentos na terra, e a de cima a glória eterna da sua vida nos céus — concepção sublime do grande arquitecto da Itália do Norte, Jacopo Lombardo, auxiliado pelos famosos mestres da Renascença, os Comacini.

O pórtico da Igreja inferior, trabalhado em mármore

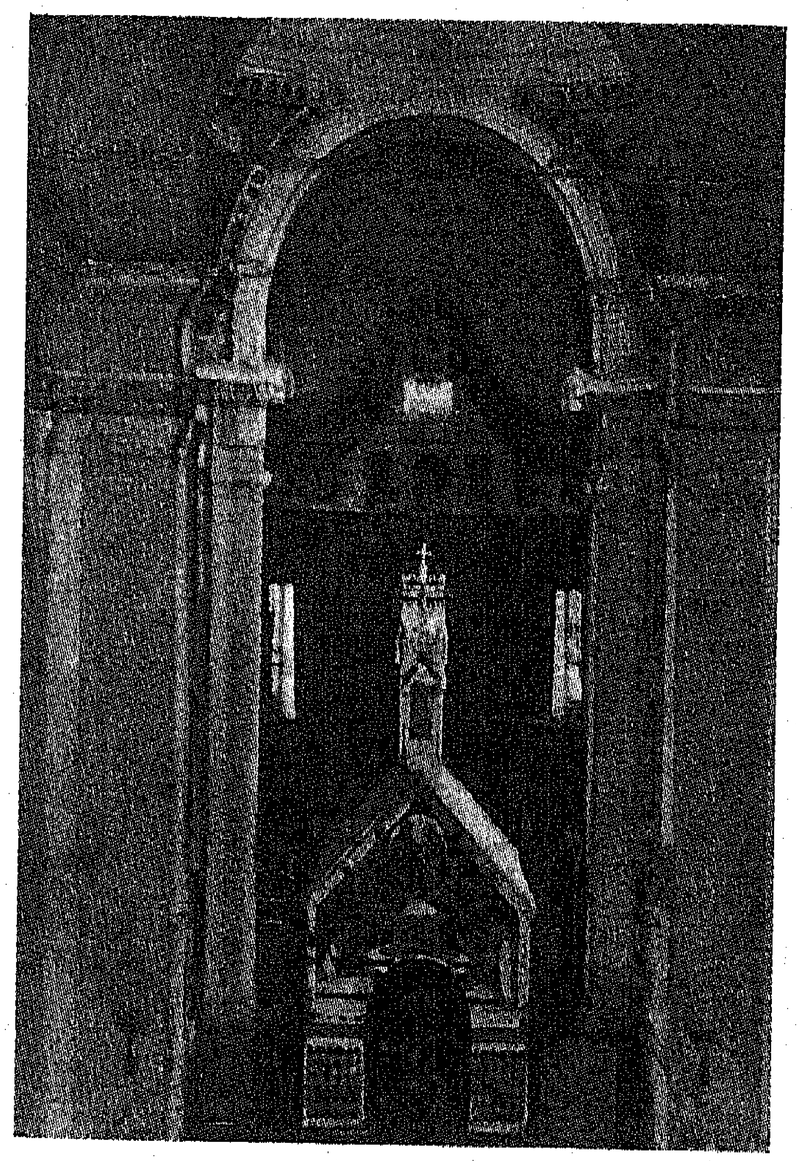


Interior da Basílica de S. Francisco



Basílica de S. Francisco — Interior da igreja superior

derradeira poesia, a última mensagem do seu grande coração, foi, indubitàvelmente, o *Canto ao Sol*, recitado em frente dessa mulher admirável, clara, que, cega também, ao Santo ficou devendo a luz dos supremos ideais cristãos. E, dessa forma, foi criada a *Ordem de S. Francisco*, a ordem da castidade e da pobreza, que tem, pelo Universo, quase dois milhões de frades e perto de doze mil conventos. E ele, que foi *il poverello*, repousa num sarcófago dos mais ricos e sumptuosos — mármore,

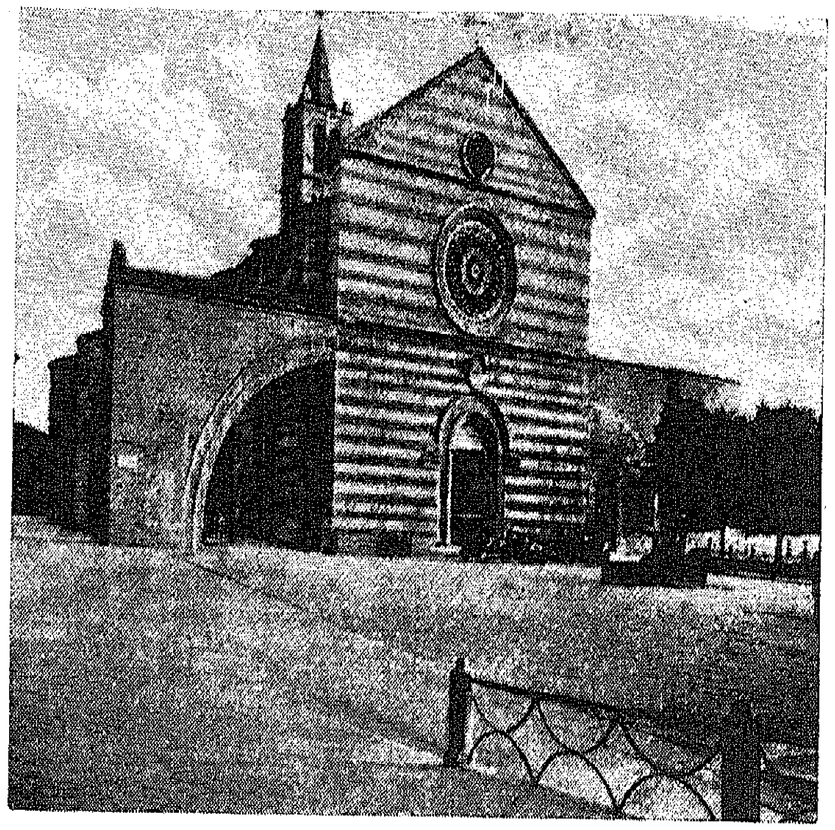


Assis — Igreja de Santa Maria dos Anjos

ónix e prata com incrustações cintilantes de pedras preciosas!

Mas Assis não é só a Basílica: — caminhando ao longo da *Via de S. Francisco*, rua estreita e curva, erguem-se palácios e residências senhoriais de alto valor arquitectónico, vê-se o *Hospital Público* tendo na fachada o grupo escultural da Madona entre S. Roque e St.º António, a *Livraria Municipal* com os seus importantes arquivos contendo os pergaminhos e manuscritos da história da cidade e da Ordem Franciscana, o *Arco do Seminário*, de pedra branca e vermelha, a *Igreja de S. Nicolau*, o *Museu*, a lindíssima *Torre Comunal*, o *Templo de Minerva*, que é uma construção coríntia de harmoniosas proporções, bastante admirada pelo poeta alemão Goethe, o *Palácio Comunal*, a *Igreja Nova*, que tem a forma duma cruz grega, a *Catedral de S. Rufino* com a fachada em artísticas decorações esculturais e o interior de três naves sumptuosas e elegantes. Na *Praça do Príncipe de Nápoles* admira-se o magnífico jardim público, que sobe em terraços cobertos de flores e donde se desfruta uma vista esplêndida de todo o vale da Úmbria, e daí chega-se à *Igreja de Santa Clara* com a sua fachada em arcos ogivais e o interior tendo a forma duma cruz latina, toda revestida de *frescos* admiráveis do grande Giotto. Uma pequena escadaria leva-nos à cripta feita dum mosaico de mármores variados e onde repousa o corpo da Santa num túmulo de bronze e cristal, cercado por uma rede de ferro.

A cidade de Assis é um verdadeiro repositório de igrejas e capelas: — além das que descrevi muito sumàriamente, há a *Igreja de Santa Maria Maior*, a de *St.º António*, a de *S. Pedro* e não sei quantas capelas de variados estilos e soberbos rendilhados, quase todas construídas em frente de fontes esculturais com repuxos de

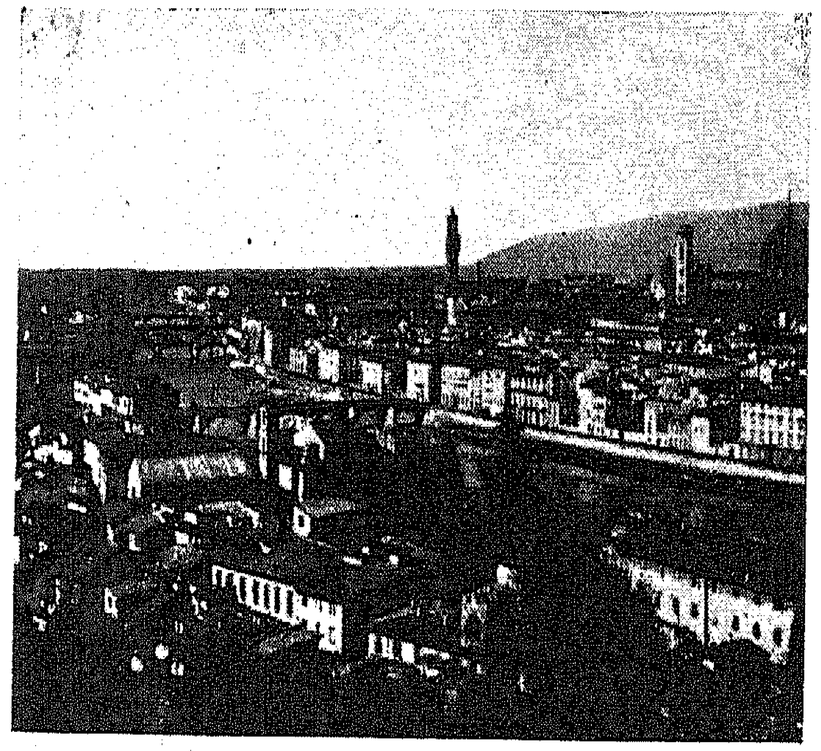


Assis — Igreja de Santa Clara

águas cantantes e límpidas. Não é exagero afirmar-se que a Idade-Média ali predomina em toda a sua graça e plenitude.

Passámos a noite no *Albergo Porziuncula*, tendo por companheiro de quarto o austero e simpático *canonicus* Castilho, e logo na manhã seguinte, 28, seguimos para Florença, cidade de lindas flores e bonitas mulheres. No percurso, pelo comboio especial e electrificado, admirámos o *Lago Trasimeno* com as suas águas quase verdes e as margens plantadas de pinheiros, lago onde os imperadores romanos davam festas em gôndolas doiradas e onde eram afogados os presos políticos e os condenados à morte, os férteis valados da Toscana com as suas figueiras, oliveiras, videiras e outras árvores frutíferas, e vimos também as casas e as fábricas desmoro-

nadas pelos bombardeamentos durante a conflagração mundial. Foi ao pé do *Lago Trasimeno* que Aníbal derrotou os romanos e abriu, ao saque dos vencedores, as portas da Cidade Eterna. Ao entrar em Florença, uma meia hora antes, divisámos o Rio Arno com as pontes dinamitadas pelos alemães na sua retirada pelo norte. Às 12.30 parámos na estação dos caminhos de ferro, grande e bonita, toda em abóbada, com arcadas ogivais



Panorama de Florença

e vitrais coloridos. Andam raparigas esbeltas vendendo flores em grandes canastras e toda a estação assemelha-se ao templo de Vénus em modelos de carne branca e cor-de-rosa.

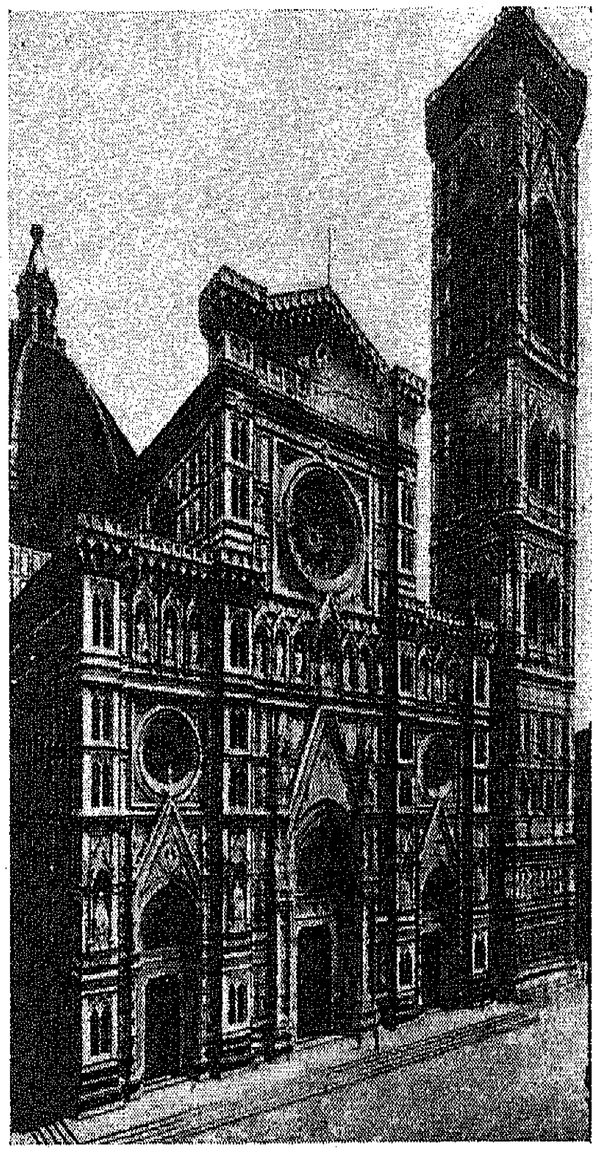
Passeando por Florença, sente-se bem a impressão dos seus *boulevards*, a estátua formosa de Vítor Manuel e os grandes palácios, onde reinaram o luxo e a nobreza,

Rio Arno com as pontes

com os seus tectos dourados, pavimentos de mármore verde e as paredes revestidas de primorosas obras de arte e *frescos*, devidos aos Mestres da Renascença e ao cinzel de Cellini ou Donatello; as fachadas são sombrias e pesadas, marcam pela arquitectura séria e grave: — parecem fortalezas feudais.

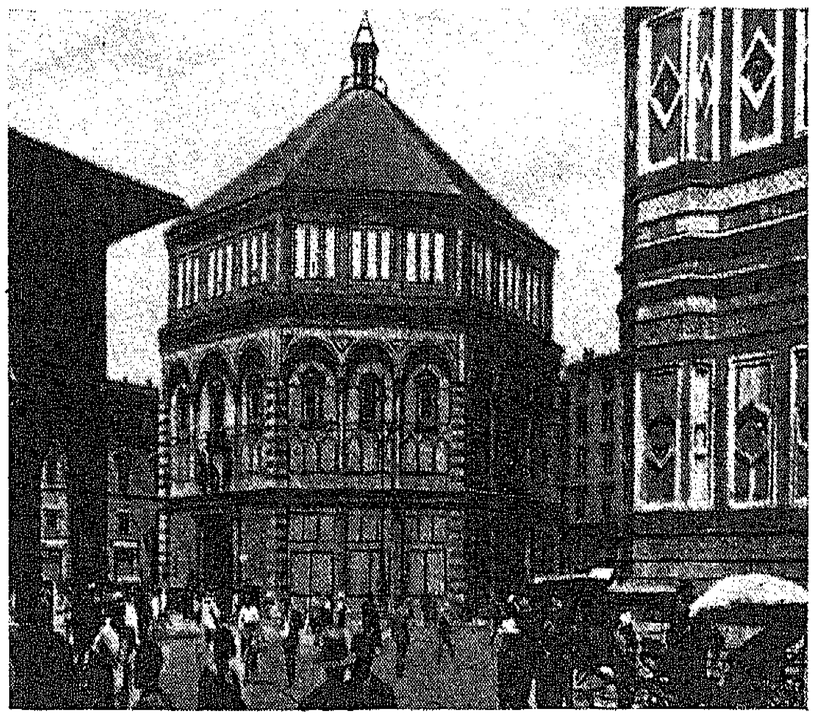
De todos os homens ilustres dessa cidade, o maior, indubitàvelmente, foi Maquiavel, diplomata astuto e talentoso, que marcou pela forma invulgar como encarou os problemas sociais e humanos. No dia 29 visitámos a Catedral, soberba e esplendorosa nas suas três naves, colunatas, estátuas e obras de arte e, logo ao lado, a *Torre de Giotto*, que tem a sua história de sangue, de beleza e de volúpia com a Condessa Matilde oferecendo a Toscana ao Papado. A fachada da Catedral é toda colorida e rendilhada, em mármore; lá dentro não há quadros, a não ser, no tecto, os *frescos* de Giotto.

Só tem um altar ao fundo e dois laterais. O *Baptistério*, onde foram baptizados Dante e outros artistas, é digno de se ver: — está fora do templo e é quase circular, com a pia em mármore colorido, estátuas e nichos.

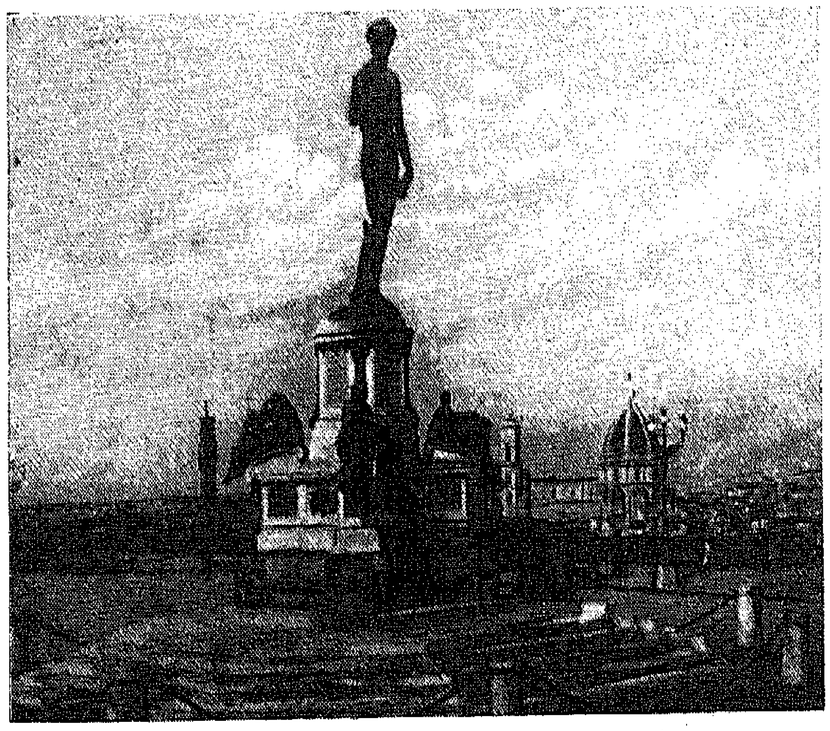


Catedral — Torre de Giotto

A torre ou *Campanilla* de Giotto é um primor de arte e de beleza, com um rendilhado lindo e medindo cerca de 50 metros de altura. Do alto dessa torre, para onde me dei ao trabalho de subir, vê-se um lindo panorama



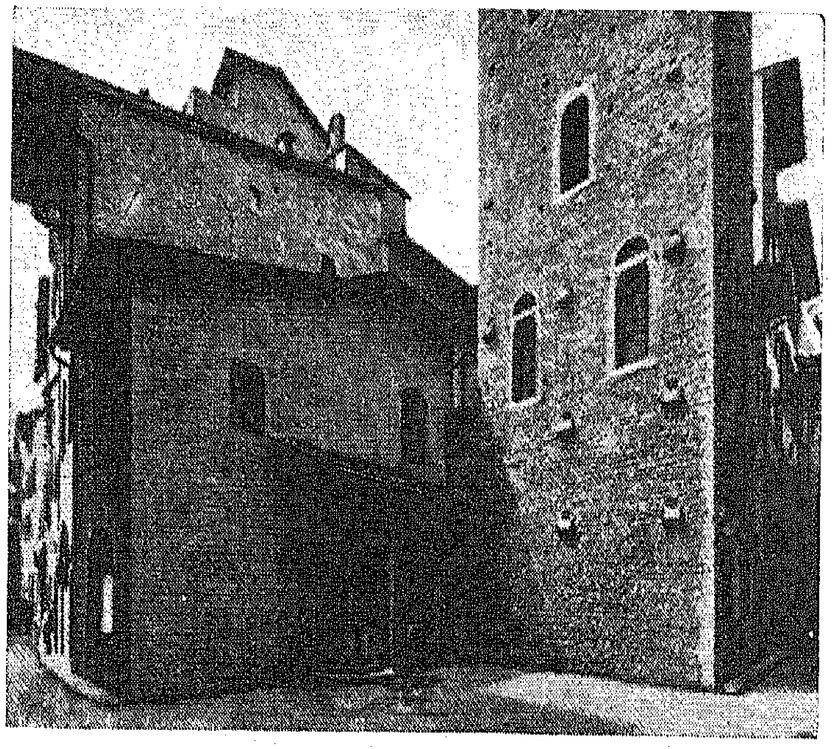
O Baptistério



Florença — Praça de Miguel Ângelo

de Florença : — ruas largas e arborizadas, palácios com jardins e terraços, torres e zimbórios de metal a rebrilharem ao sol, templos das mais variadas arquitecturas, enfim, um conjunto de harmonia e de cor que nos faz cismar e nos confunde, esbatendo-se, no nosso olhar assombrado, tudo quanto observamos e admiramos.

Fui depois ver a casa onde residiu a família do genial poeta Dante, os Alighieri, e o quarto por ele



Casa onde morreu o poeta Dante Alighieri

habitado, pois sabe-se que a sua morte teve lugar em Ravena, em 1321.

Florença teve grandes liberais : — João Silvestre e Cosme, o Pai da Pátria, e, ainda, Lourenço, o Magnífico, bem como Savanorola, o grande republicano, queimado pela Inquisição num local da *Praça da Senhoria*, onde ainda existe uma pedra rasa e circular com a ins-

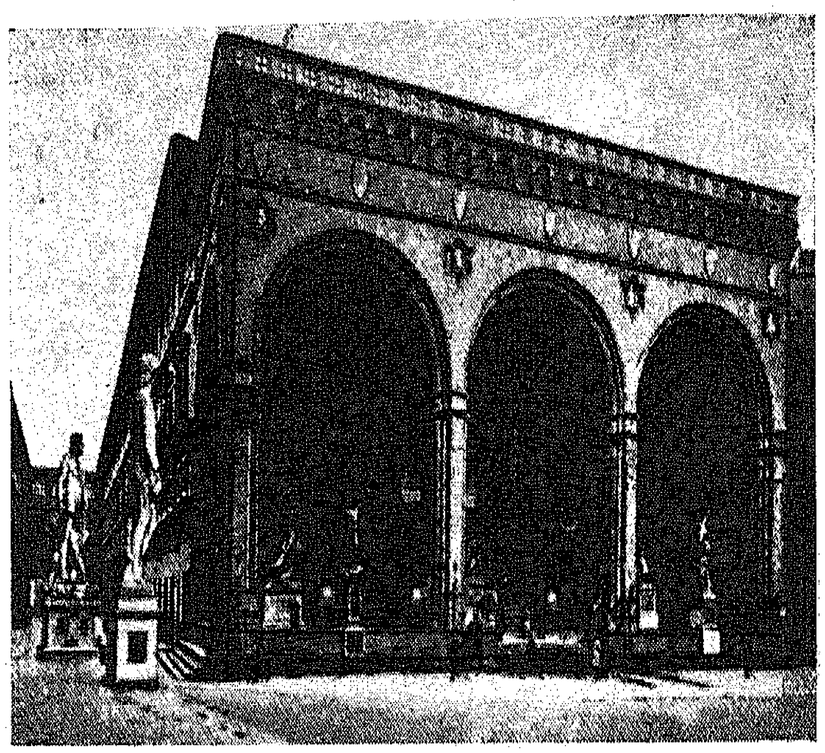
crição do seu martírio e morte. Esta Praça tem, ao centro, a estátua de bronze, de Cosme I de Médicis, Duque da Toscana, montado num cavalo, estátua cinzelada por Giovanni Bologna, e, ao lado, a *Fonte Colossal de Hércules*, estando este de pé numa carroça puxada por cavalos e com estatuetas bonitas em volta, a *Loggia de Lancy* com a escadaria e dois leões aos lados e contendo grupos esculturais de grande beleza, como o *Rapto das Sabinas*,

Praça da Senhoria

Judite e *Holofernes* e vários outros da lavra de Benevenuto Cellini. Ficam ali os Palácios *Véchio, Uffizi* e *Pitti* com os seus esplêndidos museus ou galerias de arte. Doutro lado é o lindo edifício da Santa Casa da Misericórdia e o *Hospital dos Inocentes* para crianças. Visitámos tudo isso, sem saber o que mais admirar : — os museus e galerias são verdadeiras apoteoses de luz

e de beleza. Em seguida chega-se à *Praça da Anunciata*, tendo ao centro a grande estátua, de bronze, de Fernando I de Médicis, a cavalo. Ao lado, duas fontes antiquíssimas; as de Taca e, perto, a *Igreja da Anunciata*, sóbria e bonita.

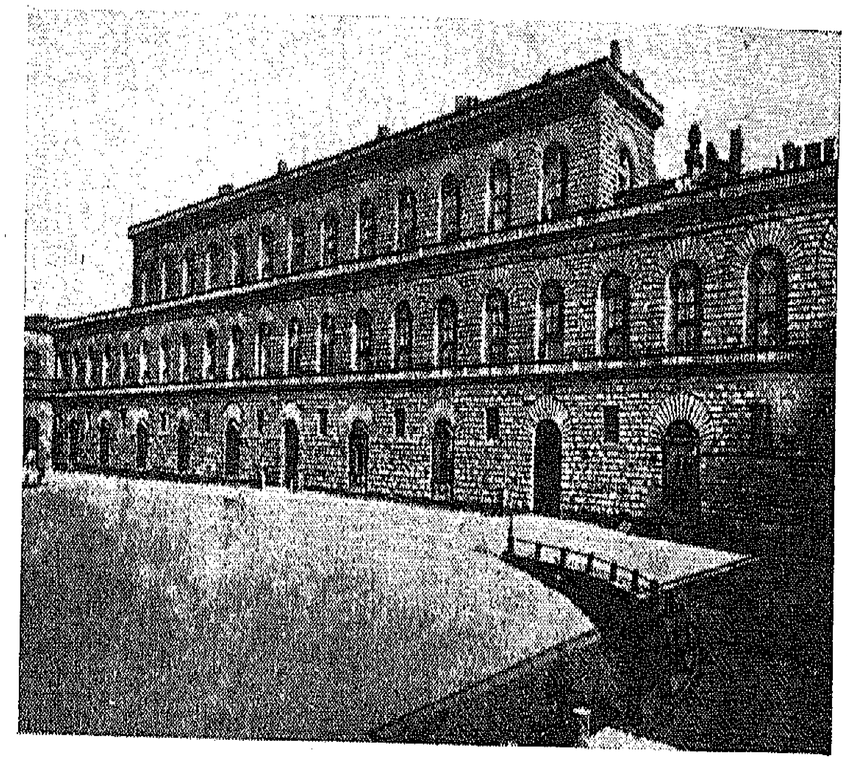
Fomos depois à *Praça de S. Marcos:* — lindo jardim e, ao centro, a estátua do general Manfredo Fanti; ao lado, a Universidade de Florença e o Palácio dos Mé-



A Loggia del Sanzi

dicis, cheio de riquezas e obras de arte. Logo a seguir, a *Praça de S. Lourenço:* — igreja linda, estátua de mármore branco de Giovanni Banenere, pois o templo fora, antigamente, a capela dos Médicis e, portanto, formoso e grande, indubitàvelmente, o Escurial de Florença. Das três galerias de arte, a de Uffizi é um amontoado de lindos quadros e esculturas que entontecem.

O *Palácio Pitti* — onde está o museu deste nome — foi construído por um comerciante que o vendeu ao Duque de Médicis. Este aumentou-o e embelezou-o de uma forma extraordinária: — quadros de Rafael, Ticiano e Rembrandt, esculturas dos melhores mestres da Renascença, cofres, sofás, cadeiras e mesas de mármore de todas as cores, desde o malaquite verde ao negro retinto, numa orgia sinfónica de luz e de sombras —

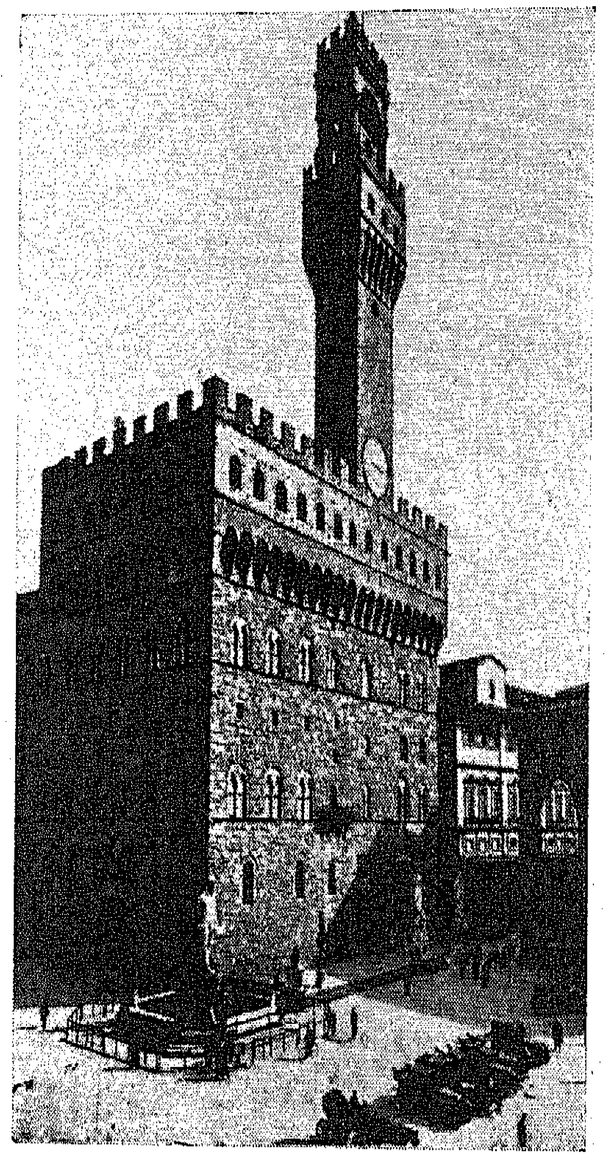


Palácio Pitti

que deslumbra e encanta. Lá perto fica a *Praça da Unidade* com o obelisco aos mortos pela Pátria e, logo depois, a Praça Vítor Manuel.

O *Palácio Vechio* achava-se fechado e não pudemos vê-lo, a não ser o pátio cheio de estátuas e grupos esculturais. Do portão desse palácio vimos passar uma procissão católica de perto de cinco mil pessoas entoando,

em italiano, o hino *Queremos Deus*, como se a Itália inteira O invocasse a fim de resgatar os erros de Mussolini e salvá-la da miséria em que, actualmente, se encontra.



Palácio Vechio

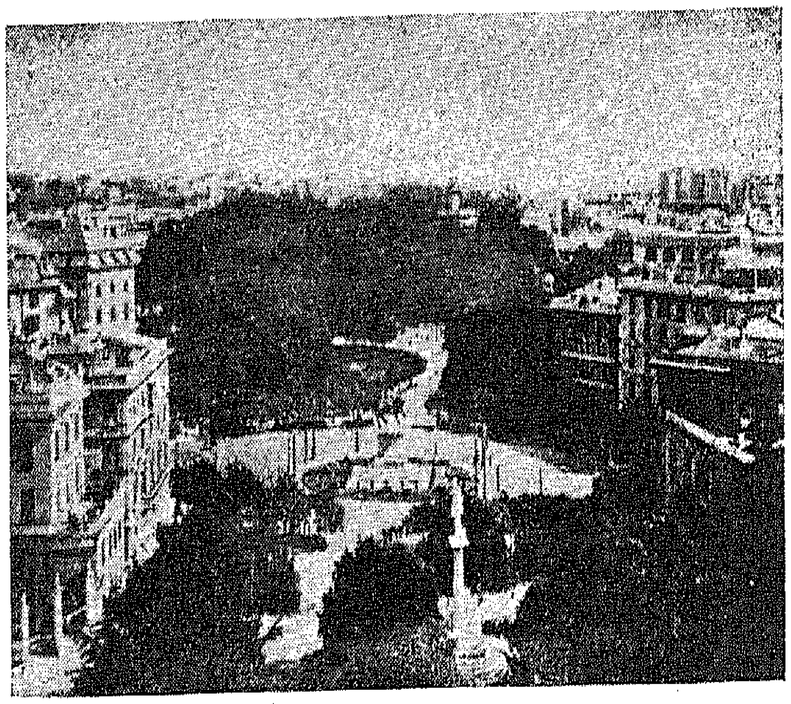
Florença tem mais palácios e maravilhas que não pudemos visitar e, portanto, descrever, pois o tempo não nos sobrava e só tínhamos um dia para o fazer. Limitamo-nos, por isso, ao que vimos e nada mais. À noite,

assisti, no *Cinema Apollo* ao filme *Rigoletto*, de Giuseppe Verdi, em 4 actos. Fita linda e extasiante: — o bobo Rigoletto ri, chora ou soluça, sempre cantando, e é inexcedível quando rola pelas escadas do palácio do Duque de Mântua, entoando soluços pelo rapto da filha, bem como, no 4.º acto, quando descobre o seu cadáver em vez do do duque que ele mandara assassinar. Nessa noite — devo confessá-lo — sonhei com o Rigoletto, tão profundamente se me gravou no subconsciente

Praça de Ferrari

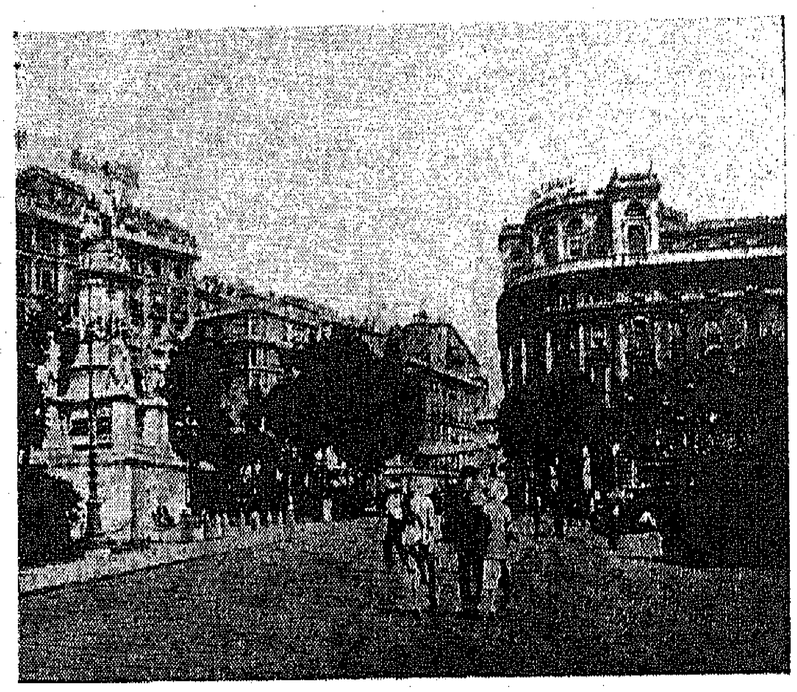
aquele desempenho sublime duma ópera tão trágica e comovente.

No dia 30 de Junho, pela manhã cedo, seguimos, sempre de comboio, para Génova. Esta cidade tem grandes avenidas, bem poucas, e imundas vielas, formando um estranho contraste. No alto, sobre colinas, um amontoado de palácios e jardins esplêndidos; em baixo, bairros miseráveis, travessas estreitas, beirais das casas



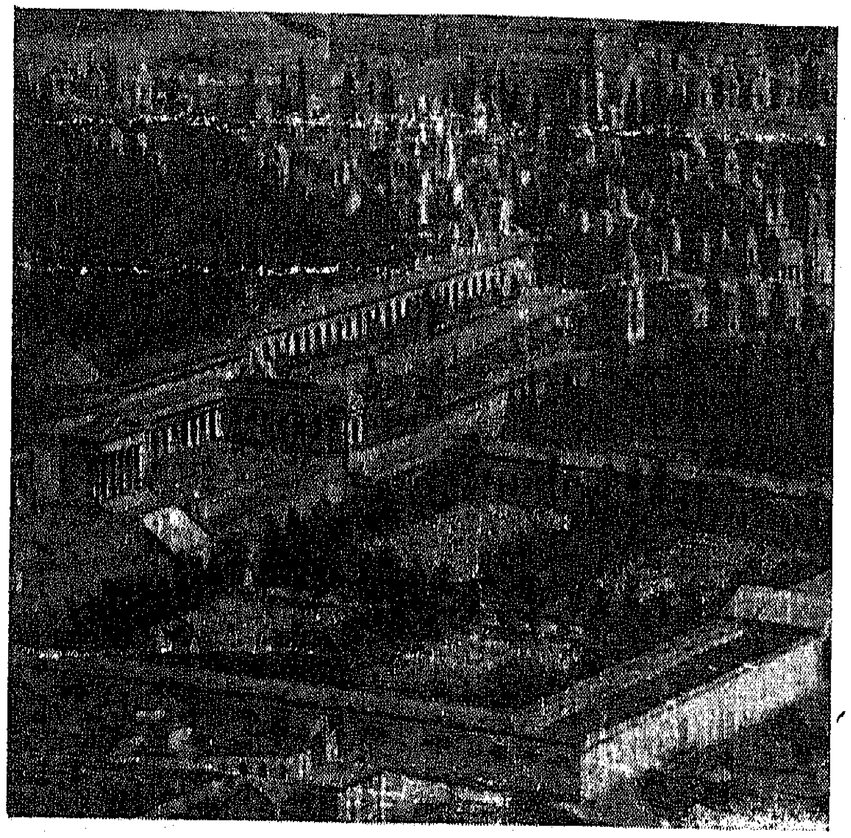
Praça Corvetto

quase tocando-se, assemelhando à Mouraria ou ao Bairro Alto, de Lisboa. Algumas ruas, não muitas, são largas, sendo todas as outras estreitas, umas verdadeiras tra-



Praça de Aguaverde

vessas que se chamam *vicos*. Os maiores quartéis militares da Itália ficam em Génova. É pena que muitos palácios, casas e pontes estejam destruídos por bombardeamentos sucessivos. Não pude ver bem a Cidade, porque chegámos às 16 horas e o *Mouzinho*, que nos ia levar a Lisboa, desatracou às 19. Só tive tempo de percorrer, de automóvel, em companhia de três companheiros, algumas ruas e praças — como a *Praça de Fer-*



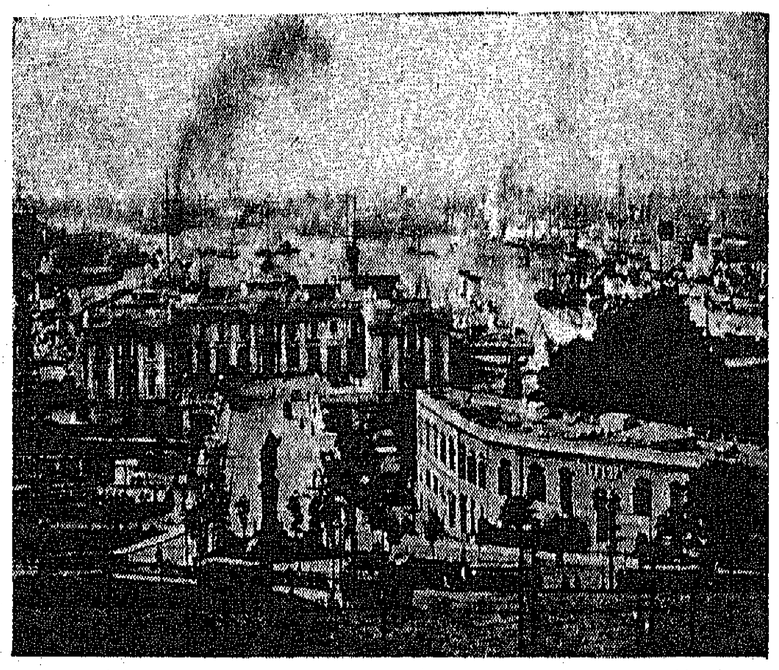
Cemitério de Génova

rari, a *Praça Corvetto*, a *da Vitória*, a *Praça Aguaverde*, onde se vê o soberbo monumento a Cristóvão Colombo, e a rua de S. Lourenço, onde se ostenta a igreja do mesmo nome, chegando ràpidamente ao cemitério — *Campo Santo di Stagliano* —, que é uma verdadeira apoteose de

mármore, mandado construir pela Comuna de Génova e que mede 155.000 metros quadrados, com uma parte plana e outra montanhosa, toda em rectângulo cercado por galerias ornamentadas com artísticos monumentos e tendo, em frente do portão da entrada, uma linda capela ou Panteão, por trás do qual estão vários túmulos e sarcófagos entre os quais dorme o sono eterno um dos maiores libertadores da Itália, o grande republicano Giuseppe Mazzini, que combateu sempre os tiranos, bateu-se pela unidade italiana e foi o orientador de Garibaldi. No seu monumento, artístico e marmóreo, vê-se gravada a seguinte inscrição : — *Um dos mil.* E bastam estas três palavras para o qualificar e o fazer entrar na posteridade pela porta imortal da liberdade.

A *sereia* do paquete apitava contìnuamente e lá fomos de corrida, a toda a velocidade do nosso automóvel, ao *Mouzinho*, onde, depois de atravessarmos a ponte alta da *gare* de Génova, nos metemos bastante fatigados.

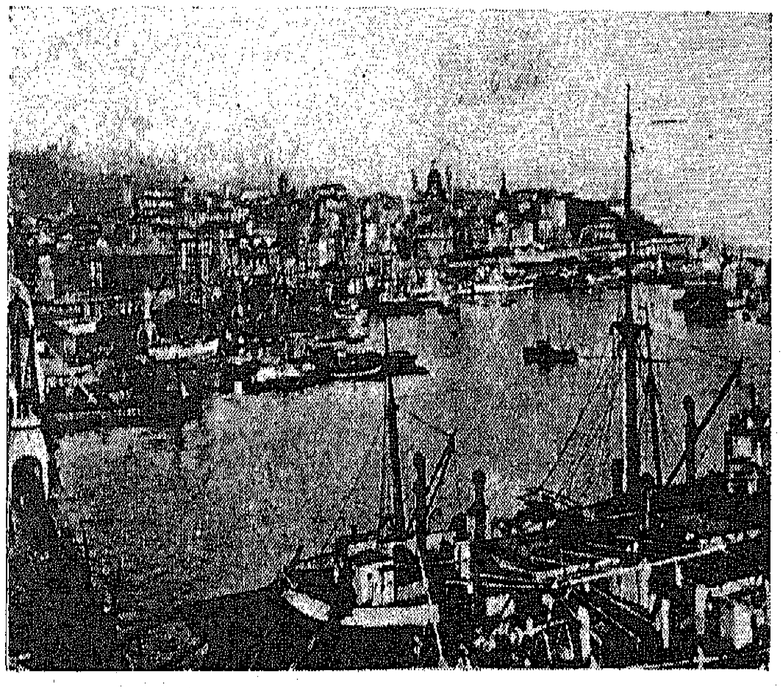
E o barco seguiu, rumo a Lisboa. O Mediterrâneo,



Génova — Gare marítima

calmo e ondulante, murmurava endeixas de saudade pelo país da Arte que acabávamos de deixar e, ao mesmo tempo, entoava anseios pela chegada à terra dos nossos avós que íamos rever por mais algum tempo, antes de regressarmos às regiões onde o sol nasce, esplendoroso e irradiante. O golfo de Sião, por onde passámos, foi o nosso Cabo Tormentoso; levou 24 horas a atravessar, e, durante este tempo, o *Mouzinho* jogou nas cristas alterosas das vagas agitadas, com um movimento a que os marinheiros chamam de *parafuso*, isto é de popa a proa e de bombordo a estibordo, levando muitos passageiros a *chamar pelo Gregório*, mas, felizmente, o mal não nos atacou.

Às 16 horas de 5 de Julho estávamos, atracados, em frente de Lisboa, depois de termos passado entre S. Julião da Barra e a Torre do Bugio, contemplando a Cruz Quebrada, Dafundo, Algés, Belém com o seu palácio e a sua torre, a encosta linda e cheia de casario, a Fá-



O porto de Génova

brica de Gás, o Palácio da Ajuda, no panorama dum estuário lindíssimo, que o sol iluminava e as brisas da terra aqueciam e afagavam.

Só pudemos desembarcar, na *Gare Marítima de Alcântara,* às 18 horas. Enquanto estivemos atracados, vários barcos e gasolinas, cheios de damas e cavalheiros, rodeavam o *Mouzinho,* dando vivas a Portugal e às delegações, a que respondíamos com o maior entusiasmo.

O desembarque fez-se na maior ordem : — desce, primeiro, o Cardeal Patriarca e palmas estrugem com aclamações vibrantes de milhares de pessoas que se apinham na gare e nos vêm receber. Em seguida, os bispos e, depois, os outros passageiros, estando ao portaló o ilustre Ministro da Marinha, que nos cumprimenta.

E lá seguimos para o mesmo Lys Hotel, Avenida da Liberdade — nossa residência em Lisboa, a *cidade de mármore e de granito,* na frase consagrada e algo hiperbólica do nosso grande historiador e poeta Alexandre Herculano.

XIII

BOCAGE — O PARQUE MAYER — OS ESTORIS E CASCAIS : BOCA DO INFERNO — RECEPÇÃO DO MINISTRO DAS COLÓNIAS — ENTREVISTA JORNALÍSTICA

E cá estamos de novo, em Lisboa, procurando lançar no papel as impressões que colhi e o que vi durante a minha estada, pela primeira vez, por doze dias, antes de seguir para Roma. Tendo chegado da Índia na madrugada de 4 de Junho, dia em que mandei a minha mensagem pela Emissora Nacional, e feitas as apresentações no Ministério das Colónias, no dia imediato, fomos, logo em 7, pela manhã, visitar a humilde casa onde faleceu o maior poeta que Portugal teve, depois de Camões, o insigne Manuel Maria Barbosa du Bocage. Fui para ali, à Travessa de André Valente, 25, 4.º andar (águas furtadas), antiga Lisboa, ao lado da Calçada do Combro e à esquina da Rua d'O Século, prestar, perante as paredes nuas e desbotadas do seu tugúrio, onde ainda se ostenta o miserável catre no qual ele agonizou, o culto da minha sincera admiração ao vate que, tendo

deambulado pela Índia e ali escrito poemas imortais, espatifou o seu inconfundível talento em improvisações admiráveis e arrastou a sua vida nos desregramentos duma boémia inaudita.

Casa onde nasceu S. João de Brito, a Santo André, em Lisboa

Nascido em Setúbal, em 17 de Setembro de 1766, perseguido e preso como autor de versos sediciosos, ímpios e libertinos, o estro de Elmano Sadino — seu nome arcádico — atingia por vezes o sublime e pairava nas mais elevadas regiões da arte. Recolhido pela Inquisição ao Mosteiro de S. Bento da Saúde, em Lisboa, ali jazeu

por alguns meses e foi, depois, morrer nessa travessa escusa, em 21 de Dezembro de 1805, conservada a sua residência como um padrão de glória e o seu leito de morte como um altar de sacrifícios e amarguras, onde, nos delírios do passamento, ainda teve forças e a lucidez necessária para deixar à posteridade o seu último e primoroso soneto, lampejo de águia a mostrar a poderosa amplidão das suas brancas asas em presença do infinito:

«Já Bocage não sou!... À cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento...»

E, num murmúrio de puro arrependimento pela sua existência desregrada:

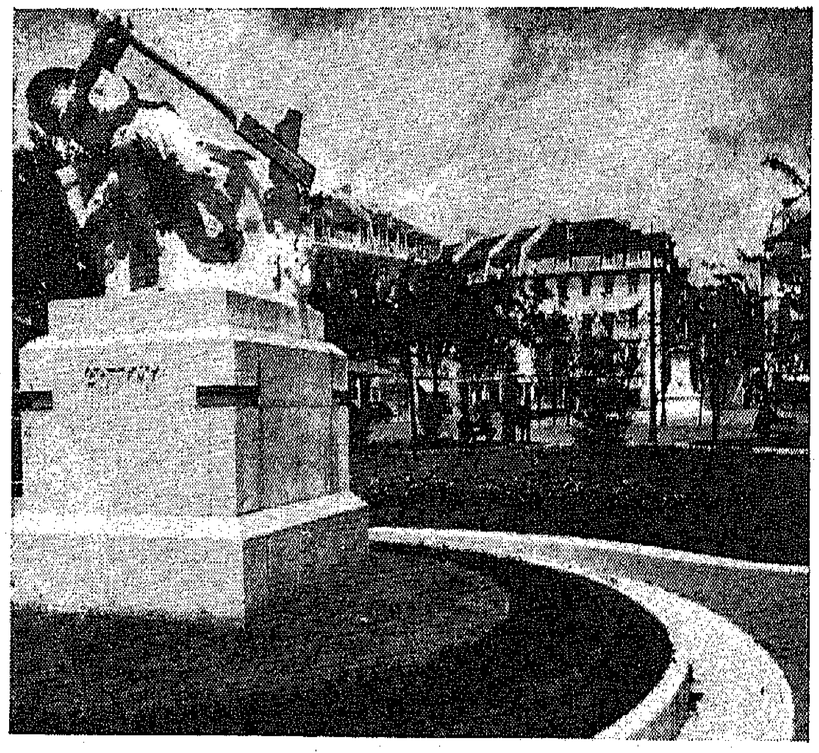
«Outro Aretino fui... a Santidade
Manchei!... Oh! Se me creste, ímpia gente
Rasga meus versos, crê na Eternidade!»

Admirável profissão de fé que os meus lábios repetiram nessa manhã, ao recordar o viver atribulado e boémio, mas sempre expandindo-se em fulgurações geniais, do inconfundível poeta português!

No mesmo dia, lá pela noitinha, fomos ao *Parque Mayer*, centro de diversões e variedades, onde o ambiente é todo de artistas de teatro, cantores e actrizes. Existem, neste pequeno recinto, dois teatros ligeiros, um cinema com sessões numa sala do primeiro andar e, no terraço, um salão de canções, e fados, cantados por Amália Rodrigues, um *ring* de patinagem, casas de petiscos, tiros ao alvo, uma quermesse, um *dancing*, rectângulo iluminado frouxamente com pares volteando em danças modernas — uma casa de fotografias e um Pavilhão da Associação Internacional Artística, onde se faz a propaganda de todos os produtos nacionais

e estrangeiros. No teatro ligeiro, o inimitável Vasco Santana — actor de grandes recursos cómicos — faz as delícias do público alfacinha, que ali desopila o fígado em gargalhadas ou risos mal contidos.

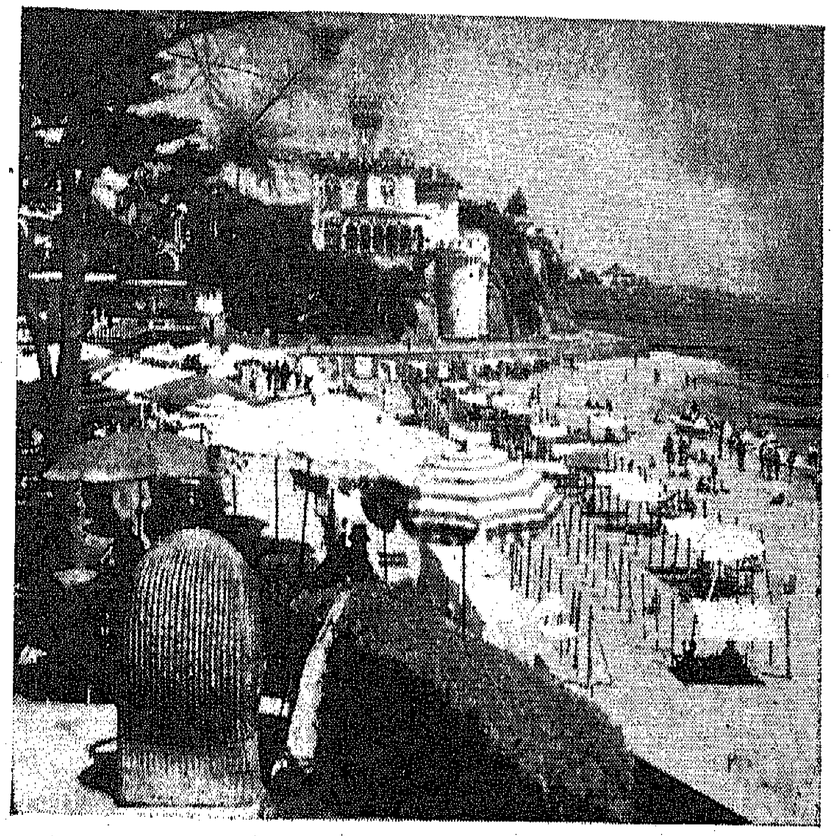
No dia 8 de Junho — manhã de um domingo luminoso em que a cidade resplandece, loura e rubra, à beira do seu estuário azul — dirigimo-nos, destino a Cascais, à estação do caminho de ferro do Cais de Sodré, enorme praça elíptica, onde se ostenta o *Monumento ao Duque da Terceira*, figura de bronze sobre um grande pedestal. Ao sul, a praça alonga-se num bonito jardim, todo em tufos verdes com a pequena escultura, em mármore, de Francisco Santos, o *Homem ao leme*. Da estação parte a linha que, ao longo da margem do rio, tem o término na cidadela de Cascais. Ao fundo desta Praça fica a estação fluvial, donde partem os barcos para Cacilhas.



Cais do Sodré — Homem ao leme, de Francisco Santos

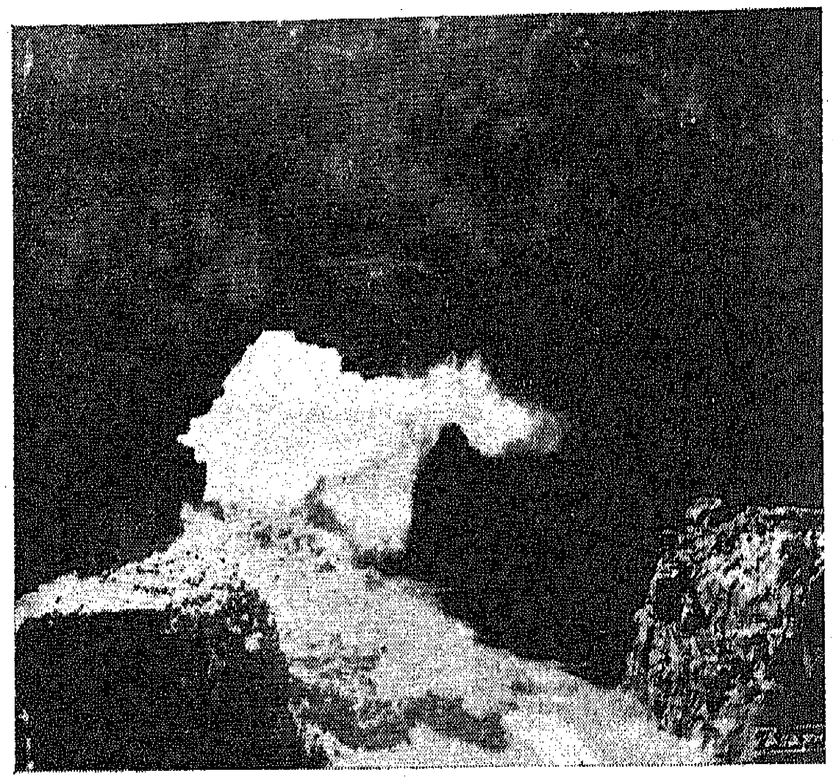
Por trás do monumento, a Rua do Alecrim, que desemboca entre o Largo das Duas Igrejas e a Praça de Camões.

De comboio passámos ao longo da Avenida 24 de Julho, a bonita Avenida da Índia, Belém com a sua imponente Praça, onde se ergue o monumento a Afonso de Albuquerque, o Palácio das Recepções do Chefe do Estado, o majestoso Mosteiro dos Jerónimos, rodeado de edifícios que serviram para as comemorações de 1940, destacando-se uma sumptuosa Praça do Império. De Belém passámos por Pedrouços e daqui para Algés com a sua extensa esplanada-restaurante (praia dos desprovidos da fortuna) do lado direito e, do esquerdo, as prateadas areias de Algés, Cruz Quebrada e Caxias. Na Cruz Quebrada tive ocasião de observar a fábrica



Estoril — Paria do Tamariz

Lusalite, de fibrocimento, e, depois, Paço de Arcos, Santo Amaro de Oeiras, a grande praia de Carcavelos e a da Parede com o seu Sanatório de Santana para a tuberculose óssea. Passámos, em seguida, pelos Estoris (S. Pedro, S. João e Santo António) com os seus grandiosos parques floridos, o Casino, onde se desperdiçam fortunas à roleta e manuseando os livros de cinquenta e duas páginas, a bonita praia do Tamariz, imponentes hotéis e estâncias termais. Finalmente, após o Monte Estoril, parámos em Cascais, dirigindo-nos à

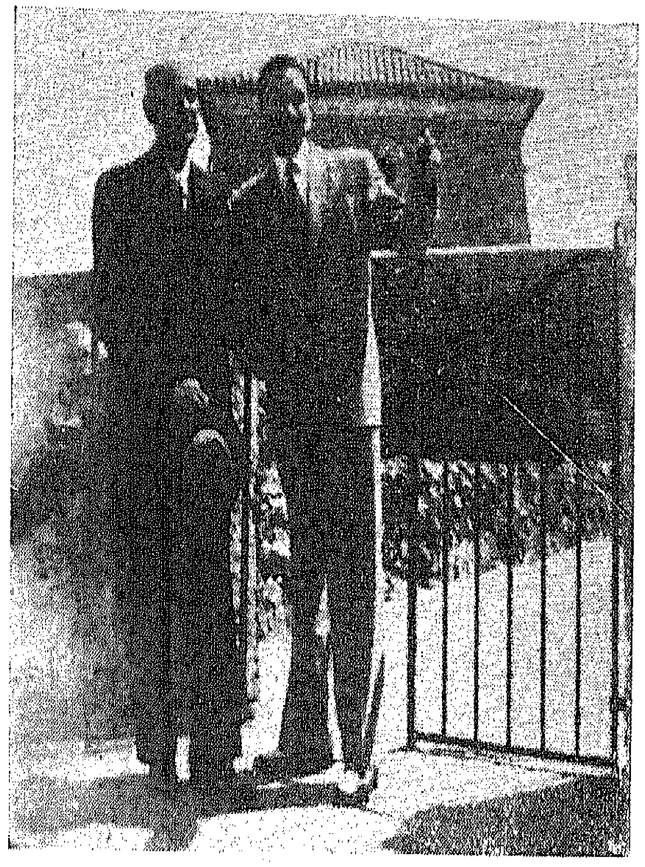


Cascais — A Boca do Inferno

residência da ilustre esposa do Cônsul português em Bombaim, Sr. Dr. João de Lucena, onde tínhamos uma encomenda deste a entregar. Recebidos fidalgamente, fomos, depois, à *Boca do Inferno*, caverna rochosa onde o mar se levanta em cachões e penetra num ruído ensur-

decedor que confrange e encanta, tendo, no topo, a casinha do guarda a vender-nos recordações — artefactos de conchas e fotografias. Voltando desse antro que a natureza cavou e embelezou com a espuma das ondas, fizemos o nosso lanche no restaurante da *Marisqueira*, onde se saboreiam magníficos petiscos e doces, além dos deliciosos vinhos de Portugal.

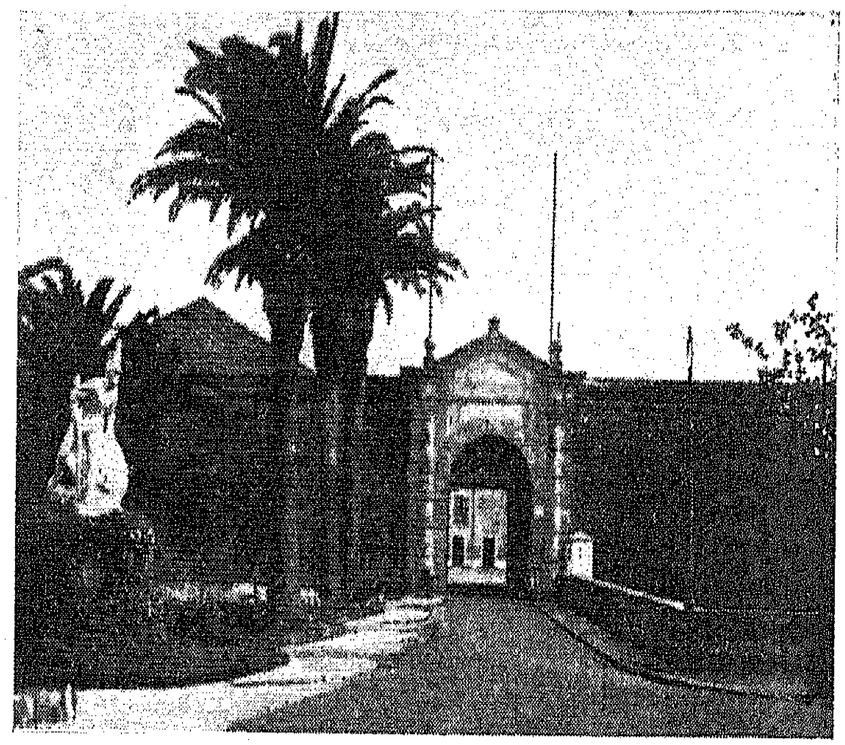
Antes de regressar a Lisboa ainda visitámos o fron-



O autor e o irmão da sua sobrinha, Sr. Jorge de Melo

doso *Parque da Gandarinha* com interessantes espécies botânicas e zoológicas e o seu lindo *caracol*, entremeado de caramanchões e tufos de verdura, a convidarem os visitantes ao remanso e ao idílio. Finalmente, trazendo nos olhos o reflexo da luminosidade dessa manhã de

verão e, no coração, o reconhecimento pela forma gentil como tudo nos mostraram e descreveram, um sobrinho meu — futuro engenheiro-agrónomo — e um rapaz alto e simpático — Jorge de Melo, irmão duma sobrinha minha, chegámos ao Lys Hotel a rever o que vimos e admirámos, a dormir e a sonhar nessas duas mocidades em flor a escudarem e a orientarem um lírio desbotado e emurchecido — mas sempre lírio, de alma aberta e a mente orvalhada.



Cascais — A Cidadela

No dia 10 de Junho — ao meio-dia — o capitão Teófilo Duarte — Ministro das Colónias — dá recepção, no seu gabinete, às delegações do Império, tendo sido recebida, em primeiro lugar, a deputação da Índia, que lhe apresenta os seus cumprimentos por intermédio do Dr. Germano Correia, ilustre director da Escola Médica de Goa, que, num brilhante improviso, exalta o significado da peregrinação a Roma, evoca as embaixadas que desde D. Manuel I têm ido à Cidade Eterna, classifica a actual como a mais importante sob o ponto de vista intelectual e espiritual, dirige saudações e agradecimentos ao Governo e termina por traçar o elogio do Ministro, que em tantos lances da sua vida deu já provas inequívocas do seu patriotismo exaltado e fervoroso. Em resposta, Teófilo Duarte, num grande aprumo militar, agradece, saúda a Índia como a mais avançada de todas as províncias ultramarinas, coloca-a num nivel de absoluta igualdade para com a Metrópole, desenvolve o sentido fraterno da política imperial portuguesa e, sem quixotismos nem ameaças, conclui, altivo e desassombrado : — «Esteja-se bem certo que a nossa bandeira não cairá na Índia sem que alguns milhares de portugueses, brancos e de cor, mordam o pó e derramem o seu sangue em sua defesa. Para isso, convosco contamos, meus senhores».

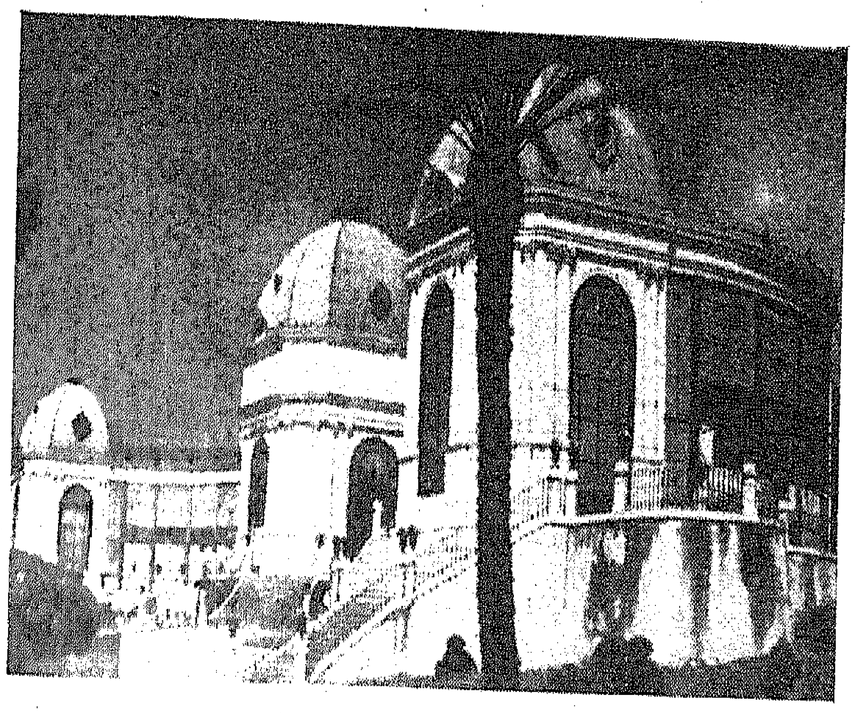
A recepção do Ministro das Colónias

Em seguida somos recebidos em entrevista particular, na qual nos limitamos a apresentar as nossas saudações pessoais.

À tardinha fomos visitar o Jardim Zoológico, tendo sido acompanhados pelos doutores Leonel Banha da Silva, Agente Geral das Colónias, e José Coelho de Almeida Cota, Chefe do Gabinete do Ministro das Colónias, e recebidos, gentilmente, pelo professor Dr. Fernando Emídio da Silva, presidente do Conselho de Administração do Jardim que nos saudou e nos ofereceu um opíparo chá, saudação retribuída, em nome dos delegados, pelo reverendo Bispo de Timor.

O Jardim Zoológico fica na Estrada de Benfica e constitui o centro atractivo dos lisboetas, estabelecido na antiga Quinta das Laranjeiras, com espécies e exemplares notáveis, especialmente da fauna africana — bizarras colecções de feras e de símios, uma frondosa mata e bonitas alamedas.

A convite da Câmara Municipal, fomos, após o jantar, ao Jardim Botânico da Ajuda, assistir à *Noite de evocação dos poetas de Lisboa*, festa lindíssima na Tapada da Ajuda, adiante de Alcântara, que é onde fica o Jardim, estando neste instalados o Instituto Superior de Agronomia e o Observatório Astronómico de Lisboa, além de vários parques de experimentação técnica. Cenário maravilhoso das escadarias e pátios adornados com formosos canteiros de buxo e de bambus da Índia, iluminação feérica com luzes de variegadas cores, trajes de rigor, assistência das mais selectas — personalidades em destaque nos meios culturais e artísticos com uma representação de senhoras da mais alta sociedade. Foi, para mim, uma das mais sugestivas festas do oitavo centenário : — abre-se o espectáculo com uma alocução do vereador municipal Dr. Mário de Albuquerque, seguindo-se-lhe o bailado, cheio de movimento e graça, das ninfas do Tejo — *As Tágides*. A Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional executa músicas lindas e, nos intervalos, Armando Cortês recita as melhores estrofes d'*Os Lusíadas*, Patrício Álvares diz, com propriedade, o argumento do espectáculo e faz a apresentação dos poetas que vão ser recitados pelas distintas artistas Adelina Campos, Constança Navarro e Luísa Demonstier, bem como os actores João Vilaret, Álvaro Benamor e João Perry — indubitàvelmente uma autêntica noite de festa e de gala, da qual saímos, às duas horas da madrugada, verdadeiramente encantados.

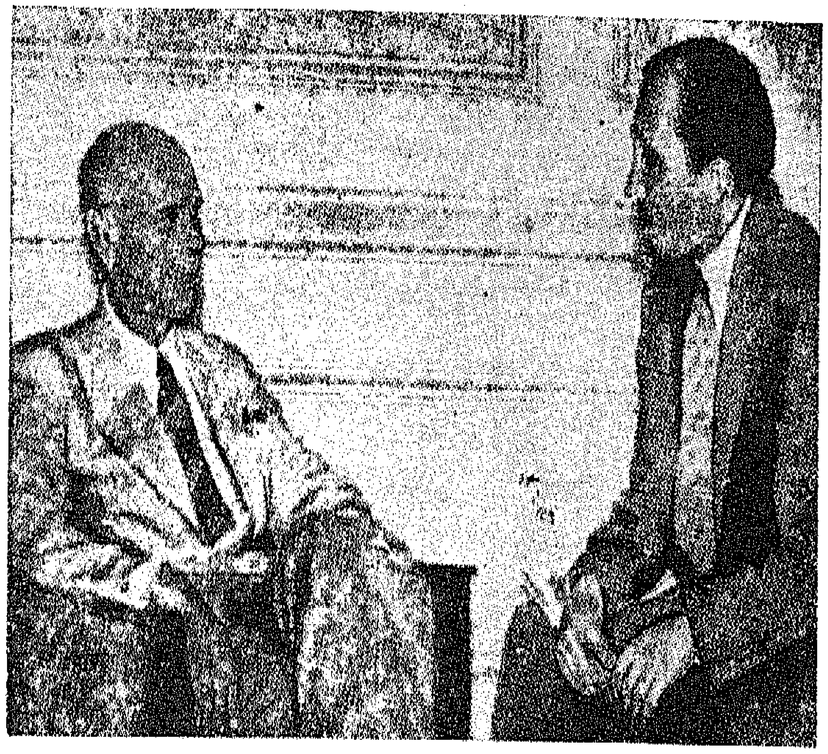


Palácio da Tapada da Ajuda

Antes do jantar — nesse mesmo dia 10 de Junho — tivemos uma entrevista jornalística com um dos redactores do *Diário da Manhã* — Sr. Manuel Gomes Branco, que teve a amabilidade de se fazer acompanhar por um fotógrafo que nos reproduziu, aos dois, em amena

conversa na saleta do hotel. A entrevista apareceu publicada no dia 27 do mesmo mês e, nela, depois de frisar a repercussão que teve, na Índia, a santificação do Beato João de Brito com a assistência das delegações do ultramar português, depois de afirmar a conveniência de a nossa Índia continuar a viver sob a bandeira verde-rubra com argumentos e razões de ordem política e moral, concretizámos as aspirações do povo goês da seguinte forma: — «Ser escutado com atenção e atendido com carinho num grau liberal e de igualdade, dentro dos moldes e princípios que agitam, presentemente, o mundo; dar aos diplomados da Escola Médica e da Escola Normal de Goa o direito e a garantia de poderem exercer a sua profissão em todo o território pátrio; organizar militarmente os filhos da Índia de forma que estes possam ascender a quaisquer postos superiores dependentes sòmente de cursos profissionais estabelecidos em Goa; rever os vencimentos do funcionalismo militar e civil de maneira a que se ponha termo a desigualdades existentes; e, finalmente, estabelecer-se uma carreira permanente de navegação entre Lisboa e Mormugão, facilitando assim o intercâmbio comercial e criando interesses comuns de natureza económica e cultural.

E, declarando que de pouco mais a terra goesa precisa, concluímos convictamente: — «A nossa Índia nunca poderá nem deverá deixar de ser portuguesa».



O autor e o Sr. Gomes Branco, redactor do Diário da Manhã

XIV

ARSENAL DO ALFEITE — BASÍLICA DA ESTRELA — IGREJAS E ERMIDAS — ESCOLA MÉDICA, HOSPITAIS E INSTITUTOS — MERCADOS — BAIRROS ESCUSOS — O POVO DE PORTUGAL — AS MARCHAS DE LISBOA

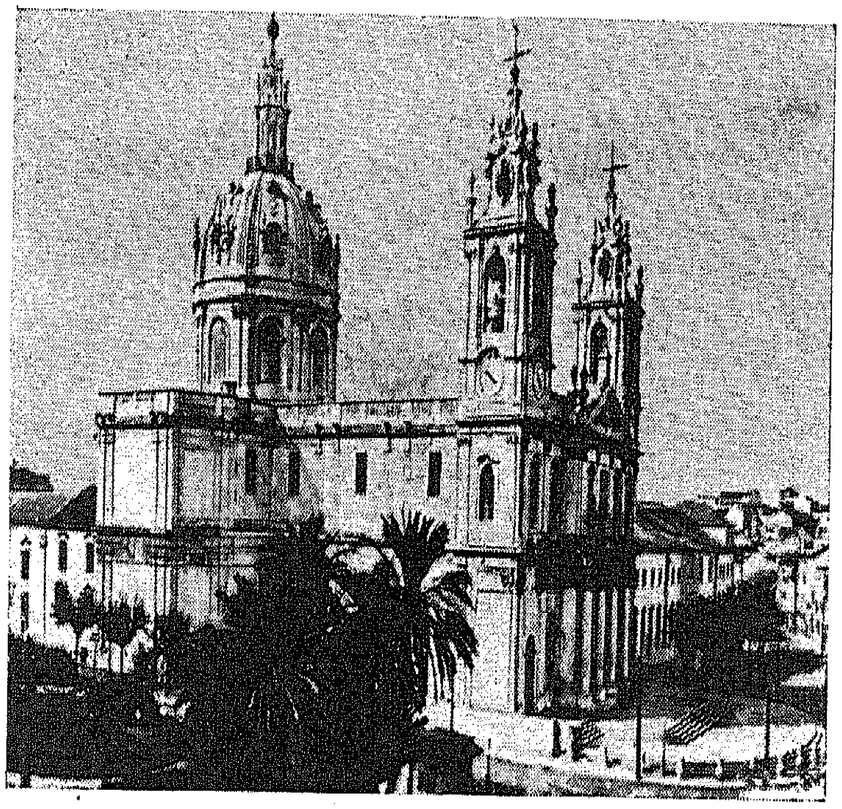
Foi designada para o dia 11 de Junho a visita das delegações ao Arsenal do Alfeite, que se situa, há perto de nove anos, na margem sul do Tejo e consta de sete ou oito grandes oficinas, um depósito e a Sala do Risco, onde se elabora o traçado das construções marítimas a fazer. A sede tem várias dependências, como a Administração, a Direcção Técnica e a Direcção Comercial, tudo no mais irrepreensível asseio. Há grandes estaleiros onde se constroem e são reparados os barcos, tanto mercantes como de guerra.

Foram nesse Arsenal da Marinha construídos o *D. João de Castro,* o *Sameiro,* de dez mil toneladas, e está agora em construção um outro de catorze mil, bem como o *San Brás* e a *Dourada,* estando a ser reparado o aviso *Gonçalves Zarco,* que vai seguir para a Índia. Fomos acompanhados, nesta visita, que nos foi proporcionada

pelo Ministério das Colónias, pelo administrador do Arsenal e pelo seu engenheiro-chefe, que tudo nos indicaram e descreveram, saindo nós dali convictos de que, materialmente, muito ganhará a nação com o novo regime.

Regressando, ainda fomos admirar a Basílica da Estrela — monumento de arte religiosa setecentista que fica, ao ocidente, numa das mais lindas praças de Lisboa, sendo o documento arquitectónico mais importante de Portugal. A fachada é das mais notáveis : — esculturas de artistas italianos e portugueses da escola de Mafra, a grandeza majestosa dos seus pórticos e átrios distinguindo-se duma forma admirável. No interior é tudo surpreendente e com materiais dos mais ricos, talha, mármores e pintura. As capelas da nave, do transepto e subsidiárias são encantadoras, especialmente a capela do Santíssimo, com grupos esculturais, a capela dos Passos no transepto, as ricas tribunas, um bonito presépio atribuído a um dos maiores artistas portugueses, os azulejos decorativos e a capela-mor, onde se erguem duas esbeltas colunas monolíticas e se ostenta o túmulo da Rainha D. Maria I, sua fundadora.

No alto da Basílica rebrilha o célebre *zimbório,* do cimo do qual, tendo subido perto de trezentos degraus, logo por baixo do lanternim, observamos um maravilhoso panorama da parte oriental da cidade : — fachadas alaranjadas e coradas de frescura, cor e limpeza, diversidade de quadros e perspectivas, bosques e urbanismo, a linha sinuosa do Tejo e a grandiosidade sugestiva da urbe lisboeta. Ao longe, num côncavo das colinas, ergue-se o *Estádio,* mandado construir nos últimos tempos, harmònicamente grande em relação à paisagem e correctíssimo de linhas, com o seu anfiteatro para milhares de pessoas e os seus campos e esplanadas para



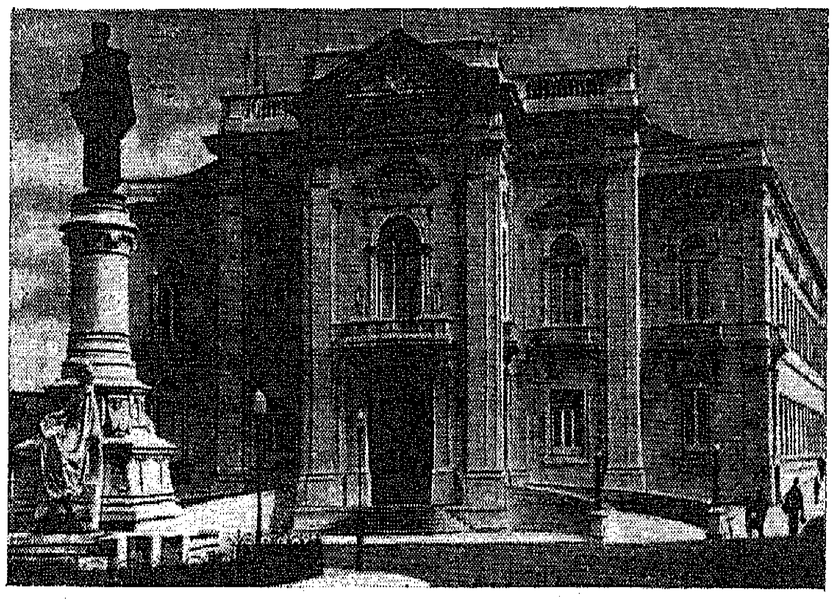
Basílica da Estrela

jogos olímpicos, assemelhando-se a cidade, ao sol esbraseante, a um facho de cores irradiando nas suas construções, muitas delas em cimento armado — verdadeiras pedras de blocos gigantes. Descemos deslumbrados.

As outras igrejas e ermidas de Lisboa — pois a cidade é riquíssima em monumentos sacros que o passado religioso de Portugal bem explica —, como S. Vicente de Fora, fundado por D. Afonso Henriques e reconstruído no século XVII, com o seu *Panteão da Casa de Bragança,* onde dormem o sono eterno todos os reis e príncipes brigantinos, a igreja da Graça, a da Penha de França, a da Conceição Velha, da qual só resta um pórtico lateral, a de S. Domingos, perto do Rossio, onde o Cardeal Patriarca de Lisboa rezou uma missa pela nossa boa viagem a Roma, a Basílica dos Mártires, no Chiado, e tantas outras que me foi impossível visitar,

distinguem-se todas pelo seu sentido histórico, expressão arquitectónica ou por sua riqueza, valendo a pena vê-las detidamente, para o que, infelizmente, não tive tempo.

Lá pelas dezasseis horas fui visitar o edifício da Escola Médica : — nada de notável, a não ser a fachada, que é bonita. Em frente, no Campo de Santana, a estátua do grande clínico Sousa Martins, de bronze, sobre um pedestal com uma mulher de mármore e de cabeça erguida, representando porventura a ciência, a olhá-lo. Lá dentro, corredores, salas, boa pintura, sendo possível que haja quaisquer dependências mais que não pude



Escola Médica e estátua de Sousa Martins

visitar, tendo ido, depois, à Faculdade de Ciências, na Rua da Escola Politécnica, com o seu bonito parque, e, próximo, o Instituto Britânico, que possui uma das melhores bibliotecas da cidade. Visitámos alguns hospitais, entre eles o majestoso Instituto de Oncologia, para o tratamento dos cancerosos, dirigido pelo Mestre Francisco Gentil e que é um edifício moderno, bem apetrechado e dos mais limpos.

No dia 13 de Junho — logo pela manhã cedo — fomos ver os mercados da cidade, esses repositórios de géneros para o fornecimento alimentício dos seus habitantes, dando sempre a nota bizarra da sua alegria, cor e movimento. Começámos pela Praça da Figueira, para onde vamos, do Terreiro do Paço, pela Rua da Betesga, e torna-se preciso acentuar que a gente se perde nesse aglomerado de flores, frutos, carnes e peixes, nesse ruído ensurdecedor de milhares de pessoas, nesse farto abastecimento cheio de policromia e de encanto. Fomos ver, depois, o Mercado da Ribeira Nova, no Aterro, adiante da Praça do Duque da Terceira, com as suas galerias destinadas à venda de peixe a retalho e com um sabor e cheiro bem especiais. E, em seguida, embora um tanto longe, à beira do rio, em frente daquele, ao Mercado da Lota, com o seu cenário pinturesco e lindo ao nascer do sol, a reflectir-se nos azulejos em volta com motivos de pesca.

Eram nove horas e o automóvel businava, chamando-nos. Voltámos ao Terreiro do Paço e resolvemos, então, visitar os bairros escusos da cidade : — Alfama, Mouraria, Bairro Alto e a Madragoa, pois é bom, também, ver e estudar os *bas-fonds* de toda a cidade.

A Alfama fica logo no extremo da Rua da Alfândega e foi, em épocas antigas, um bairro de marinheiros, donde partiram as caravelas e galeotas para os mares da Índia, oferecendo hoje um grande interesse turístico, lamentável em alguns sítios, mas com cenas surpreendentes e imprevistas, de estranhas perspectivas e recordações históricas e arqueológicas — labirinto impressionante de becos mal afamados, como o esquisito Beco da Mosca ou Travessa de S. João da Praça, escadinhas que nos levam ao Largo do Salvador, onde existe o velho palácio dos Condes dos Arcos, as tortuosas vielas dos

Corvos e, descendo pelo Castelo Picão — dédalo de vielas e pátios — chega-se a S. Miguel, ao Terreiro do Trigo e ao Campo das Cebolas, onde se vê o chafariz de El-Rei, do século XIV.

A Mouraria é bairro mais claro e limpo. Situa-se a pequena distância do Rossio, na Baixa, é pobre nalgumas ruas, como as do Capelão e da Amendoeira, mas asseada e pinturesca em outras, Rua da Mouraria e Escadas da Saúde. O sol ilumina os seus beirais, quase que tocando-se, e foi esse o bairro destinado, depois da tomada de Lisboa, no século XII, aos mouros forros ou libertos.

Passada a Praça Luís de Camões, logo acima do Chiado, entramos no Bairro Alto, que data do séc. XVI e onde há algum pinturesco nas ruas da Rosa e da Atalaia e Travessa do Poço da Cidade, admirando-se, ali, a fachada da igreja dos Inglesinhos, a antiga ermida das Mercês, pequenina e vulgar, secularizada, e alguns velhos palácios com as fachadas desfiguradas e quase em ruínas.

Ainda, de corrida, fomos ver a Madragoa, situada ao oeste, acima de Santos, sobre o estuário do Tejo. Bairro de pescadores e varinas, cheio de travessas com moradias esquisitas, de varandas estreitas e janelas antigas, onde se cruzam as ruas das Madres, do Castelo Picão e de Francisco Borga.

No crepúsculo vespertino de 12 de Junho assistimos a um espectáculo memorável a que Lisboa inteira concorreu com a sua presença e o seu bulício vivo e movimentado. Tivemos cadeira reservada, numa das tribunas da Avenida da Liberdade, e, dali, vimos o desfile das marchas populares dos bairros através das ruas da Baixa em direcção ao Parque Eduardo VII, todas elas ao som de músicas festivas, danças de cor e de alegria, luminárias, balões e uma assistência de milhares de pessoas a aplaudir, a bater palmas...

Cada marcha é como se fosse a alegria viva dos sentimentos de um bairro, o seu folclorismo, as suas figuras, os seus trajes.

Toda a cidade flutua
No mar da minha canção,
Passeiam na rua
Retalhos da Lua
Que caem do meu balão.

Em primeiro lugar passa Almada, vila sempre unida a Lisboa desde a conquista:

Almada tem tradições
Como gravadas num beijo,
Com castelos e brasões
A namorarem o Tejo.

Passa, depois, o Campo de Ourique com os seus costumes populares e bizarros, cantando a sua marcha ridente e folgazã:

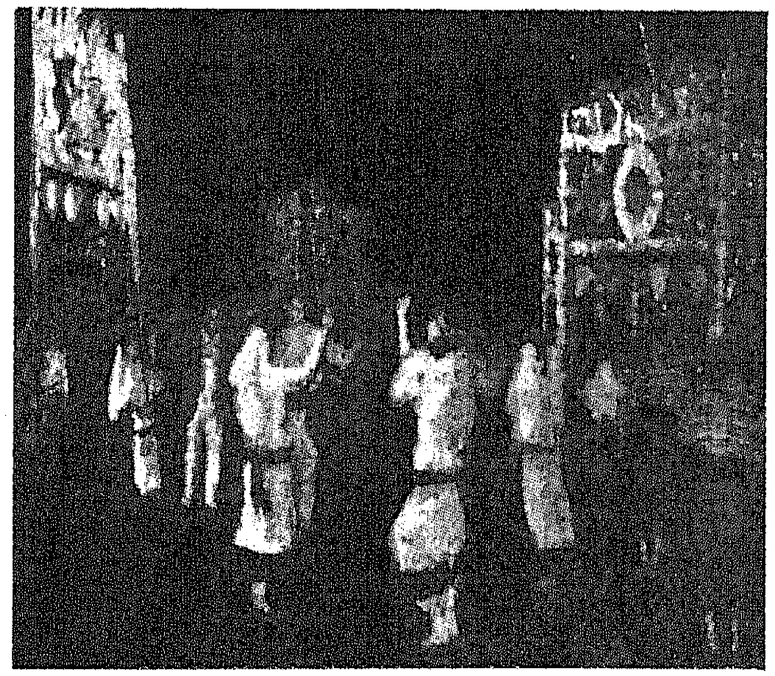
Ai, ó Lisboa,
Minha alfacinha gaiata!
Santinha de prata
Da minha adoração!

E em seguida o Bairro Alto, capotes brancos e fidalguinhas; o Bairro do Alto Pina com os seus costumes campesinos; a temida Mouraria com as suas Severas e fadistas; o Bairro da Graça com a sua indumentária

Uma das marchas de Lisboa

popular e fidalgotes do começo do século passado; o Castelo, enflorado de poesia e de sonhos do passado, com os seus soldados da Guerra Peninsular; o bairro campesino de Benfica com os seus típicos saloios e saloias; a Alfama, o bairro mais antigo da cidade, com os seus marinheiros das galeotas e mulheres de capote e lenço; o burgo de S. Vicente, meio popular e meio aristocrático, com as suas sécias e os seus peraltas; e, finalmente, a fechar o espectáculo, o Bairro da Madragoa — que dizem ser a adulteração da frase *Madre de Goa* — com as suas varinas e pescadores, gentes do mar a bailarem nos seus tamancos de madeira:

Vai aqui a Madragoa
E Lisboa
Vem com ela,
Tu vais ver uma varina
Como baila de chinela.



A dança da marcha da Madragoa

E todas as marchas desfilaram, conquistando o prémio da opinião pública, que, representada por um mar de gente, as consagrou como um festival notável e primoroso, na iluminação e decoração dos arcos e balões, na entoação das vozes, na beleza das músicas, no aprumo e no pinturesco.

E, por muito tempo ainda, o povo do Império Português ouvirá os versos e a toada das marchas através das radiofonias, dos ceguinhos das ruas e das revistas populares:

Lisboa nasceu
Pertinho do céu
Toda embalada na fé...

E quando, no hotel, dormi, embalado também por essas marchas que soavam gratamente aos meus ouvidos e me deixaram encantado.

XV

O CORTEJO HISTÓRICO: — RECONSTITUIÇÃO DA HISTÓRIA DE PORTUGAL — LEITÃO DE BARROS — AS RAINHAS DE LISBOA

6 de Julho — dia seguinte ao meu regresso de Roma — é o destinado ao *Cortejo Histórico*, um dos números do oitavo centenário da tomada de Lisboa aos mouros — espectáculo de grande beleza e rara magnificência em que, num forte poder evocativo, se reconstitui a história de Portugal desde os seus fundamentos e são chamados à ribalta, em parada triunfal, os principais construtores da nacionalidade portuguesa. Foi da Rua Marques da Silva, à Avenida Almirante Reis, duma das janelas de um prédio de meus parentes, que eu vi desenrolar-se o cortejo, lá pelas 18 horas — conjunto deslumbrante de perto de mil pessoas a marcharem numa extensão de mais de dois mil metros.

«A reconstituição — como ficou escrito num folheto descritivo da festa — abrange o desfile de todas as principais actividades populares e eruditas dos lisboetas de então, de forma a que a multidão de hoje tenha, por mo-

mentos, a visão do seu povo antepassado, quer na sua orgânica cívico-religiosa, quer nos múltiplos e inconfundíveis caracteres, usos, costumes e tradições dos seus artífices, tanto do espírito como da matéria.»

A multidão — milhares de pessoas — enche a avenida e as suas artérias, vibrando perante a grandiosidade do espectáculo, que se desenrola como um filme de sonho e de beleza.

Abrem o cortejo vinte charameleiros montados sobre cavalos brancos como a espuma dos mares e ajaezados com as cores de Lisboa — negro e branco. Passa, depois, a Insígnia empunhada por um cavaleiro acompanhado por doze escudeiros, representantiva da cidade — a caravela, em filigrana de prata, do mártir S. Vicente com os corvos lendários, trazendo, ao lado, os dois painéis vicentinos atribuídos a Nuno Gonçalves, cada um destes rodeado por doze homens.

Segue-se uma fanfarra a cavalo — dezasseis figuras, vermelho e azul, selas e retrancas de ouro e da cor do

Os vinte charameleiros que abriram o Cortejo

céu. Em seguida, imponente, a Cavalgada dos Reis que fizeram Lisboa, destacando-se, à frente, o fundador, D. Afonso Henriques, sob um docel sustentado por dez cruzados que ajudaram à conquista da cidade.

Começa, agora, a segunda parte — a Lisboa Imperial: — dois andores à indiana sobre elefantes e nos quais se vêem os príncipes de Malaca e de Ormuz, a

Os palanquins sobre elefantes

Fanfarra Real dos negros, o pálio sob o qual vão o Rei D. Manuel I e a Rainha, cercados por quase cem cavaleiros e donas, vice-reis e outros dignitários, os frades, bispos e arcebispos, com as suas cruzes alçadas, turíbulos e incensadores, levando na cauda uma multidão de noviços e de frades.

Vem, em seguida, a Casa da Índia com o seu feitor, juízes, escrivão e meirinhos, a Casa da Suplicação com os seus desembargadores, escrivães, corregedores, carcereiros e carrascos, a Santa Casa da Misericórdia com o seu provedor, mesários, inquiridores, curadores e irmãos e, finalmente, a Casa dos Vinte e Quatro com as representações dos principais ofícios da cidade, isto é, oficiais mecânicos com as suas charolas, andores, estrados, gaiolas e palanquins, seus patronos e confrades, suas insígnias e bandeiras. Figurações esplendorosas são essas, em que vão à frente os ferreiros com S. Jorge, seu patrono, e os militares, besteiros, arcabuzeiros, trons, peças e máquinas de guerra, depois os pescadores com os painéis do Espírito Santo e de S. Pedro, a insígnia e charolas de peixe, remos, redes e chalavares, bem como, saracoteando os quadris, as peixeiras da Ribeira Velha e de outros sítios com as suas canastras, gigas e cestos. Seguem, com estas, os calafates e remolares com o andor do mar e várias espécies de embarcações, tendo à frente o pendão de Santelmo — íris de bonança nas vagas tempestuosas que Portugal dominou com o seu arrojo e espírito de aventura.

Na Avenida Almirante Reis, o povo comprime-se tumultuosamente, salpicando, aqui e além, de palmas e vivas ruidosos, a marcha lenta do impressionante desfile. O andor, maravilha de filigrana em madeira dourada, é todo em estilo manuelino e há, também, em todo o percurso, danças bizarras entre as quais se destacam a *dança da mourisca* e a *folia dos forneiros e das atafoneiras* — um verdadeiro encanto.

Passam em seguida os carpinteiros com o painel de S. José, os moleiros e padeiros de Lisboa dançando a *pela*, folia saltitante e graciosa com a imagem de Santo Antão, as cestas de alinhados bordados, as fogaças e

oferendas e os castelos do seu mister com as suas broas enfarinhadas e floridas, de branco e cor de limão, e, logo depois, os confeiteiros e pasteleiros com Nossa Senhora da Oliveira e São Gonçalo, pratos de conserva, doces e pastelões lindamente enfeitados.

Vai agora Nossa Senhora das Candeias, debruada a rosa e ouro, painel tendo em volta lâmpadas acesas e, junto da Virgem, os alfaiates e lavrandeiras ou costureiras com as suas tesouras erguidas, novelos de fios e panos e, a seguir, as fiandeiras e tecelões com as suas rocas, marcas, varas e fitas em volta do painel de S. Gonçalo de Amarante, seu mestre e patrono.

Marcham, foliando, os hortelões do Arrabalde, almoinheiros com as carroças, os jumentos e as éguas da fruta e da hortaliça, levando na cauda os saloios das ervas de cheiro e dos queijos : — é a ridente e pinturesca vila de Sintra, com o seu senado, painéis, foral, santos, padroeiros, insígnias e relicários.

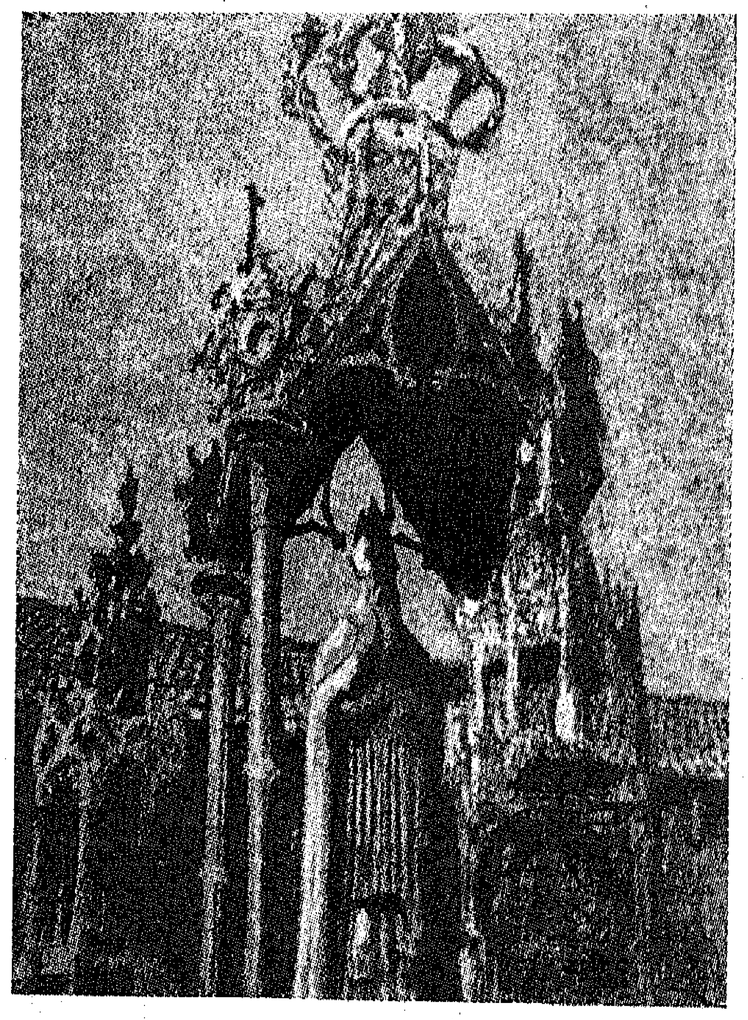
E o cortejo prossegue, ovacionado pela multidão, surpresa e extasiada, tendo a dirigi-lo o seu realizador, Leitão de Barros, que, com um *fato-de-macaco* e de motocicleta, percorre as ruas e avenidas, a indicar, a orientar...

A seguir passam os livreiros com o painel de Santa Catarina, de livro aberto, e, com aqueles, marcham os estudantes de preto, calçado e batina, com os seus compêndios, levando S. Cosme e S. Damião, com os boticários e cirurgiões, mezinhas e seringas, S. Crispim em grande painel e com um grupo de sapateiros trazendo calcetins, borzeguins, botas de cano e de atacado, a empunharem lanternas. Logo depois, os ourives da prata e do ouro, com o seu andor acarretado por dez homens e os seus distintivos : — jarras de prata e de ouro, tocheiros e imagens. Entre este andor e uma charola de

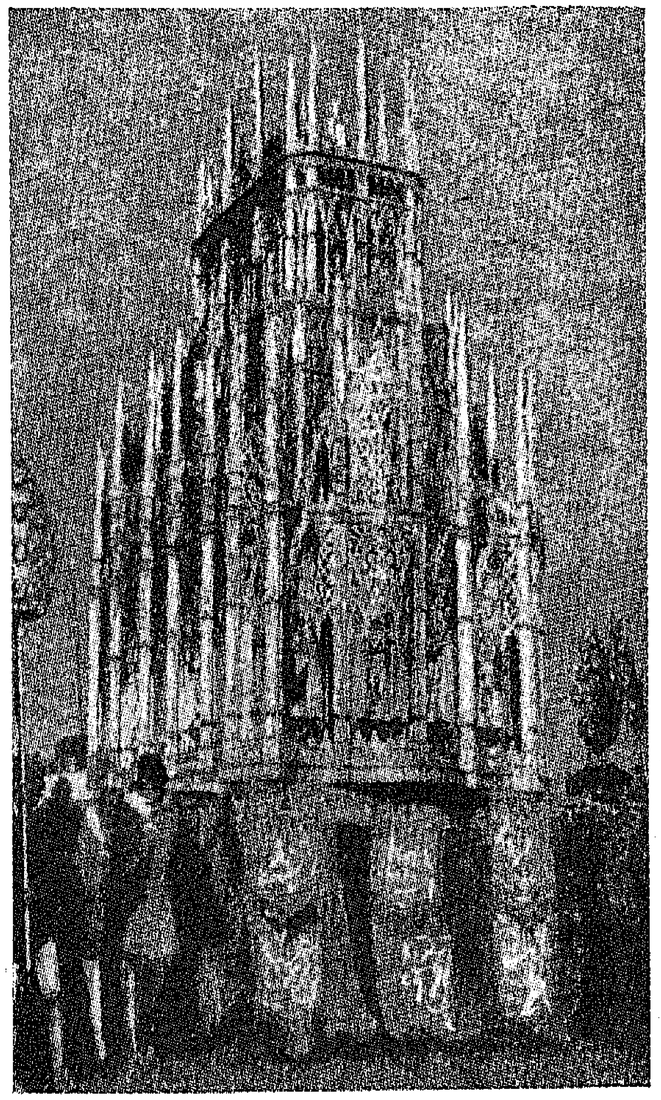
loiça vai o painel grande de Santo Eloi, o maior e o mais bonito, franjado de fios de prata. O andor, estilo vicentino, cercado de Santos e apóstolos, recorda a custódia rendilhada de Belém, que é levada aos ombros por vinte e quatro pessoas.

Revoluteia, em seguida, a *dança das bandeiras*, que o povo admira e aplaude frenèticamente.

Os oleiros, com os painéis engalanados de Santa Justa e Santa Rufina e uma charola, perpassam conduzindo loiças, jarras, pratos e gomis, bem como os vidraceiros e vidreiros, que, com as suas grandes flores de cristal, constituem um conjunto dos mais leves e harmoniosos.



O andor de Santo Eloi, patrono dos ourives



O andor do ouro

A assistência aumenta a olhos vistos. Em todo o extenso percurso um mar de cabeças coalhava as praças, avenidas e ruas, e, a regular pela gente aglomerada que eu vi na Avenida Almirante Reis, aquilo era um nunca acabar de pessoas que, ruidosamente, se manifestavam em face desse espectáculo inolvidável de arte e de encanto. Ansiosamente, não arredavam pé: — queriam ver a parte final, a mais linda. E esta apresentou-se-me aos olhos inebriados: — uma guarda fantasiada de soldados romanos, elmos e capacetes a rebri-

lharem ao crepúsculo ensanguentado daquela tarde de verão, escolta, garbosa e rutilante, o lindíssimo Carro da Cidade, todo em vidro plástico, rendilhado de finos recortes e arabescos, em anfiteatro, alegoria simbólica, extraída de tapeçarias quinhentistas — carro puxado por dezoito cavalos brancos, asas de cristal finíssimo — e sobre o qual, imponentes e lindas, vão as quatro raparigas que representavam a cidade. Guiadas pela *Lisboa Primitiva*, que vai no assento da frente, são conduzidas, nos de trás a *Lisboa Brigantina*, a *Lisboa Pombalina* e a *Lisboa Eterna*, simbolizada esta, especialmente, por uma formosa menina, de olhos negros e cintilantes, à qual toda a Lisboa festiva faz uma ovação das mais estrondosas.

O carro da cidade com as quatro rainhas

E, realmente, merece-o. Aquelas donzelas, esculturais e soberbas de beleza, traços impecáveis e mãos patrícias, assim como muitas outras da cidade das colinas, desmentem, por completo, asserções infundadas que, por erro de visão ou falta de senso estético, quem quer tenha feito ou queira fazer, num prurido lamentável de maldizer e criticar injustamente.

Finalmente, dezasseis charameleiros, vestidos à romana, fecham o cortejo e executam a marcha das charamelas, composição de Frederico de Freitas e especialmente escrita, enquanto, por toda a cidade, se acendem as luzes, milhares de bicos eléctricos a emoldurarem as Rainhas de Lisboa no carro de cristal, rainhas de beleza na cidade dos jardins e das mulheres bonitas e hospitaleiras.

E esta deslumbrante festa — galeria caleidoscópica que abrange oito séculos da história de Lisboa — documentos, livros, manuais, pinturas, esculturas, jóias e objectos artísticos saídos dos arquivos, bibliotecas e museus do Estado — terminou numa apoteose de maravilha, num ambiente feérico que os meus olhos, fatigados de tanta graça e sumptuosidade, contemplaram embevecidos.

Francamente, em meu entender e na opinião de muitos estrangeiros que auscultei ali de perto, «nenhum povo no mundo poderia apresentar um cortejo igual em sentido e grandeza histórica, em riqueza e grandiosidade de concepção, em bom gosto equilibrado e distinto...».

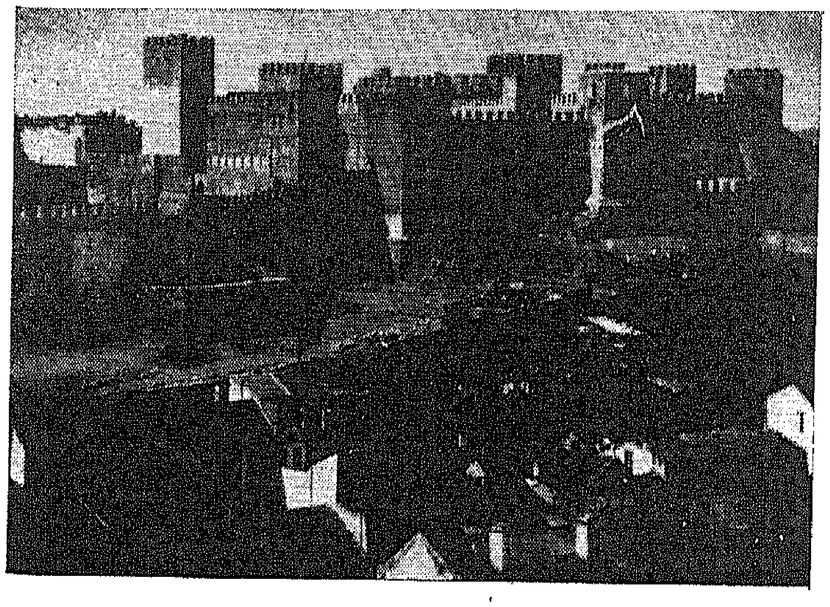
Uma autêntica maravilha, alegórica e documentada, de história e de lusitanismo!

XVI

O CASTELO DE S. JORGE — A SÉ PATRIARCAL — NOS JERÓNIMOS: O *TE-DEUM* E O PATRIARCA DAS ÍNDIAS

No dia 8 de Julho, logo pela manhã, metidos num táxi, fomos visitar o histórico Castelo de S. Jorge — monumento-padrão de Lisboa que o primeiro Rei de Portugal, com o auxílio dos cruzados, conquistou aos mouros em 1147. Não se requer licença especial para o passear e chega-se ali por qualquer das duas entradas: — a do Menino Deus ou a de S. Jorge, esta no Chão da Feira, acima do sítio dos Lóios. Entrando-se por esta, percorre-se o bairro civil, com algum interesse pinturesco, existindo aqui a igreja de Santa Cruz do Castelo, reconstruída depois do terramoto de 1755. Foi nesse castelo que D. Manuel I recebeu Vasco da Gama quando voltou da Índia, e durante as festas do seu oitavo centenário uma cruz luminosa erguia-se, no alto, abençoando Lisboa. Do antigo castelo só existe hoje a fortaleza com as suas torres, portas e muralhas, ùltimamente

remodeladas a ponto de dar-lhes a sua feição primitiva e medieval.



O Castelo de S. Jorge

Logo que se entra no eirado, ao cimo duma rampa, encontra-se a *Porta de Martim Moniz*, aberta na muralha da cidadela e onde o bravo cavaleiro português, companheiro de D. Afonso Henriques, se deixou entalar para que os lusitanos entrassem no baluarte mourisco.

Dando um volta pelo exterior avalia-se a importância estratégico-militar da velha Praça e, desde logo, desfruta-se dali um magnífico panorama dos bairros populares e de toda a cidade em geral. Admiram-se as pequenas torres ou cubelos, que são dez, sendo nove maciços com ameias, e alguns célebres, como os torreões dos ângulos, o do Haver ou o do Tombo e a Torre de Menagem, que era a de honra e onde se desfraldava o pendão real ou da cidade de Lisboa.

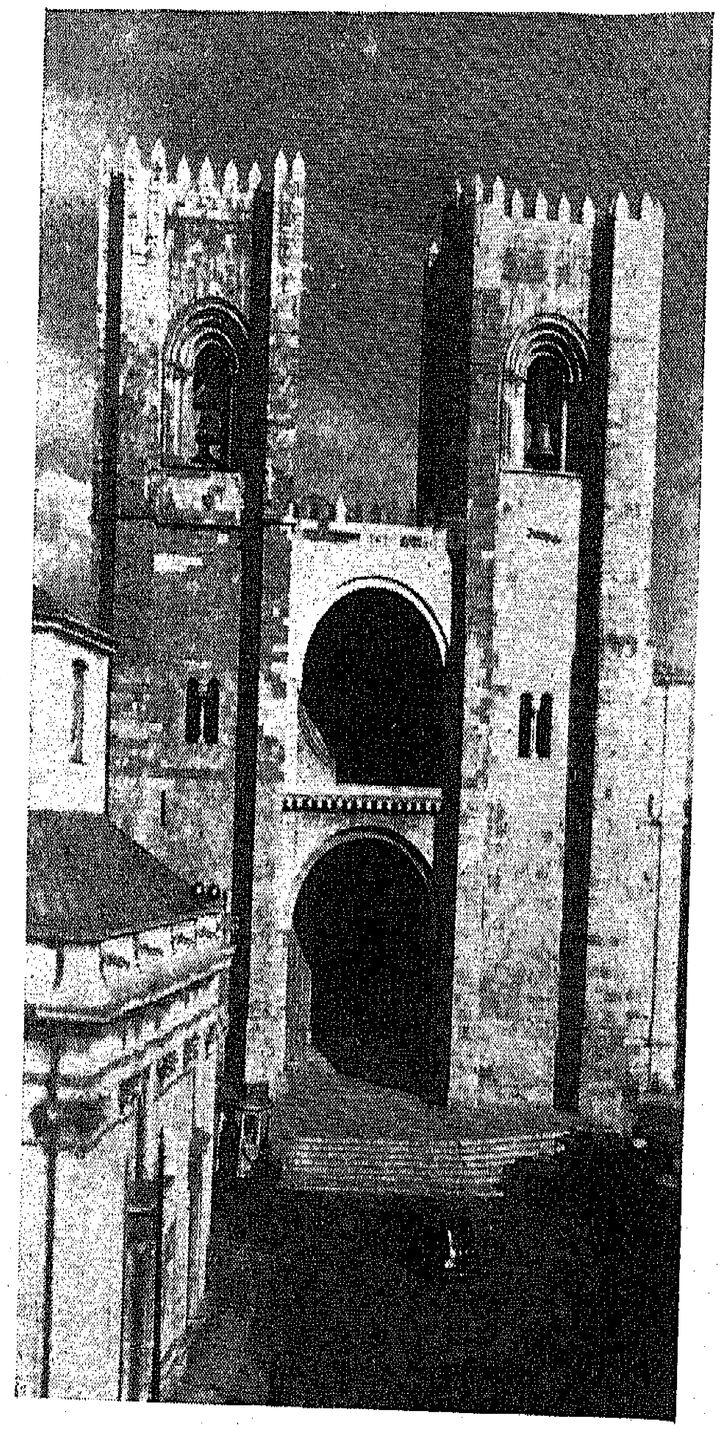
Para penetrar no Castelo é preciso atravessar um passadiço, talvez a antiga ponte levadiça por cima de qualquer fosso, e logo se vê uma vetusta porta ogival por onde se entra num dos pátios. E ainda, no muro de ligação, uma outra portinha, também ogival, e uma brecha para o exterior, chamada a *Porta da Traição*, certamente com algum significado histórico que não conseguimos saber na ocasião.

O espectáculo que se desenrola perante o visitante, trepado aos adarves e, por estes, às várias torres, é simplesmente empolgante e vale bem a pena subir — como nós o fizemos com alguma dificuldade — ao alto desse monumento, que, desde a conquista, domina Lisboa, os arredores e o rio que passa, murmurando, a seus pés.

Voltando do Castelo, fomos ver a Sé Patriarcal, que fica a uns quinhentos metros, se tanto, do Terreiro do Paço. Entrámos pela porta lateral do templo, na Rua Augusto Rosa, mas, antes disso, admirámos a sua fachada românica com as suas torres, terraço e lindo pórtico, tudo duma rara simplicidade conciliando-se com as linhas austeras duma arquitectura religiosa-militar.

Por dentro, as naves do esplendoroso templo, de feição românica pura, são divididas por seis arcos de volta inteira, tendo, por cima, um soberbo trifório que acompanha a nave do centro e o transepto. Logo à esquerda do portão, admira-se a *Capela de Bartolomeu Joannes*, com um rico presépio do escultor Machado de Castro. Na capela-mor encontra-se o túmulo do Rei D. Afonso IV e o que há de mais belo são as *Capelas Afonsinas*, com os seus túmulos e estátuas jacentes e sendo cada capela adornada de um singelo altar de pedra em frente de um fundo de vitral.

É de admirar, também, o claustro de D. Dinis com os seus dois corredores sobrepostos e de arquitectura gótica. Disseram-nos — pois não pudemos vê-lo — que o Tesouro da Sé, sobre uma das naves, era um verda-



A Sé Patriarcal

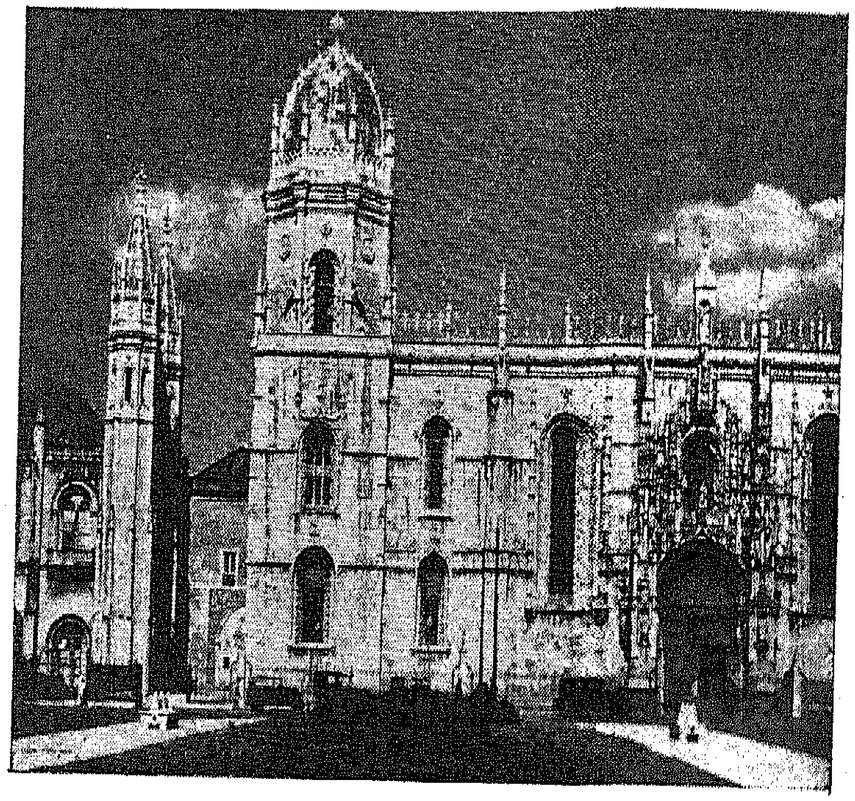
deiro museu de preciosas peças de ourivesaria, cruzes filipinas e outras, custódias, cofres, báculos, turíbulos, etc., cravejados de brilhantes e com esmaltes e engastes de alto valor material e artístico, tendo uma parte sido roubada durante as invasões francesas.

Nesse dia, antes de visitarmos o Castelo e a Sé, tínhamos ido à estação dos caminhos de ferro do Rossio despedir-nos do nosso sobrinho, médico Álvaro Brito, que, trabalhando no Minho — Arco de Baúlhe — para ali regressava, depois de nos fazer companhia, por três dias, em Lisboa, onde foi para nós duma gentileza cativante, a ponto de deixar na cidade a sua esposa, Maria de Lourdes, que se hospedou com a filhinha em casa da sua mãe — Rua Marques da Silva — e vinha, diàriamente, ao Lys Hotel acompanhar-nos nos passeios e nas visitas a vários sítios, sempre atenciosa e correcta no seu proceder, sempre gentil na sua alta figura de linhas harmoniosas e distintas. Foram esta senhora e mais um sobrinho meu — Manuel Arês da Silva — os que nos indicaram os locais pinturescos de arte e de beleza, de evocação e de cultura, de profano ou de religioso, que Lisboa ostenta, alcantilada de sete colinas e debruçada sobre o lindo estuário do largo e majestoso Tejo.

A despedida na estação do Rossio e a visita ao Castelo de S. Jorge, com as suas sombrias recordações, e à Sé Partiarcal com a extensão das suas naves e o soturno do seu trifório, deixou-nos sob uma modorrenta impressão que só passou após um bom almoço e uma agradável sesta, sòzinho, no quarto do hotel onde me hospedara.

Mal despertos, tivemos de vestir o traje de rigor, a fim de nos dirigirmos a Belém — Mosteiro dos Jerónimos — no extremo ocidental de Lisboa, antiga praia do Restelo, em frente da Praça do Império, na qual se

ergueu a Exposição do Mundo Português, mosteiro onde se ia realizar um solene *Te-Deum* congratulatório pela canonização do missionário S. João de Brito e pelo bom êxito e feliz regresso da Peregrinação Nacional.



O Mosteiro dos Jerónimos

É este mosteiro o monumento de arte religiosa mais lindo de Lisboa. Erecto pelo Rei Venturoso a fim de celebrizar o caminho marítimo para a Índia e em memória dos grandes feitos dos marinheiros e soldados portugueses, lançados, através de todos os continentes e mares, à descoberta e à conquista, ele ia servir, agora, de moldura às gentes de todas as cores e todas as partes do mundo que ali se iam reunir em acção de graças e de louvor.

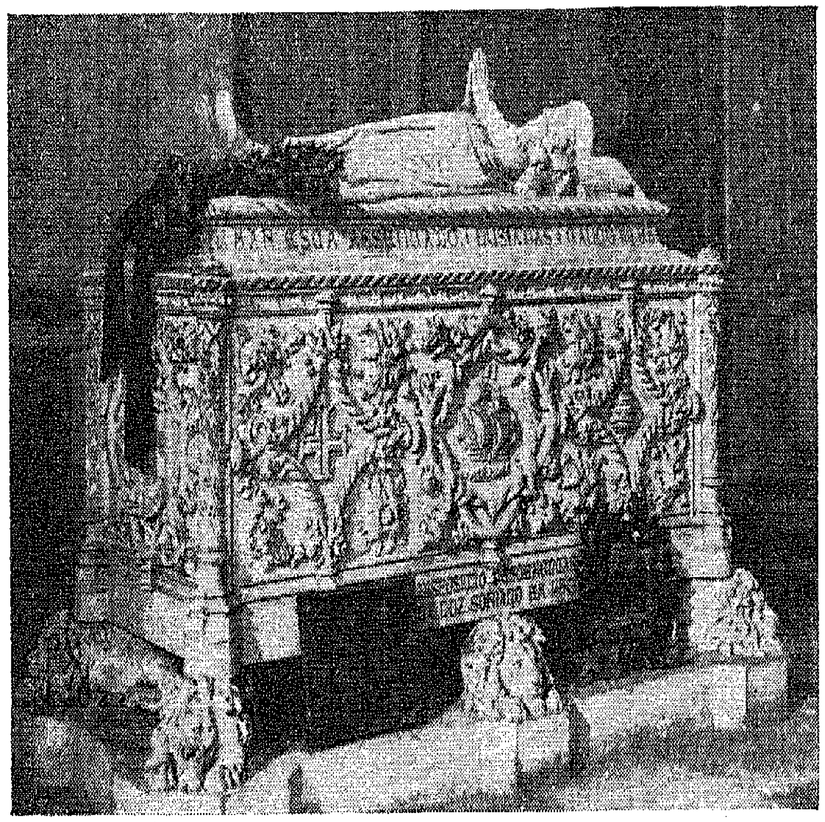
O formoso templo manuelino regurgitava de gente, desde o Presidente da República, o Presidente do Conselho, o Governo, o corpo diplomático e as mais altas entidades até aos mais humildes indivíduos e colectividades.

O mosteiro está situado no local onde antes era o Hospital da Marinha, fundado pelo príncipe Henrique, e onde Vasco da Gama passou a noite antes de seguir para a Índia. Pode-se ver, ali, o Museu Etnológico Português, organizado por Leite de Vasconcelos.

Os pórticos dos Jerónimos impressionam e deslumbram: — o do sul, entrada lateral e antiga, duplicada, a estátua do Infante D. Henrique em baldaquino, o arco redondo sobre o qual se vê a Virgem Maria, os seus ornatos góticos, os seus nichos, curvas e nervuras, num rendilhado assombroso, constitui uma autêntica harmonia de pedra, sinfónica e incisiva; o pórtico do poente, por onde entramos, não é menos belo do que o anterior, admira-se nele a arte da Renascença e nos nichos, sobre o arco, ostentam-se as estátuas de D. Manuel e da Rainha D. Maria, amparados por S. Jerónimo e S. João Baptista.

O interior do Mosteiro é grandioso e surpreende pelo arrojo da concepção e delicadeza de lavra; há ali seis pilares finamente rendilhados e, ao mesmo tempo, duma grandeza impressionante, sendo dois no transepto com mais de dois metros de espessura e os outros nas naves, que têm um metro de largura, parecendo, porém, uns fios suspensos da abóbada, que é um docel assombroso de pedra a perto de 25 metros de altura.

Ao fundo da nave admiram-se o coro, o subcoro, as capelas com os túmulos de Vasco da Gama e de Camões, tudo em harmonia com o estilo gótico-manuelino do lindo edifício, existindo também ali os sarcófagos de Alexandre Herculano, Sidónio Pais e outros grandes vultos da História Portuguesa.



O túmulo de Vasco da Gama

No transepto, as capelas laterais aumentam o gosto arquitectónico do mosteiro, com os seus altares e púlpitos dourados e ricamente pintados. A capela-mor já não desperta tanto interesse e a sacristia não passa duma sala de pedra, com a abóbada sustentada por uma única coluna central.

Dizem escritores estrangeiros que o claustro — o mais lindo de todo o Mundo, na opinião de Albrecht Haupt — deslumbra pela sua larga quadra de dois pavimentos, toda lavrada, com arcos, colunelos, abóbadas ogivais, remates, frisos, cornijas e pináculos que fazem desta dependência uma autêntica maravilha de arquitectura gótica com enflorações genuinamente portuguesas.

Foi neste histórico templo que se efectuou o *Te-Deum* a que assistimos extasiados, sobretudo quando a palavra

insinuante e cheia de conceitos do Patriarca das Índias, Sr. D. José da Costa Nunes, se fez ouvir num sermão dos mais grandiosos e eloquentes, após a orquestra da Emissora Nacional e o coro terem executado o *Ecce Sacerdos Magnus.*

O grande orador começou o seu discurso evocando a Velha Cidade de Goa, onde teve, sempre que ali foi, a impressão dominadora do seu passado esplendoroso, revivescência da extraordinária epopeia portuguesa no Oriente, onde, a par da espada, brilhou, inconfundìvelmente, a Cruz da Fé cristã. Entre os missionários distin-

O Patriarca das Índias pregando no Mosteiro dos Jerónimos

guiu-se João de Brito, ora santificado pela Igreja. A sua vida todos a conheciam e por isso não a relembrava nesta ocasião, bastando dizer-se que Ele foi o produto heróico do espírito missionário do seu tempo e da sua pátria. Afirmou que os portugueses não foram ao Oriente por qualquer interesse mercantil, mas sim pela ideia sagrada de formar almas, lapidá-las, civilizá-las dentro do critério humano e cristão.

As campanhas que ora se levantam contra Portugal cairão por si, pelo estudo reflectido da sua acção, pela obra fecunda dos seus missionários.

E, num impressionante rasgo de oratória, exclama : — «Quanto mais me sinto missionário, mais alto vibra, canta e chora de alegria o meu coração de português».

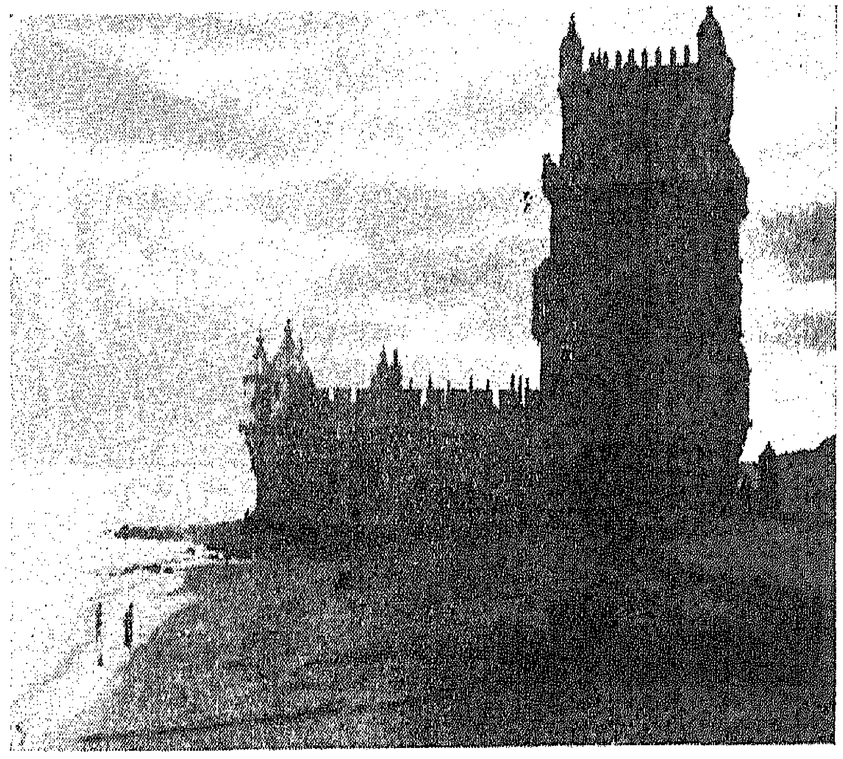
E finda numa oração fervorosa para que S. João de Brito alcance, na Índia Portuguesa, a paz e a tranquilidade necessárias, afervorando-a no amor e dedicação a Portugal.

XVII

A TORRE DE BELÉM — PARQUE EDUARDO VII : ESTUFA FRIA — A FEIRA POPULAR

Saindo do Mosteiro dos Jerónimos, fomos ver a Torre de Belém ao pôr-do-Sol, que fica logo ali, a quase quatrocentos metros, e é um outro monumento de arte arquitectónica manuelina — a mais elegante e encantadora das jóias cinzeladas sob a inspiração das fantasias mouriscas, no dizer do erudito Olivier Merson.

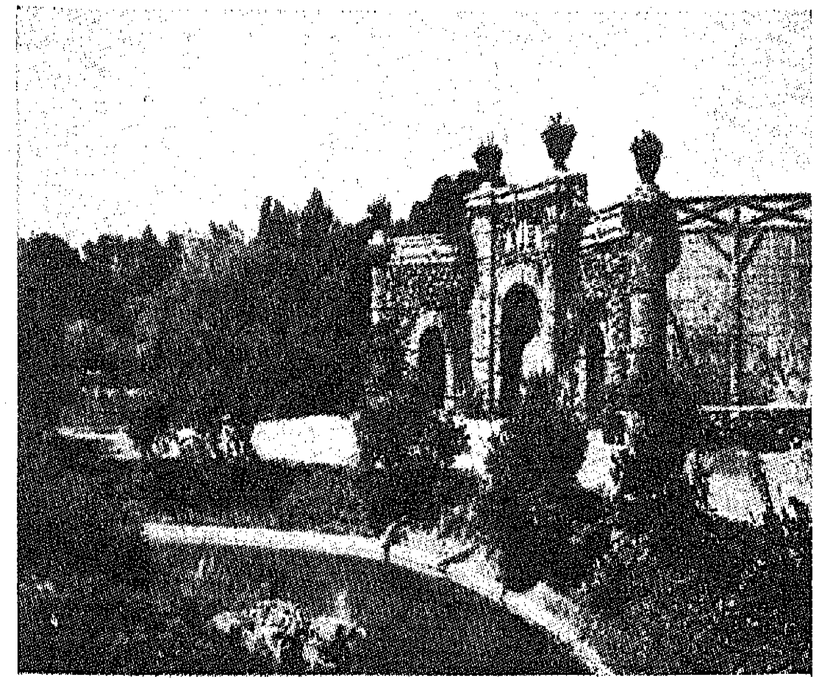
Só o vimos por fora : — um edifício alto, muralha quadrada com um terraço, balcões e janelas, e, além disso, um baluarte poligonal que rodeia a torre e a protege com algumas ameias e guaritas. Exteriormente é de concepção maravilhosa, sendo os seus elementos decorativos repassados de orientalismo e em grinaldas de grande beleza. Tem um varandim comprido e, na sua balaustrada, sob arcos redondos, são de admirar o escudo e as esferas armilares de D. Manuel, os terraços, as cúpulas ornadas de frutos de pedra, as frestas, colunas, escudos em relevo, o baldaquino da Virgem e milhares de enflo-



A Torre de Belém ao pôr-do-Sol

rados que a fantasia do seu arquitecto e construtor, Francisco Arruda, soube delinear e executar, numa intenção religiosa-militar de altas lucubrações espirituais. A pena foi não podermos entrar, pois já fazia escuro e a essa hora a admissão não seria concedida.

No dia seguinte, 9 de Julho, fomos visitar, logo de manhã, a Estufa Fria, no Parque Eduardo VII, tal a impressão de beleza que nos deixara a primeira visita. Paga-se quinze tostões para entrar nesse viveiro de plantas tão atraentes que os turistas o consideram como o mais lindo da Europa. Perto, fica o Pavilhão dos Desportos (antigo Palácio das Exposições) e, do outro lado, a Ford Lusitana. A Estufa Fria é uma elipse cercada, com plantas lindíssimas, flores, caramanchões, nichos, lagos pequenos, tudo empedrado e bonito. Há pombas e outras aves. Com as suas fontes, recantos aprazíveis, escadarias e arruamentos bem lançados, a Estufa exibe uma das



Parque Eduardo VII – Estufa Fria

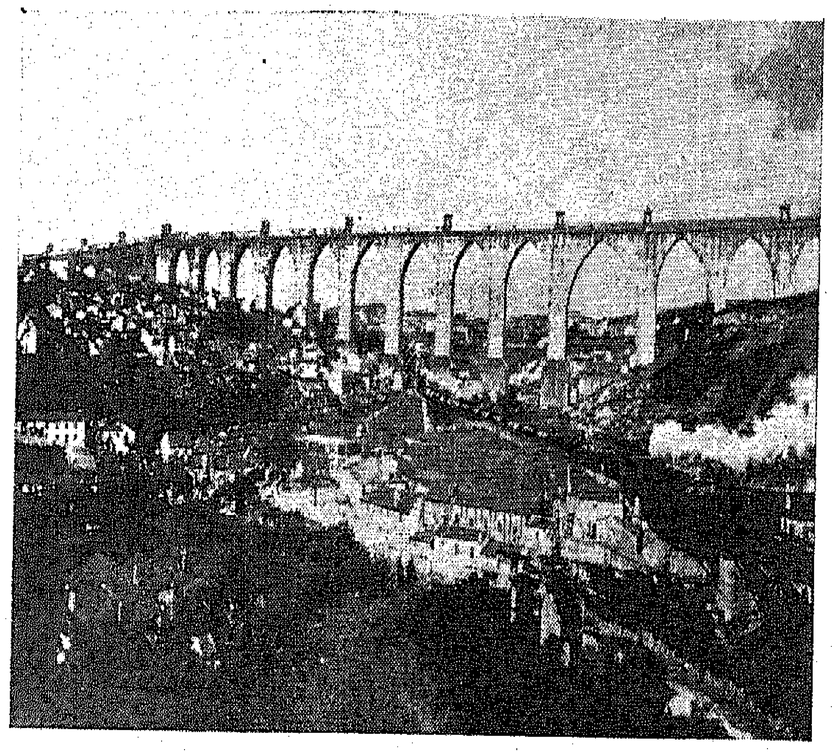
mais luxuriantes vegetações, onde há fetos arbóreos duma grande beleza. Namorados, em felizes idílios, beijam-se

Parque Eduardo VII – Estufa Fria

nos nichos e a atmosfera é de temperatura quase constante, fresca e convidativa.

Ficamos sabendo, nesta segunda visita, que essa estufa, afinal, foi toda delineada e executada pelo ilustre engenheiro Sr. Augusto Gomes Fróis, actual director das Obras Públicas do Estado da Índia, sendo errado o que dissemos, por informação menos verdadeira, na nossa quarta crónica — ficando assim rectificada a asserção anterior.

Logo a seguir fomos aos escritórios da Companhia das Águas, na Avenida da Liberdade, conseguir permissão para podermos visitar o Aqueduto das Águas



Aqueduto das Águas Livres

Livres, essa obra monumental de engenharia que fica ao ocidente da cidade, sobre o vale de Alcântara. E lá fomos de corrida, num táxi, ver o formidável Aqueduto, que, desde Caneças às Amoreiras, com subterrâneos e

galerias, tem uma extensão de perto de sessenta quilómetros. Não nos quisemos, contudo, aventurar pelo interior do Aqueduto, todo cheio de ramais e canalículos, não fosse aparecer-nos a sombra de Diogo Alves, o audacioso bandoleiro que fez desse local o teatro das suas façanhas criminosas. Limitámo-nos a ver a galeria coberta que assenta no alto com o seu grande arco ogival, e tendo, de ambos os lados, um passeio de bonito lagedo, pinturesco trajecto hoje quase abandonado. Do alto do Aqueduto, o panorama é dos mais sugestivos, vendo-se a cidade de Lisboa e os seus arredores numa grande extensão.

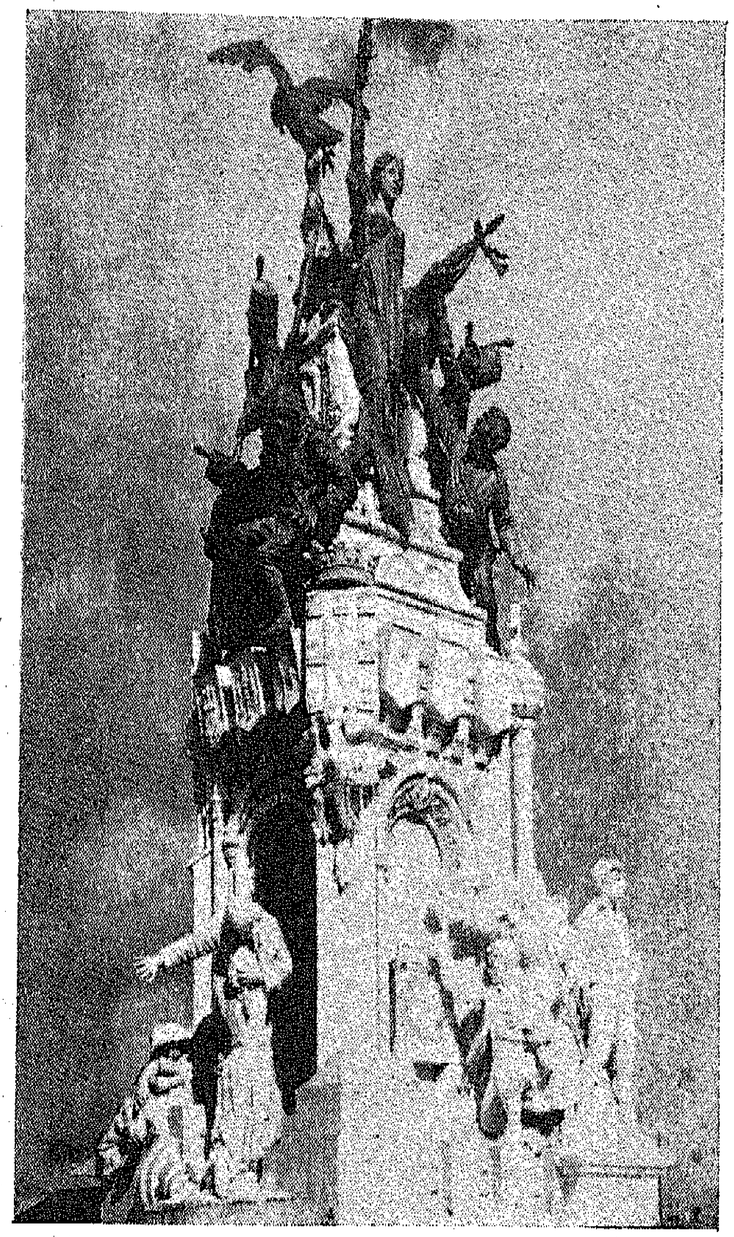
À tardinha, a nossa visita foi à Praça de Touros do Campo Pequeno, construída em estilo árabe e com uma área para mais de oito mil espectadores. Tem um grandioso redondel e foi ali que o cavaleiro Fernando de

Praça de Touros do Campo Pequeno

Oliveira sofreu colhida mortal em 1904. Existe nesta Praça um pequeno museu tauromático de algum interesse.

Partindo por S. Sebastião da Pedreira, chegamos a um cruzamento onde fica o *Bairro Azul*, um dos melhores da cidade nova e admira-se, lá perto, o grande palácio dos *meninos* de Palhavã e, mais longe, o Avis Hotel. Na Avenida 5 de Outubro fica a Maternidade Alfredo Costa, que é dividida em quatro corpos com três pavimentos. Depois, a Avenida Fontes Pereira de Melo, que vai terminar na Praça Duque de Saldanha, orlada de edifícios luxuosos. No centro desta Praça ergue-se o Monumento ao Duque de Saldanha, que representa o marechal de pé, com a mão direita para o sul, sobre um pedestal dórico. À frente desta estátua vê-se, em bronze, a figura da Vitória e, nas faces laterais, pendem panóplias ornamentais da boca de leões.

Seguindo de automóvel, passámos por várias avenidas e ruas. No extremo da Avenida da República, ao Campo Grande, alteia-se o moderno Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular, que representa Portugal. De um lado limita-o o mar e, do outro, o escudo de D. Afonso Henriques. No monumento vêem-se vários grupos esculturais, entre os quais é de encantar a beleza de um: — uma donzela ultrajada ao limiar de um pórtico religioso implora de joelhos perdão a seu pai, que chora, também, renegando a guerra e os seus horrores. Na face posterior, um leão de mármore lambe, descuidado, a garra sobre os despojos da guerra; ao fundo, o túmulo de Camões. Mais avenidas e ruas, até desembocarmos numa Praça onde se vê o belo monumento ao grande idealista republicano que foi o tribuno António José de Almeida. É a figura da República em pedra dominando a estátua de bronze. Na face principal lê-se:



Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular

— *António José de Almeida, ardente tribuno, patriota perfeito, cidadão exemplar — Presidente da República — 1919-1923.* É a homenagem póstuma ao Homem que, em vida, muito sofreu pelos seus queridos ideais de liberdade e de tolerância.

E assim, deambulando, fomos atravessando o Bairro das Colónias e o da Inglaterra, o Largo do Intendente,

Monumento ao Dr. António José de Almeida

passámos pela Igreja dos Anjos e, dando a volta, chegámos, à hora do jantar, ao Lys Hotel, pois, em seguida, tínhamos de ir à Sociedade de Geografia assistir à Conferência que o douto director da Escola Médica de Goa e erúdito académico, Dr. Germano da Silva Correia, ia ali fazer, abordando um tema dos mais interessantes: — *As portuguesas nos primórdios da colonização da Índia.*

Foi um encanto ouvi-lo e toda a assistência, que era numerosa e das mais selectas, aplaudiu-o calorosamente, quando ele deu por findo o seu discurso, todo cheio de ensinamentos históricos sobre a raça portuguesa, as suas mulheres e os quadros sociais da Índia de antanho.

Saindo da Sociedade de Geografia, ainda fomos ao Terreiro do Paço, gabinete de S. Ex.ª o Ministro das Colónias, que nos mandara chamar e nos inquiriu sobre as coisas da Índia Portuguesa, o seu progresso, as suas

agitações e anseios, ao que procurámos responder com verdade e consciência, defendendo a terra do meu berço sob todos os seus aspectos e expondo, francamente, as suas necessidades e aspirações.

E, finalmente, lá pela meia-noite, passando pelo Hospital de D. Estefânia, fomos ver a Feira Popular de Lisboa que se abre de noite e é um verdadeiro encanto. Em parte alguma do Mundo deve haver uma feira que se assemelhe, tão típica e original ela é. O recinto é vasto, pelo menos um quilómetro quadrado. Há, ali, mostruários de todas as principais casas comerciais da cidade ao longo dos arruamentos, há diversões de toda a espécie, desde a *montanha russa* e o *carrocel* até à *patinagem* e ao *poço dos pequenos automóveis*, desde o teatro revisteiro e cómico ao cinema, desde o *tiro ao alvo* até aos jogos de destreza. Há, ali, restaurantes, casas de chá, cafés e «tascas» com as saborosas queijadinhas de Sintra, bifes em sangue, frituras, mariscos, bolos de toda a natureza e, quanto ao vinho, há-o de todas as regiões de Portugal — produtos absolutamente nacionais e para todo o paladar.

Os ministérios têm os seus *stands*, sendo notáveis o do Ministério da Guerra com armas dos mais variados feitios e equipamentos militares dos mais completos, desde os antigos aos modernos, e o do Comércio e Indústria apresentando, em mapas demonstrativos e nítidos, os gráficos da produção, exportação e importação, bem como os produtos existentes ou fabricados no nosso país.

Há *stands* de toda a espécie de automóveis e modelos de aviões e, a enfeitar tudo, mesmo ao centro, um lago de águas mansas e esverdeadas onde os batéis passeiam namorados e os cisnes e patos encantam a vista e extasiam o visitante que se sente transportado a um novo mundo, prenhe de arte e de ventura. Enfim, uma nota

artística de beleza num recanto silencioso de Lisboa, com muitas damas e cavalheiros, grafonolas por toda a parte e músicas variadas.

Abancámos a uma das mesas e pedimos qualquer bebida gelada com bolos de creme. Ao nosso lado, um inglês já toldado pelos vapores espirituosos do *gin* levanta-se, quase a cambalear, a fim de se cingir a uma rapariga, toda *baton* e *rouge*, que, quando dança, cola-se ao companheiro com a maior intimidade, amparando-o, talvez, no seu bambolear perigoso e desafinado.

E assim se passa o tempo, até que, lá pelas três horas da madrugada, começa a debandada e o trabalho da rapariga do vestiário e da empregada da *toilette*, a entregar, em troca dumas pequenas placas de metal, os respectivos chapéus, gabardinas e abafos, a fechar as torneiras e a recolher os frascos de loções e as pomadas brancas e perfumadas.

XVIII

DA ROTUNDA DE LISBOA A SANTARÉM — ALCOBAÇA E BATALHA — LEIRIA — FÁTIMA: A COVA DA IRIA — TOMAR

Dez de Julho foi o dia designado pelo Ministério das Colónias para a excursão a Alcobaça, Batalha, Leiria, Fátima, Tomar e Santarém. Às sete horas fez-se a concentração de todas as delegações na Praça do Marquês de Pombal e lá partimos em seis autocarros, acompanhado cada veículo por um funcionário do Ministério, vindo no nosso o ilustre Chefe de Gabinete de S. Ex.ª o Ministro, Sr. Dr. José Coelho de Almeida Cota, inteligência brilhante e conversador emérito.

Ao passar, fomos vendo, pelo caminho o Manicómio Júlio de Matos, o Aeroporto de Lisboa com os seus dois grandes edifícios, o Campo de Sacavém com a sua fábrica de louças, o aeródromo pequeno de Alverca, as fábricas de cimento em Alhandra, extensas lezírias, campos verdejantes, touros... enfim Vila Franca de Xira, que é interessante com as suas pequenas casas, um bonito mer-

cado, biblioteca municipal, a Casa Auto-Ribatejo para reparações, e Castanheira do Ribatejo.

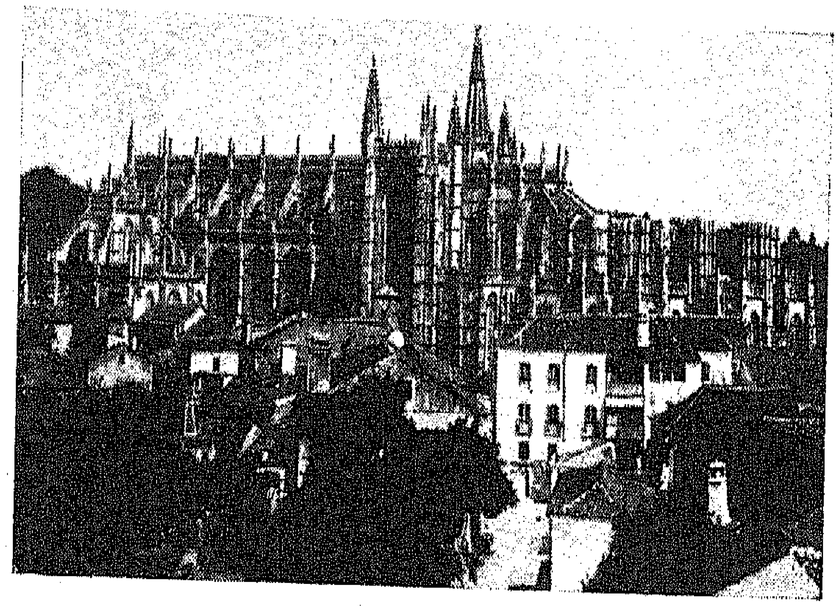
Passámos, depois, à direita de Alenquer com a sua grande fábrica de lanifícios, igreja no alto, casario pela encosta e a base nacional aérea da Ota, Óbidos com

Parte exterior do Aeroporto de Lisboa

o seu castelo antigo e histórico e a Praça de S. Martinho, parando, por pouco tempo, nas Caldas da Rainha, numa Praça onde se ergue a estátua da Rainha D. Leonor e se vê um bonito mercado com as célebres *cavacas*, polvilhadas com açúcar, que saboreámos com delícia.

Visitámos, em seguida, o grande Mosteiro de Alcobaça, fundado por D. Afonso Henriques e construído com a pedra branca da região. O povo, em alas pela larga escadaria, músicas e o repicar festivo dos sinos do templo, recebeu-nos galhardamente. O mosteiro é pesado e esmaga. Estilo cisterciense, entre gótico e romano, com três naves, altar ao fundo. Numa sala ao lado, os túmulos rendilhados, dum lavor primoroso, de D. Pedro e D. Inês e, mais ao lado, no mesmo aposento, outros sarcófagos de Príncipes de Portugal, entre os mesmos D. Beatriz, mulher de D. Afonso III.

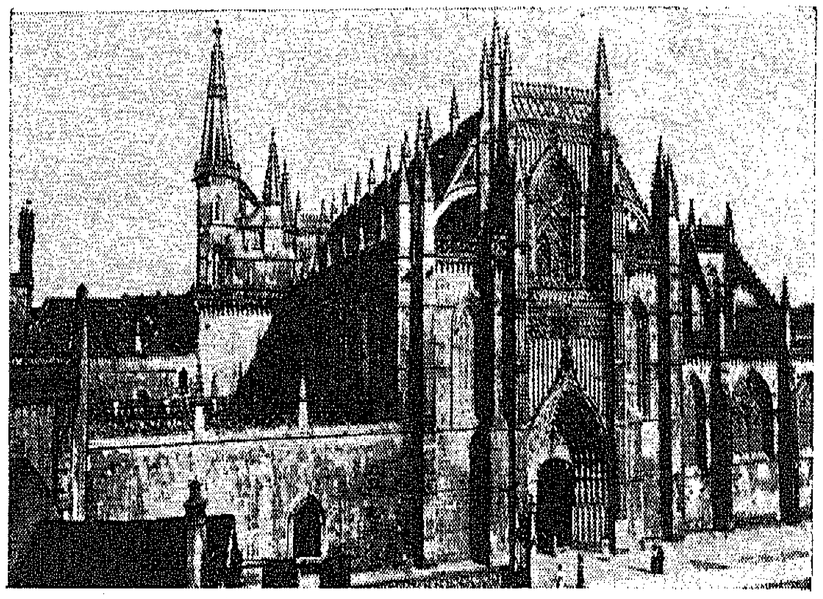
O Claustro de D. Dinis é grande e a Sala do Capítulo é linda e com estátuas. Mais adiante, a grande chaminé e, ao lado, no corredor, o tanque onde os frades se lavavam. O refeitório é dos maiores e há, ali, um estrado de pedra onde um frade falava durante as refeições, existindo, ao lado, um lava-mãos dos mais bonitos. O mosteiro alberga, agora, perto de mil asilados pobres e, ali, houve pensões, casas particulares, lojas e até teatro, sendo larga e linda a sala dos Reis de Portugal. Saímos surpresos e sob a impressão confrangedora da-



O Mosteiro da Batalha

quela imensa mole de pedra e ainda pudemos admirar a soberba fachada com as suas quatro estátuas e, no alto, a Imagem de Cristo, tendo, por cima, uma cruz simples e bem talhada. Às onze horas passámos pelos campos sagrados de Aljubarrota onde se firmou a independência de Portugal e D. Nuno Álvares Pereira foi o máximo expoente do seu heroísmo. Daí a momentos erguia-se perante o nosso olhar extasiado o Mosteiro de Santa Maria da Vitória — vulgarmente conhecido pelo nome

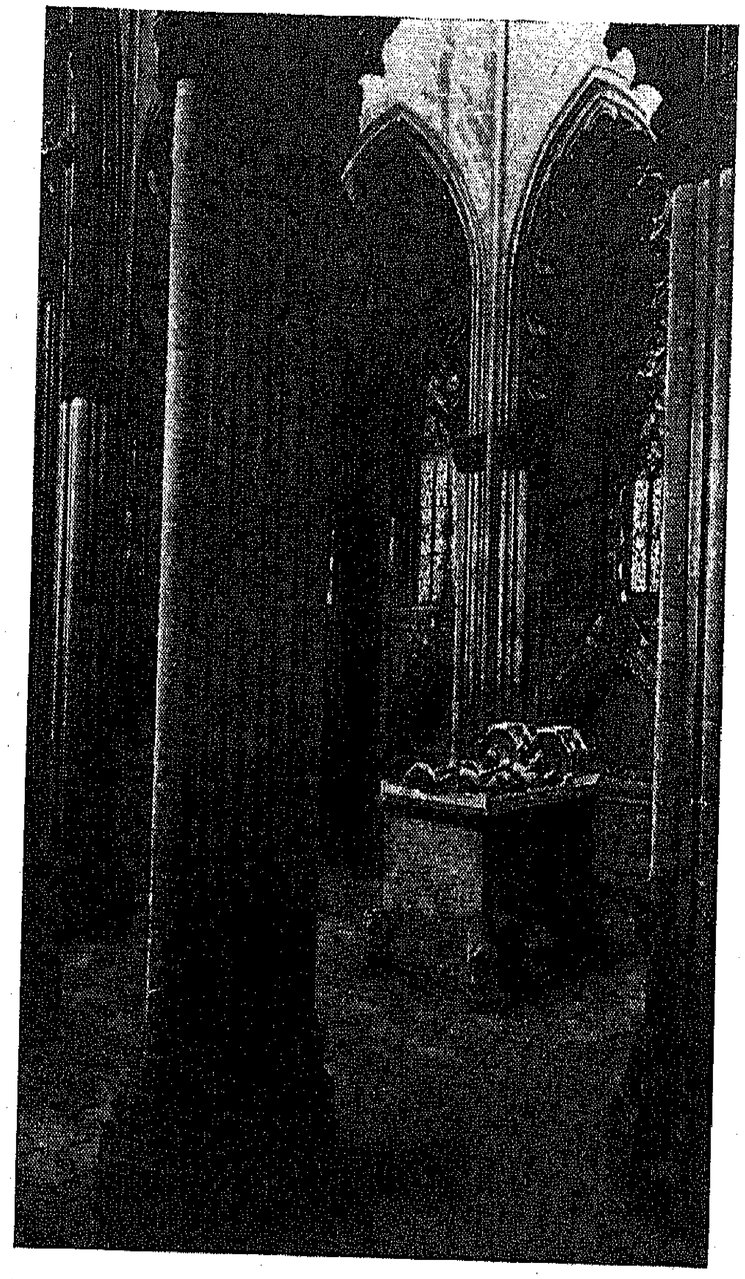
de Batalha — o mais belo monumento de arquitectura gótica que tem Portugal — mandado construir pelo Rei D. João I, em cumprimento de um voto pelo triunfo das armas lusitanas.



Mosteiro da Batalha – Fachada principal

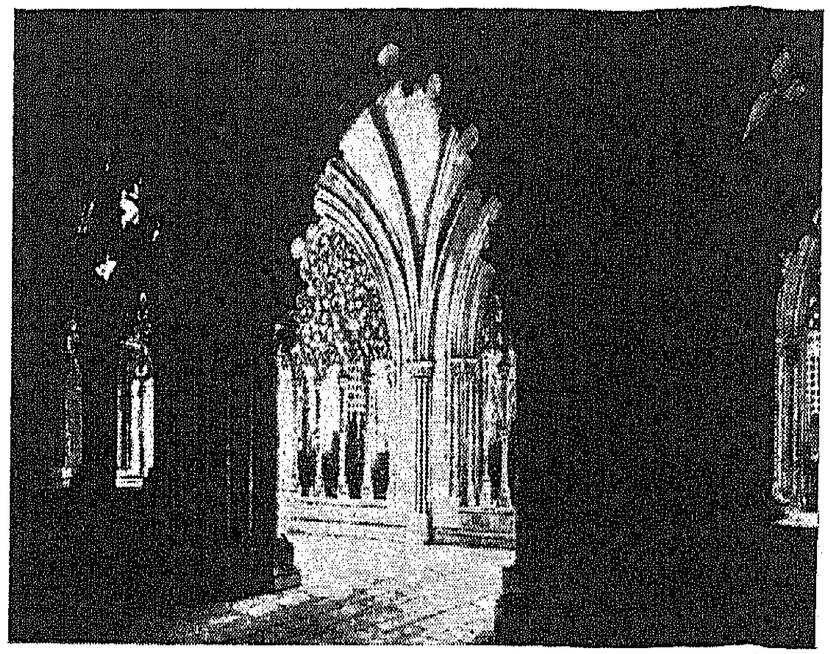
Lá dentro é de admirar a Capela do Fundador, tendo ao centro, sobre oito leões, os túmulos de D. João I e da sua mulher, D. Filipa, e, junto às paredes laterais, os sarcófagos dos Infantes D. Pedro, D. Henrique, D. João e D. Fernando, morto em Ceuta e do qual só existe o coração em lindíssima urna, além dos túmulos de D. Afonso V, D. João II e de seu filho D. Afonso.

Na capela-mor e nas quatro capelas laterais, todas dum fino rendilhado, existem mais túmulos, e, entre estes, um, todo de mármore embutido, verdadeira obra de pedra em filigrana, encerrando os restos mortais de Diogo Lopes de Sousa. O Claustro Real é todo formado por largos e bonitos arcos ogivais e a Casa do Capítulo surpreende pela rara beleza e elegância da sua abóbada,



Mosteiro da Batalha – A Capela do Fundador

delineada e executada pelo Mestre Afonso Domingues, cujo busto, feito da pedra onde ele se sentou, está num dos ângulos do aposento, a olhar-nos como que em desafio e a comprovar a solidez do seu trabalho. Nesta sala, em campa rasa, jazem as ossadas de dois soldados desconhecidos, mortos durante a guerra de 1914-1918, e, ao lado, ergue-se um lampadário de bronze rendilhado



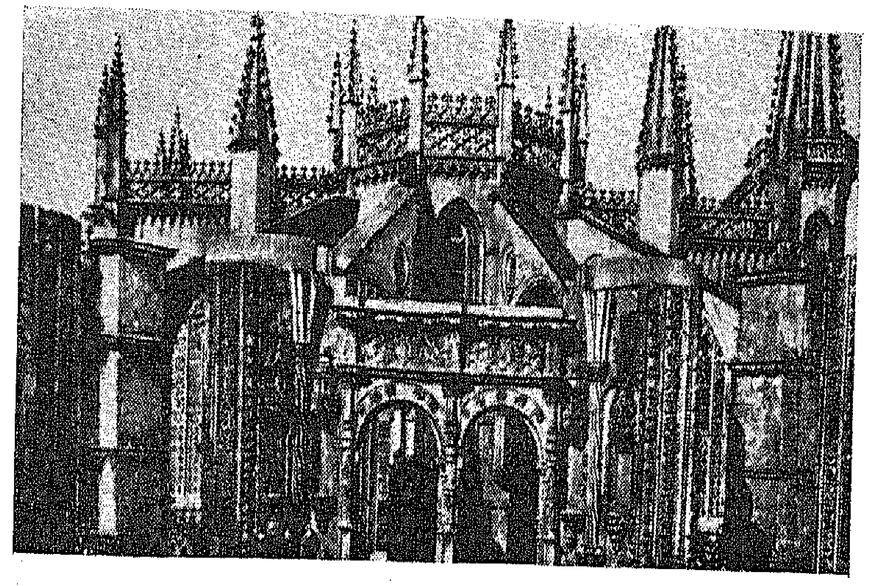
Mosteiro da Batalha – Pórtico da Sala do Capítulo

sobre um pedestal de pedra, tendo sempre acesa a *Chama da Pátria*. Na pedra sagrada lê-se o seguinte :

Portugal eterno
nos mares, nos continentes e nas raças,
ao seu soldado desconhecido,
morto pela Pátria.
Grande Guerra
1914 - 1918

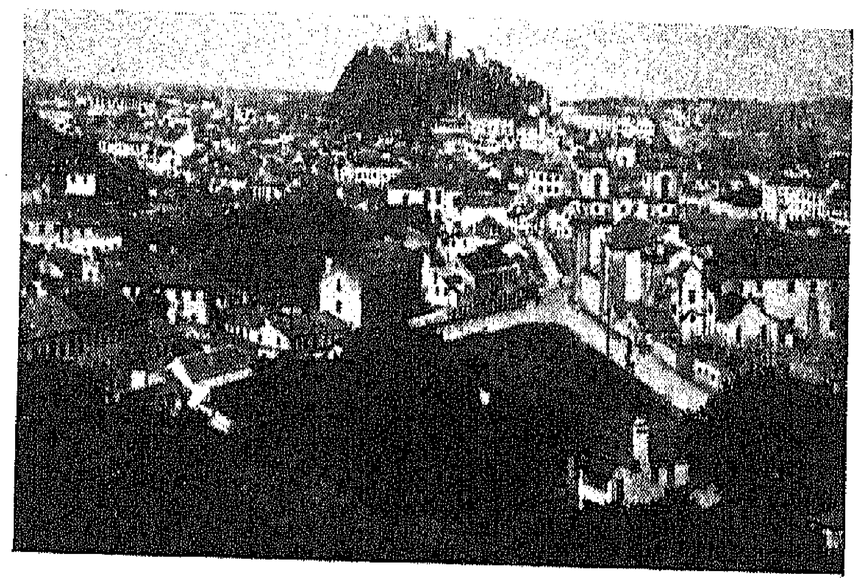
A Casa do Capítulo, bem como as outras dependências, têm lindos vitrais que são um verdadeiro primor.

Em outra sala está o *Museu das oferendas* ao soldado desconhecido, com ricas prendas dadas pelos militares e por outros e, ali, existe uma outra campa, oferecida pela França, mais rica, mais sumptuosa, mas que não oferece tanta religiosidade como a campa rasa da Sala do Capítulo.

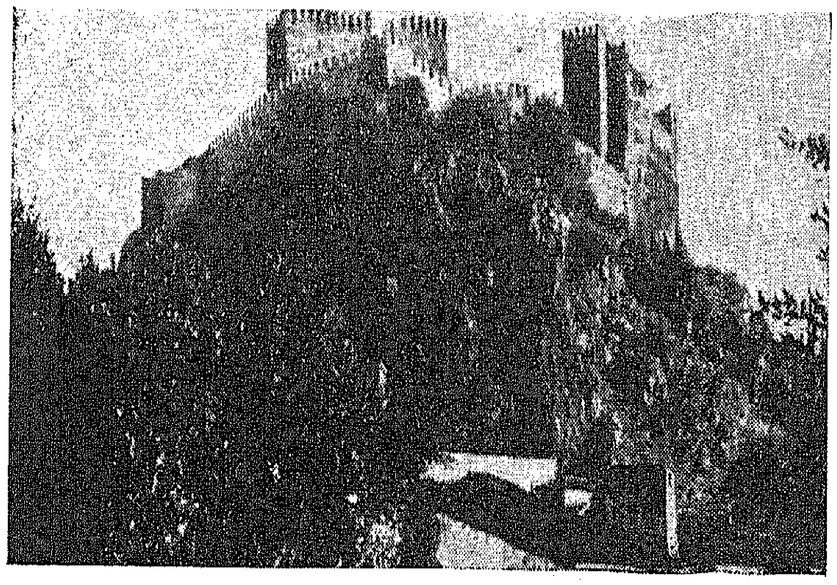


Mosteiro da Batalha – Capelas imperfeitas

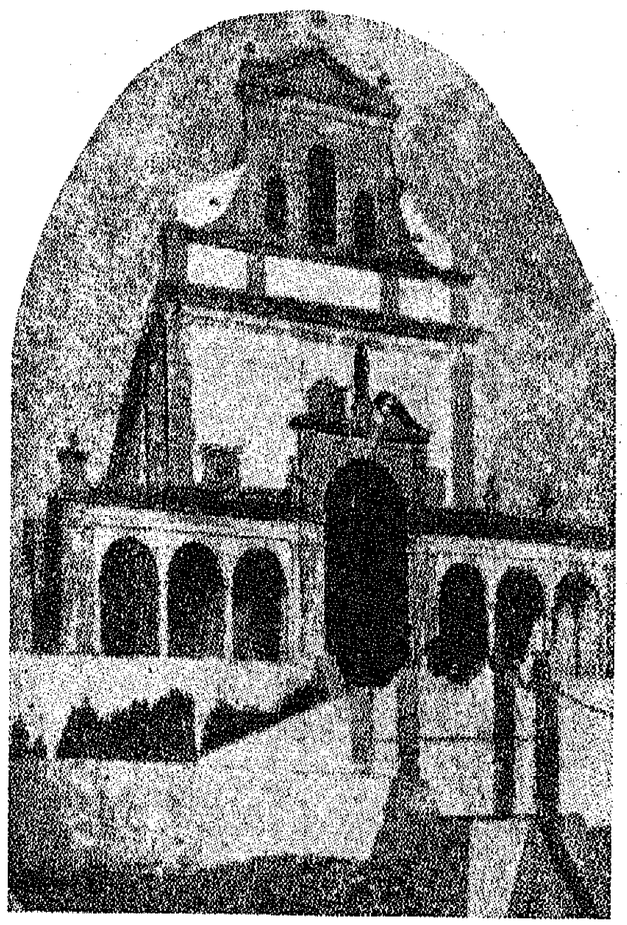
No Mosteiro da Batalha são, também, de admirar as Capelas Imperfeitas (assim chamadas por terem ficado incompletas), começadas por D. Duarte para servirem de jazigos reais e continuadas por D. Manuel I e D. João III. São em estilo gótico florido e as portas da entrada são verdadeiros trabalhos de filigrana em cantaria, sobretudo a capela por detrás da cabeceira



Leiria



O Castelo de Leiria

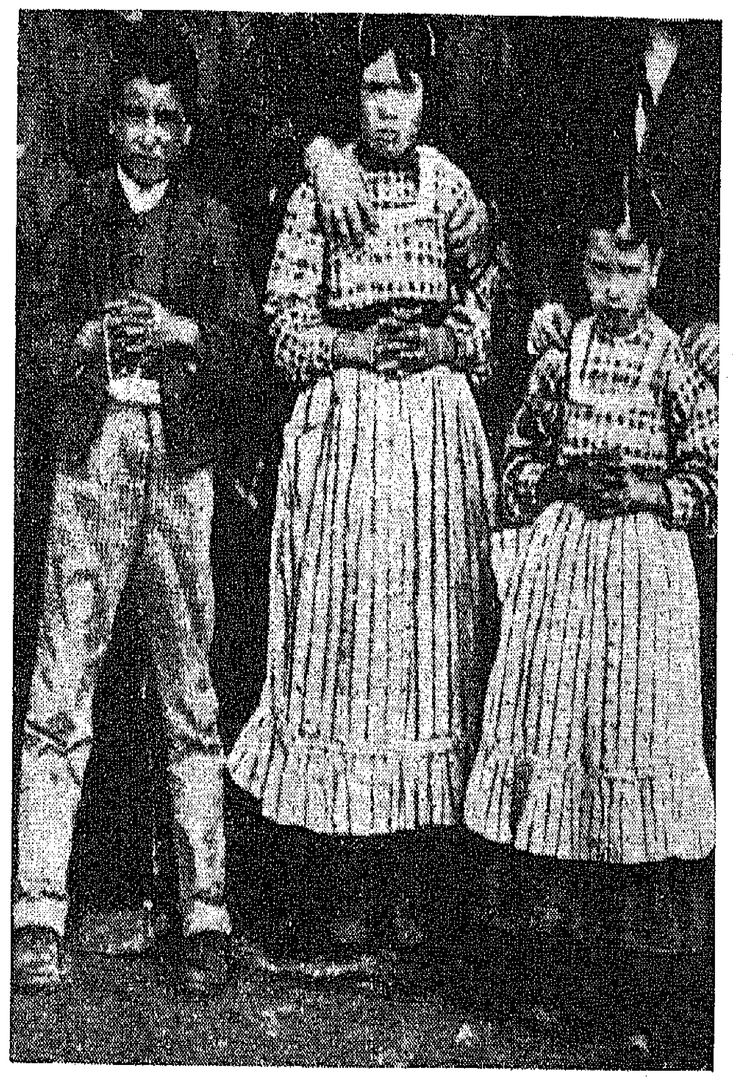


Leiria – A Igreja da Senhora da Encarnação

do Templo, onde está o túmulo de D. Duarte, filho de D. João I.

Saímos inebriados e passámos, depois, por Leiria, a princesa do Lis, onde a multidão se apinhava por todos os lados, fazendo-nos uma recepção das mais calorosas; vimos, ao longe, o histórico e medieval castelo com as suas torres e ameias e, mais, perto, a linda Igreja da Senhora da Encarnação na sua fachada toda em arcos de um surpreendente efeito.

Finalmente, lá pelas treze horas, Fátima, a Cova da Iria, pequena aldeia da Estremadura, que a Virgem

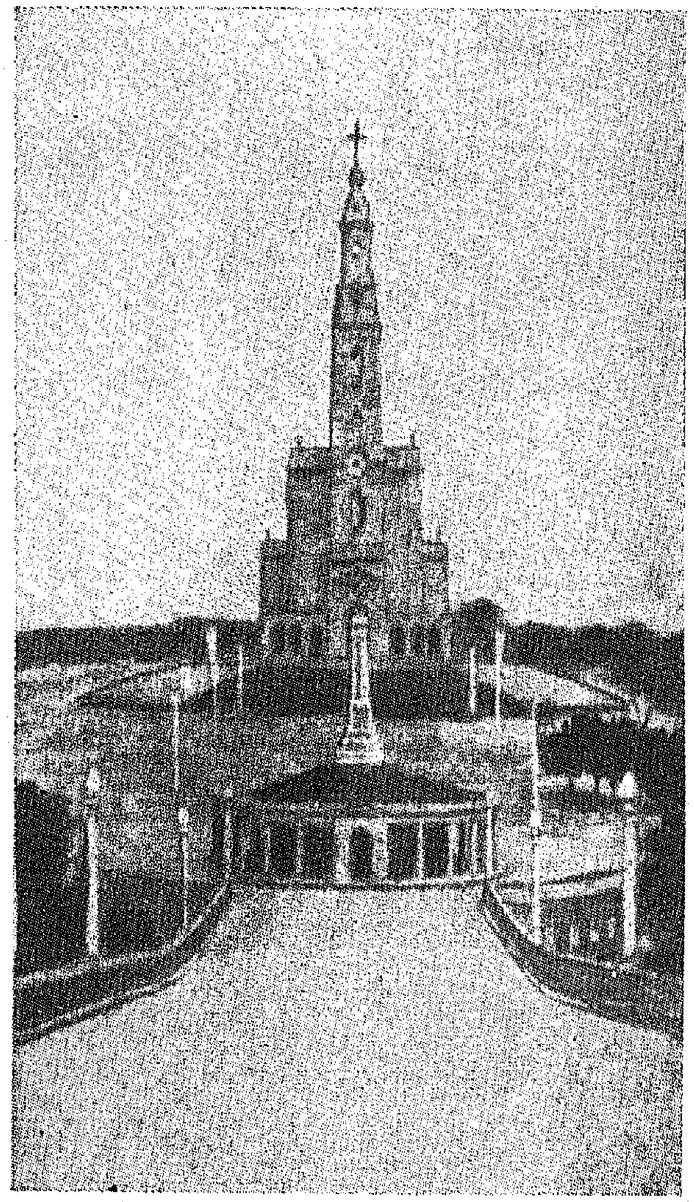


Os três pastorinhos

Maria escolheu para as suas aparições aos pastorinhos de que se serviu para a sua mensagem de paz e de amor aos filhos de Portugal: — Lúcia, Francisco e Jacinta.

A fama do milagre convulsionou Portugal inteiro e, dum agreste e pobre lugarejo, Fátima transformou-se num sítio com boas habitações, lojas e templos.

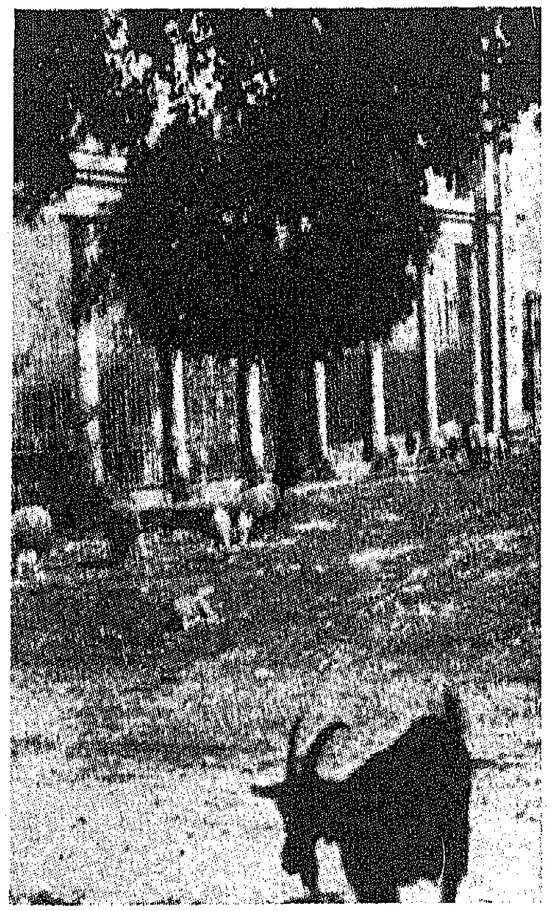
Aos 13 de Maio de 1917, em lugar descampado, aparecia a Virgem — *era uma senhora mais brilhante que*



A Basílica de Fátima

o sol... — dizem as crianças na sua linguagem simples e verdadeira.

Trinta anos depois, Fátima transformou-se como por encanto: — um lindo templo quase a acabar-se que é a Basílica, a capelinha do lugar das aparições com um pequeno alpendre e nicho, um pedestal com a esplendorosa Imagem da Virgem, uma fonte a deitar, por várias



A entrada do Santuário

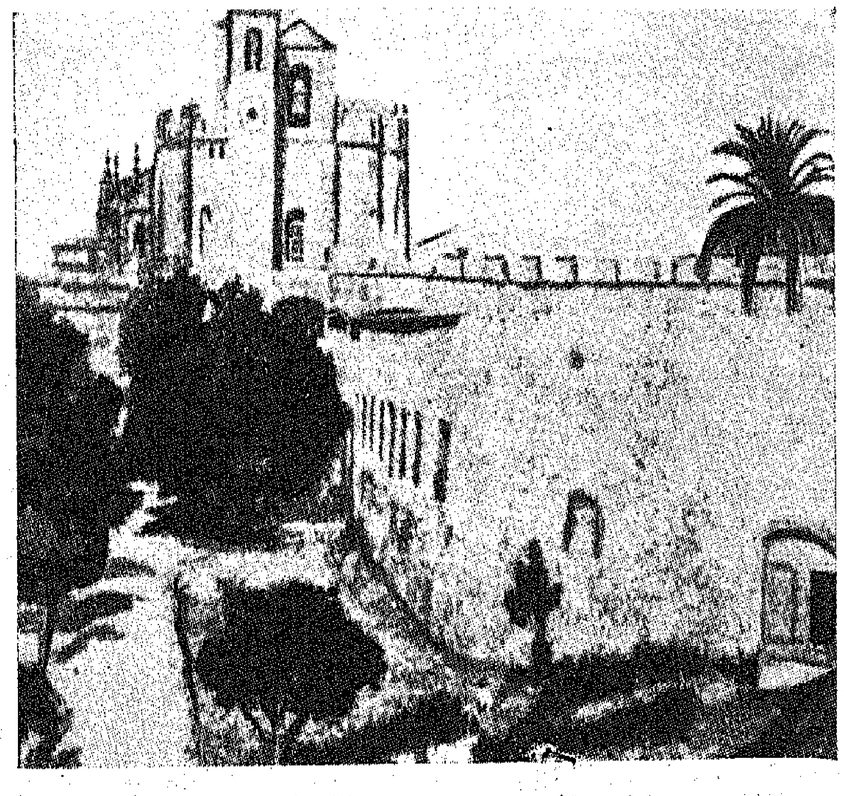
torneiras, a água milagrosa do Poço da Lúcia, um grande edifício para peregrinos, um santuário todo em colunatas e o seu lindo pórtico — entrada da Cova da Iria que Nossa Senhora transformou no seu salão de visitas a fim de salvar e defender Portugal, terra de heróis e de santos.

Romeiros vindos de todas as latitudes, trazendo para

ali as suas fraquezas e os seus desejos, acumulam-se, hoje, pelos contrafortes da Serra de Aire e caminham, devotos, para a milagrosa Cova, toda emoldurada de pinheiros, eucaliptos, azinheiras e oliveiras que esmaltam de verde a encosta cultivada.

Almoçamos na grande casa dos peregrinos, a contemplar, à distância, os dois grandes anjos de pedra que se ostentam mesmo em frente do Santuário, dando-nos a impressão de que esse local de maravilha é, todo ele, um templo de infinitas proporções, sob a abóbada azulínea do infinito céu.

Passámos, em seguida, por Vila Nova de Ourém, vendo-se, no alto de um monte, as muralhas derruídas do antigo Castelo, doado por D. João I ao seu grande Condestável, e fomos a Tomar ver o Convento de Cristo e o Castelo dos Templários, que, no seu conjunto, têm acumu-



Tomar – Charola e Igreja do Convento da Ordem de Cristo

lados, dentro e em volta do seu recinto, perto de oito séculos de história e de arte. A *Charola*, que é a primitiva igreja dos cavaleiros do Templo, o corpo da igreja manuelina com o seu esplêndido portal e lindas janelas, os claustros do cemitério e da lavagem são exemplares típicos da arquitectura gótica em diversas variedades. Há, pelas paredes desse Convento, magníficas pinturas quinhentista e azulejos portugueses de alta valia, sobressaindo o sumptuoso tecto da *Sala da Bela Vista*, além de outras dependências existentes, qual delas mais bonita e atraente. Fomos ali recebidos gentilmente com música e discursos e tivemos ocasião de conhecer, pessoalmente, o tenente-coronel, Comandante do Regimento de Infantaria, ali estacionado, Fernando Dinis de Ayala, a quem e a sua esposa fomos visitar, por ser um parente próximo da minha mulher.

Às dezoito horas estávamos em Santarém, a princesa das cidades de Portugal. Recepção formidável no Campo de Sá da Bandeira, onde se alteia a estátua do grande herói : — música, palmas atroadoras, damascos e col-

Santarém – Vista geral da cidade

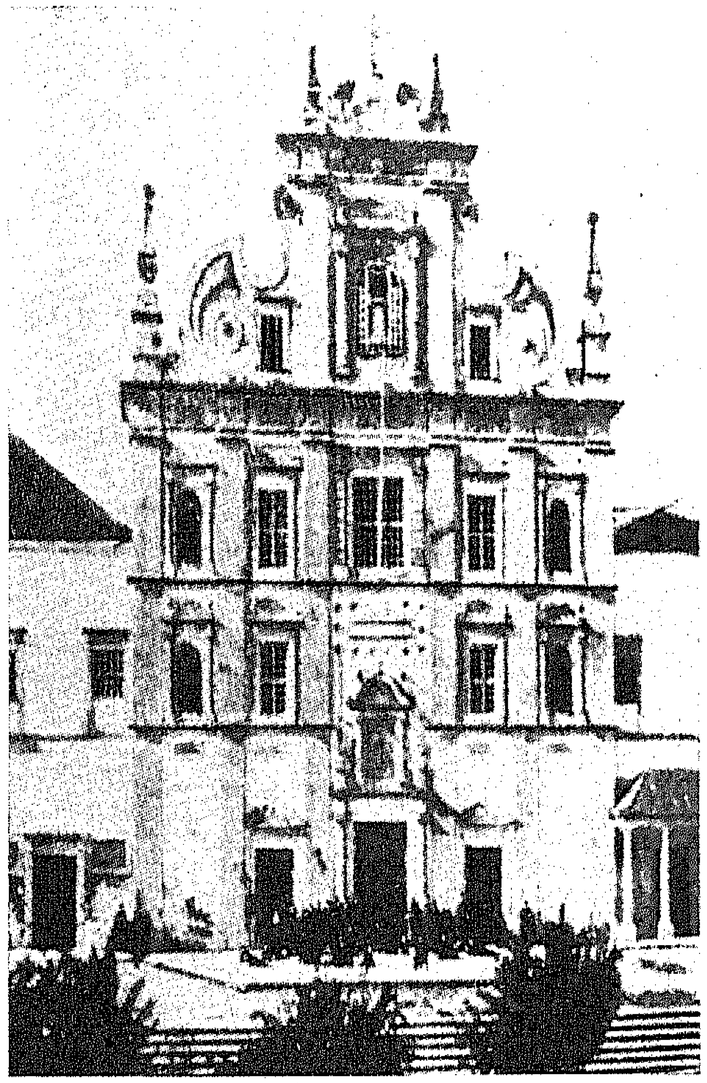
chas pelas janelas, um mar de gente, cavalheiros e senhoras. Seguimos, com a banda dos bombeiros voluntários à frente, pela Rua Direita — que, por sinal, é algum tanto torta — à Câmara Municipal, onde fomos recebidos

Estátua de Sá da Bandeira

e saudados pelo seu Presidente, Dr. António Galhordas, a quem respondeu o Arcebispo de Luanda, D. Moisés Alves Pinho.

E, saindo dali, sempre em cortejo, engalanadas as

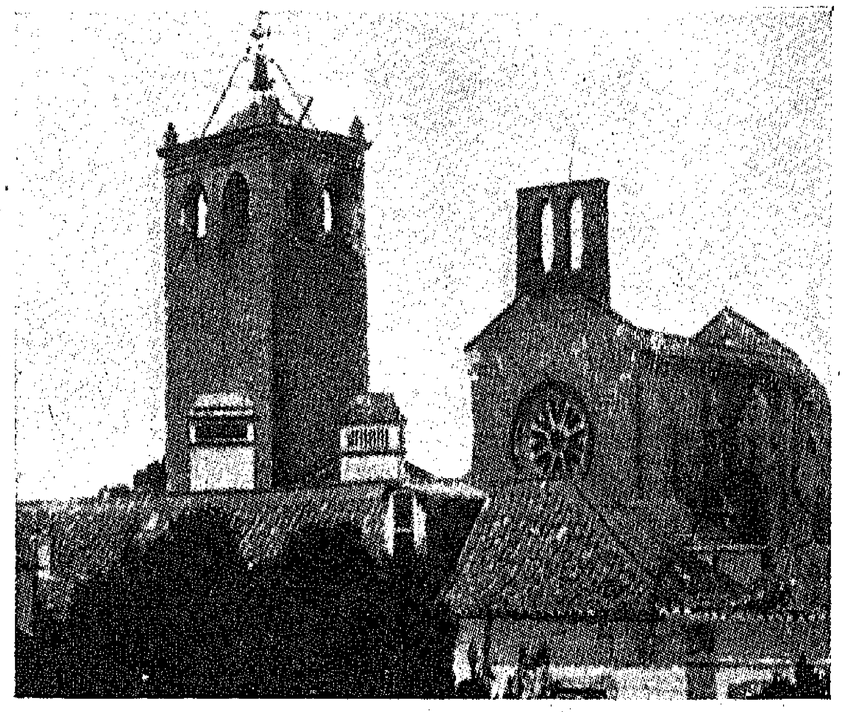
ruas do trajecto, pétalas de flores lançadas das janelas pelas senhoras, seguimos, pela Avenida 5 de Outubro, às *Portas do Sol*, donde, ao ensanguentado poente, se descortina um cenário de maravilha : — campos extensos



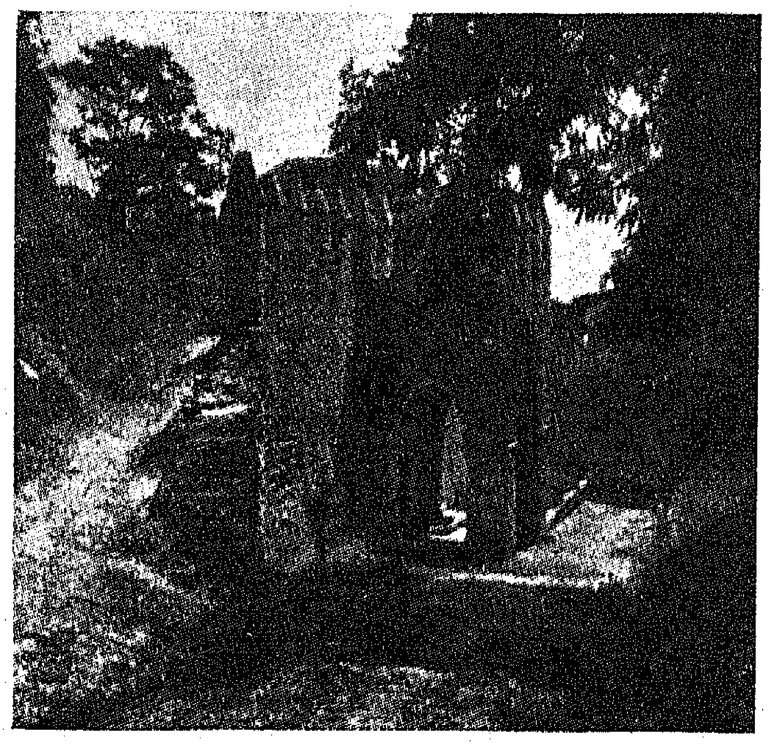
Santarém – Igreja do Seminário

serras ao longe, o Tejo e a Ponte D. Luís, que vai a Almeirim, enfim um verdadeiro encanto.

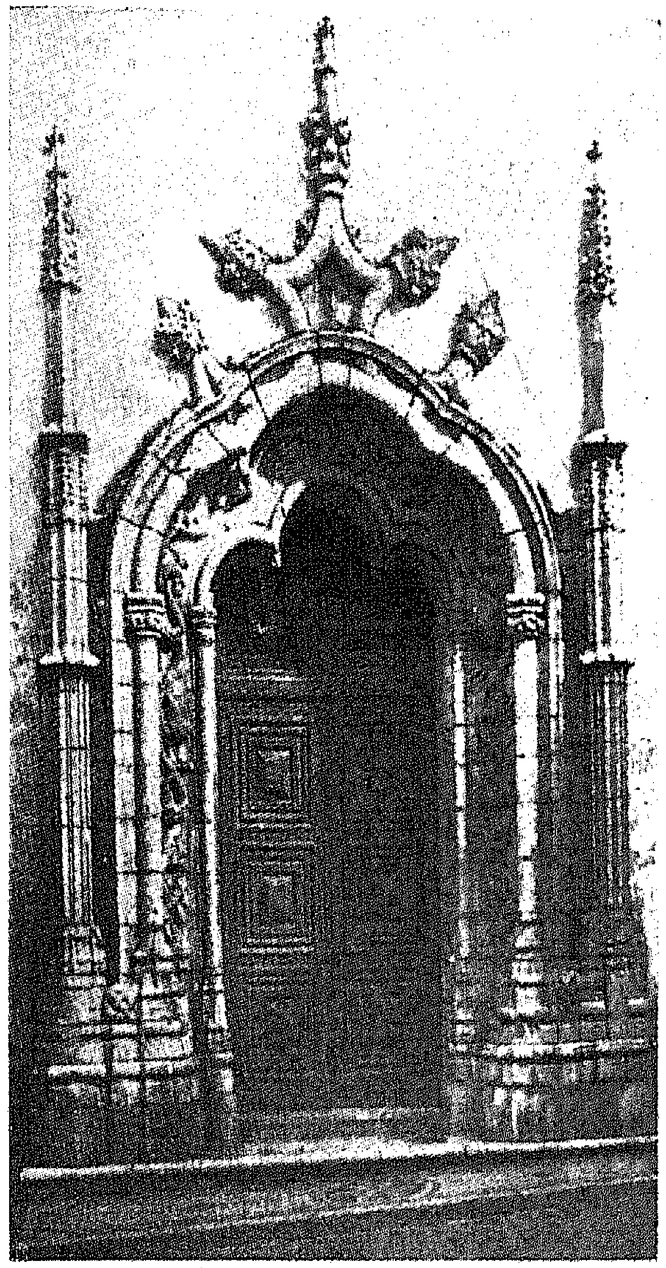
Fomos, depois, ao Seminário, onde jantámos, ou, melhor, ceámos, às onze horas da noite, no seu claustro,



Igreja de S. João de Alporão



A Fonte das Figueiras



Igreja de Marvila – Pórtico manuelino

servidos por algumas raparigas com os trajos característicos da região, e só depois é que regressámos a Lisboa, passando por Torres Vedras e sem termos podido, pelo adiantado da hora, visitar os monumentos arqueológicos da velha *Scalabis* ou *Chantereyn*, como diziam os árabes — capital do Ribatejo —, que os tem muitos e de grandes tradições históricas, como a Igreja de S. João de Alporão, onde fica o museu, a da Graça o Convento de S. Francisco, o das donas, a Igreja do Convento de Santa Clara, a da Misericórdia, a do Seminário, a do Milagre, a de Marvila com o seu Pórtico manuelino e a linda Fonte das Figueiras com o seu alpendre gótico, formado por três arcos ogivais, escudos de Santarém e de D. Afonso III e uma abóbada de tijolo donde — segundo nos disseram — corria um veio de água límpida e murmurante.

XIX

A ASSEMBLEIA NACIONAL — A TORRE DO TOMBO — SALAZAR — O CONSERVATÓRIO — NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

A excursão a Santarém, donde voltámos pela madrugada de onze de Julho, deixou-nos fatigados, mas, lá pelo meio-dia, foi-nos comunicado que o Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar, recebia-nos às dezassete horas no Palácio de S. Bento, onde funciona a Assembleia Nacional. E lá estamos, à hora marcada, na Calçada da Estrela. O palácio é um majestoso edifício, um dos mais lindos do País. A fachada com a sua monumental escadaria assinala-se pela varanda nobre e pelo frontão, que é um grupo escultórico dos mais bonitos. O átrio, corredores, salões, salas da Assembleia, Passos Perdidos e outras dependências oferecem-nos um grande interesse arquitectónico e artístico, quer em pintura, quer em escultura. Nos Passos Perdidos há seis magníficos painéis a óleo, que são obra de Columbano e nos quais estão representados os principais estadistas portugueses.

A sala das sessões dos deputados é um largo hemiciclo em anfiteatro, de cobertura metálica, enquadrando vidros da cor do ouro. Divide-se em três vãos oblíquos, com duas ordens de galerias sobrepostas e sustentadas por colunas de mármore cor-de-rosa com capitéis de mármore branco. A ornamentação escultórica é de Teixeira Lopes e, sobre a cadeira da Presidência, admira-se um grande painel representando as Constituintes de 1820, em que avulta a figura primacial do grande tribuno Manuel Fernandes Tomás. Em volta do hemiciclo ostentam-se seis estátuas figurando a Constituição, a Diplomacia, a Lei, a Jurisprudência, a Justiça e a Eloquência, dominando o centro uma linda estátua da República, trabalho de Anjos Teixeira.

A antiga Câmara dos Pares, onde funciona hoje a Câmara Corporativa, é mais sóbria, mas também bonita e de um grande efeito. O quadro *A Pátria*, de Carlos Reis, está por trás da mesa da Presidência, tendo, em frente, a estátua da República e pequenos grupos esculturais por cima das portas. Existem ali várias salas, como a da Presidência da República, a da Presidência do Conselho, a da Presidência da Câmara Corporativa e a da Biblioteca, onde está o busto do Doutor Oliveira Salazar. Acham-se alojados nesse palácio o Museu Arqueológico e Bibliográfico e o Arquivo da Torre do Tombo com os seus gabinetes e outras dependências. O Arquivo é chamado da Torre do Tombo porque ocupava, até ao teramoto de Lisboa, a Torre do Haver ou do Tombo, desde D. Fernando I, que para ali mandara recolher e coleccionar todos os principais documentos de Portugal. Interessa, especialmente, a eruditos e investigadores, é dos mais ricos e possui dezenas de colecções com perto de seis mil manuscritos e quase cem mil livros por ordem cronológica, conservando, até hoje, algumas preciosidades, como a Bíblia dos Jerónimos, o Tratado da Esfera de Pedro Nunes, e muitas outras de valor indiscutível.

Foi na sala da Biblioteca desse imponente palácio, depois de o termos visitado todo graças à obsequiosidade informativa do seu funcionário superior, Sr. Sanches Ferreira, que as delegações do Ultramar foram recebidas pelo Presidente do Conselho, ladeado pelo Ministro das Colónias e pelo Cardeal-Arcebispo de Lourenço Marques, que para ali entraram exactamente às dezoito horas, tendo sido acolhidos com uma prolongada salva de palmas.

Momentos depois, o Sr. Capitão Teófilo Duarte apresenta ao Presidente do Conselho os cumprimentos de despedida de todas as delegações do Império, que não quiseram retirar-se sem ver o Dr. Oliveira Salazar. E afirma :

«Nestes dezanove anos da administração de V. Ex.ª criou-se em todo o território metropolitano e ultramarino uma tal auréola que, como dizia um dos prelados aqui presentes, o seu nome entrou, duma maneira indestrutível, na alma de todos os portugueses bem formados.»

E acrescenta, terminando :

«Esteja V. Ex.ª seguro de que todos os delegados e, em especial, esta *élite* da Índia, tão refinadamente intelectual, saem de Lisboa com uma força moral enorme e coragem para afrontar todos os acontecimentos, levando no coração o desejo de que V. Ex.ª continue uma obra que o tem imposto à consideração de todos os portugueses de aquém e além-mar.»

O Doutor Salazar levanta-se para agradecer. A sua figura insinuante, curvada pelas fadigas e pelo trabalho

em prol de Portugal, desperta um frémito de comoção admirativa por todos os presentes.

E começa :

«Agradeço ao Senhor Ministro das Colónias a iniciativa deste encontro. Avalio o sacrifício desta longa viagem, mas, se nos aventurámos a tão arriscada e custosa empresa, foi porque tivemos, por fim, duas coisas : — uma, patentear a comunidade de sentimentos em volta duma das mais altas expressões da *Missão* portuguesa no momento em que a Igreja elevou aos altares S. João de Brito; outra, mostrar como nos mantemos unidos à roda da lareira, na velha casa paterna, quando o mundo parece que se esboroa e se divide em irredutibilidades e ódios.»

E continua :

«Os princípios de igualdade racial, de independência, de elevação moral e material dos povos, se alguém os pregou e os executa na medida das máximas possibilidades somos nós. Esta vossa visita ao continente europeu de Portugal vai cimentar mais ainda, se é possível, a nossa solidariedade de povos irmanados por séculos de história e por muitos sofrimentos e aspirações comuns. Que o fogo não se apague, que o espírito não perca o seu rumo; que não seja nas províncias do Ultramar menos fervoroso do que é aqui o culto de Portugal. Nós, os que aqui estamos, somos um simples elo na cadeia do tempo; só a Pátria se afirma na perenidade dos séculos.»

Vibrantes salvas de palmas e lágrimas de funda comoção coroaram estas palavras de intenso brilho oratório e profunda verdade.

Começou, depois, o desfile perante o Presidente, que

Doutor António de Oliveira Salazar

Lei, em todos se reconhece aos homens um único parentesco sobrepondo-se a quaisquer diferenças de sangue e de nivel mental: — o de irmãos.»

E assim se encerrou a brilhante sessão de homenagem, entremeada de trechos selectos de música da orquestra e de números variados de hinos e marchas, executados pela Banda Militar de Luanda, Angolenses garbosos nos seus brancos e vistosos uniformes.

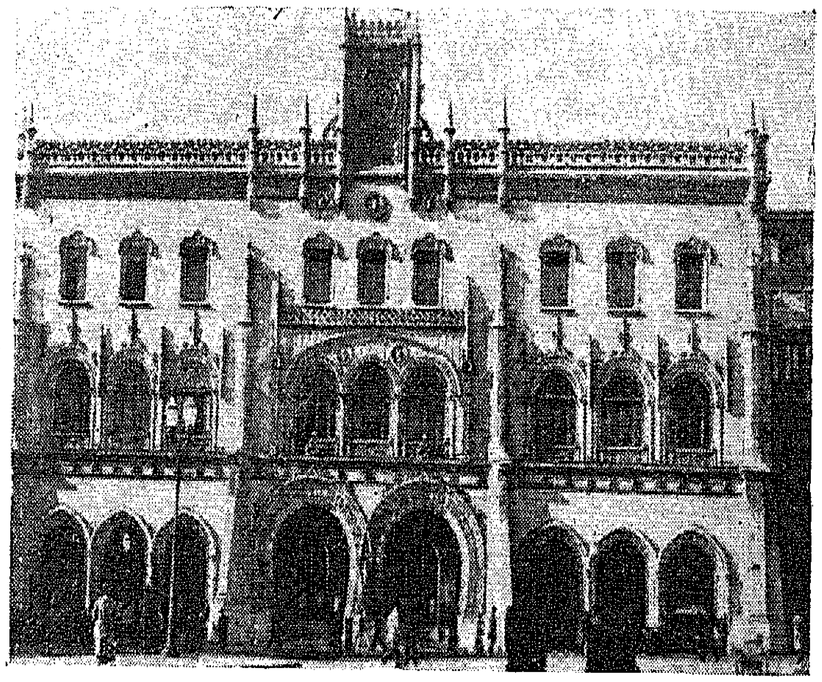
XX

PELO NORTE: PORTO E MINHO — BOM JESUS DO MONTE E O MONTE DE SANTA LUZIA — ENTREVISTA AO *COMÉRCIO DO PORTO*

Depois de um aviso prévio e telegráfico aos meus amigos, Srs. Coronel Joviano Lopes, Governador Civil, e Álvaro Portela, director e proprietário dos Laboratórios Bial, fomos visitar o Porto, chegando à Estação do Rossio, de Lisboa, às oito horas do dia 12 de Julho e partindo, no rápido do Norte, que, logo à saída, passa por um extenso túnel.

Atravessámos bonitas paisagens, vimos Vila Franca com as suas lezírias e manadas de gado bravo, Azambuja, Setil, a grande estação de Alfarelos, o Rio Mondego, a linda e poética cidade de Coimbra, encimada, no seu ponto mais alto, pela sua secular Universidade com a Torre do Relógio e a sua linda Sé Velha, a estação de Pampilhosa, a Serra do Buçaco e a aprazível região da Bairrada com os seus vinhos espumantes. Depois, Oliveira do Bairro, Estarreja, Alvor — terra do bolo

celeste, tão conhecida em todo o País. E ainda, depois, Espinho, a capelinha do Senhor da Pedra, e, passando por sobre a ponte D. Maria Pia, surge-nos logo a cidade

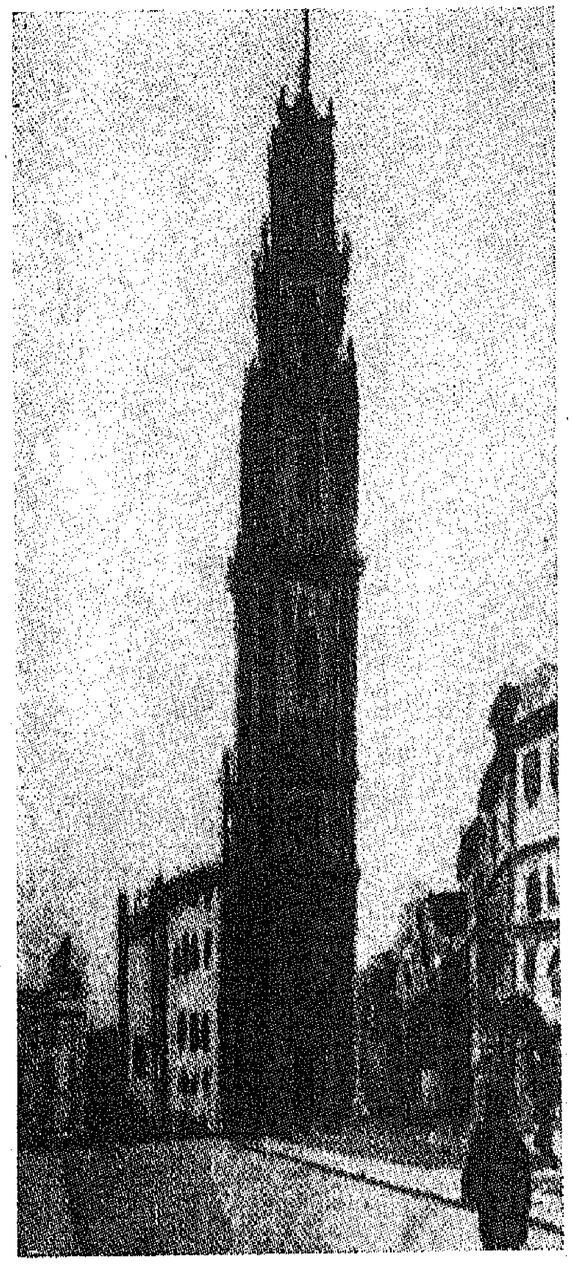


Lisboa – Estação do Rossio

sobre colinas em anfiteatro, o seu casario bonito, os seus monumentos, o fumo azulado das chaminés das suas fábricas e, ao longe, a elevada Torre dos Clérigos — esplêndido panorama que o Rio Douro, serpeando, torna ainda mais lindo e soberbo.

Quase às 15 horas, após um frugal almoço no restaurante do comboio, chegámos à Estação de S. Bento. Esperavam-nos ali os nossos amigos, que foram para nós, durante os dois dias que por lá andámos, sempre às voltas pelas terras do Norte, duma grande gentileza e obsequiosidade.

Era um sábado, vésperas do descanso dominical, mas a cidade *invicta* estava bastante movimentada, com numerosos automóveis e eléctricos circulando nas ruas, os



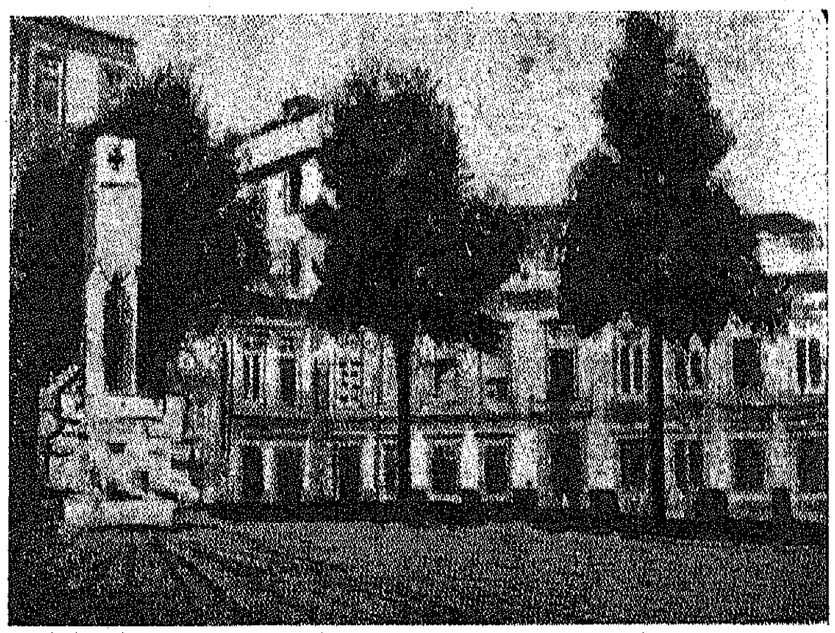
Porto – A Torre dos Clérigos

estabelecimentos comerciais muito concorridos, os cafés e restaurantes à cunha e um grande borborinho de milhares de pessoas que se acotovelavam por todos os lados.

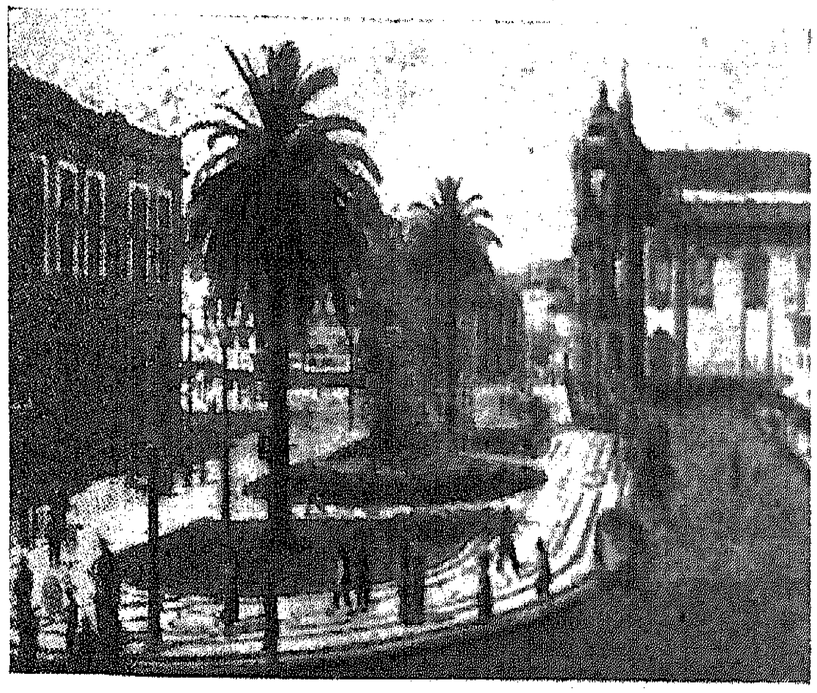
Feitos os cumprimentos, seguimos ao Grande Hotel do Império, onde nos instalámos e que é um dos melhores, senão o melhor da cidade. Esse hotel com magníficos e luxuosos quartos e tendo, em cada um deles, o seu

telefone e um aparelho de radiofonia, demonstra-nos bem como é opulento o Porto, a cidade mais industrial e comercial de Portugal. Tem, aos lados, grandes casarões, e, em frente, um bonito cinema. Disseram-nos que os *menus* das refeições eram excelentes mas não pude apreciá-los porque nunca comi no hotel, sempre convidado a excursões pela cidade, arredores e ainda pelo Minho.

O Governador Civil do Porto levou-nos logo a dar uma volta pela cidade no seu auto. Passámos pelo Palácio de Cristal, que se achava fechado : — edifício vasto, armação de ferro e de vidro, arquitectura estranha. Rodeiam-no lindos jardins e são célebres as suas avenidas sombreadas de muitas tílias. Vimos a larga Praça da Liberdade ou de D. Pedro IV, muito concorrida e tendo erguida, no centro, a estátua equestre, em bronze, do monarca. A Praça é toda cercada por grandes edifícios de granito e cimento armado. Passámos pelas Praças Carlos Alberto e Gomes Teixeira, onde se situa a Universidade, pela Sé, que é um edifício majestoso e com



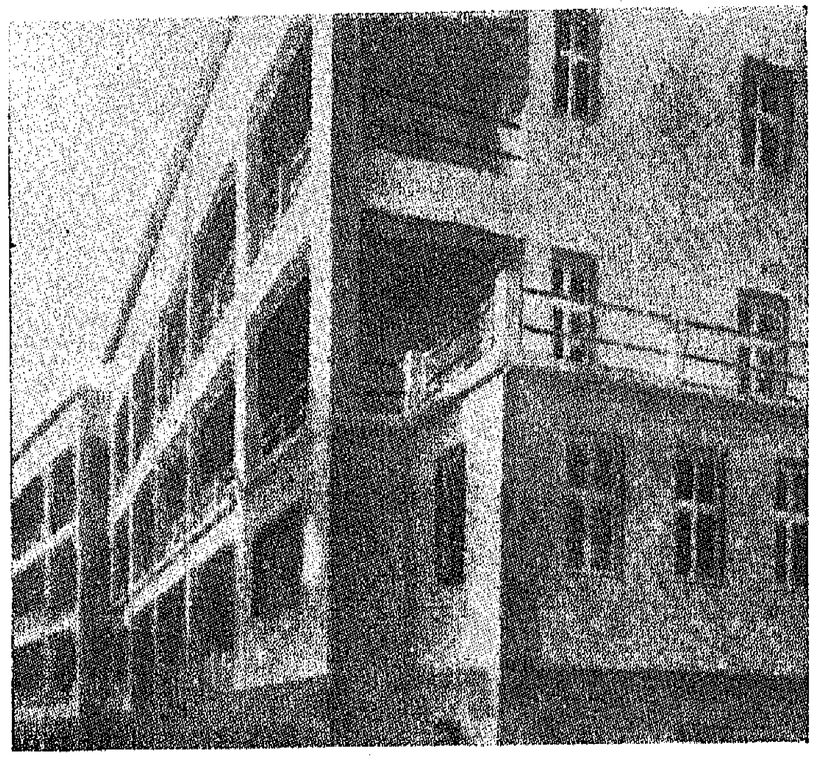
Praça Carlos Alberto



Praça Gomes Teixeira, Universidade e Igreja do Carmo

a fachada ladeada por duas grandes torres, pela Igreja de S. Francisco, monumento rico e antigo, pela de S. Francisco da Ordem Terceira, que é uma preciosa relíquia do velho Portugal e guarda ainda as catacumbas onde eram sepultados os frades e, finalmente, pelo edifício da Bolsa — sede da Associação Comercial e do Tribunal do Comércio, onde a Sala Árabe, de estilo mourisco, avulta, rica de ornamentos e de esplendor. Em frente deste sumptuoso edifício alteia-se a estátua do Infante D. Henrique, o Navegador, que, do alto do Promontório de Sagres, iniciou a era dos nossos descobrimentos e conquistas, existindo, ao lado, a residência onde ele nasceu. Ainda passámos pelo edifício bonito da Santa Casa da Misericórdia e, finalmente, subindo o Monte da Virgem, em Vila Nova de Gaia, fomos visitar o Sanatório D. Manuel II, em construção e, agora, já inaugurado. Um avultado legado do último Rei português tornou possível essa edificação, que é uma obra de alta im-

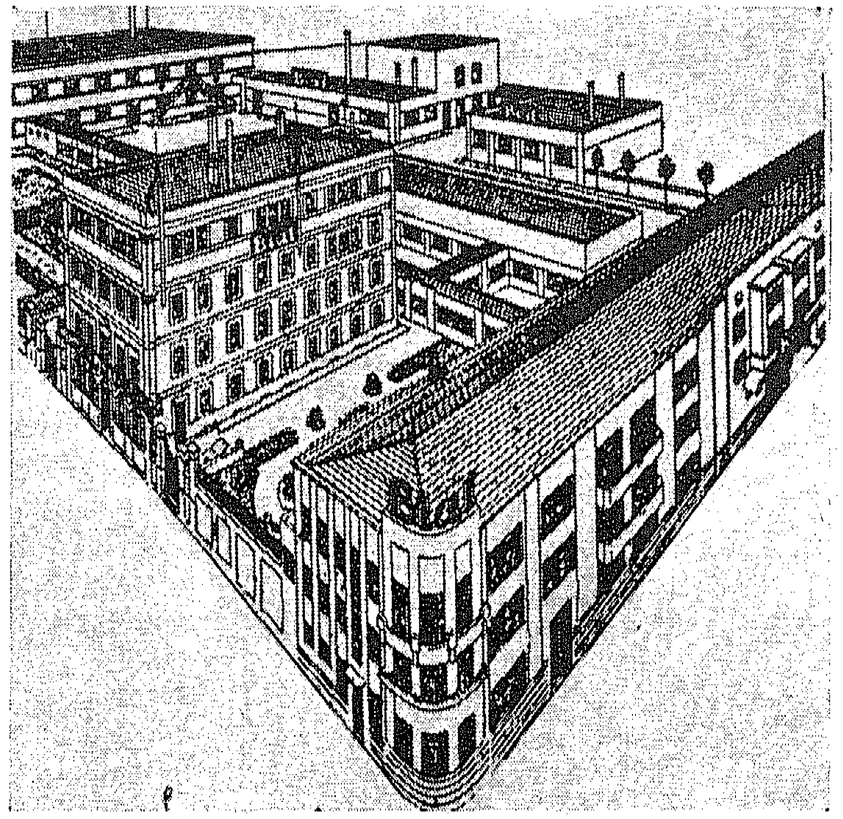
portância social e, indubitàvelmente, a primeira, no género, em Portugal. O edifício, de linhas modernas e elegantes, tem três andares, além do rés-do-chão, com três pavilhões, cada um para 250 doentes, e outras dependências existem, como lavanderia, estação elevatória de água, garages, estação depuradora dos esgotos, tudo do mais moderno e higiénico. Tem, também, à esquerda do pavilhão principal, uma capela muito bonita, e a



Sanatório D. Manuel II

parte destinada às crianças foi custeada pela Rainha D. Amélia, que ofereceu quinhentos contos quando da sua última estada em Portugal. Num futuro próximo, este grandioso edifício será servido por uma linha de carros eléctricos e estão a ser construídas, agora, as residências para o seu director clínico e pessoal superior.

Fomos, em seguida, levados pelo Sr. Álvaro Portela, que é um cavalheiro altamente simpático e distinto, visitar os Laboratórios Bial, cujo delegado na Índia é o meu filho mais velho. Os seus produtos químico-farmacêuticos estão espalhados por todo o Continente, Ultramar e ainda terras estrangeiras, recomendando-se ao público pela sua pureza e eficácia. O edifício é vasto e com muitas dependências e gabinetes, tendo ao serviço das suas bem arejadas oficinas alguns médicos, uma médica, farmacêuticos e muitos empregados, na maioria do sexo



Laboratórios Bial

feminino, perto de trezentas raparigas com as suas blusas irrepreensìvelmente brancas. Fabricam-se, ali, ampolas medicamentosas, comprimidos, grânulos, hóstias, elixires, patentes de bem estudada composição e fórmulas farmacêuticas das mais variadas, num ritmo cada vez mais crescente e com uma limpeza extraordinária. O seu

director e proprietário, como já dissemos, é Álvaro Portela, que, de simples praticante de farmácia, conseguiu, pelo seu árduo labor, honestidade de processos, competência e tenacidade, criar e organizar um dos mais bem montados laboratórios de Portugal. Visitámos todas as suas dependências e ainda um vasto espaço onde está em construção um grande laboratório de biologia, que nos mostrou, com gentileza excepcional, o médico Sr. Dr. Serafim dos Anjos, o mais graduado empregado da Bial.

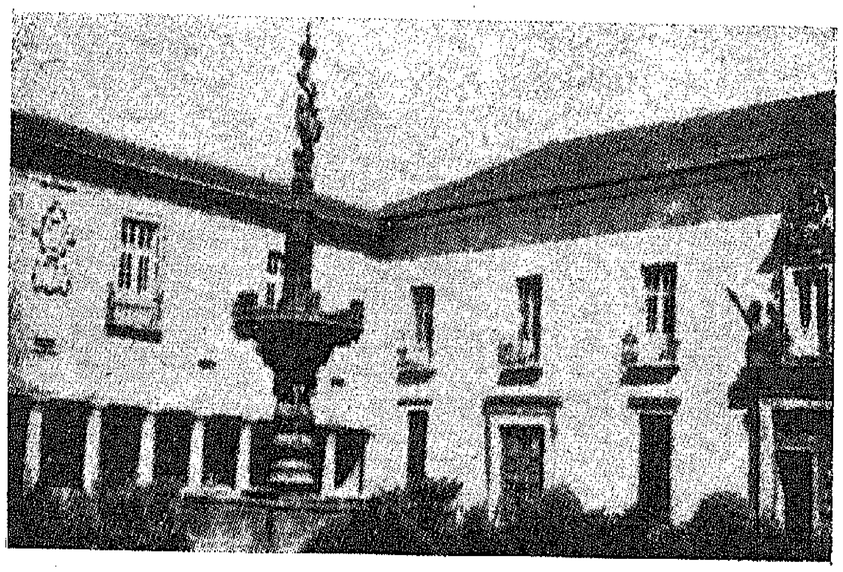
Saímos dali às 19 horas e, passando por uma rua bastante extensa, quase sem fim, fomos às redacções dos diários do Porto apresentar-lhes os nossos cumprimentos. O *Comércio do Porto*, um dos jornais mais categorizados da cidade, pediu-nos uma entrevista, que ficou designada para o dia seguinte, domingo, às dez horas, no hotel onde me instalara. E, nessa noite de sábado, ainda fomos jantar à Estalagem do Galo, nos arredores da cidade, a convite do Coronel Joviano Lopes, que, com a sua ilustre esposa me cumularam de atenções gratas e inesquecíveis, lembrando-se, ao *champagne*, da longínqua Índia, onde ele trabalhou por alguns anos, dedicadamente e criando muitas simpatias.

No dia seguinte, à hora fixada, aguardava-nos, na saleta do hotel, o redactor do *Comércio do Porto*, ao qual concedemos uma larga entrevista que foi publicada, com a minha fotografia, no seu número de 19 de Julho sob a epígrafe: — *A Índia Portuguesa de ontem e de hoje e os seus problemas político, social e económico*, transcrita no *Diário da Noite*, jornal de Goa, que me fez a fineza de inserir estas desataviadas crónicas, que agora, um tanto refundidas e aumentadas, são editadas pelo Governo da Metrópole, fineza que devo a S. Ex.ª o Ministro das Colónias, Sr. Capitão Teófilo Duarte.

Nessa entrevista, precedida de um preâmbulo que o

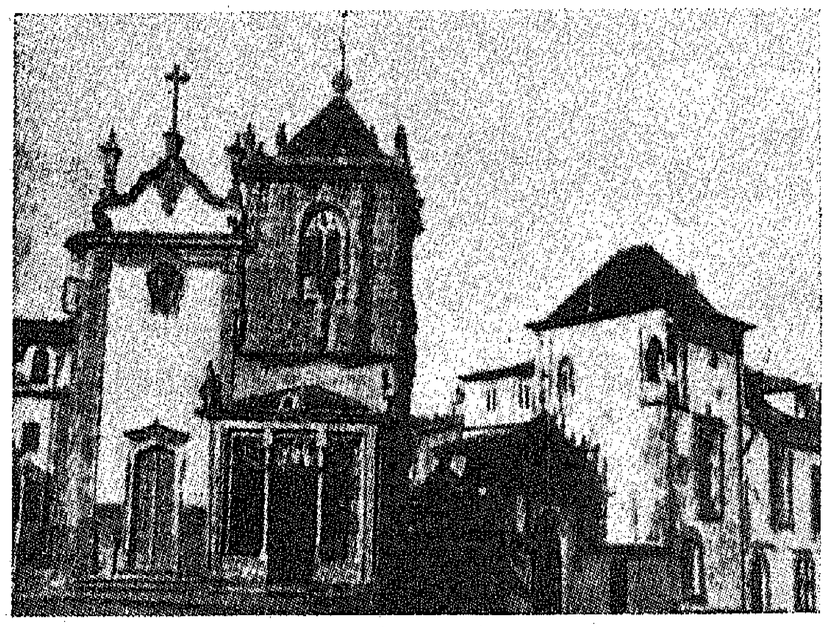
jornalista traçou com mão de mestre, rememorando as glórias passadas de Portugal na Índia e que o *Heraldo*, diário da cidade de Goa, transcreveu, sob o título — *Recordando o passado...* —, na sua edição de 25 de Novembro de 1947, declarámos que não tínhamos ido à Índia com fins meramente comerciais mas sim para levarmos à alma indígena a civilização cristã, que possuíamos o primado espiritual sobre todas as outras províncias ultramarinas, que era patriótica a acção do Governador da Índia e, discorrendo sobre os problemas que afectam Goa, expusemos, sinceramente, o que pensávamos, afirmando que devia haver maior contacto cultural e comercial, ou antes intercâmbio, entre Portugal e a Índia, devendo aquele dar a esta uma relativa autonomia, com um certo número de liberdades políticas e financeiras. E, muito em resumo, sem refolhos nem ambages, pintámos o panorama da terra onde nascemos, tal como se anteolhou ao nosso espírito.

O Governador Civil do Porto, sua esposa e o Sr. Álvaro Portela levaram-nos, depois, de automóvel, a passar



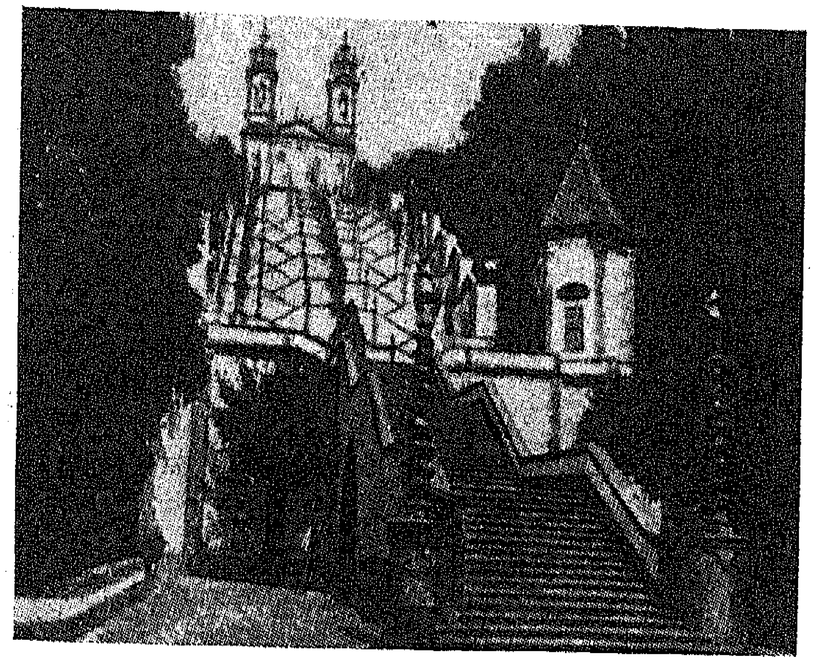
Braga – Claustro do Paço Episcopal

o dia em excursão pelo Minho e visitando os seus sítios mais pinturescos. Passámos por várias aldeias arborizadas, entre estas Vila Nova de Famalicão, e fomos a Braga, o centro do catolicismo em Portugal. Vimos a velha Sé com a sua fachada romana, a Praça da República com a grande arcada, o Banco de Portugal e os restaurantes e cafés que ali existem. Vêem-se, ali, por todos os lados, os restos das antiguidades romanas, ruínas de um circo e aqueduto, marcos miliários com inscrições da velhíssima *Braccara Augusta*, bem como a linda capela e Casa dos Coimbras.



Braga – Capela e Casa dos Coimbras

Seguimos, depois, ao Bom Jesus do Monte, onde há um mirante — *Terreiro de Moisés* — donde se desfruta um lindo panorama. Há, ali, um Sanatório e a sua igreja é servida por um comprido e largo escadório, intercalado de capelinhas simbolizando a Via Sacra. Ao lado eleva-se o Sameiro, na Serra da Falperra, monte



Braga – Bom Jesus do Monte (Escadório)

de vegetação densa, que, em épocas pretéritas, serviu de velhacouto aos bandidos da região.

Almoçámos num hotel muito bem servido, às 14 horas, e, logo depois, por uma estrada bastante tortuosa, o carro a oitenta milhas por hora, fomos a Cabeceiras de Basto, S. Nicolau e Arco de Baúlhe, onde tivemos o prazer de abraçar o nosso sobrinho, médico Álvaro Ayala de Brito, que é o João Semana daquela região agreste e montanhosa. Voltámos, em seguida, a Braga, passando por Fafe e Guimarães — o berço da nacionalidade lusitana. Vimos, de corrida, os Paços de Concelho, o Palácio de D. Tareja, o Castelo onde nasceu D. Afonso Henriques, a sua estátua de espada desembainhada, e os derruídos Paços do Duque de Bragança, chegando, lá pelas 18 horas, a Viana do Castelo, capital do lindíssimo Minho, todo matizado de videiras e árvores floridas, que o Rio Lima banha suavemente e por onde os murmurantes Ave e Cávado serpeiam, serenos e tranquilos, ven-

por isso, fomos de abalada à Vila Nova de Gaia, onde ainda o apanhámos e nele nos pudemos meter, feitas as despedidas e agradecimentos aos nossos ilustres amigos. Passámos a noite numa das carruagens do comboio de passageiros e, no dia seguinte, lá pelas sete horas de 14 de Julho — dia memorável da tomada da Bastilha — chegávamos a Lisboa, estação de Santa Apolónia, e daí ao nosso hotel, onde nos aguardava uma boa chávena e torradas deliciosas.

Entendo não dever fechar esta crónica sem prestar a minha homenagem estética às lindas raparigas que vi pelas terras do Norte de Portugal, saudáveis e coradas, lábios naturalmente vermelhos como cerejas, olhos de tentação, atraentes nos seus característicos trajes regionais e muito diferentes das esguias e lânguidas, embora esbeltas, filhas de Lisboa.

XXI

CAPAS NEGRAS — ÉVORA, ROMA DE PORTUGAL — A FAMÍLIA DAVID — SETÚBAL

Passámos o dia 14 de Julho no hotel, a descansar das fadigas que tivemos com o passeio ao Porto e ao Minho. Só à noitinha é que fomos ao Cinema Condes — mesmo na Avenida da Liberdade — assistir à representação duma fita cinematográfica — *Capas Negras* — dum refinado sabor português e coimbrão. É a vida da cidade do Mondego, com as capas negras dos estudantes esvoaçando os seus amores pelo choupal em guitarradas nocturnas, brincadeiras alegres, tertúlias literárias e quinze números de música.

O fado-serenata, cantado por Alberto Ribeiro, delicia e encanta :

Coimbra é uma lição
De sonho e tradição,
O lente é uma canção
E a lua a faculdade;

O livro é uma mulher,
Só passa quem souber
E aprende-se a dizer:
Saudade!

Coimbra do choupal,
Ainda és capital
Do amor em Portugal,
Ainda,
Coimbra, onde uma vez,
Com lágrimas se fez
A história dessa Inês,
Tão linda!

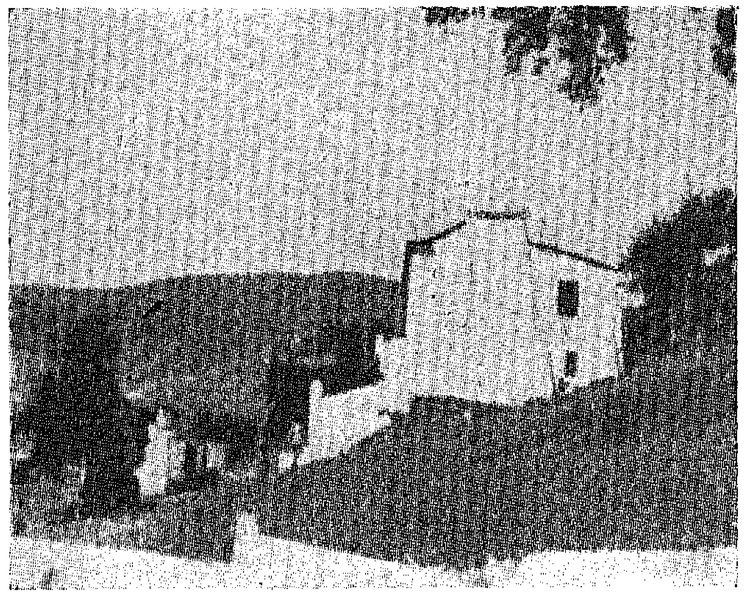
Coimbra das canções,
Tão meiga, que nos pões
Os nossos corações
A nu,
Coimbra dos doutores,
P'ra nós, os teus cantores,
A fonte dos amores
És tu!

E assim várias canções e desgarradas, qual delas mais arrebatadora, passam, desferindo sons, pelo «écran»: — *Fado da resposta, Canção da despedida, Carta derradeira* e o lindíssimo *Fado da Saudade.*

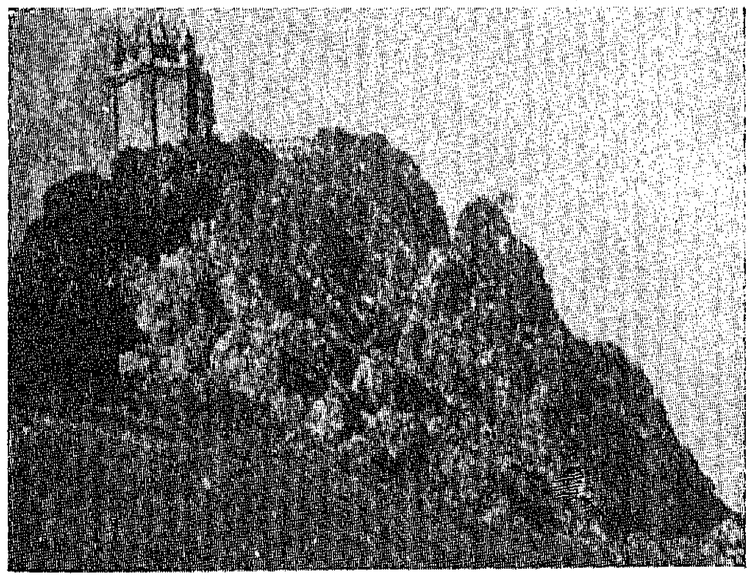
No dia 15 de Julho é a excursão a Évora e a Setúbal, devendo as delegações ultramarinas estar reunidas na Rotunda, para onde nos dirigimos às sete horas, tendo ali encontrado três camionetas e um automóvel para nossos transportes. Acompanhou-nos, como da vez anterior, o Chefe do Gabinete de S. Ex.ª o Ministro das Colónias e, no automóvel, chefiando as delegações, o erudito Bispo de Timor.

Dirigimo-nos ao Cais do Sodré, passámos o Tejo e chegámos a Cacilhas, onde há um magnífico restaurante com a especialidade das sardinhas fritas. Desta

localidade seguimos por Azeitão, que tem uma Baixa esplêndida: — um extenso pinheiral, campos verdejantes e uma serra acidentada. Atravessámos Setúbal, para onde voltaríamos de regresso: — cada povoação com as suas casinhas e currais chama-se pinturescamente *Monte;* sobreiros altos e, ao fundo, a Serra de Ossa e, do outro lado, a de Portel; Águas de Moura, Pegões e, após um



Serra de Ossa



Serra de Portel

bom percurso, lá pelo meio-dia, entrámos no distrito de Évora. Vê-se logo, ali, uma tabuleta: — Direcção das Estradas do Distrito de Évora.

Estamos em pleno Alentejo: — Vendas Novas com as suas casas bonitas, o Hospital de Custódio Cabeça, cafés, casas interessantes de cantoneiros com cerca murada e jardim, mandadas construir pelo engenheiro Gomes Fróis, que foi o director das estradas dessa região. Ao alto, como um lençol branco a dar-nos as boas-vindas, a Igreja de Montemor-o-Novo e, mais em cima, o restaurado Castelo de Montemor, tendo, pela encosta, o seu casario tão bonito e alvacento.

Às 13 horas chegámos à capital do Alentejo, a essa cidade-museu, Roma de Portugal, que o arqueólogo e erudito escritor Celestino David, Secretário do Governo Civil, considerou um verdadeiro escrínio *de arte e tradições notáveis*. Há, logo à entrada, uma casa no meio dum campo que é o *Mercado do gado* e foi ao pé da velha muralha da antiga *Liberalitas Julia* — centro importante no tempo da dominação romana — que parámos a fim de se juntarem os carros e entrarmos, em comboio, na histórica cidade. Junto a essa muralha, que se prolonga com um outro edifício, fica a Igreja dos Remédios e, logo em frente, a garagem Tudauto.

Seguimos, depois, à Praça do Geraldo, onde éramos aguardados por muito povo e todas as autoridades, encontrando-se o largo engalanado com colchas de damasco e tapetes de Arraiolos, estando postada, no adro da Igreja de Santo Antão, a Banda de Infantaria 16, que tocou várias marchas, ecompanhando-nos ao Hotel Alentejano, onde nos foi servido um opíparo almoço, presidido pelo Governador Civil do Distrito, Sr. José Félix de Mira. Houve vários e eloquentes brindes, a que respondeu com

brilho o Rev. Sr. D. Jaime Garcia Goulard, Bispo de Timor.

Em seguida fui visitar a cidade dos monumentos, para o que me deu a honra da sua companhia o Dr. Celestino David, o seu filho, engenheiro civil do mesmo nome, e a esposa deste, D. Maria Cândida Fróis David, filha do engenheiro Gomes Fróis, que, especialmente, me recomendara, na Índia, essa visita e esse encontro.

Não podíamos ter achado melhor guia para a excursão pela cidade: — o Dr. David conhece Évora como os seus dedos, ouviu-a, palpou-a, sentiu-a, sentou-se, a meditar, nos seus poiais e nos degraus dos seus pátios históricos e descreveu-a na sua beleza evocadora e nos seus menores detalhes. A *Cartilha do povo e das escolas de Évora*, a *Évora encantadora*, a *Évora sempre bela*, a

Doutor Celestino David

bom percurso, lá pelo meio-dia, entrámos no distrito de Évora. Vê-se logo, ali, uma tabuleta: — Direcção das Estradas do Distrito de Évora.

Estamos em pleno Alentejo: — Vendas Novas com as suas casas bonitas, o Hospital de Custódio Cabeça, cafés, casas interessantes de cantoneiros com cerca murada e jardim, mandadas construir pelo engenheiro Gomes Fróis, que foi o director das estradas dessa região. Ao alto, como um lençol branco a dar-nos as boas-vindas, a Igreja de Montemor-o-Novo e, mais em cima, o restaurado Castelo de Montemor, tendo, pela encosta, o seu casario tão bonito e alvacento.

Às 13 horas chegámos à capital do Alentejo, a essa cidade-museu, Roma de Portugal, que o arqueólogo e erudito escritor Celestino David, Secretário do Governo Civil, considerou um verdadeiro escrínio *de arte e tradições notáveis*. Há, logo à entrada, uma casa no meio dum campo que é o *Mercado do gado* e foi ao pé da velha muralha da antiga *Liberalitas Julia* — centro importante no tempo da dominação romana — que parámos a fim de se juntarem os carros e entrarmos, em comboio, na histórica cidade. Junto a essa muralha, que se prolonga com um outro edifício, fica a Igreja dos Remédios e, logo em frente, a garagem Tudauto.

Seguimos, depois, à Praça do Geraldo, onde éramos aguardados por muito povo e todas as autoridades, encontrando-se o largo engalanado com colchas de damasco e tapetes de Arraiolos, estando postada, no adro da Igreja de Santo Antão, a Banda de Infantaria 16, que tocou várias marchas, ecompanhando-nos ao Hotel Alentejano, onde nos foi servido um opíparo almoço, presidido pelo Governador Civil do Distrito, Sr. José Félix de Mira. Houve vários e eloquentes brindes, a que respondeu com

brilho o Rev. Sr. D. Jaime Garcia Goulard, Bispo de Timor.

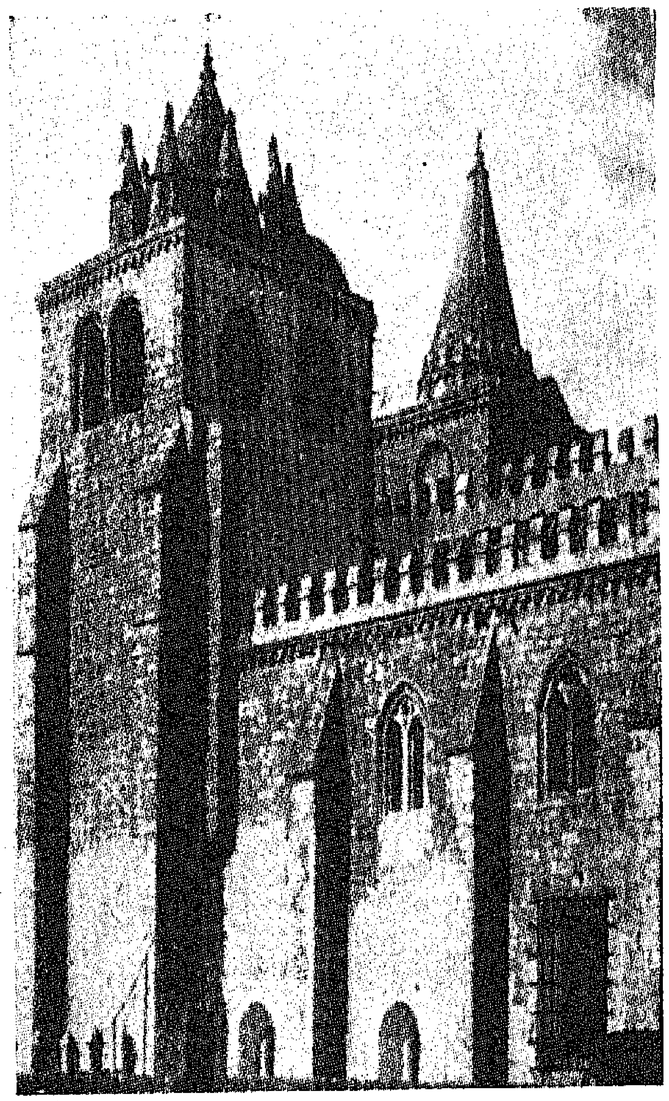
Em seguida fui visitar a cidade dos monumentos, para o que me deu a honra da sua companhia o Dr. Celestino David, o seu filho, engenheiro civil do mesmo nome, e a esposa deste, D. Maria Cândida Fróis David, filha do engenheiro Gomes Fróis, que, especialmente, me recomendara, na Índia, essa visita e esse encontro.

Não podíamos ter achado melhor guia para a excursão pela cidade: — o Dr. David conhece Évora como os seus dedos, ouviu-a, palpou-a, sentiu-a, sentou-se, a meditar, nos seus poiais e nos degraus dos seus pátios históricos e descreveu-a na sua beleza evocadora e nos seus menores detalhes. A *Cartilha do povo e das escolas de Évora*, a *Évora encantadora*, a *Évora sempre bela*, a

Doutor Celestino David

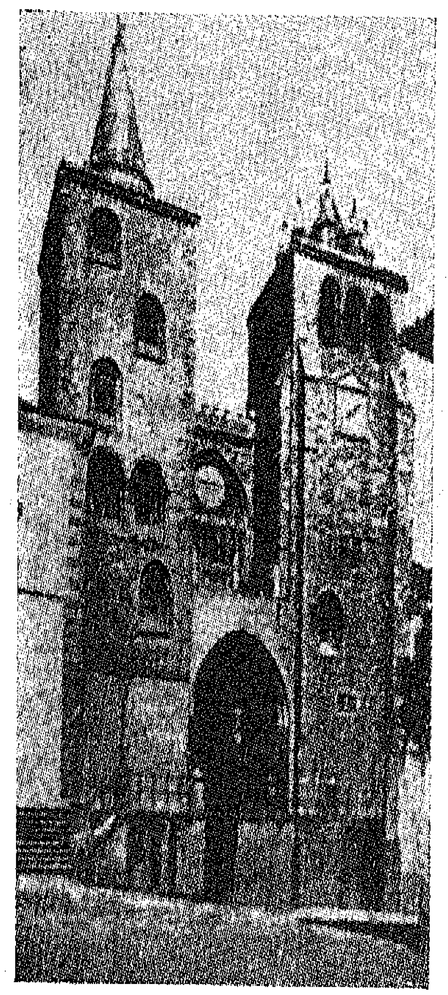
Évora, da colecção *Portugal Turístico* — livros que, além de outros em prosa e verso como a *Vida Sentimental de José Dominguiso*, o *Eça de Queirós em Évora* e os *Poemas regionais* sobre o Alentejo, *Terra da Solidão*, me foram oferecidos e bem revelam o poeta de fino quilate, o historiador consciencioso e o escritor castiço — são trabalhos nos quais o autor pôs todo o enternecimento da sua alma apaixonada pela cidade maravilhosa onde reside há perto de trinta e seis anos.

Fomos em primeiro lugar ver a Sé, e velha Igreja



Sé de Évora – Claustro e Zimbório

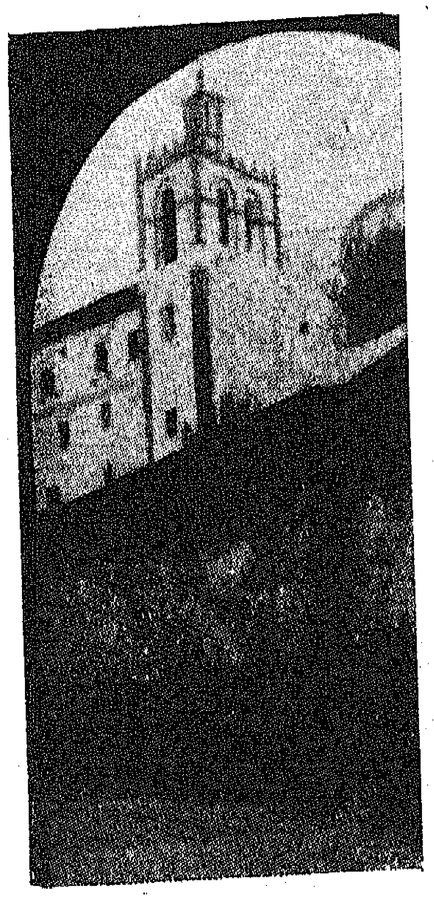
de Santa Maria de Évora, século XII, que é uma grande mole de granito escuro com as suas torres e coruchéus, tendo, ao alto, o zimbório e, por dentro, os claustros, que foram todos desentupidos e restaurados, depois de 1920, por iniciativa do Dr. David, além do trifório com a galeria em volta, formosas rosáceas, a capela-mor de estilo baroco, as capelas de Mendes de Vasconcelos, o herói da Ala dos Namorados, a das Relíquias e a da Senhora do Anjo, além dos terraços donde se desfruta uma paisagem de maravilha : — o cinzento dos olivais, o verde-escuro das messes de cereais, um colorido surpreendente, serras alcantiladas, extensões de perder de vista... Saímos extasiados.



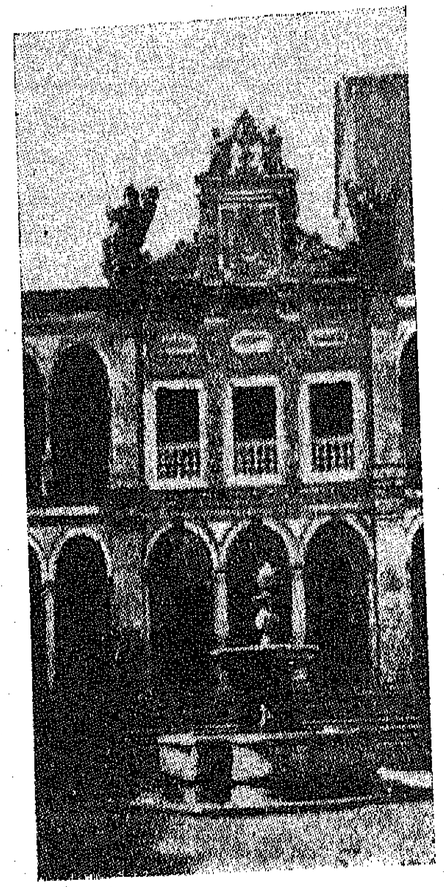
Évora – A Sé

De passagem vimos a Igreja dos Lóios, documento arquitectónico do século XV, com as suas duas campas de bronze e os ricos painéis de azulejos.

Entrámos, depois, no Liceu André de Gouveia, que foi a antiga Universidade, fundada pelo Cardeal D. Henrique, onde se admira a galeria do pátio com os seus mármores e azulejos, bem como a lindíssima *Sala dos Actos Grandes*. Foi nessa universidade que S. João de Brito estudou quando esteve em Évora.

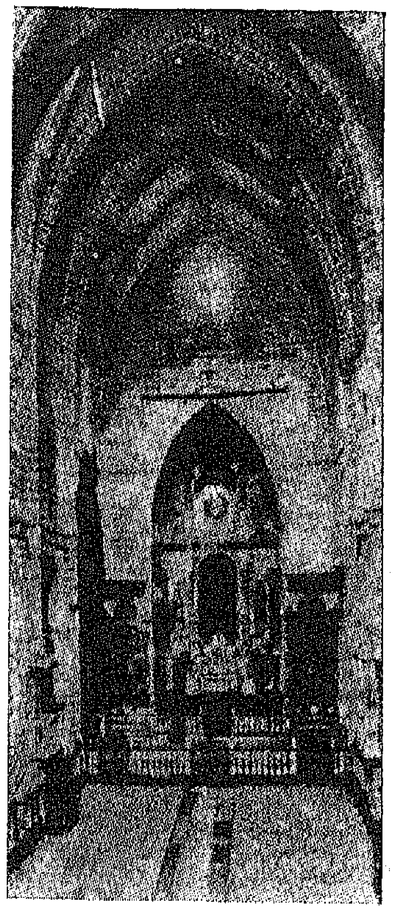


Igreja dos Loios

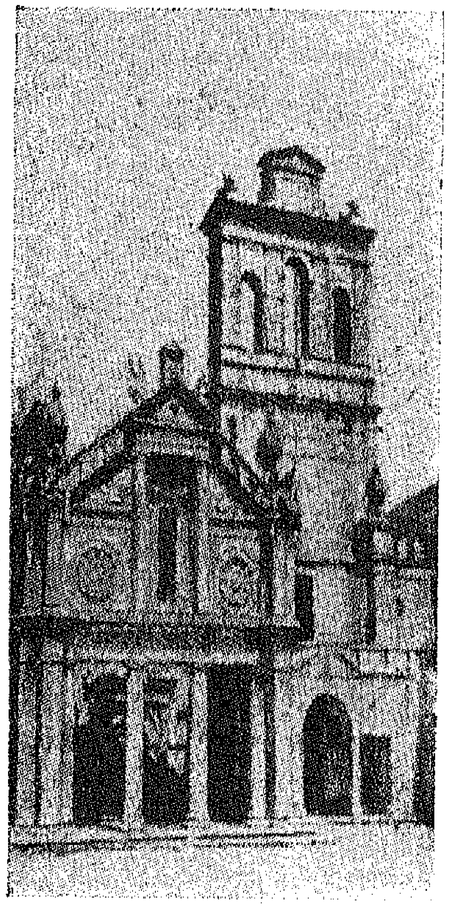


Antiga Universidade

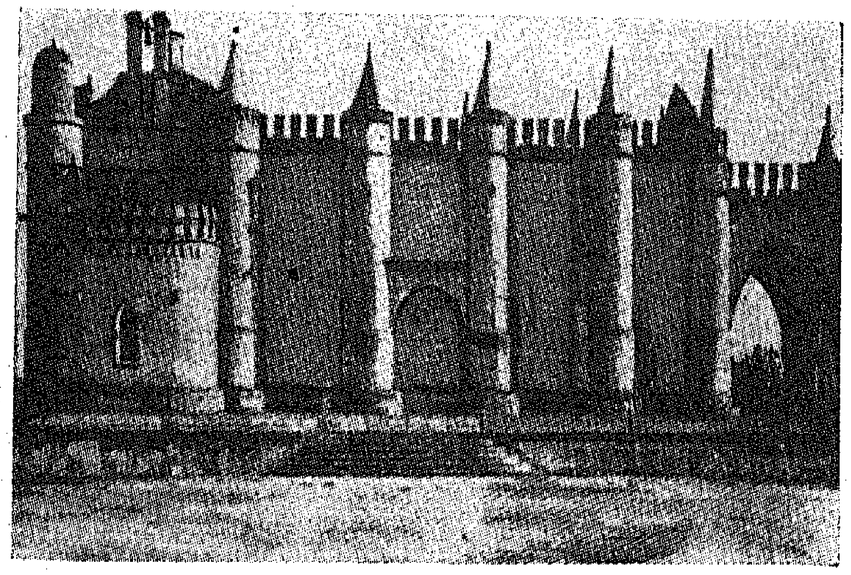
Há outras igrejas de importância histórica, como a de S. Francisco, do século XV, em estilo gótico, com uma admirável abóbada ogival, imagens e túmulos, altar-mor e a notável *Capela dos ossos*, a da Graça com a sua inte-



Igreja de S. Francisco



Igreja da Graça



Igreja de S. Braz

ressante fachada, a de S. Brás — arquitectura gótico-manuelina com coruchéus e ameias curiosas — e a de Santiago com os seus lindos azulejos duma certa policromia.

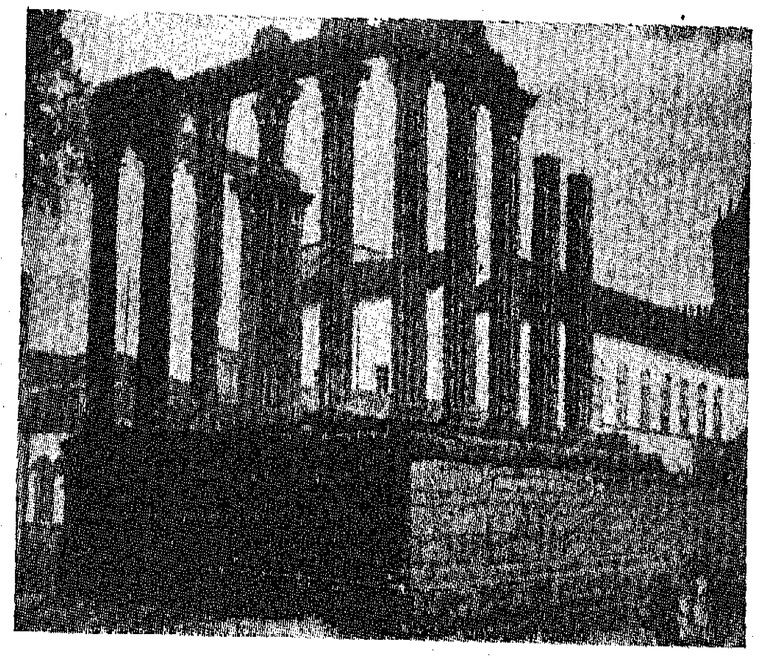
Os palácios eborenses são dignos de ser visitados, o que o tempo não nos permitiu, só vendo de fora o *Palácio Cadaval*, acastelado com ameias e torres defensivas e, entre estas, a histórica *Torre das cinco quinas*, onde

Convento da Cartuxa

esteve preso D. Fernando, 2.º Duque de Bragança, e que dali saíu para a Praça do Geraldo, onde foi decapitado, bem como o *Palácio do Conde de Bastos*, célebre residência senhorial com as suas janelas mouriscas e onde, antes de 1640, se conspirava contra a dominação castelhana.

Na cidade e arredores há muitos conventos, como o de Santa Clara, o do Calvário, o de S. Bento de Castris, o de Nossa Senhora do Espinheiro e o da Cartuxa com a sua fachada em mármore.

Fotografei-me com uma parte da família David, mesmo em frente do *Templo romano de Diana*, construído no século II, único no género em Portugal e hoje em ruínas, só conservando-se de pé as elegantes colunas de granito com o supedâneo e os capitéis em mármore de Estremoz. E ainda fomos ver o *Arco de D. Isabel*, a única porta existente da antiga muralha romana, por onde o cavaleiro Geraldo — o sem pavor — entrou na cidade para a conquistar.



Templo de Diana

Arco de D. Isabel

A obsequiosidade do Dr. Celestino David levou-nos a visitar a sua casa, um verdadeiro templo de arte com quadros escolhidos e bons livros. Um dos seus filhos, o arquitecto João David, tem, no seu «atelier» pintados por ele, quadros interessantes como o *Bailado das Chaminés e Cataventos* e a *Sinfonia das Fontes*, que, realmente, as há bem bonitas em Évora, como a *Fonte da Praça do Geraldo* e a das *Portas de Moura*, com o seu aspecto de taças bojudas e lindas donde a água límpida escorre por canais bem dispostos.

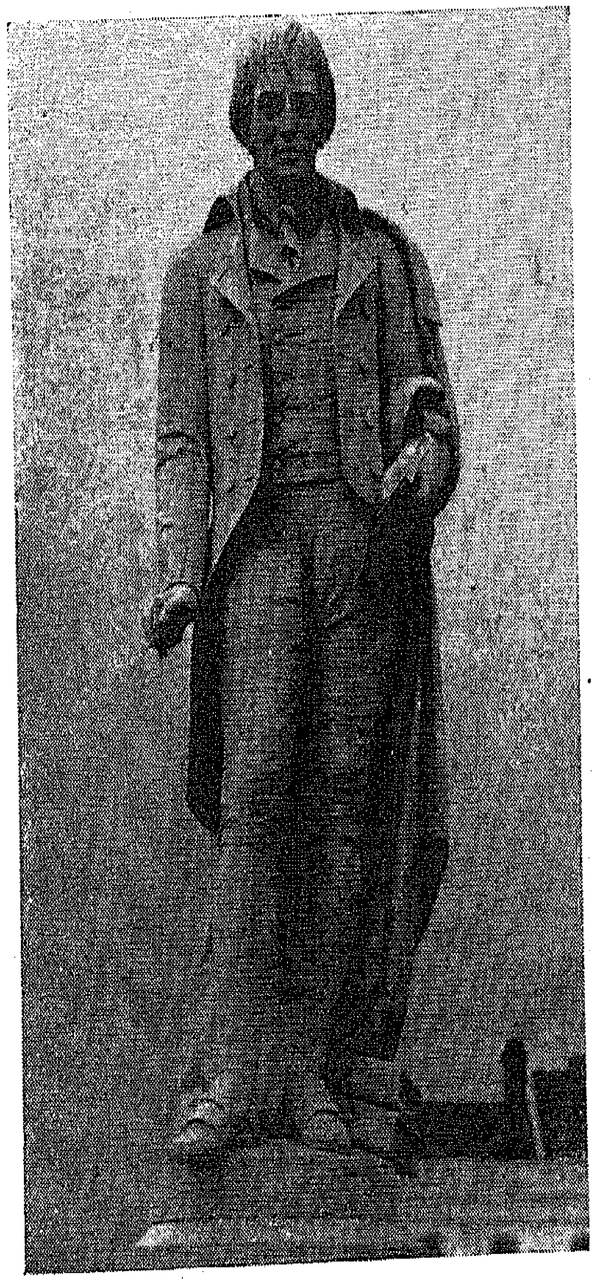
Tínhamos de sair de Évora nessa tarde, de forma que

nos foi impossível visitá-la demoradamente, vê-la em tudo quanto ela tem de pinturesco e evocador, admirar os seus monumentos grandiosos, as suas ruas curiosas, os seus bonitos jardins, a sua extensa muralha romana, janelas manuelinas, fachadas de estilos esquisitos, conhecê-la enfim sob os mais variados aspectos, o que nem por sombras se pode fazer em poucas horas.

Cerca das 18 horas, a excursão, entre vivas à cidade e palmas do povo, partiu da Praça do Geraldo para Setúbal, onde, às 21 horas, foi acolhida, nos Paços do Concelho, com extraordinárias manifestações de carinho e simpatia.

Parámos no Largo Bocage, onde se vê a estátua do poeta repentista e onde se achava aglomerado muito povo, com as principais autoridades, música e os rapazes da Mocidade Portuguesa levando à frente o seu estandarte. No salão nobre da Câmara Municipal realizou-se uma sessão solene a que presidiu o Dr. Filipe da Câmara Oliveira, representando o Governador Civil, que saudou os visitantes, seguindo-se-lhe, no uso da palavra, o Presidente da Municipalidade, Dr. Miguel Rodrigues Bastos, que, num interessante improviso, se referiu à honra concedida à cidade de Setúbal pelos visitantes, aos quais cumprimentou efusivamente, aludindo ao significado político e moral da peregrinação a Roma. A estes discursos agradeceu o Sr. Bispo de Timor. Bombeiros faziam a guarda de honra pela escadaria da Câmara, coberta de pétalas de flores, lançadas pelas senhoras.

Em Setúbal disseram-nos que era digna de se admirar a Igreja do Convento de Jesus, que é o mais notável monumento e, ao mesmo tempo, um dos mais característicos e belos da época quinhentista, onde tudo fala dos descobrimentos e da epopeia marítima dos portugueses, o que, infelizmente, pelo adiantado da hora, não pude-



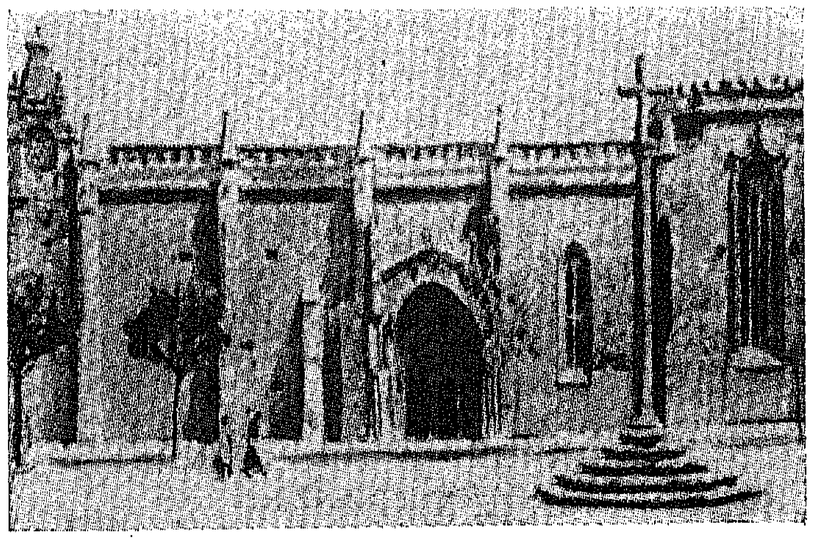
Estátua de Bocage

mos visitar. Descortinámos, porém, o Sanatório de Outão, no alto, com a fábrica de cimento e a estrada que vai à Serra da Arrábida.

Terminada a sessão da Municipalidade, foi-nos oferecido, no salão principal do Asilo Dr. Paulo Borba, um lanche, que decorreu na maior animação.

À saída, todo o Setúbal, grande centro industrial, se achava aglomerado no local e eu tive ensejo, tal foi o meu entusiasmo, de endereçar, do alto de um autocarro, a esse bom e hospitaleiro povo, uma improvisada saudação em nome da delegação da Índia, a qual foi correspondida com aclamações calorosas e palmas vibrantes.

Partimos de Setúbal à meia-noite e lá pelas três horas da madrugada de 16 é que chegámos a Lisboa, ao nosso hotel.



Setúbal – A Igreja de Jesus

XXII

A AGÊNCIA LUSITÂNIA – LUÍS LUPI E O DR. JOSÉ FERNANDES — BELÉM — O MUSEU DOS COCHES — ESTÁTUAS E MONUMENTOS

Às dez horas de 17 de Julho, já repousado da excursão a Évora e a Setúbal, ainda tendo na retina a visão dos monumentos e ruínas da capital do Alentejo, veio-nos despertar o jovem Vasco Benedito Gomes, que nos vinha levar à Lusitânia, ao encontro do Sr. Luís Lupi, que é o ilustre director dessa agência telegráfica noticiosa. Encontrei ali o Dr. José Fernandes, filho de Goa, casado com uma distinta senhora alemã que tive ocasião de conhecer e apreciar num jantar à indiana que por aquele me foi oferecido. O Sr. Dr. Fernandes foi o locutor da rádio da Alemanha durante a última guerra e teve de fugir de Berlim, por entre a metralha e grandes destruições, com a esposa e uma filhinha nos braços. Encontra-se agora em Lisboa, bendizendo a cidade pacífica e hospitaleira que o acolheu e soube tão bem apreciar os seus serviços de escritor elegante e erúdito, embora não com a devida remuneração.

Na Lusitânia tive com o Sr. Lupi uma desataviada conversa que, por mim autorizado, ele telegrafou, nessa mesma tarde, para todas as províncias ultramarinas e foi publicada jornais da Índia. Nessa entrevista salientámos a utilidade da Lusitânia em terras do Oriente e afirmámos que a sua obra merecia o agradecimento de todos os portugueses; enaltecemos, com toda a justiça, a figura e a obra do Doutor Salazar, a quem tivemos a honra de conhecer pessoalmente, bem como a outros membros do Governo; destacámos as gentilezas por nós recebidas na Metrópole e, especialmente, do Ministro das Colónias; abordando os assuntos da Índia Portuguesa, dissemos que esta se achava em frente de dois problemas de não difícil solução: — o político e o económico; indicámos as medidas que nos parecem necessárias para ambos e fizemos, finalmente, a descrição da nossa excursão pelas várias regiões de Portugal e o carinho com que, em toda a parte, fomos recebidos.

Saindo da Lusitânia, seguimos, de automóvel, para a Junqueira, onde visitámos o Instituto de Medicina Tropical e o Hospital Colonial, que ficam próximos e são dois vastos edifícios, suficientemente apetrechados.

E daí, de corrida, a Belém, onde, no antigo picadeiro, se acha instalado o Museu dos Coches, onde a história da nossa Pátria nos fala, a cada passo, nesses exemplares soberbos de veículos, desde a velha berlinda, cadeirinha ou liteira, até às ricas carruagens, construídas no Porto e dando uma boa ideia da artística produção nacional.

Logo à entrada admira-se a pequena berlinda do Rei D. Carlos, quando menino; depois, o Coche D. Maria de Sabóia com pinturas em telas e painéis emoldurados com ornamentos e flores; o Coche do fim do séc. XVII, em talha dourada, e, atrás, o símbolo da Concórdia, que,

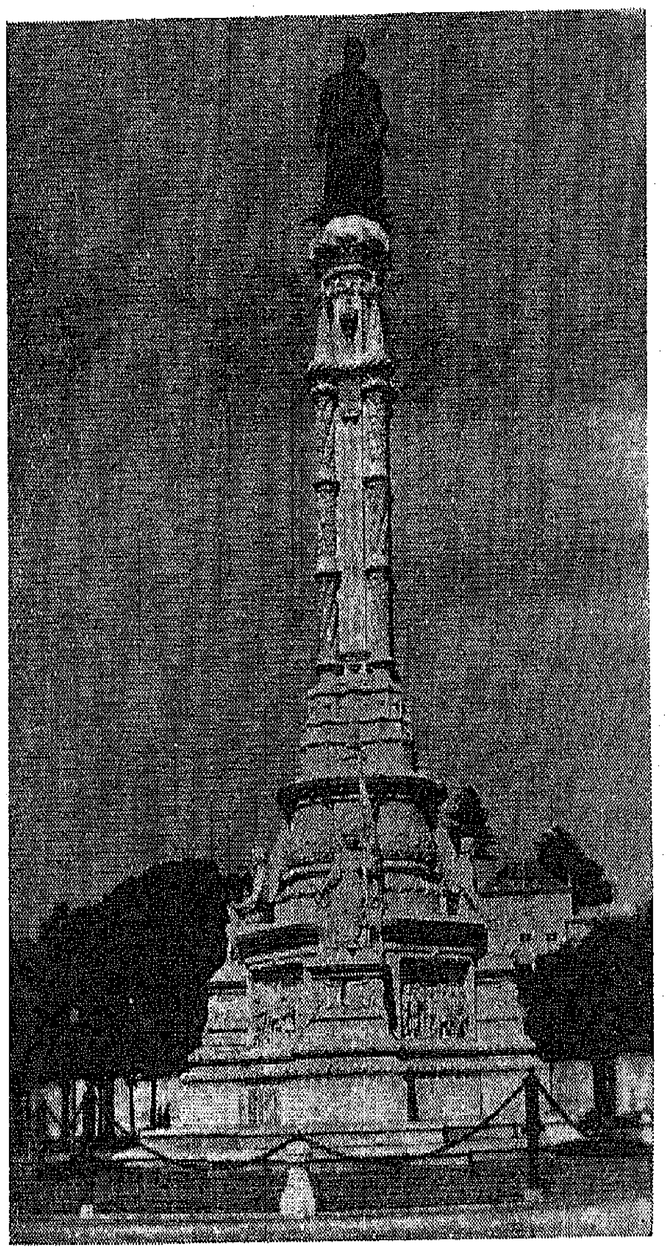
sobre uma nuvem, recebe de uma pomba um ramo de oliveira; a Berlinda de Nossa Senhora do Cabo, que transportava, em procissão, a Imagem da Virgem ao Cabo Espichel; o Coche do Papa Clemente XI, oferecido por este Pontífice a D. João V, ao enviar as faixas bentas ao Príncipe D. José; o Coche de D. João V, com figuras representativas das quatro partes do Mundo; ao fundo, numa sala grande, os três coches que serviram para a embaixada de D. João V a Roma, qual deles mais lindo e artístico e, além destes, uma grande quantidade de coches, berlindas, cadeirinhas, liteiras e outros veículos, bem como as antigas traquitanas, de um grande valor histórico. Tínhamos lido, algures, que os coches reais da França, expostos no *Grand Trianon de Versailles*, eram inexcedíveis em beleza e encanto, mas cremos bem que os nossos veículos nacionais não ficam atrás em riqueza e esplendor.

Em cima, numa galeria à volta, vêem-se, em armários e vitrinas, vestes sumptuosas de cavaleiros, arreios de tiro e de cavalaria, librés das antigas casas reais e fidalgas de Portugal, esporas de vário feitio e metal, personagens régias parecendo sair de douradas molduras e valiosas colecções de trajes da corte nos séculos penúltimo e último, tudo duma grandeza histórica que assombra e edifica.

Ao sair, deparámos, dum lado, com o Padrão dos descobrimentos e, do outro, o Pavilhão de Lisboa, lendo-se, por cima da porta: — *Lisboa, mãe de navegadores, madrinha de naus e caravelas* — inscrição apropriada para um povo de heróis e de marinheiros. Há ali, também, um grande e bonito jardim tendo, ao centro, uma fonte monumental e luminosa.

Não saímos de Belém sem saborearmos num restaurante os seus célebres pastéis, tão bem feitos e deliciosos.

Vamos, agora, tentar descrever, mais pormenorizadamente, algumas das bonitas estátuas e monumentos que Lisboa ostenta nas suas praças e avenidas. E já que estamos em Belém, comecemos pela Praça Afonso de Albuquerque, no extremo da Rua da Junqueira, onde se ergue a estátua do grande Capitão que governou a Índia e morreu em frente da barra da Aguada — *Mal*



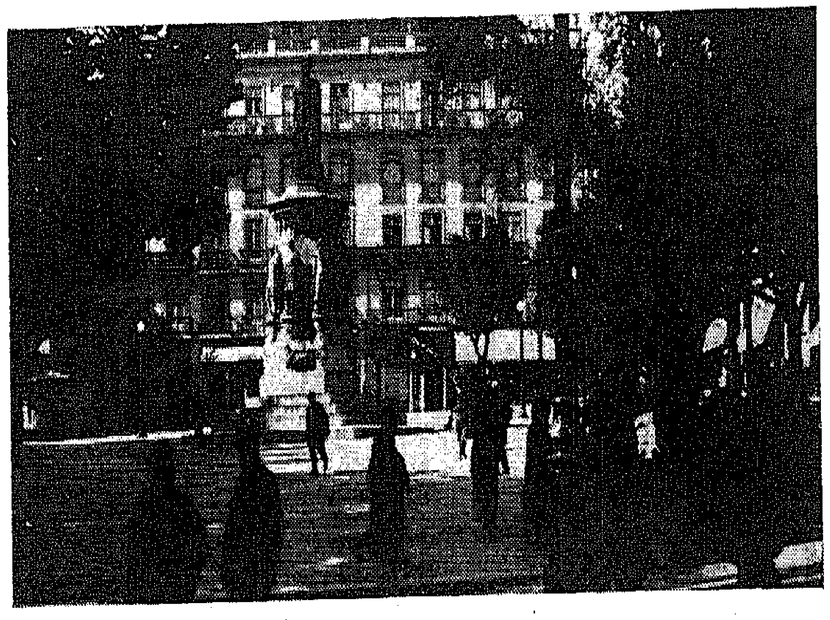
Estátua de Afonso de Albuquerque

com os homens por amor d'El-Rei e mal com El-Rei por amor dos homens. É uma coluna de estilo manuelino, sobre a qual se vê a estátua. No pedestal, quatro baixos-relevos com os seguintes episódios: — *Entrega das chaves de Goa, Derrota dos mouros em Malaca, Recepção dos embaixadores dos reis de Narsinga e Resposta de Albuquerque à oferta de dinheiro que lhe fizeram.* No segundo corpo do monumento existem quatro altos-relevos com a reprodução de caravelas, galeões e figuras de anjos nos quatro cantos. Um troço de colunatas com rendilhados manuelinos ergue-se sobre este corpo, que é rematado pela estátua em bronze de Albuquerque.

Na Praça do Comércio levanta-se a estátua brônzea, equestre, de D. José I. Este, montado num cavalo, a olhar para o Tejo. No pedestal, de cada lado, alteiam-se dois grupos escultóricos: — à direita, uma figura que conduz à mão um cavalo pisando aos pés os inimigos e, outra, representando a alegoria do Triunfo e que empunha a palma da vitória; à esquerda, a Fama, de trombeta empunhada, acompanha um elefante e, por terra, jaz um homem prostrado. Mesmo em frente, sob as armas reais, um medalhão em bronze do grande Marquês de Pombal, que expulsou os jesuítas e mandou decapitar alguns fidalgos, mas reedificou Lisboa após o terramoto e engrandeceu Portugal. Na face norte deste monumento vê-se, em baixo-relevo, a *generosidade régia* erguendo das ruínas a capital de Portugal.

Vamos agora, de um salto, à Praça de Camões, onde, mesmo ao centro, num tabuleiro de mosaico português, se alteia a estátua em bronze do príncipe dos poetas e cantor da epopeia lusitana. Esta estátua tem quatro metros de altura e assenta num pedestal de oito faces, rodeado de oito figuras simbólicas, de pedra lioz, repre-

sentando Fernão Lopes, Pedro Nunes, Gomes Eanes de Azurara, João de Barros, Castanheda, Mouzinho de Quevedo, Jerónimo Corte-Real e Sá de Miranda.



Lisboa – Praça de Camões com a estátua

Na Praça dos Restauradores, que é o início da Avenida da Liberdade, ergue-se o Monumento à Independência (1640), que se compõe de um pedestal e de um obelisco. No primeiro, duas estátuas alegóricas em bronze: — o Génio da Independência e o Génio da Vitória, que é simbolizado por uma figura empunhando, na mão esquerda, uma palma e, na direita, uma coroa erguida bem ao alto.

No obelisco, nas faces laterais, lêem-se os nomes e as datas das principais batalhas da Restauração, constituindo este monumento um dos mais lindos da cidade.

Ao meio da Avenida da Liberdade ostenta-se, sóbrio e elegante, o Monumento aos Mortos da Grande Guerra (1914-1918). É a figura da República em pedra, que,

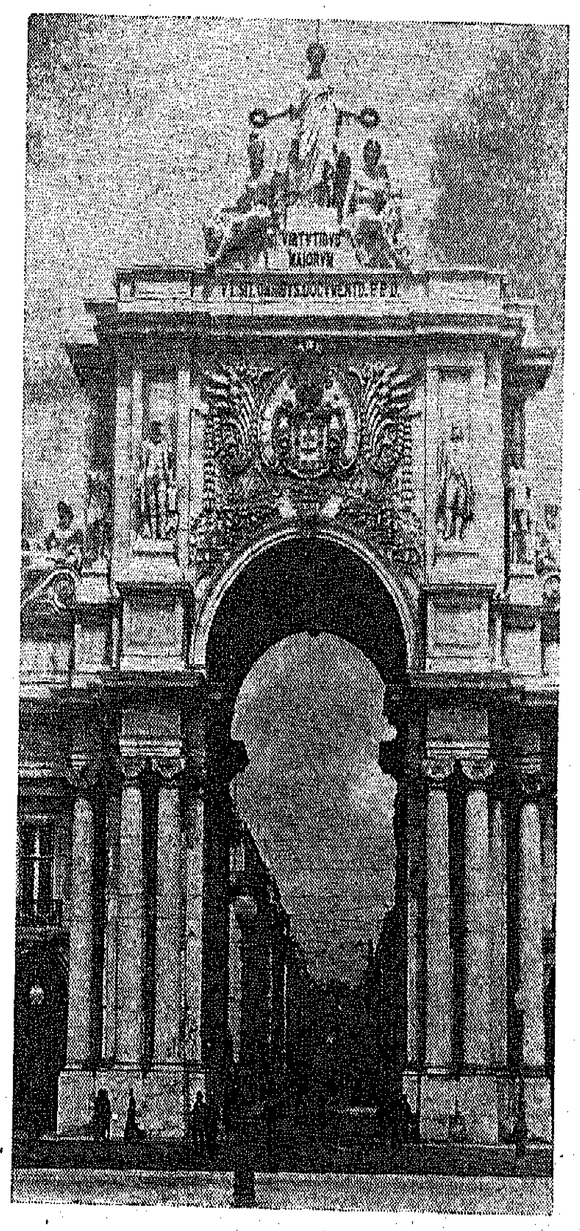
ao alto, coroa um soldado. E tem a seguinte legenda: — *Ao serviço da Pátria o esforço da grei.*

Logo, no primeiro troço da Avenida, há o pequeno monumento ao grande escritor e jornalista que foi Manuel Pinheiro Chagas: — é o seu busto sobre um plinto em que está figurada em bronze — tamanho natural — a *Morgadinha de Val Flor.*

No extremo dessa mesma Avenida — a Rotunda — ergue-se o Monumento ao Marquês de Pombal, imenso, tendo, ao alto, a figura do grande ministro caminhando ao pé de um leão. À volta do pedestal e quase na base, grupos esculturais representando as suas principais reformas e os acontecimentos mais notáveis da sua época.

Ao fundo da Praça do Comércio vê-se o *Arco triunfal da Rua Augusta,* que tem no supedâneo um grupo: — a Glória evocando o Génio e o Valor. As duas figuras laterais, meio deitadas, representam o Tejo e o Douro. Um pouco abaixo vêem-se quatro estátuas: — à esquerda, Nuno Álvares e Viriato; à direita, Pombal e Vasco da Gama.

Ao fim da Rua das Chagas vê-se o lindo miradouro, conhecido pelo *Alto das Chagas,* onde existe a Igreja das Chagas, fundada, em 1542, por pilotos e mestres da carreira da Índia, sítio onde Camões viu Natércia, pela primeira vez, numa quarta-feira santa, deslumbrante de beleza e a quem a mantilha preta ainda dava mais realce. Partindo do Cais do Sodré, temos a Avenida 24 de Julho ou o Aterro, que segue até Alcântara, a um limite onde começa a Avenida da Índia. De um lado, o Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos e, do outro, o Mercado 24 de Julho e, mais perto, a Central dos Correios, Telégrafos e Telefones, onde há uma praça ajardinada com o Monumento a Sá da Bandeira. Paralela-



Arco Triunfal da Rua Augusta

mente ao Aterro partem, do Cais do Sodré, várias ruas. Voltando para a Rua das Gaivotas vê-se o grande palácio dos Almadas e Carvalhais, Provedores da Casa da Índia. Nasce, também, no Aterro a Avenida das Cortes e, a um lado, fica a Estação Central dos Bombeiros, tendo, ao topo, o Largo de S. Bento com o Palácio da Assembleia Nacional, que já descrevemos. No Largo da Lapa, ali perto, onde há um bonito chafariz, fica a

Igreja Paroquial de Santos e, na Rua do Quelhas, no antigo convento, estão instalados o Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras da Universidade Técnica de Lisboa e os Estúdios da Emissora Nacional, que ficam num edifício novo, construído na cerca do mesmo convento.

Os outros monumentos da cidade são secundários e não oferecem tanta importância como os que acabamos de descrever, embora muito sucintamente.

XXIII

«DÉMARCHES» PARA O REGRESSO — AS RUAS DA BAIXA — EIRADOS, MIRADOUROS E JARDINS — CEMITÉRIOS

Devíamos regressar para a Índia no avião norueguês do dia 19, pelo qual vieram quase todos os meus companheiros, mas S. Ex.ª o Ministro das Colónias, acedendo gentilmente ao nosso pedido, permitiu que nos demorássemos em Lisboa por mais dias, contanto que a passagem fosse por nós arranjada, embora paga pelo Estado.

E assim tivemos de passar quase três dias em *démarches* pelas agências *Wiese & Cº* — Rua do Alecrim, 12-A — e *TWA (Trans World Airlines)* — Avenida António Augusto de Aguiar, 15-17 — até que, com alguma dificuldade, conseguimos um lugar num aeroplano americano desta última companhia que partiria de Lisboa, vindo de Nova Iorque, no dia 26 pela madrugada.

Outros três dias, 21 a 23 passados em visitas de despedida a parentes e pessoas amigas, além de termos

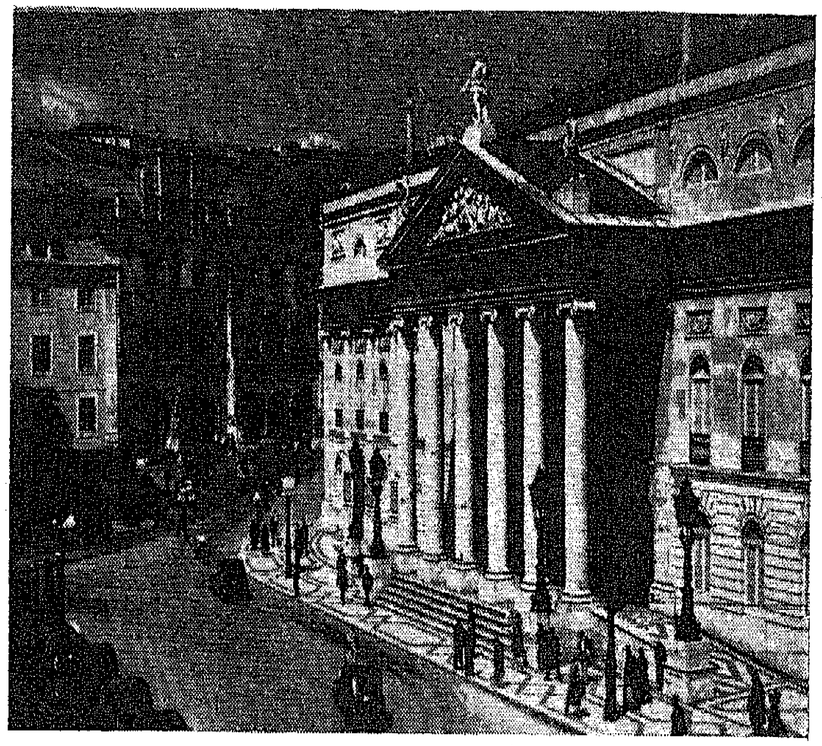
andado a deambular, em compras e últimas observações, pelas ruas da Baixa, onde se concentram quase todos os estabelecimentos comerciais, com um formigueiro de gente pelos passeios e a exposição dos mostruários envidraçados, elegantes e cheios de atractivos.

Há nessa parte primitiva da cidade três grandes ruas paralelas que, partindo da face norte do Terreiro do Paço, seguem, do sul para norte, e são a Rua Augusta, a Rua Áurea ou do Ouro e a Rua da Prata, havendo, além destas, ao leste, no princípio da Rua da Alfândega, a extensa Rua dos Fanqueiros.

Na Rua do Ouro encontram-se o Banco de Portugal, o Banco Lisboa & Açores, a Caixa Económica Portuguesa, além de casas de câmbio, ourivesarias e joalharias bem providas, casas de modas muito luxuosas, Armazéns Grandela e o edifício do Monte-Pio Geral. Na Rua Augusta são de admirar várias casas comerciais, a conhecida Parceria António Maria Pereira e o sumptuoso Banco Inglês. Na Rua da Prata existem grandes drogarias, boas ourivesarias, armazéns de géneros, decoradores, estofadores e bonitas papelarias com um sortido completo de artigos dessa espécie. As grandes ruas do Ouro e Augusta, bem como a do Arco do Bandeira, vão desembocar no Rossio ou Praça de D. Pedro IV e a Rua da Prata vai terminar mesmo em frente à fachada sul da Praça da Figueira, onde vai, também, acabar a Rua dos Fanqueiros. O Rossio é todo cercado de hotéis, cafés e restaurantes, tendo, dum lado, o Teatro D. Maria II e, do outro, a delegação dos Laboratórios *Bial*, do Porto, ficando, à ilharga, o Arco do Bandeira.

No centro do Rossio ergue-se o Monumento a D. Pedro e, de cada lado, um pequeno lago ou fonte-chafariz de pedra preta. O pedestal do monumento é de mármore, com 4 figuras da Fama, em baixo-relevo, dando-se as

mãos e ostentando, no alto a estátua do Rei em bronze, louros na frente e tendo na mão direita a Carta Constitucional.



Lisboa – Teatro Nacional D. Maria II

Pode-se descer ao Rossio pela Calçada de Santana, vendo-se ali um prédio onde — segundo dizem — Camões, o grande poeta da epopeia lusitana, viveu e tanto sofreu.

Transversalmente a essas ruas todas ficam outras de não menor importância comercial: — a Rua do Comércio, a de S. Julião, a de S. Nicolau, a de Santa Justa, a da Assunção e a da Conceição, onde fica a linda Igreja da Conceição Nova. Outras ruas, todas movimentadas e pelas quais Lisboa se espraia ao seu luminoso sol, qual delas mais pinturesca e marginada de edifícios.

Ergue-se, também, por ali, a Igreja de S. Nicolau, com a fachada lateral tornejando para as ruas da Prata

e dos Douradores, e temos, partindo da Rua do Carmo, a Rua de Santa Justa, que, por um notável escadório — célebre trabalho de engenharia — serve de base ao chamado *Elevador de Santa Justa*, vertical, e do alto do qual se desfruta um lindo panorama da cidade de Lisboa, embora de raio visual reduzido, mas dominando o Castelo, o Rossio e grande parte do Tejo.

Lisboa tem eirados e miradouros de grande interesse pinturesco, altitudes e torres das quais se gozam vistas esplendorosas: — o Castelo de S. Jorge domina a parte oriental da cidade e tem uma grande vastidão panorâmica; do zimbório da Estrela vê-se melhor o ocidente e a foz do Tejo; o miradouro de Santa Luzia é mesmo sobre a velha Alfama e tem um grande poder evocativo; os bonitos miradouros do Monte e da Graça, pelo oriente, debruçam-se sobre a antiga Mouraria, ficam em frente do Castelo e dali se divisa uma grande parte da Baixa e quase todo o Tejo; o miradouro natural da Penha de França serve para ver a parte norte de Lisboa e o conjunto da cidade moderna, cortada de lindas avenidas; do miradouro do Torel contemplam-se a Avenida da Liberdade, Monsanto e o Bairro Alto; da Alameda de S. Pedro de Alcântara admiram-se as altitudes da parte oriental da cidade, como S. Vicente, a Graça e o Castelo; dos altos de Santa Catarina vê-se o buliçoso porto de Lisboa com as suas docas, cais, armazéns e fábricas. E ainda podemos subir aos Arcos das Águas Livres, às torres da Sé e de S. Vicente e ao eirado do Palácio da Ajuda, donde se descortinam panoramas sugestivos e esplendorosos, dignos de ser visitados e admirados.

Lisboa, nas suas sete colinas alcantiladas, é a cidade de jardins lindos e vistosos. O seu aspecto, romântico e engraçado, encanta e delicia, criando em nós sensações

Um canto do Jardim da Estrela

de volúpia e de admiração. Além do Parque Eduardo VII, com a Estufa Fria, que já descrevemos, surpreendeu-nos o Jardim Botânico da Ajuda, o Jardim Colonial, em Belém, o Jardim Botânico da Faculdade de Ciências, o Jardim da Estrela, o Jardim de S. Pedro

de Alcântara e o parque frondoso do Campo Grande, onde se encontram bonitas espécies botânicas e silvestres, não sendo de esquecer o Jardim Zoológico, que já foi por nós descrito. Razão teve Tomás Ribeiro, o cantor do D. Jaime, chamando a Lisboa, no seu admirável conceito poético, um *jardim da Europa à beira-mar plantado.*

Temos ainda, partindo do Rossio, a Rua do Carmo com as suas grandes joalharias, casas de modas, a Livraria Aillaud & Lello, Portugal e Portugália, bem como os populares Armazéns Grandela e Armazéns do Chiado. Ao poente vai-se para a Rua Garrett ou, como é vulgarmente conhecida, o Chiado, onde fica a afamada Ourivesaria Leitão, o Café A Brasileira, onde se reunem os escritores e jornalistas, as Pastelarias Marques e Bénard, as livrarias Sá da Costa e a conhecida Bertrand. Do Chiado partem várias ruas, sendo uma delas a Rua Nova da Trindade e havendo, ali perto, dois teatros bem conhecidos, o Ginásio e o Trindade. E, um pouco mais longe, o Largo da Biblioteca, com a Biblioteca Nacional de Lisboa, a Escola de Belas-Artes, o Museu de Arte Contemporânea, tendo, ao centro, um pequeno monumento ao Visconde de Valmor, protector das belas-artes.

Ainda mais adiante situa-se a Igreja dos Mártires e, atravessando o Chiado, corre a Rua Serpa Pinto, que vai terminar no Largo da Abegoaria, onde fica o Círculo Literário Eça de Queirós. Vai-se, depois, ao Largo do Directório, que tem, ao sul, o Teatro de S. Carlos, pelo qual passaram os mais notáveis cantores do mundo durante mais de um século da sua existência, e, na Rua António Maria Cardoso, fica o luxuoso Teatro de S. Luís (antigo D. Amélia), tendo em frente os bonitos jardins do Palácio Quintela.

Fartos de andar por essas ruas e avenidas, fomos, de automóvel, dar uma vista de olhos por alguns dos

cemitérios da grande cidade, prestar o nosso culto aos que ali dormem o sono eterno — talvez alguns dos nossos antepassados ou parentes.

Para irmos ao Cemitério da Ajuda, temos primeiro que admirar o palácio do mesmo nome dominando a cidade e, ao lado, a Igreja da Memória no sítio onde se deu o atentado contra D. José I e onde jazem os restos morais do Marquês de Pombal. Há ali a Igreja da Ajuda e no Palácio existem salas riquíssimas, sendo uma — segundo nos disseram — toda de mármore e forrada de ágata e calcedónia. Foi nesse palácio, onde há soberbas obras de arte, que nasceram os príncipes D. Carlos e D. Afonso e vêem-se, ali, o lindo Bairro Social da Ajuda e o famoso Miradouro de Montes Claros. E ainda por ali, mais adiante, se encontra o Palácio das Necessidades, que tão funesto foi para os últimos reis de Portugal.

No Campo de Ourique fica o bonito Cemitério Alemão e, no Largo dos Prazeres, o cemitério deste nome ou ocidental, no qual são dignos de menção o Monumento a Oliveira Martins, que tem, em frente, a estátua da História em bronze, o monumento a António Augusto de Aguiar, em mármore italiano, tendo, no alto, o medalhão do grande estadista e, no supedâneo em degraus, as figuras simbólicas da História, da Justiça e da Indústria, além de alguns outros bonitos jazigos e criptas funerárias.

Ainda fomos, de corrida, nessa tarde de 24 de Julho, ver o Cemitério Oriental ou do Alto de S. João, que se situa numa esplanada, ao cimo da Rua de Morais Soares, com áleas ajardinadas e luxuosos jazigos, entre os quais se destacam os dos actores Rosas (pai e filho), dos pintores Tomás da Anunciação e Silva Porto, dos escritores

e publicistas Eça de Queirós e D. João da Câmara, do médico bacteriologista Câmara Pestana.

Há, ainda, ali, que admirar o Mausoléu da Misericórdia de Lisboa e o Monumento aos Combatentes da Grande Guerra, com o talhão para eles reservado.

Saímos enlevado, mas com o coração confrangido, e, nessa noite, dormimos mal disposto a pensar nos grandes mortos da nossa Pátria, inumados nesses campos santos tão bonitos e cheio de flores!

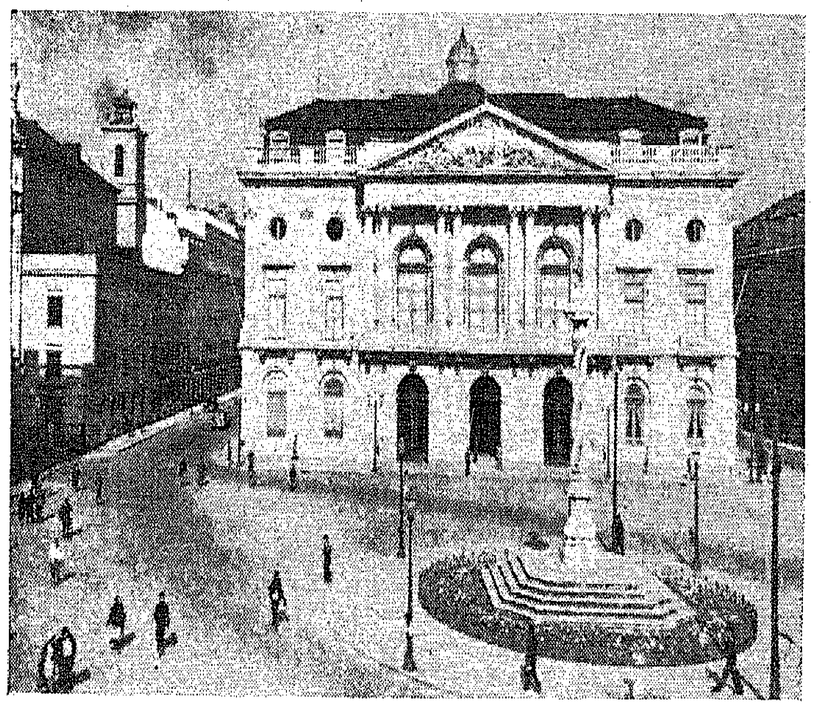
XXIV

A PRAÇA DO MUNICÍPIO E O BRASÃO DA CIDADE — O ESTÁDIO NACIONAL — AQUÁRIO VASCO DA GAMA — A IGREJA DE FÁTIMA — QUELUZ — SINTRA, O PARAÍSO DE BYRON — NO AEROPORTO DA PORTELA — DE AVIÃO PARA A ÍNDIA

O dia 25 de Julho é uma sexta-feira e temos de arrumar a bagagem para irmos ao Aeroporto, pois regressamos, de avião, na madrugada de 26. A arrumação é feita em meia hora e ainda quisemos aproveitar o dia para uma digressão a Queluz e a Sintra.

Além disso, logo pela manhã, fechadas a mala e a maleta, fomos, pela Rua do Arsenal, à Praça do Município, com o edifício da Câmara Municipal, que, por dentro, tem salas bem decoradas e com figuras alegóricas de grande apreço. Há, ali, belos quadros como o *Marquês de Pombal dirigindo a reconstrução da cidade* e o *Génio do Tempo defendendo os filhos*. Em frente do edifício fica o *Pelourinho*, símbolo da autonomia municipal, constituído por um monólito com as suas três hastes torcicoladas, tudo encimado por uma esfera armilar dourada. O brasão da cidade de Lisboa é interes-

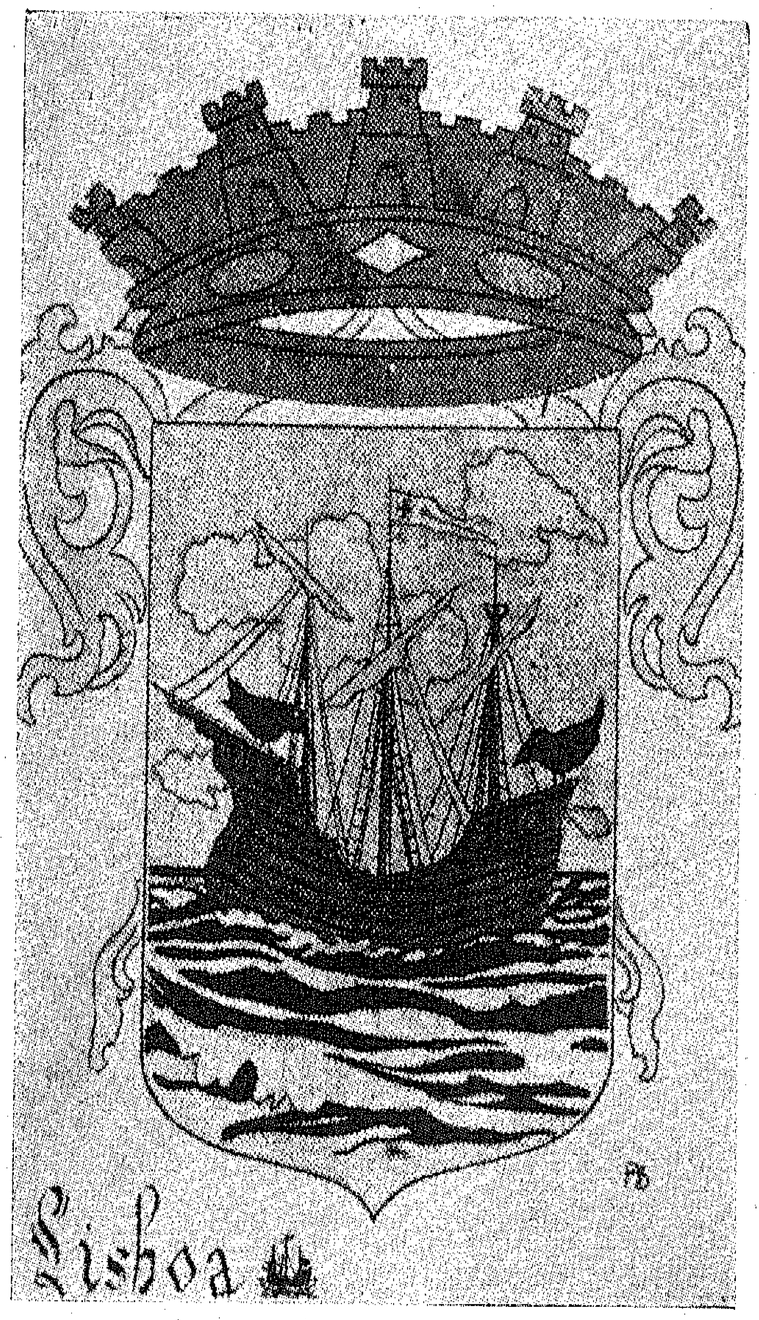
sante e ostenta-se no seu município como um símbolo de honra e de nobreza — escudo em campo de prata com armas de ouro (coroa mural de cinco torres), tendo, ao centro, um barco mastreado e encordoado de negro,



Lisboa – A Praça do Município

com uma vela ferrada de cinco bolsas, de prata. A popa e a proa são rematadas por dois corvos, sendo um preto como o outro, mas realçado de prata. O barco está assente num mar de sete faixas onduladas, quatro de verde e três de prata. Tem o Colar da Torre e Espada e um listão branco com os seguintes dizeres em negro : — *Mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa.* Este sumptuoso brasão via-se por todas as ruas e avenidas da cidade durante os dias das festas do Centenário e, de noite, lâmpadas eléctricas e coradas davam-lhe um magnífico realce.

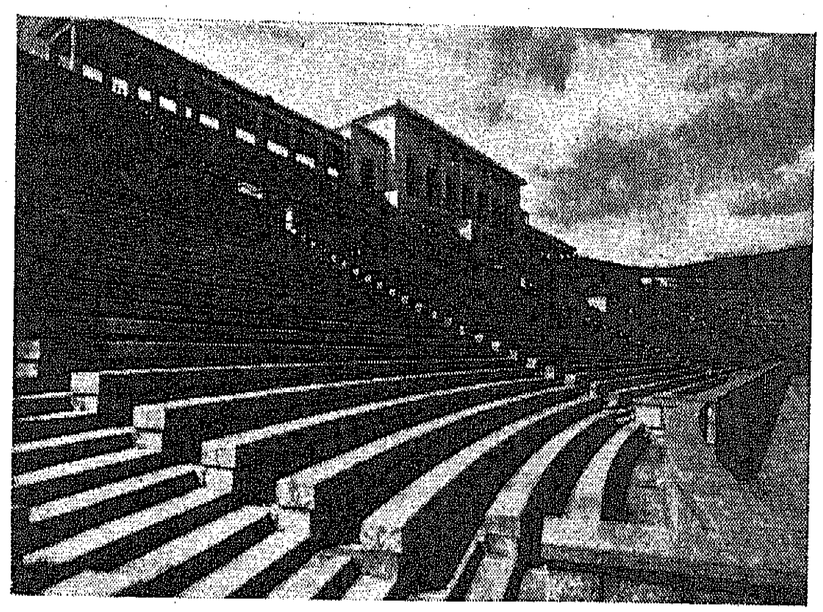
Fomos ver, em seguida, o Palácio da Independência — antigo palácio dos Condes de Almada — que foi com-



O Brasão da Cidade

prado por subscrição pública, para a qual a Índia concorreu com alguns milhares de rupias. Fica um pouco além da igreja de S. Domingos, é de arquitectura seiscentista e, por dentro, admiram-se lindos azulejos históricos e bonitos painéis e quadros.

De corrida vamos à Rua de Artilharia Um, onde principia a auto-estrada que nos leva ao Estádio Nacional, no Vale de Jamor, que é moderno, mandado construir por Salazar, assim como o de Roma foi mandado fazer por Mussolini, e pode albergar cerca de setenta mil



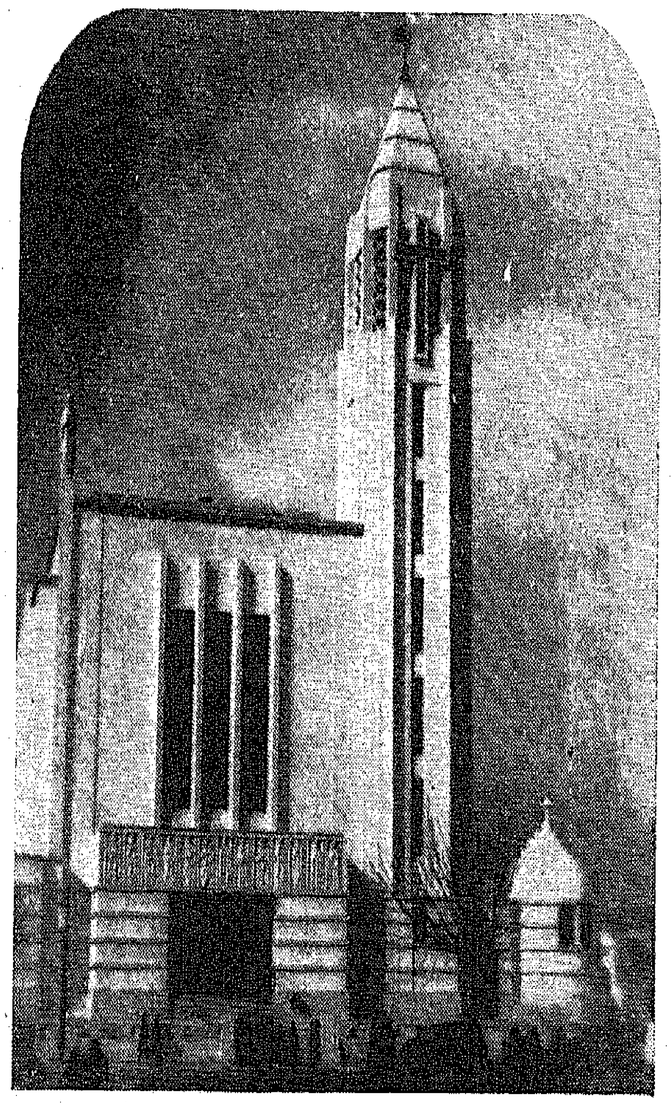
Estádio Nacional – Tribuna presidencial

pessoas, enquanto que este último tem lugar para noventa mil. Há, ali, vários campos de jogos, além de um anfiteatro, de pedra granitada, com sumptuosas tribunas e varandas.

Voltámos pela Avenida Marginal e vimos, de caminho, o *Aquário Vasco da Gama,* que fica no Dafundo e é uma espécie de museu oceanográfico, bonito e com diversas variedades de peixes e mariscos em nichos envidraçados.

Esqueceu-nos dizer que, em Belém, a Praça do Império é lindamente ajardinada, com grupos esculturais, magnífico arvoredo e, ao centro, um grande tanque, rodeado, em comunhão íntima, pelos escudos das províncias metropolitanas e ultramarinas, com repuxos caprichosos e jogos de água bem vistosos.

Já na cidade, vamos ainda visitar, detidamente, a Igreja de Nossa Senhora de Fátima, que fica num quarteirão isolado, lá para os lados da Avenida de Berna, onde fica também, à esquerda, um aquartelamento mili-



Lisboa – A Igreja da Senhora de Fátima

tar. É esse o templo mais moderno de Lisboa, inaugurado em 1938 e, por isso, todo de linhas arquitectónicas sóbrias e simplificadas, nada tendo com os moldes clássicos e antigos: — uma alta torre a encimar o templo e, ao poente, uma linda imagem da Senhora de Fátima.

Existem, no interior, magníficos vitrais que iluminam a sua única nave de quase vinte metros de largura. No coro ostenta-se um sumptuoso órgão de factura italiana e, numa parede, algumas pinturas a fresco, muito interessantes. O baptistério fica na parte exterior e tem, no alto, a imagem de S. João Baptista. Interiormente, o templo atrai e convida, revestido, em volta, de mármore escuro e rosa. O Sacrário, todo rendilhado em ouro, fica no altar-mor e, ao lado da Epístola, sorri-nos uma pequena imagem de Fátima em mármore. Na casa mortuária, que, pela primeira vez, se incluiu em igrejas de Portugal, ergue-se uma linda estátua de mármore representando a Ressurreição de Lázaro.

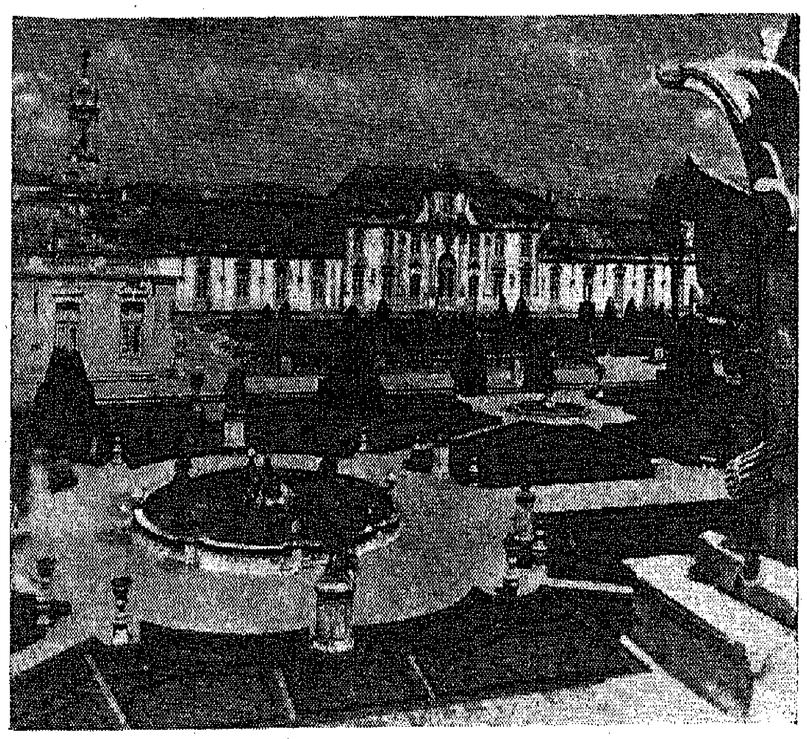
Saímos e, pela Avenida de Berna, seguimos até cortar a Avenida da República, encontrando-se, depois, o largo ajardinado do Dr. Afonso Pena com a grande Praça de Touros do Campo Pequeno. Há, por aqueles lados, o Bairro Social do Arco do Cego, o Liceu de D. Filipa de Lencastre e o Instituto Nacional de Estatística, que é um lindo edifício com pilastras e colunatas de mármore rosa.

Fica por ali, também, o bonito Palácio Galveias, com painéis, azulejos em volta e mármores. Continuando, pela Avenida da República, encontra-se o vasto edifício do Mercado Geral de Gados, para a recolha de manadas e rebanhos.

Demos, depois, ordem ao *chauffeur* para nos conduzir o auto a Queluz, e lá vamos de abalada, até à grande

Praça onde se alteia a estátua da Rainha D. Maria I sobre um bonito pedestal, que tem, em volta, quatro figuras simbólicas.

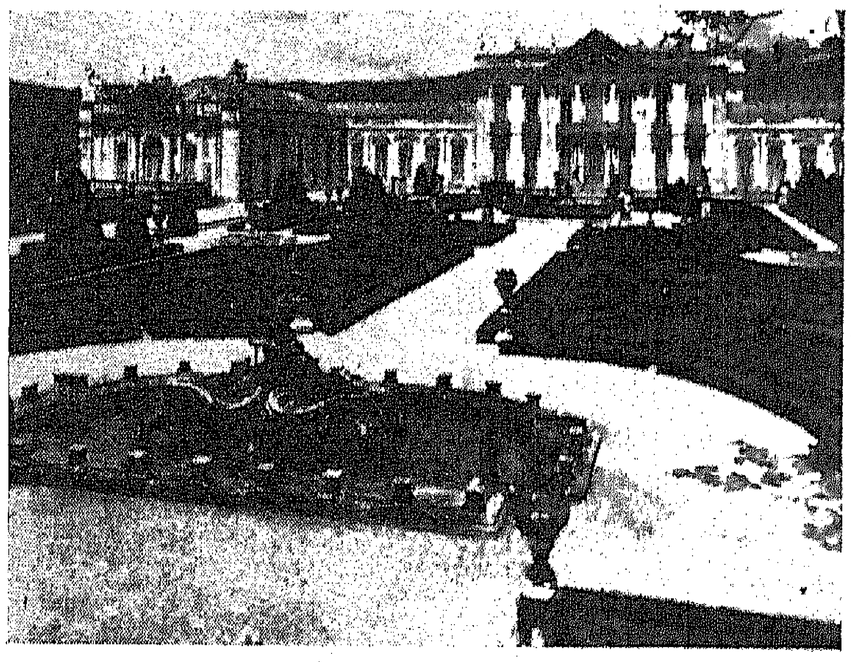
Mesmo em frente dessa Praça fica o Palácio de Queluz com o seu extenso e bem tratado Parque. O palácio é dos mais bonitos de Portugal, com a linda escadaria dos leões, com a sua sala do trono, a de jantar, a dos embaixadores, a dos espelhos, a do café, a do fumo



O Palácio Nacional de Queluz

e a da música, todas muito bem decoradas e com os tectos com filetes dourados, tendo, além disso, as alcovas das princesas que são um verdadeiro encanto. O Parque e o Jardim de Neptuno, em áleas e com arbustos raros, tendo tanques e piscinas, inscrições antigas, repuxos graciosos e bancos de pedra em volta com arcos de buxos admiráveis.

Palácio de Queluz – Sala de jantar



Palácio de Queluz – Jardim de Neptuno

Almoçámos num restaurante de Queluz, lá pelas 14 horas, e, depois, mandámos seguir a Sintra, ao paraíso que Byron, extasiado, descreveu com tanta propriedade. Afirmou o poeta inglês — e com verdade — que Sintra era a mais linda vila do mundo e, ao mesmo tempo que criticava, acerbamente, a cidade de Lisboa e os citadinos, curvava-se, admirado, perante a majestade dessa serrania exclamando: — Há, ali, encantos de toda a espécie, tanto naturais como artificiais, jardins encantadores e palácios que se erguem no meio de altos rochedos, cascatas e fundos precipícios, com alturas enormes e conventos no cimo, tendo, ao longe, uma vista soberba do Tejo e, ainda, do mar...».

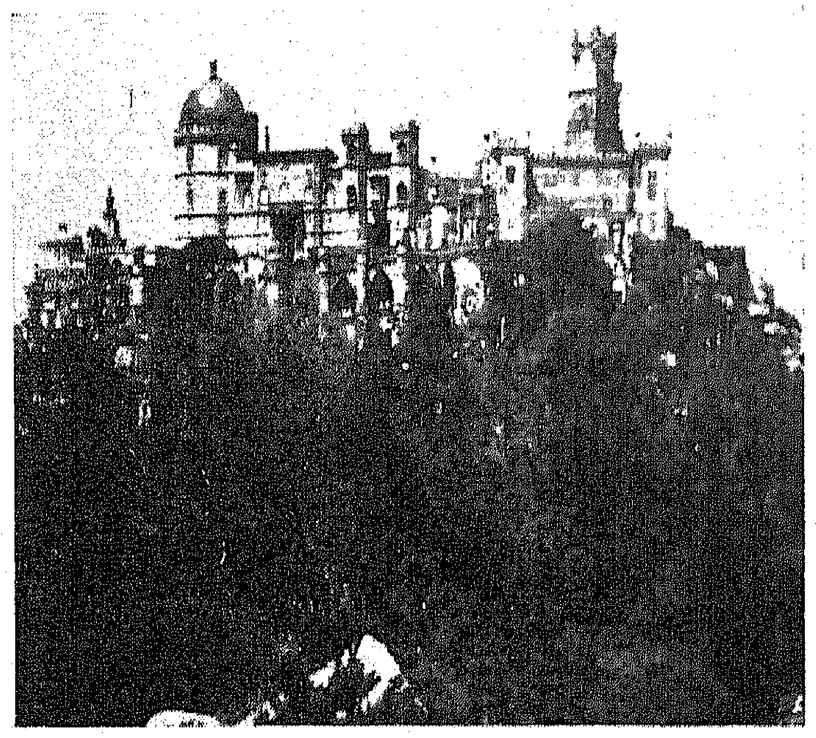
E, inebriado por essa vegetação luxuriante, por esse acidentado de colinas e vales, escrevia: — «Associa em si toda a aspereza dos *highlands* do ocidente com a verdura do sul da França.»

E, realmente, assim é: — Sintra, outrora residência de monarcas e sultões muçulmanos, é, hoje, um ridente

Sintra – O Palácio de Monserrate

burgo, parecendo despenhar-se da falda duma serra constituída por caprichosos blocos de granito que, quase por milagre, se sustentam no espaço, cobertos duma vegetação densa e presos por fortes lianes de arbustos e trepadeiras gigantes.

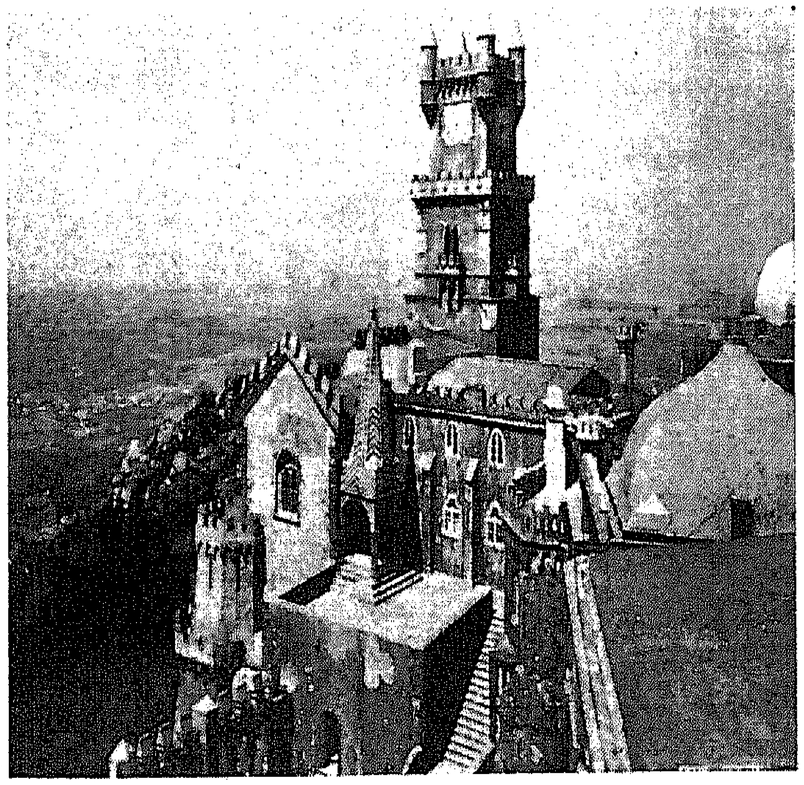
Alteiam-se nesse cenário de maravilha, além do Castelo dos Mouros, do Palácio de Monserrate, da Penha Verde, onde se situa a casa de campo do 4.º vice-rei da Índia, D. João de Castro, que ali nasceu e morreu, pobre e abandonado, e do Paço Real — antiga residência dos reis mouros, mandada restaurar e ampliar por D. João I — o lindo Palácio da Pena, mandado edificar por D. Fernando sobre as ruínas de um mosteiro e tendo, na base, o esplendoroso Parque da Pena, que é um delicioso bosquedo onde se vêem as plantas mais raras e que os escritores estrangeiros dizem ser uma das mais formosas criações da natureza e do engenho humano.



Sintra – Palácio Nacional da Pena

É necessário subir pelos trilhos do parque, embalsamado pelo perfume de lindas flores, para chegar ao Palácio que no alto se ergue e onde a Família Real se acolheu, nas vésperas da revolução de 5 de Outubro, antes de embarcar, na Ericeira, para o exílio.

Do velho mosteiro de frades, sobre os destroços do qual se construiu o palácio, ainda resta, para a admiração dos turistas, a pequena capela, estilo Renascença,



Palácio Nacional da Pena – Fachada da Capela

e onde se pode ficar extasiado em frente de um bonito retábulo do altar-mor, todo burilado em prata e alabastro.

O panorama que se desfruta do zimbório dessa magnífica construção é dos mais formosos: — de um lado o Rio Tejo e, um pouco mais longe, o mar; doutro, as

maiores altitudes de Lisboa e vários sítios de maior beleza, como as extensas campinas que circundam a bonita região de Colares.

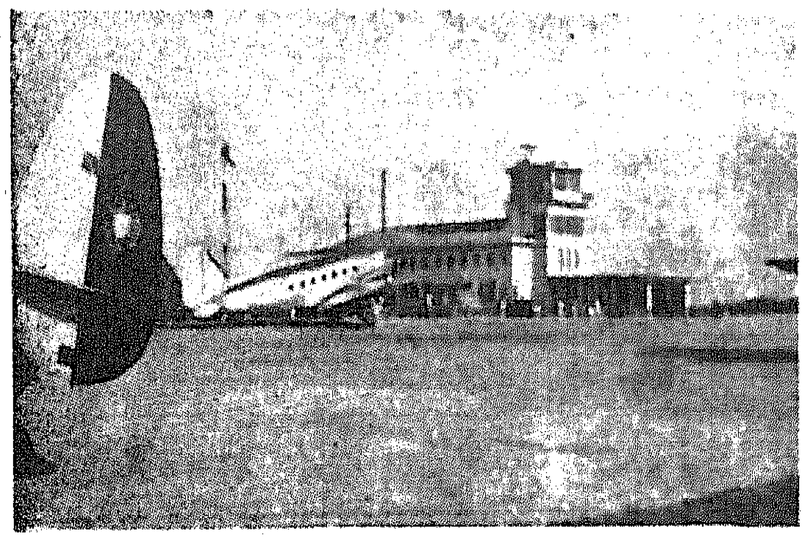
Deixamos o Palácio da Pena para irmos admirar o Palácio Real de Sintra, velho alcáçar mourisco, que a Rainha D. Maria Pia transformou bastante, tornando-o numa vivenda das mais aprazíveis, que bem denota toda a opulência e luxo da velha monarquia portuguesa. Há ali, por dentro, paredes completas de azulejos, pavimentos de mármore em lindo mosaico, tectos dourados assentando-se sobre arcos ogivais, salas amplas e apaineladas, piscinas e tanques mouriscos de grande beleza, que a gente admira num deslumbramento impossível de descrever devidamente. Os aposentos da Rainha e dos Infantes, as diversas salas, cada uma com o seu nome característico e tendo a sua origem em factos históricos e lendas palacianas, são quadras de grande luxo e formosura, revelando bem todo o passado grandioso do velho Portugal, a sua arte, poesia, amor e encanto...

Existem, ali, a *Sala das Pegas*, nome originado por um beijo de D. João I a uma dama da corte; a *Sala dos Cisnes*, que teve a sua origem num cisne que uma princesa de Portugal levou quando se consorciou com um príncipe estrangeiro; a *Sala das Sereias*, célebre pelos entretenimentos amorosos, ali, das personagens régias; a *Sala dos Brasões*, com o tecto em cúpula e onde se ostentam as armas heráldicas da melhor fidalguia portuguesa; a *Sala de D. Afonso VI*, onde esteve prisioneiro este monarca, a quem o próprio irmão usurpou tanto o trono como a esposa; e, finalmente, tantas outras salas e dependências decoradas à mourisca e de um efeito dos mais bonitos e surpreendentes.

Regressando a Lisboa, chegámos ao hotel à hora do jantar e, às duas da fresca madrugada de 26 de Julho,

estávamos no majestoso Aeroporto da Portela de Sacavém — nessa *Porta do Mundo* como lhe chamou o jornalista Marques Gastão numa das suas brilhantes reportagens — prontos a voar para a Índia, terra bendita do meu berço e à qual tenho ligada toda a minha existência.

Efectuadas as formalidades aduaneiras e policiais, a despedida foi simples e curta: — pessoas de família,



O Aeroporto de Lisboa

jornalistas e amigos que conquistei na Metrópole, o que a Agência Lusitânia transmitiu para o Ultramar na sua linguagem telegráfica do mesmo dia.

Atravesso a plataforma e, por uma pequena escada, subo ao quadrimotor — *Skymaster*, tipo *Constellation* — da empresa *TWA (Trans World Airlines)*, que chegou da América, voando por sobre o Atlântico, com trinta e nove passageiros, sendo eu o quadragésimo e último.

O gigantesco pássaro do ar, pintado a cinzento com listas vermelhas, cheio de combustível, os motores a trabalhar, altos-falantes a chamar, os tripulantes atentos,

o piloto no seu lugar e a jovem hospedeira a encher-nos de gentilezas, está prestes a largar.

Daí a momentos fecha-se a porta, afasta-se a escada, o *Skymaster* avança lentamente, coloca-se ao princípio da pista, começa a roncar e a rolar com as rodas suspensas, descola, ganha altura, ergue-se no espaço a perto de sete mil pés e segue de asas pandas, segue por ali fora ao seu destino, confiante, ùnicamente, na perícia do piloto e na omnipotência de Deus — o supremo árbitro dos homens e das coisas.

Oficinas Gráficas
Casa Portuguesa
Rua das Gáveas, 103
L I S B O A